

EPAMINONDAS VILLALBA

A REVOLTA
DA
ARMADA

DE
6 DE SETEMBRO DE 1893

Illustrada com os retratos dos principaes personagens, vistas dos pontos mais importantes da acção e com a planta colorida do porto do Rio de Janeiro e a do combate naval no porto do Desterro.

3.^a EDIÇÃO

Consideravelmente augmentada

LAEMMERT & C. — EDITORES-PROPRIETARIOS

Rio de Janeiro, S. Paulo e Recife

1897

981.051
✓ 712



MARECHAL
FLORIANO PEIXOTO

BIBLIOTECA DO SENADO FEDERAL

Este volume foi registrado

sob número 15

de ano de 1946



PREFACIO DA 3^A EDIÇÃO

Não póde ser mais significativa a aceitação que este despretencioso trabalho teve do publico, cujo benevolo acolhimento acha-se patenteado nesta 3^a. edição que agora apparece muito melhorada, quer com respeito a ligeiras incorrecções que escaparam nas anteriores, quer com relação ao accrescimo de documentos e mesmo com a descripção mais desenvolvida dos factos.

Alliadas ás immerecidas manifestações com que fomos distinguido por quasi toda a imprensa, tambem figuram algumas transcripções de topicos

deste livro em outros trabalhos congeneres, o que ainda mais vem corroborar as nossas asserções.

Testemunha ocular de quasi todas as peripicias da luta, a nossa continua preocupação foi revestir as suas descrições de todo o cunho de verdade, desprezando muitos e innumerous factos que por não se basearem em documentos careciam de uma futura verificação. Si tivéssemos de dar publicidade ao grande numero de boatos que, sob todos os modos, circularam pelas camadas sociaes, alarmando-as com as mais tresloucadas phantasias, declinaríamos de semelhante tarefa ingente e interminavel.

No character de mero espectador e sem pertencer a nenhum dos partidos belligerantes, assistimos com a maior assiduidade e não menos interesse ao lugubre desfilhar dessa lamentavel revolta, consignando diariamente os acontecimentos que mais importantes nos pareceram.

Evolucionista por indole, porém firme em nossas anteriores convicções, manifestamos agora algumas apreciações e proferimos mesmo certas sentenças que naturalmente surgiram de uma nova maneira de encarar muitos factos, diante dos documentos que appareceram.

Sem jamais termos recebido, ou pretendermos, a menor graça do governo e no intimo da nossa obscuridade condemnámos a revolta como

antipatriotica e lamentámos que á sua frente se achassem os dous mais distinctos e prestimosos generaes da armada nacional, a quem as ambições politicas converteram em vulgares caudilhos.

Como facilmente deprehenderá o leitor, este livro não tem a pretensão de ser uma *historia da revolta*, porquanto, esta só poderá ser escripta quando os resentimentos estiverem de todo arrefecidos e as paixões completamente dissipadas; é apenas um repositorio de documentos commentados para tornar mais amena a sua leitura, e destinados a servir de subsidio á confecção de um trabalho definitivo.

Não temos o menor escrupulo em proclamar a sua elevada importancia historica, porquanto, até a presente data ainda não foi contestado nenhum dos factos relatados, o que equivale a aceital-os como expressão genuina da verdade.

A parte que propriamente constitue o texto foi calcada sobre aquelles e corrigida em alguns pontos por personagens pertencentes a ambas as facções e que se salientaram na acção, a quem não podemos calar os nossos protestos de gratidão e reconhecimento.

Obedecendo ao mesmo plano acabamos de publicar um outro trabalho que deverá completar este na parte que se refere ao movimento *federalista* no Rio Grande do Sul; como este, todo o seu

valor está na grande cópia de documentos que encerra, muitos dos quaes ineditos.

Agradecendo a honrosa distincção com que fomos mimoseado por nossos compatriotas, confessamos-lhes o nosso reconhecimento e regosijamos com a satisfação intima de que envidámos todos os esforços para que esta edição não desmerecesse das anteriores.

Dezembro de 96.

E. V.



A REVOLTA DA ARMADA

DE

6 DE SETEMBRO DE 1893

ACOMPANHANDO os factos que se succederam durante a revolta de 6 de setembro, naturalmente observam-se neste periodo as seguintes phases preponderantes: **o rompimento, o monarchismo, a capitulação e a victoria da legalidade**; as tres primeiras tiveram por theatro a bahia do Rio de Janeiro e a ultima tambem se estendeu aos estados do Paraná, Santa Catharina e Rio Grande do Sul. Offerecem uma certa relação e são mesmo acontecimentos precursores: o movimento de 23 de novembro de 1891, o manifesto dos generaes e a carta do contra-almirante Custodio José de Mello.

Como manifestações latentes do espirito revolucionario que se expandio synthetisado na individualidade

de um ambicioso vulgar devem ser consideradas : — as revoltas de 20 de janeiro de 1892 na fortaleza de Santa Cruz * e de 10 de abril do mesmo anno nas ruas da cidade do Rio de Janeiro, ambas anniquiladas em seu inicio ; — e tambem a interferencia indirecta dos mallogrados bolsistas em promover um periodo de reabilitação á derrocada financeira que teve como origem a desastrosa reforma bancaria de um celebre membro do governo provisorio, de antecedentes monarchicos e posteriormente adepto ao movimento subversivo de caracter restaurador.

* Desperta certo interesse a leitura do documento abaixo transcripto pelo facto de ser o seu auctor o mesmo que anno e meio depois alliciava elementos subversivos ao supremo poder da Republica, do qual se mostrára antes um dos mais prestimosos auxiliares.

« Quartel-general da marinha, em 22 de janeiro de 1892. — Ordem do dia n. 16— Actos administrativos.

Para conhecimento da armada faço transcrever a seguinte communição do Sr. ministro da marinha :

Ainda uma vez não foram desmentidas as tradições da marinha brasileira ! Mais uma vez ella manteve intactos os seus elevados creditos, não desfolhando a laureada grinalda que a auréola !

E' que não era nada esteril o terreno em que Barroso, J. J. Ignacio, Silvado, Mariz e Barros, Vital de Oliveira, Lima Barros, Marcilio Dias e tantos outros benemeritos da Patria semearam os mais bellos e edificantes exemplos de patriotismo, abnegação e heroismo.

E, de feito, quando ainda estava bem vivido na consciencia nacional o grande feito de 23 de novembro, com o qual as quilhas brasileiras, na defesa da legalidade, escreveram nas historicas aguas, que banham esta capital, mais uma pagina brilhante na historia patria, alcançando uma victoria tanto mais esplendida quanto foi incruenta e apenas demonstrativa do grande civismo e acrysolado patriotismo que animam aos officiaes e marinheiros da armada nacional ; quando esse fulgido acontecimento parecia ainda se estar desdobrando aos olhos da Nação, tal a bella impressão que elle causou no espirito publico, eis que um novo evento surge, em o qual a marinha brasileira mostrou-se na altura dos sagrados deveres, que lhe incumbem, dando

Ainda está bem patente na memoria de todos os brasileiros a data de 23 de novembro de 1890 em que o almirante Custodio de Mello, unanimemente secundado pela Nação, assumio a direcção do movimento revolucionario para derribar o governo do marechal Deodoro, e restabelecer o dominio da legalidade de que foi naturalmente chefe o marechal Floriano Peixoto. Em face da Constituição, de que se arvorara defensor, não ousou occupar a cadeira presidencial; conseguiu desta vez reprimir as suas aspirações e teve forças para dominar o seu despeito, vendo-a occupada pelo substituto legal de Deodoro.

Admittido a comparticipar na gerencia dos negocios da Republica como membro do ministerio, e si bem que pela letra da Constituição a responsabilidade de todos

provas irrecusaveis da maior harmonia de sentimentos e da mais perfeita disciplina, desmentindo de um modo eloquente os boatos adrede e perversamente espalhados pelos ambiciosos inimigos da Patria e do grande soldado a quem em bôa hora foram confiados os destinos deste bello e rico paiz.

E' assim que muito recentemente, nos dias 19 e 20 do corrente, *homens sem alma e sem pudor** não trepidaram em perturbar a ordem publica, promovendo a triste revolta da fortaleza de Santa Cruz, para o que puzeram-se de concerto com um pobre sargento e os galês ali detidos, e ainda então a armada nacional mostrou que hem sabe comprehender a sua nobre missão, postando-se na melhor ordem em face da fortaleza revoltada, fazendo emmudecer os canhões de suas baterias e dest'arte restituindo á população laboriosa e ao lar das familias a *paz de que tanto carecem** para a firmeza e consolidação do novo regimen.

O valor e disciplina de que então deram testemunho os chefes, officiaes e marinheiros de nossos navios de guerra encheram-me de justa ufania e fazem que eu bemdiga o momento em que o governo da Republica honrou-me com o elevado cargo que occupo. »

* O grypho é nosso.

os actos administrativos pezasse sobre o chefe do governo, moralmente delles seria tambem participante o chefe da revolução triumphante, como elle proprio confessa de *não se submetter ao papel de automato* e principalmente durante o periodo anormal e de agitação em que as multiplas attribuições do chefe do Estado permittiam confiar em seu secretario, merecedor de toda a confiança pelo prestigio de que se cercára.

Abusando do illimitado credito e desmedida boa fé do chefe da Nação, ou para satisfazer a solicitações dos innumerados amigos ambiciosos que o cercavam, ou obedecendo instinctivamente a suas inclinações naturaes, foi o contra-almirante Custodio José de Mello o principal, sinão unico, impulsor do movimento dessa machina infernal que tão irreparaveis prejuizos causou á florescente Republica durante a administração do marechal Floriano Peixoto.

Entretanto, interiormente se regosijava o digno *simile* de Rosas ao contemplar a agitação convulsiva em que se debatia a mãi-patria e ao sentir os seus estertores, sorrindo-se diante da perspectiva da cadeira presidencial, objecto constante de todos os seus sonhos desde o dia seguinte ao de 23 de novembro.

A quem attribuir-se as systematicas perseguições que torturaram a distinctissimos officiaes da armada durante a sua gestão na pasta da marinha?

A quem se deve a conflagração dos Estados motivada pelas deposições da maioria dos governadores, derribados por chefes militares da armada, e que

assignatura trazem os telegrammas expedidos neste sentido?

A quem cabe a imputação da perda de um couraçado da nossa marinha, mergulhado nas bravias ondas de Castilhos, e com elle uma esperançosa pleiade de esforçados servidores da Patria?

« *Quem ad finem sese affrenata jactabit audacia?* »

Assistindo attento ao desfilhar do prestito de todo o seu trama, e impaciente por vel-o chegar a seu termo, deliberou, pois, dar um golpe decisivo, animado pelo feliz exito da sua primeira tentativa; eil-o alvorado m paladino na defesa dos principios compromettidos pelo governo de que fizera parte integrante e em defensor extrenuo daquelles que directamente receberam estigmas infamantes do seu proprio punho.

Foi mais um salto para o abysmo cavado por suas proprias mãos.

E... singular phenomeno! Seus perfidos protestos echoando em alguns caracteres versateis transformaram essas abjectas consciencias em servis instrumentos da sua vontade; eil-os esquecidos das vicissitudes do exilio, dos horrores da enxovia, e do aviltamento de suas dignidades para prosternarem-se submissos diante do seu menor aceno.

Era certamente rodeado por esses *leaes* servidores e apoiado pelo partido dos descontentes e despeitados do governo do marechal Floriano, que o bravo almirante procurava dispor do poder para em seguida satisfazer as exigencias de tão *dedicados* amigos.

A 31 de março de 1892 surge o manifesto dos treze generaes (1) de mar e terra, os quaes tiveram como premio da sua indisciplina o inconstitucional decreto de reforma sem processo (2)

Na firme intenção de manter a elevada autoridade do seu cargo, de garantir a Nação, para o futuro, de

(1) Exm. Sr. Marechal Vice-Presidente da Republica.—Os abaixo assignados, officiaes-generaes do exercito e armada, não querendo pelo silencio compartilhar da responsabilidade moral da actual desorganisação em que se acham os Estados, devido a indebita intervenção da força armada nas deposições dos respectivos governadores, dando em resultado a morte de innumerous cidadãos, implantando o terror, a duvida e o luto no seio das familias, appellam para vós, Marechal, para que faças cessar tão lamentavel situação.

A continuar por mais tempo semelhante estado de desorganisação geral do paiz, será convertida a obra de 15 de novembro de 1889 na mais completa anarchia.

E os abaixo assignados, crentes, como estão, que só com a eleição do presidente da Republica, feita quanto antes como determinam a Constituição Federal e a lei eleitoral feita, porém, livremente, sem a pressão da força armada, se poderá restabelecer promptamente, o socego e a tranquillidade na familia brasileira, e bem assim o conceito da Republica no exterior, hoje tão abalados, esperam e contam que neste sentido dareis as vossas acertadas ordens, e que não vacillareis em reunir este importante serviço civico aos muitos que nos campos de batalha já prestastes a esta Patria.

Capital Federal, 31 de março de 1892 (Assignados) Marechal *José de Almeida Barreto*.—Vice-almirante *Eduardo Wandenkolk*.—General de divisão *José Clarindo de Queiroz*.—General de divisão *Antonio Maria Coelho*.—General de divisão *Candido José da Costa*.—Contra-almirante *José Marques Guimarães*.—General de brigada *João Nepomuceno de Medeiros Mallet*.—Contra-almirante *Dionysio Manhães Barreto*.—Dr. *João Severiano da Fonseca*, General de brigada, inspector do serviço sanitario do exercito.—Contra-almirante *Manoel Ricardo da Cunha Couto*.—General de brigada *José Cerqueira de Aguiar Lima*.—General de brigada *João José de Bruce*.—General de brigada graduado *João Luiz de Andrade Vasconcellos*.

(2) Semelhante anormalidade foi de curta existencia: porquanto, em virtude do accórdão do Supremo Tribunal Federal de 19 de setembro de 1895, o poder executivo revogou os decretos de 7 de abril, restabelecendo as prerrogativas conspurcadas.

um novo attentado, unico nas paginas da nossa historia patria, contra o elemento legalmente constituido, e sem duvida, dos mais graves precedentes para a paz e prosperidade do paiz, parece-nos que outra não poderia ser a attitude do chefe do governo, diante de uma tão excepcional, quão grave contingencia, vibrando ao mesmo tempo o mais profundo golpe no militarismo.

O nome do sr. Custodio de Mello não figura nesse fatal decreto como ministro da marinha ?

E tambem os decretos de desterro para *S. Joaquim*, *Cucuihy* e *Tabatinga* ; de detenção nas fortalezas da Lage, Villegaignon e S. João ; e de reforma desses seus irmãos de armas, não trazem a sua assignatura ?

Nessa occasião podia ser «automato» ?

Como corollarios deste facto succederam-se outros não menos graves e ainda bem recentes no animo da população fluminense, os quaes abortaram diante das energicas medidas do chefe da Nação.

Não tendo o almirante Mello bastante prestigio no paiz, que só desejava um presidente civil, procurou reservadamente captar o apoio do marechal Floriano em favor da sua futura eleição e como este não correspondesse satisfactoriamente ás intenções de seu secretario, desde então começou o despeitado candidato a solapar o seu governo, captando até o concurso de um seu collega no ministerio para conspirar contra o chefe do Estado.

Logo depois pedia demissão de secretario de Estado juntamente com esse collega, dando publicidade á seguinte carta justificativa :

« Exm. Sr. Marechal.—Ha muito mais de um mez tive a honra de alvitrar a V. Ex., em conselho de ministros, a possibilidade de uma solução pacifica para a luta em que se debate o Rio Grande do Sul.

O meu intuito era patriotico, e tendia por meio de uma conciliação, desembaraçar aquelle estado da Republica de uma situação que se converteu em fonte perenne de odios e discordias intestinas.

Para não perturbar o paiz, quando homogenca devia ser a acção do governo em momento de tamanha gravidade politica, não dei logo a minha demissão da pasta que occupo, e, instando pela solução que propuz e depois V. Ex. tomava o compromisso de realizar, esperava ver em breve restabelecida a paz naquelle infeliz estado.

Em vista, porém, da missão de que por V. Ex. foi encarregado o Sr. ministro da guerra, de continuar a luta que ensanguenta o Rio Grande do Sul, julguei a minha permanencia no governo improficua, desde que, não me era dado alcançar para a politica interna e a paz publica, aquelle meu *desideratum*.

Em conferencia de ministros, realizada a 20 do corrente, ouvindo-me dignou-se V. Ex. de accôrdo com todo o ministerio, aceitar as minhas ponderações e, resolutivo, tomou de novo o compromisso de transmittir as suas ordens no sentido de uma pacificação.

Depois de promessa tão categorica, e por duas vezes confirmada, não me era dado duvidar de que ella fosse incontinenti realizada e, pois, com assombro, fui hontem surprehendido com a declaração em sentido completamente contrario aos compromissos anteriores e solememente por V. Ex. contrahidos.

Fui e sou de opinião que o Governo Federal deve sustentar os governadores eleitos pelos estados. Este principio porém, não póde ser absoluto, admite excepções como todos aquelles que regulam os governos de opinião publica.

Está no dominio publico e na consciencia de todos que a actual administração do Rio Grande do Sul, não representa a maioria dos nossos compatriotas naquelle estado: não é um governo de selecção imposto pela opinião popular, e em taes condições é um governo fraco, que sómente pelo apoio das armas federaes poderá sustentar-se.

Ora, Sr. Marechal, a situação republicana precisa de estabilidade, as instituições precisam consolidar-se e a primeira condição de firmeza de que carece a Republica é precisamente a paz e a tranquillidade publica, evitadas para todo sempre essas commoções intestinas que abalam o nosso credito e trazem o paiz constantemente sob a ameaça das agitações armadas e das surpresas de lutas sanguinarias.

Tenho em meu espirito a convicção inabalavel de que o movimento revolucionario do Sul, não tem intuito restaurador. A' frente delle acham-se republicanos historicos, cuja tradição politica exclue qualquer suspeita de attentado contra as instituições politicas do paiz. Muitos delles combateram depois do golpe de Estado de 3 de novembro, pela reivindicacão da honra e do brio nacional, cooperando no grande movimento de reacção em favor da legalidade.

Em taes condições seria uma injuria fazer crer que os revolucionarios combatem por outra causa hoje, que não seja a garantia de direitos e de liberdades que lhes foram conculcados.

Devemos, pelo menos, julgar esses nossos compatriotas com a isenção de espirito que merecem antigos servidores da Patria, e pelos seus antecedentes politicos.

Diz agora V. Ex., que não póde pôr em pratica o meu alvitre, porque o nosso pacto fundamental se oppõe aos meios, de que teria de lançar mão, para leval-o a effeito.

Mas Sr. Marechal, deve V. Ex. comprehender que nenhuma lei póde oppor-se a ordem, como não póde ser um obstaculo ao desenvolvimento e ao progresso de um povo.

E se a nossa Constituição é, no entender de V. Ex., um obstaculo a que se pacifique o Rio Grande do Sul, o Poder Executivo, a quem compete manter a paz interna e velar pela tranquillidade publica, não podendo, portanto,

deixar entregue á luta armada os destinos desse estado inteiro, deve, em minha opinião, tratando-se da salvação publica, porque este é o caso, lançar mão de meios extraordinarios mesmo fóra da lei, para a todo o transe conseguil-a.

Acredita V. Ex. ser possível uma reconciliação com os revolucionarios, depois que as armas federaes tenham alcançado uma victoria sobre as forças contrarias; mas, se admite V. Ex. essa conciliação depois de uma batalha, deve tambem admittil-a antes dessa batalha.

O que, pois, justificará o morticínio? Tem necessidade delle as armas federaes?

Não será, de certo, o sangue de irmãos immolados nessa gloria vã que lhes dá o brilho.

E quem nos diz que essa victoria será certa, desde que não se conhece os elementos de combate de que dispõem os revolucionarios e têm estes a grande vantagem de resistir ás intemperies do clima, que fatalmente terão de dizimar os nossos bravos, intrepidos e valentes soldados do norte?

E se os revolucionarios empenhados, como se acham em uma guerra de recursos, não quizerem dar batalha e evitarem os combates?

Bem vê, Sr. Marechal, que V. Ex. imagina para a guerra civil uma solução que não satisfaz a actualidade politica e nenhuma justificação terá perante a historia.

A vossa deliberação faz, pois, perigar a causa publica, aggravando uma situação que não póde mais ser prolongada, e tem contra si os proprios deveres da humanidade e os sentimentos da fraternidade republicana; é para a Republica uma fonte perenne de males, desde que o protrahe V. Ex. indefinidamente a solução razoavel e justa de uma crise, a que V. Ex. devia já a muito, ter posto termo.

Uma outra ponderação de alcance politico, e que actúa tambem de modo decisivo para a resolução em que estou de demittir-me é a má direcção que, a meu vêr, tem se dado ás operações da campanha, e de onde resultou o morticínio de Alegrete e inevitavelmente provirão outros.

Ninguem mais do que eu, Sr. Marechal, rende preitos de homenagem a rectidão de character de V. Ex. cujos actos

de conducta privada e publica estão sempre alheios a qualquer eiva ou suspeita, de que não sejam dictados ou aconselhados exclusivamente pelo bem publico; e, pois, para lamentar que conserve V. Ex. como agente de compras para o exercito na Republica do Uruguay um individuo, que por informações fidedignas de pessoas muito respeitaveis, entre as quaes, a de uma carta do nosso ministro em Montevideó, não tenha a respeitabilidade necessaria, e a imputação precisa para bem exercer a commissão de que se acha investido.

Lamento, repito, que as informações recebidas por V. Ex. em relação a esse commissario estejam em formal opposição ás que hei revelado.

Além do que ahí fica exposto, Sr. Marechal, offende gravemente a honorabilidade do cargo que exerço o modo porque tem V. Ex. subtrahido ao meu conhecimento e deliberação as questões suscitadas sobre o movimento revolucionario do Rio Grande do Sul.

As mais graves hão sido resolvidas sem a minima intervenção da minha parte.

Nenhuma razão ha que justifique este procedimento, desde que não pôde V. Ex. negar que eu tenha dado as maiores provas de solicitude governamental, apoiando com a maxima lealdade e franqueza o chefe do governo, e dando á administração republicana toda a força moral e politica, de que carece na ardua missão, que nos foi imposta pelos acontecimentos, de manter com austeridade o dominio da lei.

Esta situação, em que me collocou V. Ex., nem o milindre do meu pundonor politico, nem a nobreza do mandato que exerço, como alto funcionario publico, permittem continuar.

Eu, Sr. Marechal, entendo que não partilho sómente da responsabilidade politica do governo e dos actos da administração; tenho como ministro, o grande dever de bem dirigir serviços publicos, e a responsabilidade dos acontecimentos que essa direcção determina, principalmente na actualidade politica tão erichada de difficuldades, como ella é. De modo que sobre o chefe do governo como sobre seus

ministros a opinião publica tem o mesmo direito de critica e censura.

Não posso, pois, submeter-me ao papel de automato, nem a administração republicana poderá encontrar homens dignos que se prestem a sacrificar a nobreza de um mandato politico a uma posição que não eleva, mas abate, que não engrandece, mas humilha.

Dou assim a minha demissão; mas, fóra do governo servirei a Republica sustentando as suas instituições e as autoridades legalmente constituidas com a mesma dedicação, com o mesmo valor e lealdade com que a servi quando ministro.

Com o maior respeito e consideração tenho a honra de assignar-me.

De V. Ex. amigo, admirador e criado obrigado.»

CUSTODIO DE MELLO.»

Não se descuidou o ambicioso almirante em preparar á sombra, entre seus amigos, a estrada que o deveria conduzir a realização de seus sonhos.

Porém, todos os seus castellos derruíram diante da attitude que tomou o Congresso, quando, reunido antes da terminação do prazo de seus mandatos para convenicionar sobre a escolha dos candidatos aos dous cargos mais elevados da Republica, accordou em designar os nomes dos grandes patriotas Drs. Prudente de Moraes e Manoel Victorino.

Tres dias depois rebentava a revolta.



O ROMPIMENTO

No dia 6 de setembro de 1893, foi a pacifica população da cidade do Rio de Janeiro alarmada com a noticia de que no mar toda a esquadra se havia revoltado contra o poder legalmente constituído e que em terra se manifestara uma grande *grève* na estrada de ferro Central do Brazil.

Si esta, logo no mesmo dia succumbio diante das energicas providencias dadas pelo governo, e mesmo porque a esse movimento era estranho o pessoal daquella via-ferrea, onde um grupo de individuos insinuados pelo deputado Vinhaes, atacou as estações de *S. Diogo*, *S. Christovão*, *Mangueira*, e *S. Francisco Xavier*, damnificando fios e apparelhos telegraphicos e tambem tentou fazer os empregados da cabina central abandonar os seus

postos, infelizmente a outra se prolongou até o dia 13 de março do anno seguinte, levando quasi quotidianamente a dôr, a desolação e a morte até ao mais obscuro membro da Familia Brasileira.

Durante seis mezes permaneceu uma grande parte da Republica, e a mais importante, subjugada pelo funereo torpôr, filho das desmedidas ambições e vaidades de um degenerado brasileiro



Contra-almirante Custodio José de Mello

Conculcando as tradições de um passado glorioso como official da armada, mareando o brilho dos galões que outr'ora tão dignamente conquistara e fascinado pelos attractivos do poder, bem cedo esqueceu-se o chefe revoltoso de que essa mesma espada que então se servia para cutilar o pavilhão nacional, fôra-lhe confiada pela Nação para a defesa e garantia de sua Constituição.

Durante a sua permanencia na pasta da marinha, como secretario e amigo daquelle a quem posteriormente invectivava com a imputação de grandes crimes, o contra-almirante Mello não logrou occultar os seus sinistros projectos de conspiração, ora propondo em conferencia de ministros a substituição das guarnições das fortalezas de Santa Cruz, Lage e S. João por forças da armada; ora encommendando no estrangeiro muito material bellico; ora visitando amiudadamente todos os navios de guerra e fortalezas que guarneciam o nosso porto.

A desconfiança do chefe do governo chegou mesmo a ser sentida pelo seu trefego ministro que a revelou allusivamente na sua memoravel carta, na qual estranhava não tivesse mais sido consultado nas mais graves questões sobre a revolução do sul.

Mesmo como ministro confabulou secretamente com os federalistas no Rio Grande do Sul; e ainda nessa delicada dignidade chegou a convocar nos primeiros mezes de 93 uma reunião secreta de officiaes de marinha em sua casa, na qual aventou a questão da intervenção

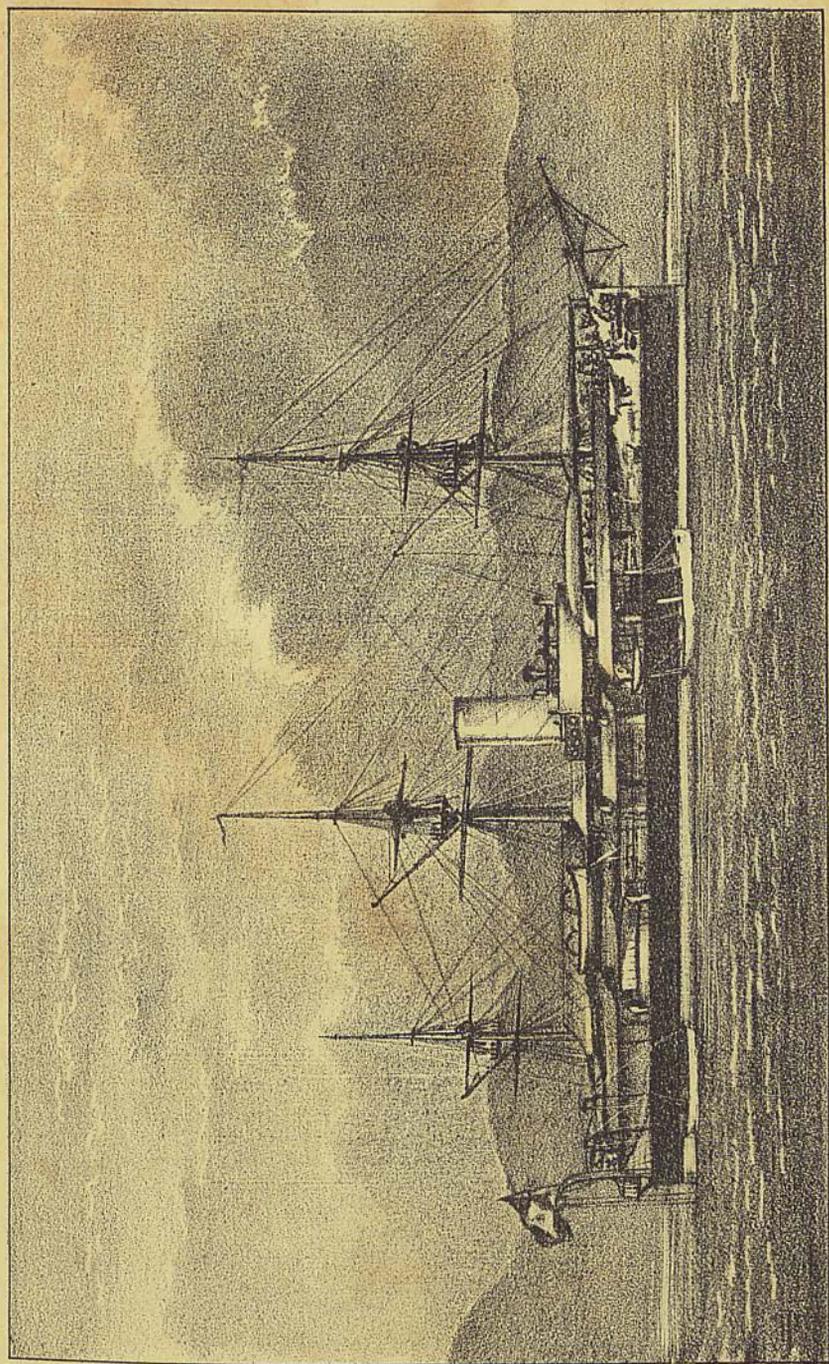
da marinha nas lutas de que eram theatro as campinas do sul. Seus camaradas opinaram pela manutenção da Constituição.

Ao deixar « a parcella de publica autoridade » que lhe fôra confiada, fez inserir nas folhas diarias da Capital a carta suppra transcripta, pela qual promettia formalmente « servir a Republica sustentando as suas instituições e *as autoridades legalmente constituidas* com a mesma dedicação, com o mesmo valor e lealdade com que a servio quando ministro. »

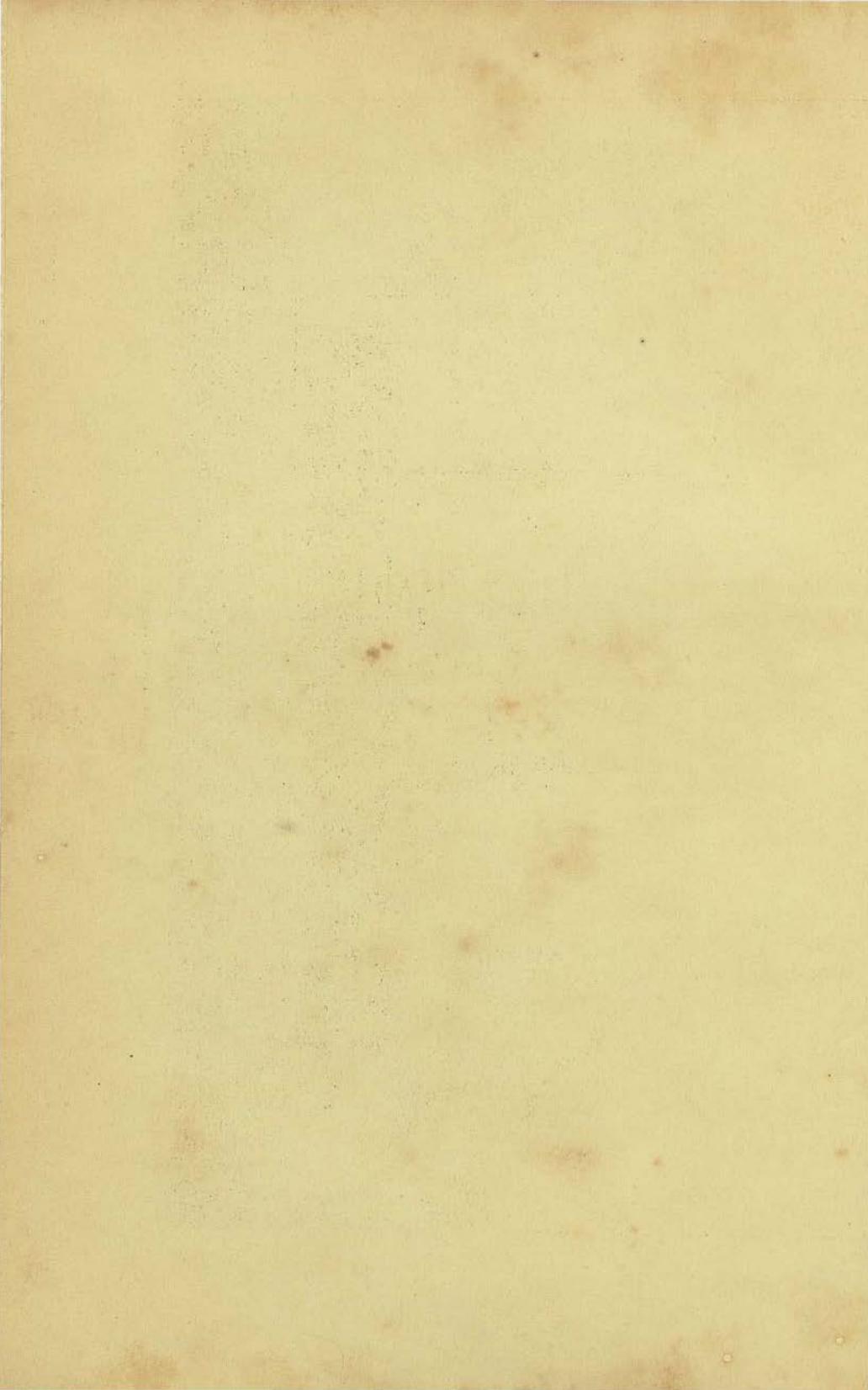
Não teria esta por fim alienar toda a suspeita sobre seus projectos de conspiração para mais desassombradamente dirigil-os ?

E' fôra de duvida que por este meio conseguiu os seus almejados designios.

A incoherencia de suas idéas e convicções é manifesta nos antecedentes de sua conducta. Commandando o *Almirante Barroso*, em viagem de instrucção, foiprehendido nos mares do antigo continente com a noticia da proclamação da Republica no Brazil. Até então distincto representante de sua classe e indifferente a todas as lutas e intrigas politicas, definio-se ainda mais accentuadamente quando chegando a Bahia, não só esquivou-se a toda e qualquer manifestação politica, como lamentou em um discurso toda a interferencia da classe armada nos negocios da Nação. Pouco depois fez-se eleger membro da Constituinte e foi nesta assembléa um dos mais acerrimos opposicionistas ao governo do marechal Deodoro.



AQUIDABAN



Como uma das causas principaes do rompimento da revolta apparece a rivalidade entre o exercito e armada e da qual o almirante Mello soube tirar partido para os seus projectos. Neste sentido não são extemporaneas as seguintes palavras attribuidas a um periodico estrangeiro:

«... existia um profundo ciume entre o exercito e a armada —o primeiro, instituição de indole popular, em que qualquer soldado póde chegar ás mais altas patentes; a segunda, aristocratica, na qual nenhum marinheiro é dado elevar-se jámais acima das fileiras. Não é, pois, de admirar que os officiaes de marinha vissem com irritação a importancia politica conquistada pelo exercito, em virtude da parte que tomara na révolução; nem que a armada se tornasse o ultimo refugio dos monarchistas. Esta rivalidade se havia patenteado anteriormente na mallograda tentativa do almirante Wandenkolk para apoderar-se de um porto brasileiro, mas só se manifestou plenamente a 5 de setembro de 1893, na revolta do almirante Mello, que até abril desse anno havia sido membro do ministerio Peixoto.»

Depois de, em companhia do capitão de mar e guerra Frederico Lorena, ter estado no theatro lyrico assistindo a representação dos *Huguenottes*, embarcou-se o contra-almirante Mello ás 11 horas da noite, em uma lancha no cães dos Mineiros, seguido do capitão de fragata Alexandrino de Alencar, capitães-tenentes Candido Lara e Pinto de Sá e dos deputados federaes Seabra, Anfriso Fialho, Vinhaes, Francisco de Mattos e Jacques Ourique.

Abordando o *Aquidaban*, (*) ahi hasteou o pavilhão de almirante e o symbolo da revolta — uma bandeira branca — que pela manhã já tremulava nos mastros dos outros navios da esquadra e vapores das companhias *Lloyd Brasileiro*, *Lage e Frigorifica*, os quaes foram armados em pé de guerra e encorporados á esquadra.

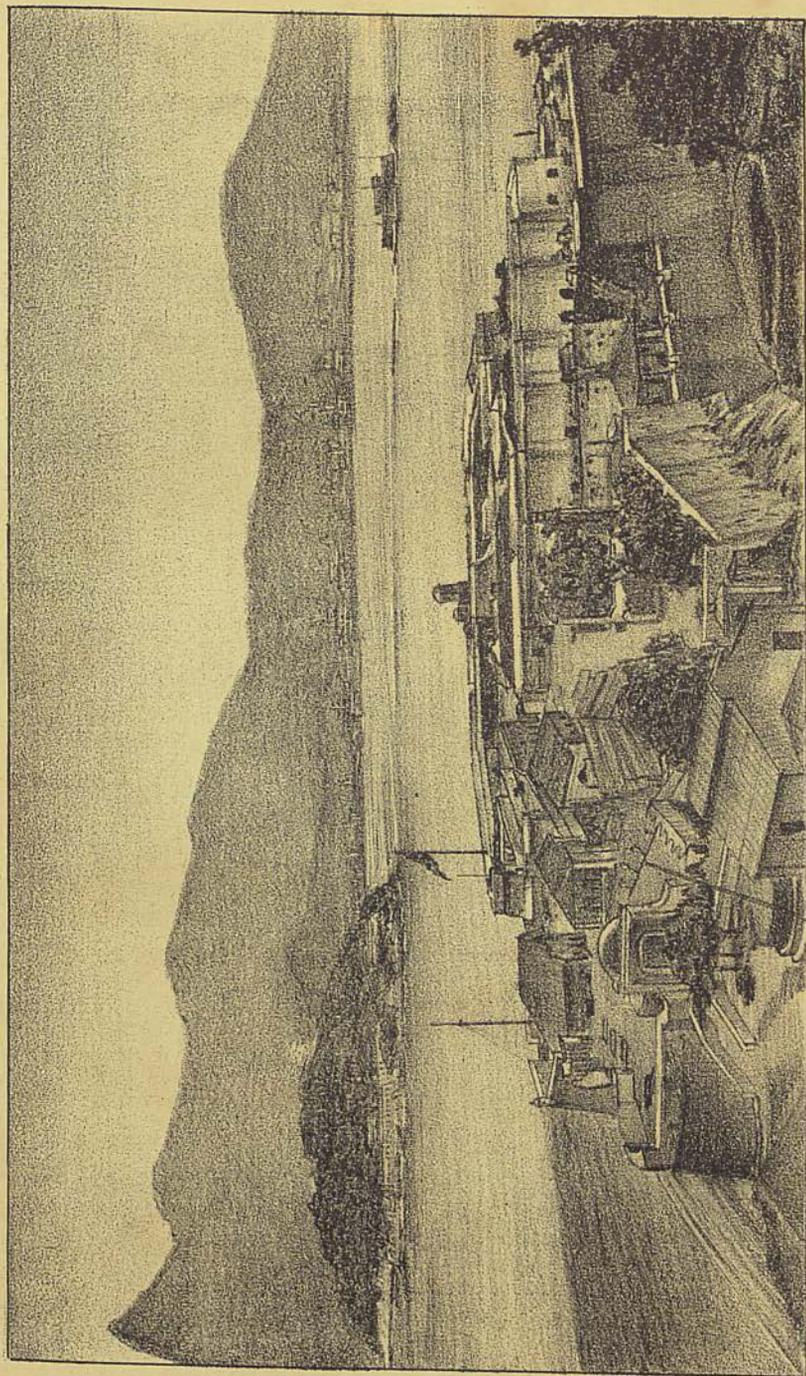
Facil foi a occupação destes navios attenta á circumstancia dos seus commandantes se acharem em terra ; quando pela manhã regressaram para elles acharam-nos occupados pelos revolucionarios, vindo então apresentarem-se ao quartel-general de marinha.

Foi á bordo da não capitanea que se acolheram todos os individuos, assim civis, como militares, que haviam adherido á revolta e a quem o almirante Mello procurava attender em suas opiniões desencontradas e que muito concorreram para cada vez mais embaraçar os trefegos planos do chefe revoltoso.

As barcas Ferry ainda fizeram as primeiras viagens,

(*) « No dia 17 de janeiro de 1885, cahio ao mar, dos estaleiros de Samuda & Bröthers o couraçado *Aquidaban*, construido sob a fiscalisação do então chefe de esquadra José da Costa Azevedo, Barão do Ladario.

Mede 92^m,40 de comprimento; 17^m,16 de bocca; 5^m,91 de calado; e 5,000 toneladas de deslocamento. E' armado com quatro canhões de retro-carga, Armstrong, em duas torres dispostas diagonalmente; quatro canhões no convés superior e 15 metralhadoras Nordenfeldt. Tem cinco portinholas para lançamento de torpedos Whitehead, sendo uma dellas a pòpa: as machinas, caldeiras, paiões de polvora, e bombas hydraulicas para mover as torres são protegidas pela couraça do costado, que é de aço, e cuja espessura varia de 7 a 11 pollegadas, e um convés tambem couraçado. As machinas são inteiramente independentes *compound*, de acção directa e tres cylindros; as caldeiras em numero de oito estão instaladas em quatro compartimentos. Tem o navio carvoeiras, que comportam combustivel para 23 dias. Regularmente, anda 10 milhas por hora. As duas torres que giram com as meias torres são revestidas por uma couraça de aço.»



FORTALEZAS DE SANTA CRUZ, LAJE E S. JOÃO

em uma das quaes veio o ministro da fazenda, que residia em Niterõy.

As 10 horas da manhã a esquadra já se compunha, além do navio chefe, dos cruzadores: *Republica* (*), *Trajano*, *Orion* e *Guanabara*, vapor *Jupiter* e as torpedeiras de alto mar *Araguary* e *Marcilio Dias*, e pouco depois a ella se incorporaram o *Sete de Setembro*, o *Amazonas* e o couraçado *Favary* e os vapores *Uranus*, *Venus*, *Pallas* e *Marte*, todos da *Companhia Frigorifica*. O vapor *Coritiba* que entrou com carregamento de carne foi aprisionado.

A esquadra tomou a seguinte posição: o *Aquidaban*, *Republica*, *Guanabara*, *Trajano* e *Favary* collocaram-se em linha desde a ilha das Cobras até Villegaignon; o *Jupiter*, *Marte*, *Uranus* e *Amazonas* voltaram-se para Niterõy, enquanto que as torpedeiras levaram a cruzar a bahia durante todo o dia.

Os navios de guerra estrangeiros que se achavam em nosso porto permaneceram ancorados no mesmo lugar, entre Villegaignon e a ponta do arsenal de guerra; e, em virtude dos boatos que circularam em toda cidade

(*) O *Republica* mede de comprimento entre perpendiculares 64^m; comprimento externo 68^m,5; bocca moldada 10^m,3; pontal 6^m,0; ca-lado medio 6^m,95; deslocamento, cerca de 1320 toneladas.

O armamento compõe-se de 6 canhões de 12^m dos quaes 4 estão collocados nas galerias salientes, tendo 155 grãos de alcance horizontal, e 2 no tombadilho e no castello de prôa, tendo cada um destes ultimos um alcance de 270 grãos.

6 canhões de 47^m (6 pr.) collocados, 2 nos váus e 2 nos castellos de prôa; 6 canhões (Gatting), sendo 4 montados nos váus e 2 no tombadilho; 4 tubos lança-torpedos, sendo fixado na proa atirando para a frente, e um de cada lado, na altura das bolinas.

O navio é de aço e tem uma velocidade de 15 milhas por hora em tiragem natural, e de 17 nós em viagem forçada.

As machinas a vapor são verticaes, de triplíce expansão, da força de 3,300 cavallos e com duas helices.

de que a esquadra estrangeira não seria indifferente ao bombardeio que porventura a armada sublevada tentasse dirigir contra a Capital Federal, sua população, comquanto affectasse uma certa tranquillidade de animo, permaneceu em todo o caso, mais calma do que na manhã de 23 de novembro quando uma das duas balas do *Aquidaban* acertou na torre da egreja da Candelaria.

O primeiro ponto cubiçado pelos revoltosos foi Niterôy. Pela madrugada desembarcou uma força na Ponta da Armação e apoderou-se de todo o deposito de artilharia e laboratorio pyrotechnico de marinha.

A guarda que ahí se achava foi remettida preza para bordo de um dos vasos de guerra, vindo o *Favary* proteger o embarque dos petrechos bellicos, juntamente com os vapores *Madeira*, *Sete de Setembro* e *Marajó*.

Antes do rompimento as cabeças dos torpedos haviam sido dahi retiradas e escondidas á bordo do *Orion*.

Comquanto pertencesse ao ministerio da guerra, achava-se na Armação um canhão, systema Bange, de 7 pollegadas, por causa da facilidade de desembarque que offerencia esse ponto da bahia; logo na primeira visita a esse deposito um dos primeiros cuidados dos camaradas do sr. Mello foi retirar a culatra dessa magnifica arma, talvez a unica capaz de perfurar as couraças do *Aquidaban*. Porém, devido aos incalculaveis esforços dos operarios das officinas de fundição da estrada de ferro Central do Brazil e da Casa da Moeda, esse canhão poude estrear antes de terminada a revolta.

O batalhão naval que se achava aquartelado na ilha das Cobras ao mando do capitão de mar e guerra Eliezer

Coutinho Tavares, adherindo ao movimento, foi no dia 6 com o seu commandante guarnecer os vasos da esquadra revoltada, tendo encravado as peças.

E' fóra de duvida que, si o almirante Mello, senhor destes poderosos elementos, tivesse sabido aproveitá-los no sentido de agir com toda a energia e presteza para se apoderar da cidade de Niterōy, então apenas defendida por cerca de 80 praças do corpo de policia, outra feição teria tomado a luta e maiores embaraços offereria ao governo.

Porém o seu desmedido orgulho cegou-o e talvez a sua fatua presumpção demovesse-o destas acertadas medidas. Qual o heróe das Galias, e julgando-se já diante dos representantes da Nação para descrever em phrase decisiva e breve a narrativa da sua ousada expedição, considerou que sob o seu menor aceno jamais poder algum resistiria e foi neste firme proposito que rhetoricamente se dirigiu ao governador do Estado e ao commandante da fortaleza de Santa Cruz.

As fortalezas de Santa Cruz, S. João e Lage permaneceram fieis ao governo, ao passo que Villegaignon, á principio neutra, decidiu-se depois pelo lado dos rebeldes, quando posteriormente por intervenção do corpo diplomatico foram retirados os canhões dos morros. (*)

(*) Foi com a seguinte carta que o então *neutro* almirante Saldanha da Gama se dirigiu ao commandante da fortaleza Villegaignon, antes de se declarar pela revolta :

«Silvio — Apenas recebi sua carta, dei logo ao commissario os meios necessarios para as compras dos ranchos dos inferiores e da mestrança. Deus os proteja, meu coração vos acompanha. Mas, escuta : faz tudo por espaçar o rompimento por mais 24 horas. Amanhã de

Reconhecendo o almirante Mello, quão vantajosa seria para a sua causa a adesão da primeira destas praças de guerra, foi o seu capital pensamento alliciar a guarnição na pessoa de seu commandante o bravo



Tenente-coronel Pedro Alves

manhã espero poder-lhes mandar os generos mais precisos e um pouco de carvão. Tambem amanhã logo cedo é preciso que saia d'ahi a familia do Lessa Bastos. Mandarei a lancha ás 7 horas buscal-a.

Saudades a todos. — *Luiz de Saldanha.*

P. S. Lá foram os *coiffeurs.*»

Pelo seguinte officio facilmente se deprehende o empenho que o chefe revoltoso manifestava em ter de seu lado este magnifico ponto estrategico para o proseguimento de suas operações; preocupação essa que o acompanhou durante algum tempo, si considerarmos os esforços que empregou no sentido de realizar o seu *desideratum* com o bombardeio quasi que constante dirigido contra esse ponto fortificado.

Eis o alludido officio :

« No manifesto que dirigi á Nação allego a conducta inconstitucional do Sr. vice-presidente da Republica e a sua politica anti-patriotica e sanguinaria nos Estados, principalmente no Rio-Grande do Sul. Todos os navios e forças navaes deste porto se collocaram ao lado da Constituição que defendo, unica fracção dessas forças que hesitára, a fortaleza de Villegaignon, acaba de communicar-me que tomou a resolução de não hostilizar-me e assim o haver declarado ao Quartel-General da Armada. Toda a população da Capital Federal é favoravel a nossa causa que é a causa nacional.

A propria guarnição de terra, que, por espirito de classe parece apoiar o Sr. vice-presidente, está tacitamente dividida e só quem não tem um conhecimento exacto do espirito, tambem de classe, e dominante na marinha nacional e de suas patrioticas tradições, poderá duvidar de sua identidade de conducta em face da Constituição violada. A vossa resolução de imitar a nobre e patriotica resolução da fortaleza de Villegaignon tirará do Sr. vice-presidente da Republica o ultimo pretexto para continuar a manter-se illegalmente no governo da Nação.

Nestas condições eu resolvi convidar-vos a vos pronunciardes entre a Constituição e o seu violador, entre a continuação de derramamento de sangue de irmãos e a pacificação da Familia Brasileira, reiterando aqui a declaração que fiz

no meu manifesto de que não quero o poder. Aguardo até hoje á tarde a vossa resolução para servir-me de governo. *Custodio José de Mello*, contra-almirante.»

Tambem o capitão-tenente Lara quando de bordo do *Republica* pretendeu alliciar a guarnição do *Tiradentes* em Montevidéo, disse-lhe em proclamação que—*a fortaleza de Santa Cruz estava ao lado dos revoltosos.*

Esse acervo de inverdades proferidas e consignadas por aquelle que se collocára á frente de uma esperançosa collectividade de jovens e tão digna de melhores destinos, encontrou cabal resposta da parte do honrado militar, representante de seus briosos commandados, nas seguintes linhas :

« De posse do officio de V. Ex., de hoje datado, que, na qualidade de commandante da divisão naval brasileira do porto da Capital Federal me dirigiu e acaba de me ser entregue pelo Sr. 1º tenente Francisco de Souza Pinta convidando-me a pronunciar-me ante a Constituição e o seu violador, que, na opinião de V. Ex., é o Exm. Sr. vice-presidente da Republica, cumpre-me declarar-vos que, reunindo a officialidade do batalhão e fortaleza sob meu commando, em conselho, ficou resolvido não ser possível acquiescer aos vossos designios, não por espirito de classe, mas porque na qualidade de militar, julgo um dever sagrado de honra conservar-me no meu posto cumprindo as ordens do Governo constitucional, que nelle me collocou e a cujo conhecimento vou levar esta occurrencia.

Peço a V. Ex. entretanto, permissão para respeitosa-mente ponderar que foi para este commando e toda a guarnição summamente penoso saber que hoje pela manhã antes mesmo de receber o officio a que respondo, tivesse sido interceptada a viagem da lancha, que do arsenal de guerra

conduzia generos alimenticios para os officiaes, praças e suas familias aqui residentes, por intimação de uma torpedeira a vosso serviço. Saude e fraternidade. — *Pedro Guilherme Alves da Silva*, tenente-coronel commandante.»

No entretanto, é forçoso confessar que o triumpho de qualquer das partes belligerantes dependia do pronunciamiento desta fortaleza e tambem que uma vez inclinada para a causa legal, como o foi, jámais della se apossariam os revoltosos, desprovidos como se acharam posteriormente dos meios de desembarque.

Vimol-a a 19 de janeiro de 1892, com a revolta do sargento Silvino, e guarnecida por um pessoal incompetente, diminuto e indisciplinado, resistir durante dois dias aos projectis dos vasos de guerra couraçados, *Riachuelo*, *Aquidaban*, *Solimões* e *Bahia* e cruzadores *Parnahyba* e *Orion*, e só ceder diante do bem combinado ataque feito por terra pelas forças do governo, ao mando do coronel Moreira Cezar, apoz a tomada do forte do Pico.

—

Foi com a seguinte proclamação que o Sr. Custodio José de Mello se dirigiu á Nação :

«Concidadãos. — O movimento revolucionario de 23 de Novembro não teve outro fim senão restaurar o regimen constitucional e a acção dos poderes constituídos que o golpe de estado de 3 de novembro anniquilava com assombro geral da Nação e, principalmente, de todos quantos eram responsaveis pela formação do governo republicano.

A dictadura de 3 de novembro não visou outros intuitos, com effeito que o da irresponsabilidade da administração

na questão financeira da Republica: se por um lado asse-
nava ás ambições inconfessaveis e aos interesses menos
legítimos, por outro abatia o caracter nacional, ludibriava-o
fazendo crêr que a Nação, incapaz de crear para si institui-
ções livres, e de viver á sua sombra, recebera submissa e
sem protestos o jugo de uma autocracia que era um vilipen-
dio e significava uma humilhação.

Sabeis a parte que a mim coube, determinada pelos
acontecimentos, nesse memoravel periodo da acção revolucio-
naria contra o arbitrio do poder: servi a causa dos interesses
populares de 23 de novembro: estive no posto que do meu
pundonor como militar e da comprehensão dos meus deveres
cívicos, como brasileiro, a Patria tinha o direito de exigir que
eu occupasse.

E si, depois desse dia, algumas parcelas da publica
autoridade vieram até a modestia do meu lar, não o foram
pelas suggestões da propria vontade, mas pela responsabili-
dade politica, que as vicissitudes da Revolução, creando uma
nova ordem de cousas, determinaram.

No governo, e até quando a elle pertenci procurei man-
ter firme os meus intuitos patrioticos, sustentando com in-
quebrantavel logica a supremacia da Constituição e a sub-
missão á Lei.

Nem um só dia se passou que, como ministro, eu não
estivesse de atalaia em prol dos direitos e das liberdades
populares contra a acção invasora e absorvente de uma
forma de administração que, enfeixando nas proprias mãos
todas as funções politicas da Nação, todas as manifesta-
ções da soberania popular, tendia, de arbitrio em arbitrio,
de prepotencia em prepotencia, escalar todas as ameias dos
poderes politicos e annullar todas as regalias constitucio-
naes.

Contra a Constituição e contra a integridade da propria
Nação, o chefe do Executivo mobilisou o exercito nacional
discrecionariamente, pol-o em pé de guerra e despejou-o
nos infelizes Estados de Santa Catharina e Rio Grande
do Sul.

Contra quem? Contra inimigo do exterior, contra es-
trangeiros? Não. O vice-presidente da Republica armou

brazileiros contra brasileiros ; levantou legiões de suppostos patriotas, levando o luto, a desolação e a miseria a todos os angulos da Republica, com o fim unico de satisfazer caprichos pessoases e firmar no futuro, pelo terror, a supremacia de sua ferrenha dictadura.

Sentinella ao thesouro nacional como promettera, o chefe do Executivo perjurou, illudiu a nação, abrindo com mão sacrilega as arcas do erario publico a uma politica de suborno e corrupção, sacrificando a autoridade que, em má hora, a revolução de 23 de novembro em suas mãos depositou.

A bancarrota já nos bate á porta ; ella ahi está com todo o seu cortejo de horrores e miserias.

Concidadãos ! No declinio fatal do poder que se transvia, a administração republicana desceu a todos os abusos.

Mutilada e innumeradas vezes golpeada, a Constituição de 24 de Fevereiro já não tem fórma, pela qual se reconheça como a suprema lei das liberdades publicas e das garantias do cidadão : por toda parte impera o arbitrio do poder.

Não posso conservar-me inerte nessa situação angustiosa do meu Paiz. Os homens, a cuja acção os acontecimentos politicos foram determinados, não podem deixar de concentrar em si as tendencias e as aspirações de uma época.

A Nação aneia por ver-se livre de um governo que a humilha : a época é, pois de reconquista de direitos e de liberdades que foram conculcados e supprimidos.

Na vida das nacionalidades, como na vida dos individuos, ha momentos de acção decisiva.

Lutar, para não ser abatida e humilhada a Patria ; combater pelos principios da liberdade, que a honra humana sagrou como primeiro attributo do nosso espirito e da nossa natureza ; transmittir sem nodoa aos filhos o nome e a honra dos avós que fizeram livre o governo do Brazil,— eis a situação em que nos achamos.

Os acontecimentos assim o determinam.

Official de marinha, brasileiro e cidadão de uma patria livre, ainda uma vez vou achar-me no campo da acção

revolucionaria para dar combate aos demolidores da Constituição e restaurar o regimen da lei, da ordem e da paz.

Nenhuma suggestão de poder, nenhum desejo de governo, nenhuma aspiração de exercer mandatos por esforço violento da propria individualidade, me levam a revolução.

Que a Nação brasileira possa e saiba exercer a sua soberania dentro da Republica, eis o meu *desideratum*, eis a cogitação suprema do meu espirito e de minha vontade.

Viva a Nação Brasileira!

Viva a Republica!

Viva a Constituição!

Capital Federal, 6 de Setembro de 1893.

CUSTODIO JOSE' DE MELLO.»

Este manifesto bem como a carta firmados pelo contra-almirante Custodio de Mello, julgamol-os perfeitamente apreciados com a notavel obra prima de bom senso revelado no manifesto de 10 de novembro, lançado em Pernambuco pelo illustrado dr. Martins Junior e cuja transcripção parcial é a que se segue :

« São até hoje em numero de dous os documentos dessa natureza firmados pelo chefe do movimento de 6 de Setembro, e por elles é facil ajuizar das causas determinantes e dos intuitos do mesmo movimento.

As causas resumem-se nas seguintes :

a) uma pretensa aspiração por parte do vice-presidente da Republica de fazer-se inconstitucionalmente eleger presidente effectivo, no proximo pleito de Março do anno vindouro—aspiração deduzida principalmente do facto de ter o marechal Floriano Peixoto opposto o *veto* a uma lei do Congresso, que nas incompatibilidades estabelecidas para a eleição abrangia o seu caso ;

b) a continuação da luta civil no Estado do Rio Grande do Sul, com o apoio dado ao Dr. Julio de Castilhos pelo Governo Federal.

Quanto aos intuitos da revolta ou fins que ella visa cil-os:

— Pacificar o Rio Grande, estabelecer o respeito e restabelecer o dominio da Constituição violada, afastar do Governo do paiz o elemento militar.

Isto e mais a declaração de que não quererá o poder para si, caso triumphe a revolta, constituem a materia dos dois manifestos firmados pelo contra-almirante Custodio.

Apreciemol-o ponto por ponto.

O *veto* a qualquer lei do Congresso é um direito presidencial estabelecido no art. 37 § 1º da Constituição Federal. Nenhuma restricção pôde e deve soffrer esse direito, cujo contrapeso, cujo correctivo unico pertence ao poder legislativo, com a votação, por dois terços, da lei não sancionada, nos termos do § 3º do citado art. 37.

A nenhum individuo, a nenhuma corporação senão ao proprio Congresso incumbe dizer ao presidente que elle errou ou procedeu incorrectamente, vetando essa ou aquella resolução legislativa. E se n'um caso de não sancção o poder legislativo não vota de novo, por dois terços, a lei impugnada, é que elle se conformou com o *veto* e com as respectivas razões e consentio tacitamente em revogar a lei feita.

Nestas condições, alguém que queira considerar um crime contra a patria e contra o bem publico a não existencia da lei, deve para ser logico, atacar o poder legislativo, não o chefe do Executivo. A este o ataque, sobretudo quando manifestado n'um golpe de força, só poderá ter lugar se, votada por dous terços a lei não sancionada, fôr-lhe recusada a promulgação constitucional e a consecutiva execução.

Fóra daqui tudo é absurdo e anarchico.

Allega-se, porém, que o marechal Floriano Peixoto vetou a lei sobre a eleição presidencial por pretender perpetuar-se no Governo, fazendo-se eleger presidente...

Em primeiro lugar, essa presumpção fundada em merexicos partidarios e em boatos de rua, não existe em todos os espiritos, não teve, nem tem a gravidade e a extensão de uma preocupação nacional. Depois, quando mesmo ella fosse



geral e intensa, não serviria para determinar a inoportuna e perigosa crise por que estamos passando. Fundar um movimento revolucionario sobre uma simples presumpção, sobre a mera possibilidade ou mesmo probabilidade futura de uma violação constitucional, é crear a estravagante theoria de que os governos e, portanto, a paz dos povos, devem apenas depender da ineptia de uns, da maldade de outros e da leviandade do maior numero.

Conseqüentemente a primeira e principal causa apontada pelo contra-almirante Custodio para a revolta da armada, não resiste a uma analyse séria, desapaixorada, patriótica, feita á luz da legislação e do bom senso.

Veamos se é mais procedente a outra: a continuação da luta civil no Estado do Rio Grande.

E' realmente doloroso o espectáculo que, ha cerca de oito mezes, nos offerece a legendaria terra dos *farrapos*, o soberbo torrão rio-grandense, onde por dez annos seguidos a monarchia matou bravos gaúchos republicanos, sem haver quem se lembrasse de responsabilisar o Sr. D. Pedro II pelo sangue que então ensopou as estancias e avermelhou as coxilhas.

Doem fundo na alma de quantos fazem parte da familia brasileira a perspectiva lugubre da campanha riscada pelas patas atilianas dos corceis de guerra è a visão longinqua de villas e cidades devastadas, onde as vivendas outr'ora placidas, abrigo de corações calmos, estão hoje transformadas em casernas tilitantes de espadas e pejadas de homens feridos.

Nada mais triste do que isto e nada mais desejavel e desejado que o estabelecimento da concórdia e da paz na pequena patria rio-grandense.

Mas é o Governo Federal, é o marechal Floriano Peixóto quem quer a guerra no Rio Grande?

Mantendo forças militares naquelle infeliz Estado, falta o marechal ao seu dever e infringe alguma disposição constitucional?

A' primeira das perguntas occorre immediatamente uma resposta negativa. Basta considerar que não ha homem de Governo, que não ha chefe de Estado por mais refractario

aos impulsos e ás solicitações do coração, que prefira os incommodos e as preocupações da guerra civil ás commodidades da paz interna, que é a sua propria paz intima. A vaidade natural em quem governa, aquillo que se póde chamar a *vaidade politica*, consiste em fazer ver e crer que nenhum descontentamento, nenhum symptoma de rebeldia lavra na massa dos governados ameaçando o poder. Demais qualquer commoção intestina em um paiz crêa ao seu Governo sobretudo no ponto de vista financeiro, difficuldades externas que fatalmente vexam os depositarios do poder, diminuindo-lhes o credito, difficultando-lhes as operações de character geral e onerando portanto a fazenda publica. Antes da revolta da armada eram com razão levados á conta da revolução rio-grandense a quêda constante do cambio e as difficuldades de nossa politica financeira perante os nossos credores da Europa.

Não é, pois, razoavel imaginar-se ou admitir-se que o vice-presidente da Republica queira e estime a continuação da guerra no Rio Grande.

Terá, porém, o marechal incorrido em falta e violado a Constituição com o auxilio militar dado ao governador Castilhos?

Peça-se a resposta ao § 3º do art. 6º da Constituição Federal, o qual dispõe que « para restabelecer a ordem e a tranquillidade nos Estados, á requisição dos respectivos governos póde o Governo Federal intervir em negocios peculiares aos mesmos Estados.»

Ora, uma vez requisitada, como naturalmente foi, pelo governador do Rio Grande a intervenção das forças da União para a repulsa da invasão armada dos federalistas, nada mais constitucional e correcto do que o procedimento do vice-presidente da Republica, attendendo a esta requisição.

Dir-se-ha talvez que a *iniquidade* do marechal Floriano está em ter elle consentido o auxilio pedido pelo Dr. Julio de Castilhos, quando a disposição do art. 6º § 3º da Constituição é meramente facultativa...

E' uma opinião original, esta. Levada ás suas naturaes e ultimas consequencias, ella annullaria inteiramente o § 3º do art. 6º da Constituição.

Com effeito, se o criterio, na especie, devesse ser o dos que nos Estados Unidos não querem ver sangue feito pelas armas federaes, embora não desgostem de o ver produzido por armas de revolucionarios, nunca o Governo Federal poderia intervir nos Estados « para restabelecer a ordem e a tranquillidade » nos termos do citado paragrapho do art. 6º da Constituição; o sentimentalismo governamental mataria de vez a disposição de lei a que me acabo de referir, e concorreria para accender em cada canto do paiz o facho das revoltas.

Assim é claro que o marechal Floriano praticou apenas um correcto acto de administração e politica, intervindo nos negocios do Rio Grande do Sul para sustentar o governador eleito.

A pacificação daquelle generoso e altivo Estado precisa e deve ser feita; mas para isso não é competente o Governo Federal; os poderes locais por uma parte e os revolucionarios por outra são os mais interessados na terminação da guerra e os mais habilitados a realisal-a de uma maneira honrosa e digna de uns e outros.

Pensando deste modo, e isto desde os primeiros dias da invasão federalista, não me é possível responsabilisar o vice-presidente da Republica pela continuação da guerra do Rio Grande e consequentemente não me é dado considerar o estado de cousas do extremo sul como causa justificativa da revolta promovida pelo contra-almirante Custodio.

E uma vez analysadas as pretensas causas do movimento, passemos a seus intuitos e ás suas promessas.

Dada a victoria da revolta, terá lugar a pacificação do Rio Grande... naturalmente pela retirada das tropas federaes que guarnecem o Estado e subsequentemente pela deposição do Dr. Julio de Castilhos que cahirá com os seus correligionarios em poder dos federalistas, desaparecendo inteiramente da scena politica quasi todo o partido republicano historico da terra de Bento Gonçalves. Aquelle mesmo partido que fez a propaganda e que iniciou alli a organização republicana em fins de 89 será substituido pelos amigos do Dr. Silveira Martins, isto é, pelo partido que incensava a monarchia e que hoje prega a republica parlamentar.

Virá então a paz; a paz de Varsovia, sim, até o momento em que os republicanos puros obrigados a emigrar invadam por sua vez a terra natal para repetir-se o espectáculo de hoje!

Como poderá o Governo que nasceu da revolta impedir tudo isso e conciliar isso tudo com a pacificação que promete?

Não sei, e por este motivo não creio na pacificação do Rio Grande após a victoria do movimento custodista.

Tambem não posso— e ninguém sinceramente o poderá crer, no estabelecimento do respeito e restabelecimento do dominio da Constituição, como advento de um novo governo, surgido do triumpho revolucionario.

Vejamos: Não é presumivel, nem natural que realisada a hypothese de ser vencido na luta o marechal Floriano, chamem os revoltosos triumphantes, para tomar conta do governo, o successor ou successores legaes do vice-presidente. Qualquer destes não accitaria de certo, o encargo, e quando accitasse teria de soffrer o ascendente, a dominação imminente e imperiosa dos vencedores, que lhe imporiam a sua vontade e os seus planos de administração e de politica.

Nem esta hypothese de successão aparentemente legal pôde, infelizmente, ser levantada hoje.

A crer nas noticias fornecidas pelos partidarios da revolta, o Sr. capitão de mar e guerra Lorena instituiu na capital do Estado de Santa Catharina um *Governo Provisorio*, de que se fez elle o chefe e que já tem expedido actos sobre varios assumptos de administração.

Esta criação de um *Provisorio* é significativa e de um enorme valor para a apreciação critica do movimento. Ella prova, á evidencia, que a questão dos revoltosos não é só a retirada do marechal Floriano de sua cadeira de vice-presidente; é a passagem do Poder ás mãos de um delles, é a substituição radical do pessoal hoje dirigente; é, emfim, a *tabula rasa*, desde a fachada até os fundamentos do edificio politico.

De facto: um Governo Provisorio instituido por uma revolução suppõe uma dictadura, e esta implica fatalmente o desconhecimento de quasquer leis, inclusive a fundamental.

Não é estranhavel, senão irrisorio, depois disto, que se affirme com seriedade ser um dos fins da revolta da armada o respeito á Constituição, o restabelecimento do pleno e absoluto dominio dessa Lei organica ?

Bastaria o facto de não se dar constitucionalmente a passagem do Poder, ainda quando ficasse em vigor quanto ao mais a Constituição, para que se pudesse exprobrar á revolta, o não cumprimento da promessa feita no manifesto do chefe. Mas, como se acaba de vêr, não é licito esperar a manutenção do Estatuto fundamental desde que triumphe a revolta.

Porventura um dos mais graduados politicos solidarios com ella—o Dr. Silveira Martins, — não é francamente revisionista no intuito de substituir a republica presidencial pela republica parlamentar ? Porventura não é corrente o boato de que, victorioso o movimento de Setembro, é cousa assentada entre os seus adherentes que a Nação seja convidada por um plebiscito a manifestar-se sobre a fórma de governo que prefere ?

E como conciliar-se com estes factos a promessa do manifesto—Custodio ?

Não ; decididamente a revolta não foi feita em bem da observancia da Constituição, e si o foi em principio mudou ultimamente de intuitos e de idéas.

Resta a promessa, tão seductora e tão fallaz quanto as outras, da suppressão do militarismo, como elemento politico dirigente.

Examinemol-a.

A predominancia do elemento militar na alta administração do paiz tem sido a partir de 15 de Novembro um facto constante e patente. Naturalissimo aliás pelas circumstancias que rodaram a proclamação da Republica, elle tende, porém, a diminuir e a desaparecer desde que pela primeira eleição directa e popular de um Presidente, o paiz entre n'um largo periodo normal e pacifico de vida politica administrativa—sobrepujadas as primeiras difficuldades da adaptação do novo regimen.

Assim, o meio mais curial e seguro de realizar a transferencia do Poder ao elemento civil seria, e é ainda,

encaminhar paciente, sensata e calmamente o paiz até os ultimos dias do actual periodo presidencial, pedindo aos proprios militares de terra e mar um bocado de abnegação que tanto os exorna e dignifica na sua profissão, com o fim de dar á patria, que é de todos, um futuro fecundo e extreme de commoções.

Para isso a tranquillidade interna seria condição essencial.

Mas a revolta da armada, destruindo essa tranquillidade, affirma entretanto pela boca de seu chefe que o militarismo vai acabar no Brazil.

Não é possível acreditar-o, porque : 1º, o proprio facto da revolta é um attestado de pretensões e preoccupações militaristas ; 2º, o governo que surgir do movimento não pôde deixar de ser militar (e já o é o *Governo Provisorio* que dizem estabelecido em Santa Catharina) : 3º, a consequencia da revolta, caso triumphhe, devendo ser necessariamente uma futura *revanche* do exercito, ao governo de uma alta patente da armada succederá com certeza mais tarde o governo de uma elevada patente das forças de terra.

Não se diga que são proposições gratuitas as que ahi ficam exaradas ; ellas decorrem da natureza das cousas e têm por si não só os factos como a logica. Suppor o contrario é que seria raciocinar no vacuo, creando entes de razão e desprezando a realidade.

Tão falha e inverificavel quanto as promessas que acabo de passar em revista, considero a affirmação do contra-almirante Custodio, de que não quererá para si o Poder, no caso de sahir victorioso na luta em que se empenhou contra o Governo legal.

Releva notar antes de tudo que o chefe de um movimento politico qualquer, principalmente o cabeça, e motor de uma revolta convulsionadora de um paiz e destinada a derribar um governo, não tem direito de dizer que abrirá mão do Poder na hora do triumpho. O governo de um Estado, por mais appetecivel que seja, é um onus, é encargo eriçado de responsabilidades e estas responsabilidades tem obrigação de contrahil-as aquelle que desorganizou o existente para organizar alguma cousa de novo segundo um

plano preconcebido e que sómente por si póde ser executado. Atirar a outrem o encargo do Poder, guardando sobre o depositario deste o ascendente de um chefe victorioso, de um credor de situações, mas fugindo á responsabilidade ostensiva da gestão dos negocios por occasião da profunda *débacle* politico-financeira, que succede ás commoções revolucionarias, não é justo nem louvavel; não é uma virtude, é crime.

Em todo o caso a verdade é que se o contra-almirante Custodio quizesse praticar esse crime prometido no seu primeiro manifesto, a força das condições do momento e as solicitações dos seus amigos, não lh'o consentiriam. Nisto iria o proprio interesse delles e a necessidade de fazer perdurar a obra realizada.

Por acaso o chefe dos revoltosos poderia sem despertar ciumes na massa dos companheiros entregar o poder a um dos seus amigos menos graduado? Poderia acaso chamar ao Governo um estranho á revolta, um membro da classe civil, por exemplo, sem enfraquecer o novo governo, carecedor de energias, da forte tonalidade que devem ter os organismos politicos, emergentes de uma revolução?

A negativa impõe-se evidentemente.

Vê o publico, vêem os meus correligionarios que as minhas antipathias pela revolta são mais que justificaveis, nem as causas nem os intuitos do movimento supportam uma apreciação mesmo superficial e ligeira.

.....
 Synthetisemos: A revolta de 6 de Setembro não se justifica de modo algum, nem merece os applausos dos bons cidadãos.

Quer se attenda ás suas causas e aos seus intuitos conhecidos, quer aos seus infalliveis e temerosos effeitos futuros, ella se me afigura um desastre.

Assim, animal-a e desejar-lhe o triumpho é pretender para a Patria o mais deploravel dos destinos politicos; a sorte das nações retalhadas pelo chicote de fogo de facções revolucionarias, pela ssedições e pronunciamentos continuos, pelas tropelias da caudilhagem militar e civil, em todo o caso partidaria e impatriotica.

A instabilidade dos governos, a anarchia da administração, o cahos nas relações civis, o guante de ferro do chefe militar mais forte ou do politico mais audaz e mais sem escrupulos a pesar sempre sobre a cerviz popular, são as consequencias fataes do movimento como o de Setembro.

Os que os promovem esquecem-se de que as revoluções não se inventam, não soem ser o resultado da vontade de um homem e sim o producto de toda uma época ou de muitas épocas historicas, através das quaes se foram estratificando lentamente as coleras e as aspirações sociaes, até chegar o momento de fazerem voar a crosta do mundo politico n'uma explosão vencedora e definitiva. Assim a revolução franceza, assim a revolução americana, assim o 15 de Novembro.

Revolução sem antecedentes historicos de uma certa extensão e profundeza, não é revolução, sim rebellião, levante ou revolta; antes elemento perturbador da evolução do que resultado della.

E' isto o que nos ensina a Sociologia, é a isto que devem attender os que se comprazem em fomentar antagonismos armados entre governos e povos, com desprezo absoluto das condições estaticas de uma sociedade — condições sem as quaes não ha dymnamismo, isto é, não ha progresso possivel.

Obedecendo a estas idéas, eu não podia, eu não posso apoiar a conducta do contra-almirante Custodio. Por mais que elle pessoalmente memereça (e tive occasião de receber do seu cavalheirismo as mais dedicadas provas de apreço) creio cumprir o meu dever de brasileiro e de republicano dizendo ao povo de Pernambuco, dizendo aos meus cor-religionarios e dizendo ao paiz inteiro, que a revolta da armada é fatal não só á politica como a todas as outras manifestações da vida brazileira; que tal revolta é sobretudo fatal á Republica, pois que para não ser victima das especulações e das intrigas dos inimigos do novo regimen, ella precisa de paz, de tranquillidade e de ordem.

Accetar o precedente que a revolta pretende firmar, é sem duvida ter como verdade, que pôde ser interprete soberano da Constituição da Republica todo o individuo que

dispondo de certos elementos de força material, tiver possibilidade de atirar esses elementos ao encontro do poder constituído e legítimo. Antepondo-se e sobrepondo-se ao poder legislativo e ao judiciário, arrogando-se a qualidade de procurador dos direitos do povo, esse individuo, que poderá ser na mór parte dos casos um ambicioso e um incapaz, virá a constituir-se o supremo arbitro dos destinos do paiz.

.....
O vice-presidente da Republica póde ter commettido erros e faltas numerosas. . .

Qual o chefe de Estado que já deixou o poder sem ter algumas vezes usado mal do arbitrio que as leis concedem, n'uma certa medida, aos governantes?

Nenhum.

E no caso vertente, cidadãos a quem fallo, correligionarios a quem me dirijo, — quaesquer que tenham sido os erros do marechal Floriano, é elle a personificação da legalidade republicana, é elle a corporificação do regimen inaugurado a 15 de Novembro em redor do qual estão silvando a esta hora todos os odios dos que pela Republica foram feridos nos seus privilegios, dos que portanto não amam a Republica.

Cidadãos, sejamos pela legalidade!

Recife, 10 de Novembro de 1893.

ISIDORO MARTINS JUNIOR.

Os deputados acima alludidos tambem publicaram o seguinte manifesto :

A' NAÇÃO

Diante da attitude francamente dictatorial assumida pelo Sr. vice-presidente da Republica, que, levado ao poder em nome da Restauração da Constituição Republicana de 24 de Fevereiro, a tem calcado aos pés, sem o menor escrupulo, já annullando affrontosamente a autonomia dos Estados, os

principios federativos, a propria honestidade politica das fórmulas republicanas, negando sanção á lei que o incompatibilisava para a reeleição presidencial ; já dividindo o paiz em vencedores e vencidos e esbanjando discricionariamente os dinheiros publicos, já, finalmente, mantendo caprichosamente a luta fratricida, que ensanguenta o solo rio-grandense, á despeito dos votos de pacificação, universalmente manifestados pela Nação ; nós, representantes da soberania nacional, membros da opposição parlamentar, acreditando traduzir a opinião dos nossos collegas, só tinhamos um caminho a seguir digno da Republica, que representamos — a resistencia, que é um sagrado direito dos povos livres, á oppressão, desde que foram esgotados os meios constitucionaes e legaes.

Em consequencia, não trepidamos em concorrer com os nossos esforços, para secundar o patriotismo daquelles, que, acompanhando o bravo almirante Custodio José de Mello, querem restabelecer o dominio da paz, dentro da Constituição e das leis, e salvaguardar os santos principios republicanos, como elementos essenciaes do nosso progresso.

Assim, pois, a todos os brazileiros patriotas, a quantos estremeceem a patria commum, entregamos, serenos e tranquilllos, o julgamento da nossa conducta, esperando que merecerá sua approvação e seus applausos.

Viva a Nação Brazileira !

Viva a Republica Federativa !

A bordo do *Aquidaban*, a 1 hora da noite de 6 de Setembro de 1893.

Emquanto taes acontecimentos occorriam no mar o governo em terra punha em pratica as mais urgentes medidas no sentido de garantir a vida e propriedade dos cidadãos.

Toda a tropa de linha ficou de promptidão, de armas embaladas, sendo em grande parte distribuida para guarnecer o littoral.

As munições que se achavam no arsenal de guerra foram transportadas para o antigo edificio do Museu Nacional, onde passou a se aquartellar o batalhão *Tiradentes*.

A *guarda nacional* foi chamada a serviço activo. Pela confiança que esta patriótica milícia inspirou ao chefe da Nação foram-lhe confiados os pontos mais importantes de defesa e commettidas as mais delicadas expedições; e, faz-se mister dizer, que esse corpo, pouco affeito ao regimen militar, portou-se com toda a galhardia e deu provas da mais decidida bravura.

O chefe do estado-maior-general da armada, Coelho Netto, foi a bordo do cruzador francez *Aréthuse* communicar ao almirante De Libran que, achando-se a esquadra revoltada não podia o governo se responsabilisar pelos accidentes do mar. A' vista desta communicação resultou uma conferencia entre todos os commandantes de navios estrangeiros.

As duas casas do Congresso reuniram-se em sessão secreta, funcionando o senado durante o dia e a camara de dia e á noite.

Tendo o senado tomado conhecimento da seguinte communicação do vice-presidente da Republica :

« Comunico-vos e aos demais membros da camara que hoje ao amanhecer o ministro da marinha trouxe ao meu conhecimento que parte da esquadra se tinha sublevado, collocando-se em attitude revolucionaria e em franca hostilidade contra o Governo legal.

O Governo comprehende ser de seu dever levar o facto ao vosso conhecimento, assegurando-vos que se sente forte para manter a ordem publica.

Saude e fraternidade.— FLORIANO PEIXOTO. »

Foi votado o seguinte decreto :

« O senado federal, assegurando o seu franco apoio ao poder executivo na defesa da Republica e da ordem social, perturbada pela revolta de uma parte da esquadra, resolve :

Art. 1.º — Fica o poder executivo autorisado a decretar o estado de sitio em qualquer ponto da Republica onde se torne necessario o emprego desse meio extraordinario, ainda mesmo achando-se em funcções o Congresso Nacional e de accordo com o art. 8º da Constituição.

Art. 2.º — Ficam revogadas as disposições em contrario.»

Alguns tiros disparados para terra, durante a noite, de bordo de um dos navios da esquadra revoltada cessaram, conforme asseverou uma folha diaria, em virtude de um signal dado pelo cruzador francez *Aréthuse*.

Porém, esta asserção encontrou formal desmentido com as seguintes cartas, do secretario do chefe da revolta e do proprio chefe, as quaes foram publicadas na *Cidade do Rio* :

« O *Paiz* que tanto se tem celebrisado na defesa do governo dictatorial que deshonra a nação, no seu numero de hoje (7) diz « que o chefe da revolução da esquadra tencionava bombardear a cidade do Rio de Janeiro, e que só recuou diante da intimação do commandante do navio de guerra francez *Aréthuse*, accrescentando que hontem á noite cessou de atirar contra aquella cidade ainda em virtude da intervenção daquelle commandante.»

O intuito manifesto daquelle folha é illudir ainda uma vez a população da Capital Federal e os estrangeiros ahi residentes, sempre no sentido de prestar mais serviços á dictadura, e é disto uma prova manifesta este trecho final do edictorial a que respondo : « O dever de todos os patriotas é collocarem-se resolutamente ao lado do Governo. E' com elle que estamos em nome da patria, em nome da Republica ! »

Não gastaremos palavras para mostrar áquelles que conhecem a *politica* daquella folha, qual é a patria e qual a República em nome das quaes fallam os seus redactores que parecem ignorar os mais rudimentares principios do direito das gentes (ou julgam que os seus leitores são uns beocios) fazendo crêr que os representantes das nações estrangeiras podem intervir de qualquer modo nos acontecimentos da nossa vida nacional.

A verdade dos factos que hontem tiveram logar na esquadra revolucionada é a seguinte: Logo ao romper do dia o Sr. contra-almirante Mello enviou aos commandantes dos vasos de guerra estacionados nesta bahia a communicação de haver tomado o commando da esquadra nacional fundeada neste porto, que revoltara-se contra o vice-presidente da Republica por ter elle assumido uma attitude francamente dictatorial no governo da nação. Todos aquelles commandantes agradeceram a *gentileza* da communicação que acabava de lhes ser feita.

Julgue por ahi o publico da sinceridade das informações do *Paiz* e previna-se contra as suas futuras *verdades e machinações*.

A armada nacional está com a força da opinião; dispõe de poderosos elementos para vencer a tyrannia, e restabelecer o imperio da constituição e das leis.

Deus ajude a sua nobre e gloriosa tarefa!

Sr. redactor.— O *Paiz* de hoje, referindo-se ao desmentido que hontem publicastes em resposta á affirmacão feita por aquella folha « de haverem os commandantes dos navios de guerra estrangeiros estacionados neste porto, me intimado a não bombardear a cidade do Rio de Janeiro, e que, como prova desta resolução, o commandante do *Árêthuse* interviéra effectivamente para fazer cessar os tiros dados por um dos do meu commando, na noite de 9, » diz formalmente que o meu secretario faltára a verdade, e *confirma* que a esquadra estrangeira *está disposta* a obstar ao bombardeamento (como sabe disto o órgão governamental?) como falla hypotheticamente, isto é, diz que se tal attentado, etc.

Isto ou a confirmação do desmentido (*sic*) dado por meu secretario é uma e a mesma cousa.

Eu não me daria ao trabalho, Sr. redactor, de rectificar esta e outras noticias dadas pelo orgão do governo se não fosse patente o odioso que sobre a esquadra revolucionada quer o *Paiz* atirar. Por isso mandei dar aquelle desmentido, e para não deixar no espirito dos meus concidadãos a menor duvida ácerca dos sentimentos que me animam, venho hoje confirmar aquelle desmentido com a minha propria assignatura, accrescentando á declaração já feita *que por occasião de ir um official meu expressar ao commandante do navio italiano o meu pezar pela morte do marinheiro daquelle navio que havia cahido victima da tropa de terra perguntando esse commandante se era minha intenção bombardear a cidade, respondeu-lhe o meu official negativamente mas declarou que nos casos que os navios da esquadra fossem hostilizados pela artilharia de terra, eu responderia a aggressão, atirando unicamente sobre os canhões inimigos.*

E' esta a verdade, e eu appello para o testemunho dos proprios commandantes estrangeiros.

Accetai, Sr. redactor, as expressões de minha consideração. — *Custodio de Mello.*

Bordo do *Aquidaban*, 9 de Setembro de 1893. »

Surgio o memoravel dia 7 de setembro e com elle a triste irrisão estampada no semblante dos grandes, leaes e verdadeiros patriotas pela attitude que apparentavam esses confessos inimigos dos interesses e prosperidade do Brazil.

Em menoscabo ao sacrosanto pavilhão nacional, a cuja sombra sempre se abrigaram contra as inclemencias e hostilidades de extranhos adversarios e por cuja guarda empenharam a sua honra e dignidade, os seus pseudos zeladores atreveram-se a arvorar-o nas vergas e

mastros de seus navios como symbolo de regosijo pelo grande dia da independencia do Brazil !

A nau capitanea embandeirou-se em arco.

Com que intenção assim procediam para com a effigie da Patria que, em emergencia tão angustiosa, pranteava a triste sorte que aguardava os seus filhos ?

Por mais de uma vez foram tambem ouvidas de terra pelas guarnições que guardavam o littoral, as ruidosas saudações com que os prasenteiros officiaes da armada festejavam talvez um acontecimento importante da sua causa, em lautos banquetes improvisados a preço commo, protegidos pelas couraças de seus vasos de guerra e honrados com a presença de officiaes de alguns navios estrangeiros; esses pretensos defensores da liberdade brindavam-se mutuamente pelas brilhantes empezas commettidas contra seus irmãos.

Em confronto diametralmente opposto era desolador o aspecto da cidade, onde mesmo deixaram de ser celebradas algumas das tradicionaes festas populares.

E eram esses que se inculcavam defensores da Constituição, quando atacavam todos os direitos e prerogativas que ella assegurava; eram esses que se cognominavam mantenedores da paz e da ordem, quando implantavam a anarchia e o sobresalto no seio da Familia Brasileira; eram esses que se chamavam propulsores do progresso e do engrandecimento do paiz, quando pelas suas boccas de fogo paralysavam todo o movimento commercial durante sete mezes e solapavam o credito do Brasil no estrangeiro; e eram esses que se batiam pelo restabelecimento da legalidade civil, quando a primeira

preocupação que os animou durante a sua ephemera permanencia no estado do Paraná foi a nomeação de um *provisorio* militar; e emfim, eram esses que se ufanavam de combater pela salvação de seus compatriotas, quando se constituíam seus principaes algozes, trucidando-os e exterminando-os desapiedadamente.

Foi a primeira victima a viuva Anna Francisca Bernardes, moradora no morro da Madre de Deus, a qual prostrada por uma bala de metralhadora da lancha *Lucy*, de tão triste celebridade, mal teve tempo de apontar para os seus innocentes filhinhos quaes os auctores da sua infelicidade.

De algum modo procurou a generosidade do coração brasileiro alliviar a estes infortunados, bem como a muitos outros, das funestas consequencias da nefanda revolta, mitigando-lhes a existencia com o tributo de significativos obolos.

Todos os navios da esquadra mantiveram-se de caldeiras accesas; o *Republica* e torpedeira *Iguatemy* cruzaram a bahia; as lanchas hostilisaram as guarnições do littoral; e os vapores *Laguna*, *Victoria*, *Alagôas* e *Meteóro* foram presos pelos revoltosos.

Escassearam as embarcações em transito pela bahia e as poucas que se aventuravam a sulcal-a eram obrigadas a obter licença do *Aquidaban*.

A outr'ora risonha e encantadora bahia de Guanabara, enlevo indifinivel de todos aquelles que tinham

a ventura de contemplal-a, tornou-se apenas frequentada pelos sinistros vasos de guerra sempre promptos a vomitar a morte pelas seus canhões sobre a inerme população que se aventurava a observar suas evoluções.

Na cidade o movimento reaccionario manifestou-se da parte do governo, começando o artilhamento de quasi todos os pontos do littoral e das eminencias, guardados por praças de policia e do exercito.

Em virtude de um convite-circular (*) dirigido á todos os officiaes da armada e classes annexas poude o governo julgar daquelles que se tinham mantido fieis á causa legal, si bem que depois alguns se passassem para os revoltosos.

O povo por sua vez não cruzou os braços diante da gravidade de semelhantes factos. Verdadeiros patriotas e sinceros republicanos, interpretando a opinião popular, convocaram por meio de boletins affixados nas esquinas das ruas uma reunião no theatro Recreio Dramatico para promoverem os meios de defesa em favor do governo. Depois de occupar a tribuna diversos cidadãos foi votada a seguinte moção :

« O povo da Capital Federal, reunido em *meeting* no theatro Recreio Dramatico, protesta pleno apoio ao governo do marechal Floriano Peixoto, cuja politica honesta, generosa e patriótica defenderá em todos os terrenos para a salvação da Constituição da Republica. »

(*) « Convido a todos os Srs. officiaes da armada e das classes annexas a comparecerem amanhã, 8 do corrente, ás 11 horas da manhã neste quartel general da marinha.—7 de Setembro de 1893.—Francisco José Coelho Netto. »

Em acto continuo a multidão caminhou pelas ruas da cidade indo cumprimentar o vice-presidente da Republica e forças militares nas guarnições.

Devemos tambem registrar o movimento espontaneo da população da Capital Federal em secundar o governo com o seu decidido apoio, lembrando os batalhões civis patrioticos que se organisaram e em cujas fileiras perfilaram cidadãos da mais elevada posição social; referimo-nos aos batalhões *Benjamin Constant*, *Silva Telles*, *Republicano*, *Pedro Ivo*, *Republicano Municipal*, *Operario*, *Francisco Glycerio*, *Defensores da Republica*, *Floriano Peixoto*, *Frei Caneca*, *Franco Atiradores* e a companhia *Silva Jardim*. Já anteriormente se achavam em serviço activo os batalhões *Academico* e *Tiradentes*; sem falar nos numerosos corpos da Guarda Nacional aos quaes vieram voluntariamente se aggregar officiaes e praças pertencentes a alguns Estados.

Por sua vez estes não permaneceram indifferentes á luta e as suas adhesões manifestaram-se officialmente pelos seus governadores, presidentes e camaras municipaes que por telegrammas definiram-se em favor do governo.

O poder legislativo por sua parte não deixou de tomar parte activa nos acontecimentos, collocando-se do lado da legalidade.

A principio, na camara dos deputados, a minoria que estava em opposição ao governo do marechal Floriano, não quiz comparecer para não haver sessão; mas, diante da attitude energica do deputado Francisco Glycerio, houve numero e até muitos membros da minoria

subscreveram o projecto de lei regulando o estado de sitio, o qual vindo do senado, passou com a seguinte redacção:

« Art. 1.º E' declarado o estado de sitio na Capital Federal e na cidade de Nitheroy por espaço de 10 dias.

Paragrapho unico. O poder executivo estenderá dentro do prazo acima marcado, esta medida a qualquer ponto do territorio da Republica, no qual a alteração da ordem publica exigir.

Art. 2.º Revogam-se as disposições em contrario. »

Voltando ao senado no dia seguinte foi approvedo por 28 votos contra 12 e no dia 11 era publicado no *Diario Official*, assim concebido:

« O Governo, tendo promulgado o decreto que poz em estado de sitio esta Capital e a cidade de Nitheroy, declara que mantem inteira a liberdade de locomoção e respeita o sigilio da correspondencia.

DECRETO N. 172 DE 10 DE SETEMBRO DE 1893

O vice-presidente da Republica dos Estados-Unidos do Brazil.

Faço saber que o Congresso Nacional decretou e eu promulgo a seguinte resolução.

« Artigo unico. O Congresso Nacional resolve declarar o estado de sitio na Capital Federal e na cidade de Nitheroy, por espaço de 10 dias.

Paragrapho unico. O poder executivo estenderá dentro do prazo acima marcado esta medida a qualquer ponto do

territorio da Republica, no qual a alteração da ordem publica o exigir.

Capital Federal, 10 de Setembro de 1893.— FLORIANO PEIXOTO. — *Fernando Lobo.* » (*)

Assim, pois, só faltava o poder judiciario manifestar-se na questão ; a calma sessão do Supremo Tribunal de Justiça de 11 deste mesmo mez realizada sem o menor protesto ou sem a mais leve censura contra o

(*) Os outros decretos que se referem ao estado de sitio e a outras providencias relativas ao effeito desta medida, são :

Decreto n. 1549 de 25 do mesmo mez de setembro, ao Districto Federal e aos Estados do Rio de Janeiro, S. Paulo, Santa Catharina e Rio Grande do Sul, até 9 de outubro seguinte ;

Decreto n. 1577 de 28 de outubro, prorogando até 30 de novembro o estado de sitio nos logares indicados ;

Decreto n. 1597 de 14 de novembro, ampliando a medida ao Estado de Pernambuco ;

Decreto n. 1602 de 29 de novembro, prorogando até 25 de dezembro ;

Decreto n. 1617 de 25 de dezembro, prorogando até 31 de janeiro seguinte ;

Decreto n. 1667, de 31 de janeiro, prorogando até 25 de fevereiro, tornando-o extensivo á capital do Estado da Parahyba, limitado, em Pernambuco, á capital deste Estado.

Decreto n. 1679 de 25 de fevereiro, prorogando até 28 desse mez ;

Decreto n. 1683 de 2 de março, prorogando-o até 30 de abril.

Decreto n. 1693 de 13 de abril, restringindo o estado de sitio ás comarcas do Recife e Nitheroy, Districto Federal e aos Estados de São Paulo, Paraná, Santa Catharina e Rio Grande Sul ; prorogando-o até 30 de junho corrente ;

Além disto no intuito, tambem de oppor obstaculo efficaz ao plano de subversão das instituições e dos poderes constituídos, o governo publicou os seguintes actos :

Decreto n. 1560 de 10 de outubro, dispondo sobre a destituição das immunidades, privilegios e prerogativas de que gozavam os navios e fortificações em poder dos revoltosos, ou que a elles se associassem, bem assim privando-os da protecção da bandeira nacional ;

Decreto n. 1564 de 13 do mesmo mez, designando logares especiaes para a detenção por effeito do estado de sitio e dando outras providencias ;

governo do marechal Floriano Peixoto foi uma demonstração tacita de aprovação á sua gerencia nos destinos do paiz.

Porém o facto que mais impressionou a todos no decorrer do dia foi o incidente occorrido com um escaler pertencente ao cruzador italiano *Bauzan*.

Vinha o dito escaler transportando o consul da Italia e ao chegar ao cáes *Pharoux*, não sendo reconhecido pela força ahi postada, recebeu uma descarga de fuzilaria de que resultou a morte de um marinheiro da guarnição, Micheli Gidachino. Da conferencia que houve

Decreto n. 1565 de igual data, regulando a liberdade de imprensa durante o estado de sitio;

Decreto n. 1594 A de 4 de novembro, concedendo ás familias das praças de pret da guarda nacional, dos corpos de policia e de outras corporações militarmente organisadas que fallecessem em combate ou em consequencia de ferimentos nelle recebidos, a percepção do soldo correspondente ao posto respectivo;

Decreto n. 1594 B de 6 de novembro, equiparando aos do exercito os officiaes da guarda nacional, dos corpos de policia e outras corporações militarmente organisadas, quanto ao beneficio do meio soldo segundo a lei de 6 de novembro de 1827;

Decreto n. 1594 C, de 7 do mesmo mez, concedendo as praças de pret da guarda nacional, corpos de policia, etc., que se inutilisassem na defesa das instituições constitucionaes, reforma com soldo por inteiro e autorisando o recolhimento das mesmas praças ao asylo dos invalidos da patria:

Decreto n. 1684 de 28 de fevereiro, declarando sujeitos a jurisdicção do fóro militar os crimes que se relacionassem com a rebellião:

Decreto n. 1685 de 5 de março, ampliando as disposições do decreto antecedente n. 1684, quanto aos crimes sujeitos á jurisdicção do fóro militar.

Decreto n. 1687 de 17 de março, mobilisando a guarda nacional do Districto Federal e dos Estados do Rio de Janeiro, S. Paulo, Paraná e Rio Grande do Sul.

entre o consul italiano, o commandante do *Bauzan* e o ministro das relações exteriores ficou assentado que o governo indemnizaria a familia do marinheiro, o que se realizou no dia seguinte, ás 10 da manhã, recebendo o consul a quantia de 100:000\$ do Thesouro Nacional.

A braços com a revolta foi esta a solução mais rapida que entendeu o governo achar para o caso, talvez sem precedentes na historia, e no qual a troca de um punhado de ouro julgava-se uma nação satisfeita com a perda de um de seus filhos.

Si não fôra o procedimento prompto e precipitado do governo, de que hypotheses e razões lançaria mão o governo italiano para fundamentar as suas fracas pretensões com relação ao facto de um escaler, que depois de 6 horas da tarde, sulcava as aguas de um paiz estrangeiro abalado por uma revolta, procurando atracar em um ponto guarnecido por força armada e com ordens terminantes para repellir qualquer tentativa de desembarque?

Sob que pretexto official o consul dessa nação deixava a sua repartição para occupar-se no mar com misteres inherentes a seu cargo?

Na Capital Federal as occurrencias do dia 8 não foram de grande importancia; apenas tornou-se bem significativa a maneira pela qual os Estados da União receberam a noticia da revolta, pelos telegrammas que as folhas diarias inseriram em suas columnas, e nos

quaes os governadores e presidentes manifestavam todo o seu apoio ao poder legalmente constituido; e, a não ser os applausos de despeitados e antipatriotas, poder-se-ia dizer que a revolução foi condemnada em todo o territorio brasileiro.

Com acerto dever-se-ia desde então prophetisar a perda da causa dos revoltosos. Aos primeiros impulsos de entusiasmo de momento succedeu a calma reflectida. Não eram mais os extremados patriotas que, inspirados por uma causa nobre, congregavam-se em torno de um chefe influente e prestigioso para salvar a Nação do opprobrio e da deshonra; eram bravos marinheiros e alguns exaltados cidadãos que pela força das circunstancias acercavam-se do almirante Custodio de Mello e das suas novas posições contemplavam os pontos onde deveria existir um ente querido.

Foi para a capital do Estado visinho que os revoltosos fizeram convergir todos os seus esforços com o fim de, occupada pelas forças e ahi estabelecido o governo provisorio, poderem mais facilmente preparar os elementos para o triumpho da causa.

A's 2 horas da tarde desembarcou na ponte de S. Domingos o 1º tenente Belfort Guimarães que trazia um officio para o Porciuncula, presidente do Estado do Rio, assim concebido :

Commando da esquadra nacional, bordo do couraçado *Aquidaban* na Armação, em 8 de Setembro de 1893.

Cidadão governador do Estado do Rio de Janeiro—Exigencias da revolução da esquadra nacional contra o governo do Sr. vice-presidente da Republica aconselharam-me a

ocupação deste ponto do territorio do Estado que governaes.

Fazendo-vos esta participação e precisando eu de maiores esclarecimentos para servir-me de governo nas ultteriores deliberações, que venha a tomar, tenho a honra de convidar-vos para uma conferencia a bordo do *Aquidaban*, onde me acho—Saude e fraternidade.—*Custodio José de Mello*.

Achando-se ausente o presidente foi o emissario recebido em palacio pelo vice-presidente Dr. Martins Torres com quem conferenciou, manifestando-lhe ao mesmo tempo a esperanza de que o governo estadual guardaria neutralidade sobre os acontecimentos; porém redarguindo o Dr. Martins Torres affiançou-lhe que o governo estadual conservar-se-ia sempre do lado do governo da União.

Poucas horas depois o officio do almirante Custodio era respondido nos seguintes termos :

Cidadão contra-almirante Custodio José de Mello.

Accuso o recebimento do vosso officio de hoje, em que me declaraes que as exigencias da revolução da esquadra nacional contra o governo do Sr. vice-presidente da Republica vos aconselham a occupação deste ponto do territorio do Estado que governo, e tambem me convidaes para uma conferencia á bordo do *Aquidaban*, onde vos achais, por necessitardes de maiores esclarecimentos que vos servirão de governo em ultteriores deliberações.

Por maior que seja o meu desejo em acceder ao vosso convite, não m'o permite leval-o a effeito a consideração de não dever eu no momento afastar-me da capital do Estado do Rio de Janeiro, por motivos que não escaparão ao vosso esclarecido espirito.

Igual honra, porém, terei se para esse fim que declarastes, quizerdes marcar hora em que vos deva receber em

palacio: minha palavra de honra e a de todos os meus amigos, servirá de garantia á vossa pessoa e as dos que vos acompanharem, qualquer que seja a resolução que tomardes, após a conferencia. Aguardo vossa resposta. Saude e fraternidade.—*J. Th. da Porciuncula.*

Durante o dia o *Aquidaban* e *Trajano* cruzaram em frente a Niterôy e o *Republica* esteve ancorado diante da *Armação*.

A' tarde, quasi todos os navios revoltosos estabeleceram-se em linha de combate para proteger o desembarque de forças, o qual foi tentado no meio de um activo tiroteio, sendo os assaltantes repellidos valorosamente por diminuta força de policia ao mando do venerando commandante do regimento Fonseca Ramos que perdeu o cavallo em que montava.

Até o dia 12 os factos que se desenrolaram nas duas cidades fronteiras não se tornaram dignos de especial menção; apenas na Capital Federal a prefeitura tomou energicas providencias no sentido de garantir a população contra o monopolio dos generos alimenticios; e a formação do batalhão 23 de novembro com o batalhão academico vindo de S. Paulo vieram avolumar as fileiras dos esforçados defensores da legalidade.

No mar o cruzador *Republica* ancorando a principio por detraz do morro *S. Bento* e depois tomando posição em frente ao arsenal de guerra, surgiu na madrugada de 12 em frente á *Armação*, bombardeando-a atrozmente,

Tambem as lanchas da escola naval occuparam-se em transportar as familias que se achavam separadas de seus chefes de Paquetá e Niterõy para a cidade do Rio e com a *garantia dos alumnos*.

Pouco tardou que desta cratéra revolucionaria espargissem scentelhas que fossem inflammar outros pontos da Republica.

Em Santos, no dia 11, o commandante do cruzador *Centauro*, capitão de fragata Julio de Brito, achando-se em tratamento em terra, aproveitou-se desta circumstancia o immediato Reis Junior para, fazendo passar para bordo dos rebocadores *Mauro* e *Republicano* a artilharia de bordo, munições, viveres, etc., tomar passagem nesse vapor com o resto da guarnição e sahir barra a fóra sem ser hostilizado pelas fortalezas, tendo anteriormente aberto as valvulas da machina desse navio de guerra que se submergio. Dias depois foram presos na *Ilha Grande* 14 marinheiros nacionaes e um guardião que faziam parte daquella guarnição, os quaes declararam que tinham sido sublevados pelo tenente Reis Junior que os abandonara fugindo. Em virtude dos esforços da *Companhia Docas de Santos*, o *Centauro*, antes de terminada a revolta, já prestava serviços ao governo.

O dia 13 deste mez foi o que mais notavel se tornou durante o periodo da revolta no Rio de Janeiro ; não

por ser aquelle em que o bombardeio para terra fosse mais terrivel e causasse maiores desgraças, mas pelas singulares disposições que tomaram os factos e principalmente porque a população ainda não se achava acostumada a ouvir o ribombo dos canhões e o sibillo das balas ; outros houve em que a acção foi muito mais violenta e as consequencias mais funestas, e no entretanto a população se conservou com mais calma e serenidade.

Logo pela manhã o *Diario Official* publicou a seguinte proclamação :

A' NAÇÃO BRAZILEIRA

Desde o dia 6 do corrente mez a população desta Capital e a do paiz assistem com dolorosa surpresa ao espectáculo da sublevação de uma parte da esquadra nacional, sem que possam perceber nas resoluções revolucionarias dos rebeldes a menor sujeição do bem publico nem a mais simples inspiração patriótica.

A série de factos que d'ahi para cá se tem dado, creou essa situação moral em que está o paiz, em face da qual não devo ser indifferente como primeiro magistrado da Nação para vir fallar perante o povo brazileiro de quem, nesta mesma emergencia, tenho recebido as mais sinceras provas de dedicação e confiança, com as quaes ainda mais forte me julgo para manter inalteravel a ordem publica nesta Capital.

Para isso tenho em derrêdor da autoridade legal e constitucional que represento, além do prestigio moral da Nação a lealdade da força publica, em cujos membros exclusivamente domina neste momento o mais sincero sentimento do dever civico.

Manterei illeso o principio da autoridade e o respeito á lei, não consentirei em actos de depredações e anarchia, que

possam prejudicar os interesses das classes sociaes a quem peço conservem-se calmas e confiantes na resolução em que estou, de defender, não só esses interesses como a honra e o brio da Nação.

Capital Federal, 13 de Setembro de 1893. — FLORIANO PEIXOTO.

Tambem a esquadra estrangeira deixou o seu primitivo ancoradouro, passando a fundear perto da Saude. Foi este facto a causa do verdadeiro terror panico que invadiu o animo de toda a população que, acostumada a contemplar a na sua primitiva posição, confiava na sua attitude com relação á tentativa de bombardeio contra a cidade.

Os boatos entraram então em circulação e começaram a se avolumar de uma maneira extraordinaria; dizia-se que o contra-almirante Custodio de Mello intimára a esquadra estrangeira que suspendesse as ancoras, porque a armada revoltada tinha que entrar em grandes operações.

E de facto, as ordens emanadas de um chefe que se revoltára contra o governo legalmente constituido e como tal reconhecido pelos soberanos de suas nações, foram promptamente cumpridas pelos commandantes dos vasos de guerra estrangeiros.

Outros affirmavam que um official emissario dos revoltosos, desembarcára dirigindo-se ao palacio Itamaraty, onde ia intimar o vice-presidente da Republica a renunciar o poder dentro do prazo que lhe concedia o almirante Mello.

Mais tarde soube-se que este official era o contra-almirante Carlos Balthazar da Silveira, que teve uma

conferencia com o chefe da Nação; voltando segunda vez ao palacio Itamaraty, não foi recebido pelo vice-presidente da Republica.

Por uma publicação incerta em uma folha diaria do seguinte dia declarava o contra-almirante Balthazar da Silveira não se ter apresentado ao vice-presidente na qualidade de parlamentar.

Não funcionando o senado, foi entretanto ahi apresentada e lida a seguinte moção :

« Perante o desatino de uma ambição tresloucada, que, illudindo uma parte da força naval, ataca a Capital Federal, barateando o sangue de seus concidadãos, o senado federal, pelos seus representantes abaixo assignados, faz votos pelo triumpho dos que sustentam a Constituição e o governo estabelecido. E, se por desgraça, os sublevados dominarem esta capital, os representantes da União Federal invocam o patriotismo dos Estados, para que se levantem em massa afim de castigar e esmagar os inimigos da Patria. — *Christiano Ottoni, Gil Goulart, Baena, Quintino Bocayuva, Messias de Gusmão, Monteiro de Barros, Nina Ribeiro, Manoel Barata, Esteves Junior, Gomensoro, Paranhos, Silva Canedo, Rodrigues Alves, Rosa Junior, Joaquim Murtinho.* »

Desde pela manhã, diante da attitude que apresentavam os vasos de guerra da esquadra revoltada, os habitantes da cidade do Rio de Janeiro que residiam nas proximidades do littoral, não trepidaram em abandonar suas casas e procurar a garantia de vidas nos suburbios e sitios bem distantes onde não fossem alcançados pelas balas.

Era realmente contristador o aspecto que apresentavam as ruas da cidade com aquelle precipitado exodo de seus moradores que, obedecendo instinctivamente ao espirito de conservação, procuravam deixar as suas casas o mais cedo possivel.

A estrada de ferro Central do Brazil foi o principal escoadouro para o enorme transbordamento resultante do panico.

Na estação central era dolorosissimo o espectaculo que se observava. Homens, mulheres, velhos e crianças atropelladamente, descalços, extenuados, atiravam-se de encontro as portas, abriam-nas allucinadamente e deixavam-se cahir sobre os bancos e outros agarrados as plataformas, iam por ahi além, sem destino, em procura de um refugio.

Em caminho, os que fugiam gritavam que retrocedessem aos que vinham para a cidade. E estes vendo aquella fuga precipitada, ao observarem a caravana que corria para dentro da linha, que se escapava a pé, de carros, em carroças, desciam nas estações intermedia-rias e regressavam, vindo augmentar o numero dos que inventavam os boatos mais terroristas.

O horario da estrada deixou de ser observado em razão da grande quantidade de especiaes que se organisaram.

Calcula-se que a população destes logares cresceu de umas 100.000 pessoas.

Casas houve onde se alojaram para cima de 60 individuos, algumas de commodos acanhadissimos.

Aquelles que não tinham conhecidos com residencia por essas estações, peregrinavam pelas ruas e estradas até a noite, buscando então refugio nas mattas; e ali sob toldos improvisados com lençoes extendidos sobre as arvores e deitados sobre a relva erguiam louvores a sua boa fortuna por acharem-se livres da sanha infrene dos canhões da esquadra e vociferavam maldições contra os barbaros algozes da liberdade.

Pela manhã o ribombo dos canhões da esquadra revoltosa mostrava aos representantes dos navios estrangeiros como se tratam os compatriotas que têm a hombridade de resistir a uma facção indisciplinada que, seduzida por um chefe ambicioso, esquece todos os seus deveres civicos e obscurece a mais ligeira noção dos principios humanitarios para chafurdar-se no mais horripilante dos crimes.

O *Aquidaban*, *Favary*, *Trajano*, *Marajó* e principalmente o *Republica* corresponderam perfeitamente á espectativa do sanguinario almirante, espalhando, a esmo, os seus projecteis sobre a cidade e de preferencia sobre o arsenal de guerra.

Ultrapassou os limites da loucura o denodo e o entusiasmo com que a guarnição deste estabelecimento, composta em grande parte de inexperientes praças do *batalhão academico*, e distribuidas pelas janellas e portas desse fraco edificio, desafiou com a sua cerrada fuzilaria as granadas dos possantes canhões dos formidaveis vasos de guerra.

Com que intuito o almirante Mello metralhava os pontos mais longiquos do centro populoso e que

resultado favoravel aos seus designios pretendia tirar de tão condemnavel procedimento?

E houve quem attribuisse as balas e granadas que cahiram nos pontos mais centraes da cidade á falta de pratica dos artilheiros!

Como admittir-se semelhante evasiva quando a *Trajano*, passando pela frente do caes Pharoux, atirou cinco ou seis vezes consecutivas sobre o centro da cidade e sem fazer pontaria?

Muitos membros das duas camaras do Congresso, reunidos ao meio dia de 14 no senado federal para deliberarem urgentemente de fórma a ser garantido o governo legal, diante da attitude da esquadra revoltada, e sob a presidencia do venerando democrata Saldanha Marinho, votaram o seguinte manifesto :

A' NAÇÃO

Os membros do Congresso Nacional congregados nesta reunião, asseguram o seu firme e leal apoio ao presidente da Republica, na hora em que a revolta de uma parte da armada nacional ameaça a ordem constitucional da Republica, affronta a dignidade da Nação e empana os brilhos do uniforme glorioso que foi sempre o symbolo da honra e da lealdade.

Profundamente pezarosos por esse tristissimo exemplo da insubordinação de uma parte da força armada, os membros do Congresso Nacional aqui reunidos, confiando na energia e no patriotismo do presidente da Republica, e certos da altivez e da independencia de character dos cidadãos brasileiros, esperam que nem hoje, nem nunca prevalecerá o espirito da caudilhagem sobre os direitos inalienaveis da soberania do povo brasileiro.

Seguem-se 99 assignaturas.

Tambem os commandantes dos navios de guerra *Beagle*, *Bauzan*, *Mindello* e *Aréthuse* que se achavam estacionados em nosso porto, tendo se reunido a bordo deste ultimo, provocaram as seguintes notas do chefe revoltoso, conseguindo refrear a prosecução de seus instinctos sanguinarios :

Os commandantes das forças navaes ingleza, italiana, portugueza e franceza estacionadas na bahia de Guanabara, reunidos hoje, 14 de setembro de 1893, a bordo do cruzador *Aréthuse* ;

Considerando :

1°. Que o almirante Mello deu a conhecer a sua intenção de bombardear o Rio de Janeiro, por meio das fortalezas de *Villegaignon*, *Santa Cruz*, *S. João* e *Lage* ; *

2°. Que foram executadas operações de guerra durante o dia de hontem, 13 de setembro ;

3°. Que hoje comquanto nenhuma nova acção de guerra foi empreendida pelas forças que o almirante Mello commanda, o movimento dos navios estrangeiros que desejam entrar na bahia do Rio, ou sahir della, continúa— sendo impedido por temores mui legitimos ;

4°. Que os navios do commercio, afastados das linhas dos fogos, não podem alcançar o ancoradouro para dedicar-se ás operações de cargas e descargas ;

5°. Que resulta de todos esses tropeços um transtorno grave e constante para o commercio e os interesses dos estrangeiros estabelecidos na cidade — situação que não pôde prolongar-se.

Tem a honra de pedir ao Sr. Mello :

1°. Que se sirva dar-lhe a conhecer as operações que, intentadas por elle ulteriormente na bahia do Rio de Janeiro, possam affectar os interesses do commercio e a segurança dos estrangeiros ;

* O grypho é nosso.

2.º Que queira fixar para cada dia um periodo sufficiente para que os navios que desejem entrar na bahia, ou sahir, possam fazel-o com toda a segurança.

(Assignaturas dos commandantes).

Esta nota obteve a seguinte resposta:

Commando das forças navaes insurgentes da Republica do Brazil.

Bordo do *Aquidaban* no Rio de Janeiro, 15 de Setembro de 1893.

O contra-almirante Mello tem a honra de accusar o recebimento da nota que, com data de hontem lhe dirigiram os chefes dos navios estrangeiros, e respondel-a:

1.º Que, não deixará de dar-lhes a conhecer as operações de guerra nesta bahia, as quaes possam affectar os interesses do commercio e a segurança dos estrangeiros;

2.º Que, desgraçadamente, em consequencia das razões que exporá mais adiante, lhe é impossivel fixar para cada dia um periodo sufficiente para que os navios que desejem entrar ou sahir da bahia o façam com toda a segurança.

Com effeito os signatarios da nota terão visto que o marechal Peixoto collocou canhões nas alturas que dominam a bahia, taes como o morro do Castello, o morro de São Bento, etc., e que esses canhões dispararam sobre os navios revoltados, não sómente durante o dia do bombardeio, como hontem, á noite, sem que provocação alguma lhes houvesse sido feita.

O almirante Mello, ao communicar aos signatarios um facto tão irregular e deshumano, como a collocação de canhões em meio de uma povoação pacifica para praticar actos de guerra ao alcance dos canhões inimigos, aproveita esta occasião para tomar as medidas que julgará convenientes para salvaguardar a vida e os interesses de seus compatriotas e de todos os estrangeiros e em geral, tendo em conta que está resolvido a responder aos insultos dos canhões de terra com a artilharia de bordo.

O Sr. Mello promette que tão promptamente tenha a certeza de que não será hostilizado pelas baterias de terra

se apressará em fazer justiça aos seus pedidos referentes aos interesses do commercio e a segurança dos estrangeiros.

(Assignado) Contra-almirante *Mello.*»

« Os commandantes dos navios estrangeiros reunidos hoje 16 de setembro, a bordo do *Aréthuse*, têm a honra de communicar ao contra-almirante Mello, baseando-se na declaração contida em sua carta de 13 de setembro de 1893, de que não atirá sobre o Rio de Janeiro, se esta se abster de hostilidades contra as forças do seu commando, que pediram aos ministros da Inglaterra, Italia, Portugal e França que, em nome dos principios de humanidade, expuzessem ao governo do marechal Floriano Peixoto as consequências fataes que podem trazer para a cidade os fogos dos canhões que fez collocar em baterias desde a abertura das hostilidades.

Os referidos ministros communicaram haver obtido em nome dos proprios principios de humanidade que os canhões collocados no Rio não rompessem fogo contra as forças sob o commando do contra-almirante Mello, sem que estas hostilizem a cidade.

Os commandantes das forças navaes estrangeiras confiam que o contra-almirante Mello se absterá de qualquer operação que possa considerar-se como hostil.

O contra-almirante Mello recebeu a nota anterior dos commandantes das forças navaes estrangeiras e ficou sciente de que estas se opporão até pela força contra qualquer ataque a cidade.

Se o pensamento dos signatarios, diz o contra-almirante, é proteger a vida e os interesses dos habitantes do Rio de Janeiro, recorda-lhes que a conducta seguida até agora é prova manifesta do cuidado que tem empregado como homem e como brasileiro para poupar o mais possivel a vida desses habitantes.

Desde porém que o governo do marechal Floriano Peixoto transformou o Rio de Janeiro em uma praça de guerra,

como o provam, entre outras cousas, a nomeação de um commandante militar, a ordem escripta de fazer fuzilar os cidadãos que commettam certos delictos, e sobretudo a construcção de baterias de artilharia nos montes que dominam a bahia, os signatarios da referida nota, conclue o almirante, não deixarão de comprehender que está em seu pleno direito não só de responder ao ataque e bombardeio dessas baterias, como tambem de operar um desembarque na cidade e tal é a consciencia desse direito, que não tem o menor receio a proposito das consequencias que esse procedimento poderá acarretar.

Em ordem do dia datada de 16 o quartel-general de marinha, de accôrdo com o art. 3 da lei de 26 de maio de 1835, considerou ausentes, para os effeitos das penas especificadas na mesma o contra-almirante Custodio José de Mello e os officiaes da armada e classes annexas em numero de 54.

Com as subseqüentes deserções este numero elevou-se a 83 officiaes que representavam insignificante minoria no quadro effectivo de 456 officiaes de que se compõe o corpo da armada e classes annexas.

Conformando-se com as desencontradas opiniões de muitos cidadãos que se achavam a bordo, e tendo-se mallogrado o primeiro plano da tomada de Santos, permaneceu o almirante Mello na bahia do Rio de Janeiro sem tentar uma acção decisiva, procurando mesmo acceder aos rogos do commandante da fortaleza de Ville-gaignon, que com a retirada dos navios da esquadra

achar-se-ia em afflictivas condições. Só depois de haver perdido um tempo precioso, foi que resolveu operar em outro ponto e preparou uma expedição de cujo desempenho encarregou ao capitão de mar e guerra Frederico Guilherme Lorena, que á bordo do *Aquidaban* se incompatibilisara com o seu commandante Alexandrino de Alencar e entregou-lhe as seguintes instrucções :

Commando em chefe da esquadra revolucionaria.— Bordo do encouraçado *Aquidaban*, no Rio de Janeiro, em 16 de setembro de 1893.

Instrucções que deverão reger ao Sr. capitão de mar e guerra Frederico Guilherme Lorena, no exercicio da commissão de guerra que vai desempenhar fóra do porto do Rio de Janeiro :

O objectivo que se propõe conseguir no commando em chefe da esquadra revolucionaria, por meio da divisão expedicionaria, composta do cruzador *Republica*, torpedeira *Marcilio Dias* e transporte *Pallas*, ao mando superior do capitão de mar e guerra Frederico Guilherme Lorena é accelerar a terminação da luta contra o governo dictatorial do Sr. vicepresidente da Republica, fazendo entrar a Nação no dominio da paz e na posse de si mesma.

O commando em chefe da esquadra deixa á habilidade, prudencia e zelo do Sr. capitão de mar e guerra Lorena a adopção das medidas que convenha empregar para a consecução desse importante objectivo, e, portanto, limita-se a fazer as seguintes prescripções:

1^a—Transposta a barra do Rio de Janeiro, no correr da noite de hoje, 16 de setembro, como é de esperar da impotencia dos fortes da nossa barra e da coragem daquelles a quem incumbe realizar o primeiro acto de ousadia da esquadra revolucionaria, singrar em demanda do porto de Sepetiba, afim de ahi obstar as communicações do governo por via de mar ;

2ª—Destruir ou inutilisar os elementos de defesa de que possa dispôr o governo, tanto naquella paragem, como nos portos intermediarios ou mais proximos, utilizando os que aproveitem aos intuitos da revolução :

3ª—Apprehender a bordo dos navios mercantes nacionaes, mediante recibo, todos os generos ou comestiveis precisos ao entretenimento da esquadra ;

4ª—Destacar opportunamente mais de um navio encorporado á divisão, ou que a ella se venham encorporar, para communicar com os vasos de guerra estacionados ao norte e sul da Republica, incumbindo a uns, como a outros, de transmittir, observar ou fazer executar as instrucções que julgue necessario expedir em bem dos serviços a desempenhar.

5ª—Instruir ao commando em chefe da esquadra dos acontecimentos mais importantes que se fôrem dando, servindo-se para esse fim, e na falta de outros meios de communicação, da torpedeira *Marcilio Dias*.—(Assignado): *Custodio Jose de Mello*, contra-almirante.

A's primeiras horas dos dias 17 e 18 foram abundantes em sobresaltos e inquietações para o povo da Capital Federal, o qual foi despertado com o vivissimo bombardeio, que se empenhava entre as fortalezas e navios da esquadra.

No primeiro dia foi o cruzador *Republica* (*) que se aproveitando da intensa cerração existente na bahia, havia illudido a vigilancia da barra e tomado o rumo do sul. Anteriormente aquelle vaso de guerra havia permanecido

(*) Eis a officialidade deste cruzador: chefe da expedição, capitão de mar e guerra Frederico G. Lorena; commandante capitão-tenente Candido Lara, immediato 1º tenente Alvaro Ribeiro Graça; officiaes: 1ºs tenentes Felinto Perry, Manoel Pacheco de Carvalho Junior, Arnaldo Sampaio, Arlindo do Valle, Theotonio Pereira; 2ºs tenentes Honorio de Barros e Eduardo Piragibe. Tambem iam a bordo: Annibal Eloy Cardoso, Dr. João Pedroso de Albuquerque Sobrinho, J. J. Cesar, Dr. Manoel Lavrador e o capitão Miranda Carvalho.

alguns dias ancorado no Mocanguê, onde foi completamente pintado de preto para não ser distinguido na escuridão da noite.

Animado pelo feliz resultado de sua temeraria empreza, o chefe rebelde fez sahir o resto da esquadilha composta do frigorifico *Pallas*, commandado pelo 1.^o tenente Pio Torrelly, e da torpedeira *Marcilio Dias*, commandada pelo 1.^o tenente Francisco de Mattos, para forçar a barra na madrugada do dia seguinte; blindado com fardos de algodão, transpoz este navio com a alludida torpedeira o canal da barra debaixo de uma chuva de projectis, conduzindo grande quantidade de material bellico e tropa de desembarque que devia operar no sul.

Convém ficar consignado que, quando sob o commando do 1.^o tenente Firmino de Moraes Ancora o *Pallas* tentou sahir com o *Republica*, não o conseguiu; o mesmo deu-se com o *Marcilio Dias*, ficando por esta fórma alteradas as *instrucções*.

Durante a acção o *Aquidaban* com o fim de difficultar as pontarias das peças das fortalezas da barra, projectava a luz de seu holophote com toda a intensidade sobre as baterias inimigas.

A tão decantada inexpugnabilidade de nossa barra transformou-se em um simples vocabulo depois deste feito, o qual veio tambem despertar ao governo a urgente necessidade de ser quanto antes melhorado o nosso material bellico e condições estrategicas, destinados á defesa do porto.

No dia 23 ancorou no porto da cidade de Angra dos Reis a torpedeira *Marcilio Dias*, que havia desgarrado da

esquadilha; saltando em terra o seu commandante 1.^o tenente Francisco de Mattos, inutilisou osapparelhos telegraphicos, apezar da resistencia que lhe oppôz a estacionaria e apoderou-se do armamento da guarda policial, depois do que retirou-se para bordo e tomou o rumo de Ubatuba.

O *Republica*, chegando ao porto de S. Francisco, em Santa Catharina, passou a fundear em Cannavieiras a 25 de setembro e só a 27 foi que appareceu o *Pallas*, que vinha de Itajahy. Depois de um ligeiro tiroteio com as forças de terra commandadas pelo coronel Serra Martins, ancorou neste mesmo dia o *Republica* defronte do Desterro.

Até o ultimo do mez, quasi sem interrupção, eram hostilizadas as fortalezas da barra pelos navios da esquadra: *Aquidaban*, *Javary* e *Trajano*, que tambem atiravam deshumanamente para terra, victimando os inoffensivos habitantes da cidade.

Um dos mais terriveis foi o bombardeio de 25, quando, pretextando os revoltosos retomar o rebocador *Audaz*, que se achava nas docas da Alfandega, atiraram desapiedadamente sobre a cidade, indo até uma bala do *Aquidaban* cair na rua do Ouvidor, sobre a cupola da torre da igreja da *Lapa dos Mercadores*, a qual destruiu uma parte desse templo e damnificou o predio contiguo.

Durante a noite lanchas artilhadas percorreram as praias hostilizando as forças de terra que guarneciam o littoral e augmentando o sobresalto dos já attonitos moradores.

Quantos desaffectedos e inimigos não provocou este ignobil procedimento ?

Tambem ás 3 horas da tarde do dia 20 os revoltosos conseguiram desembarcar na Armação. Em numero de cerca de 80 e commandados por um official trajando uniforme branco, transpuzeram o portão e avançaram para o laboratorio.

A força do 23 batalhão de infantaria que antes da revolta achava-se ao serviço do presidente do Estado e que ao se manifestar esta tinha sido enviada para guarnecer o forte do Pico, conseguiu deter os assaltantes no proseguimento de suas operações. Depois de carregarem diversos fardos, no que foram protegidos pelo frigorifico *Jupiter*, retiraram-se.

Outro facto que tambem revela o espirito infernal dessa horda de inclementes brasileiros passou-se em a noite do dia 22: um grupo de malfeitores atirou tres bombas de dynamite para dentro do tunnel n. 13 da estrada de ferro Central do Brazil e que fica entre as estações de Mendes e Rodeio. Apenas detonaram duas, que damnificando a bocca do tunnel não impediram a passagem dos trens.

« E a guarnição do *Riachuelo* terá adherido á revolta ? »

Era a pergunta que muitos faziam a si mesmos; mas a prova do contrario tiveram com o seguinte telegramma :

TOULON, 23.—Lamento a revolta da esquadra que muito prejudica o futuro da Patria.—Já comecei as obras do navio.—

Proença, capitão de mar e guerra, commandante do couraçado *Riachuelo*.

e com a seguinte ordem do dia, publicada anteriormente ao desfecho da luta no porto do Rio de Janeiro :

« Commando da divisão naval do Brazil em Toulon, bordo do couraçado *Riachuelo*, em 5 de Março de 1894. — Tendo chegado, para reforço da guarnição do cruzador *Benjamin Constant*, um contingente de varios officiaes e praças do exercito e de voluntarios, deu o Sr. commandante desse navio as necessarias ordens no sentido de ser esse pessoal accomodado e distribuido a bordo para o serviço das differentes fainas determinadas pela nossa ordenança, providenciando para que haja entre uns e outros a ordem e a harmonia que devem reinar entre todos os que, pertençam as classes a que pertencerem, vêm com os intuitos dignos e louvaveis de esmagar com presteza e energia a hydra feroz da revolta, que parte da nossa esquadra, abusando da força dos canhões que lhe foram confiados, levantou para macular os louros e as brilhantes tradições de uma corporação que sempre se tornara conspicua pela disciplina, correccão e nobreza de seu proceder.

Aquelles que, desconhecendo os verdadeiros interesses da patria, ousarem, ainda que de leve, interromper a harmonia que deve reinar entre todos a bordo do cruzador *Benjamin Constant*, serão immediatamente presos e severamente punidos.

Unamo-nos como brasileiros e patriotas, e procuremos sem distincção de classes, reconquistar a felicidade e a paz que deve existir entre todos os brasileiros amigos do Brazil e da Republica, ficando todos, armada e exercito, ornados pelos mesmos louros que tantas vezes nos cobriram a fronte em Paysandú, Riachuelo, Mercedes e Cuevas—*João Justino de Proença*, capitão de mar e guerra, commandante.»

Emfim, não terminou o mez de setembro sem que a laboriosa e pacata população da cidade do Rio de

Janeiro não fosse cerceada em sua actividade industrial e commercial e sobresaltada com os seguintes boletins officiaes que os ministros da Inglaterra e França publicaram para conhecimento de seus subditos :

« Mensagem de S. Ex. Hugh Windham Esq.—As forças reunidas estrangeiras já tomaram as necessarias medidas para proteger todos os estrangeiros, se a cidade fôr entregue a anarchia e ao saque. Em tal caso deverão procurar o Largo do Paço, onde serão protegidos pelas forças reunidas da esquadra estrangeira :

« O Sr. Windham foi informado de que Santa Cruz seria bombardeada entre meio dia e uma hora da tarde de hoje, o mais tardar, e recommenda a todos os subditos inglezes que se retirem sem demora para logares seguros. »

« Em caso de tentativa de saque ou de anarchia na cidade do Rio, são convidados os francezes a reunirem-se na praça D. Pedro II, actualmente Largo do Paço, onde um destacamento das forças da esquadra estrangeira está encarregado de assegurar-lhes protecção. »

Como são edificantes estes documentos para a nossa historia ! . . .

Com que desembaraço os representantes dessas duas nações amigas assacavam as nossas tradições e menosprezavam a soberania nacional ! . . .

O procedimento incorrecto dos diplomatas das duas potencias europeas provocou da parte dos ministros representantes das nações sul-americanas a seguinte declaração :

« Os abaixo assignados julgam cumprir um dever declarando :

1.º Que não tiveram participação alguma nos accórdos, conferencias, etc., que a imprensa e os rumores publicos dão como celebrados pelo corpo diplomatico;

2.º Que do accôrdo especial a que se refere o aviso que deram aos estrangeiros os Srs. ministro plenipotenciario da Inglaterra e o encarregado de negocios da França offerecendo-lhes protecção prestada por forças da esquadra estrangeira no Largo do Paço, se occorressem os casos de anarchia ou saque, apenas tiveram conhecimento pelos jornaes;

3.º Que de outros accôrds relacionados com a actual situação politica do Brazil só têm tido noticia por um acto de especial deferencia de S. Ex. o Sr. ministro da Inglaterra.

Rio de Janeiro, em 4 de Outubro de 1893.

G. A. Seoane, enviado extraordinario e ministro plenipotenciario do Perú.—*Augustin Arroyo*, enviado extraordinario e ministro plenipotenciario da Republica Argentina.—*M. R. Lira*, enviado extraordinario e ministro plenipotenciario do Chile,—*Isaac Tamayo*, enviado extraordinario e ministro plenipotenciario da Bolivia.—*J. Vasquez Sagastume*, enviado extraordinario e ministro plenipotenciario do Uruguay»

Como protesto ao procedimento daquellas legações a policia fez distribuir e affixar em varios pontos da cidade o seguinte

BOLETIM

Tendo sido espalhados boletins em que se admittia a possibilidade de ser esta capital entregue á anarchia e ao saque, o Governo declara que dispõe de todos os elementos para manter a ordem, e que fará immediatamente fuzilar todo aquelle que attentar contra a propriedade particular.

Mas nem assim o terror popular desrecredeceu. A affluencia para os suburbios foi enorme; calcula-se que a estrada de ferro Central transportou em 7 horas para mais de 45.000 pessoas.

E não eram infundados esses temores, porquanto ás 2 horas da tarde começou o bombardeio cerrado e violento entre os navios *Aquidaban*, *Javary*, *Trajano* e

Guanabara e as fortalezas da barra, enquanto o *Jupiter* fazia fogo de tiro rapido para a Armação.

Foram estas as partes officiaes dadas pelos commandantes daquellas praças de guerra e nas quaes são relatados os acontecimentos :

FORTALEZA DE SANTA CRUZ, 30.— Pouco depois das 2 horas o *Aquidaban*, *Trajano*, *Javary* e *Guanabara*, tendo tomado posições de combate, romperam fogo contra nós, Lage e S. João. Respondemos convenientemente, não tendo iniciado antes delles o fogo, afim de não allegarem provocação e sob tal pretexto bombardearem a cidade.

Apenas soffremos pequenos damnos materiaes. A guarnição enthusiasmada saudou o marechal Floriano e a vós. Cahindo forte aguaceiro pouco depois das 4 horas e produzindo cerração, os navios afastaram-se cessando por isso o fogo de parte a parte.—*Pedro Alves*, tenente-coronel.

FORTALEZA DE S. JOÃO, 30.— Communico-vos que esta guarnição respondeu, como lhe cumpria, com dignidade, maior coragem, dedicação e prudencia ao bombardeio da parte da esquadra revoltada.

Poucos projectis foram atirados a esta fortaleza, não havendo resultado a lamentar. — *Marciano de Magalhães*, coronel-commandante.

A principio as ruas e praias tornaram-se desertas ; mas logo que se soube onde era o campo de operações, o povo affluiu para o littoral e cáes e ahi se conservou até ao anoitecer, apesar da chuva impertinente que mal deixava distinguir as fortalezas e navios.

—

Não terminou o primeiro mez da revolta sem que o contra-almirante Custodio de Mello manifestasse os

resaibos de sua eloquencia em um segundo manifesto que, publicado pela *Gazeta da Tarde*, importou na suspensão deste periodico no dia seguinte ; eil-o :

« Do manifesto que vos dirigi no dia 6 do corrente, se vê que eu assignalei como intuitos principaes da revolução que, á testa dos navios de guerra ancorados neste porto, inicii contra o governo dictatorial do vice-presidente da Republica ; o restabelecimento do imperio da Constituição, a pacificação da Republica e a eliminação do militarismo.

São já decorridos 24 dias, e nem um só dos navios de guerra estacionados fóra deste porto se manifestou contra o altivo e patriótico arrojo de seus irmãos de armas ; ao contrario, as suas sympathias são todas pela revolução cujos intuitos são em tudo os mesmos da do Rio Grande do Sul.

Contra estas só se tem declarado as autoridades creadas pelo vice-presidente da Republica.

Se esses factos, positivos, não bastam para mostrar o isolamento em que o vice-presidente se acha no meio da Nação, outros mais significativos vieram pôr em evidencia manifesta a sua fraqueza ; refiro-me aos meios de que já está lançando mão para debellar a revolução.

Estes meios são a *mentira*, a *corrupção*, a *astucia*, a *perfidia* e o proprio crime, sob as fórmãs mais indignas e hediondas.

Tem-se *mentido* á Nação : 1º, dizendo-se que o movel da minha conducta foi a ambição do poder, fingindo-se ignorar que não pôde ser um ambicioso o homem que pela revolução de 23 de Novembro de 1891, deu o poder ao vice-presidente da Republica e que abandonou o cargo de ministro da marinha (que as circumstancias o obrigaram a aceitar) logo que reconheceu impossibilidade de impedil-o de continuar a abusar de sua autoridade e que elle resolvera fazer proseguir caprichosamente a guerra civil no Rio Grande do Sul, a despeito dos votos de pacificação universalmente manifestados pela Nação ; 2º, affirmando-se que o vice-presidente da Republica dispõe de poderosos meios de acção e que a esquadra revoltada não pôde sahir

deste porto, por causa dos torpedos collocados na entrada da barra.

Tem-se empregado a *corrupção* em todas as suas formas mais ou menos seductoras, principalmente : 1º, junto aos officiaes de marinha que ficaram em terra (reunião no Arsenal de Marinha, no dia 8 do corrente); 2º, mandando-se offerer grossas sommas aos officiaes inferiores do corpo de marinheiros nacionaes, para sublevarem a guarnição da fortaleza de Villegaignon ; 3º, augmentando o soldo da guarnição de terra.

Tem-se empregado a *astucia* principalmente : 1º, com o fim de retirar á revolução o concurso que lhe advem da neutralidade da poderosa fortaleza de Villegaignon, tentando-se primeiramente substituir o actual commandante pelo capitão de mar e guerra Baptista de Leão, o qual foi repellido pela officialidade da fortaleza; depois, mandando-se alli apresentar, para substituir esta officialidade, uma numerosa commissão de officiaes, á testa da qual se collocou o vice-almirante reformado Jeronymo Gonçalves, o qual foi repellido a tiro de espingarda pelos marinheiros nacionaes indignados; 2º, ordenando ao commandante do couraçado *Bahia*, estacionado em Montevidéo, que se afastasse para estacionar na cidade do Rosario, da Republica Argentina, e ao do cruzador *Tiradentes*, que mandasse o navio entrar para o dique de Montevidéo, onde a sua machina foi inutilisada, o que deu logar á sublevação da guarnição, a qual só foi suffocada com o auxilio das autoridades de terra; 3º, attrahindo o odioso para a esquadra revoltada, dizendo que ella tem bombardeado a pacifica população do Rio de Janeiro com o fim unico de obrigar-a impor ao vice-presidente o abandono do poder.

Tem-se recorrido á *perfidia* em diferentes casos, dos quaes o mais indigno (porque attinge a propria honra nacional) é o seguinte : no dia 27 do corrente foi apprehendida por uma embarcação do cruzador inglez *Sirius* uma lancha a vapor, com bandeira ingleza, que estacionava nas immedições do couraçado *Aquidaban*, e nella foram encontrados um grande torpedo e algumas centenas de cartuchos de dynamite.

Guarneciam esta lancha dois inglezes, dois americanos, um belga, um allemão e tres brasileiros.

Tem-se finalmente recorrido ao proprio crime de *assassinato*. Com effeito, ao cahir da noite de 24 do corrente, apresentou-se a bordo do *Aquidaban* um catraeiro hespanhol, dizendo que era portador de um objecto para ser entregue em mão propria do almirante Mello. Este objecto era uma machina infernal, preparada dentro de um livro por meio de dynamite.

Para conservar a prova de tão infame tentativa de assassinato, lavrou-se uma acta que foi assignada por muitas pessoas de bordo e pelo proprio portador da machina infernal, a qual foi mostrada aos commandantes dos navios de guerra estrangeiros e fica em meu poder.

A simples exposição destes factos basta para patentear a fraqueza em que se debate o dictador em face da revolução, que o traz sitiado no proprio reducto de sua residencia, a Capital da Republica, e reflecte essa politica anti-patriotica, immoral e criminosa que reduziu o Brazil ao estado em que o vemos e que justifica plenamente a revolução.

O unico baluarte onde o vice-presidente da Republica ainda encontra apoio é a fortaleza de Santa Cruz; mas a importancia desta fortaleza contra a esquadra foi posta em evidencia por occasião da sahida de uma divisão nossa, composta de vapores armados em guerra e torpedeira, comboidos pelo cruzador *Republica*, para operar nas costas do Sul.

Quanto ao bombardeio de 13 do corrente, o seu fim foi unicamente fazer calar as baterias de artilheria que do morro do Castello e S. Bento atiravam sobre a esquadra; e do dia 25 contra o Arsenal de Marinha e as Docas da Alfandega, foi para em consequencia de não ser attendida a intimação feita mandar-se entregar á esquadra ou ao commandante de um navio de guerra estrangeiro o rebocador *Audaz* e outras embarcações que naquellas dócas se armavam em guerra contra a esquadra.

Eis ahí, meus concidadãos, a situação reciproca da revolução e do governo pessoal do vice-presidente da Republica, encurralado na Capital Federal e sem poder ir em

socorro dos Estados. No dia em que me parecer conveniente auxiliá-los a sacudir o jugo da tyrannia, fal-o-hei, e a esquadra encontrará na costa do littoral os recursos de que precisa, além dos que já estão armazenados nos navios apprehendidos neste porto; nesse dia a victoria da revolução será definitiva, se antes disso os brazileiros não comprehendem que estão sendo cúmplices de um crime de lesa-patria praticado por um homem cujo unico idéal é a conservação do poder e que a outros principios não obedece senão aos que atacam flagrantemente a Constituição, desde o esbanjamento a mãos largas, dos dinheiros publicos até a intimidação e o terror.

Nunca a liberdade e a justiça da Republica foram vencidas pela tyrannia e pelo arbitrio.

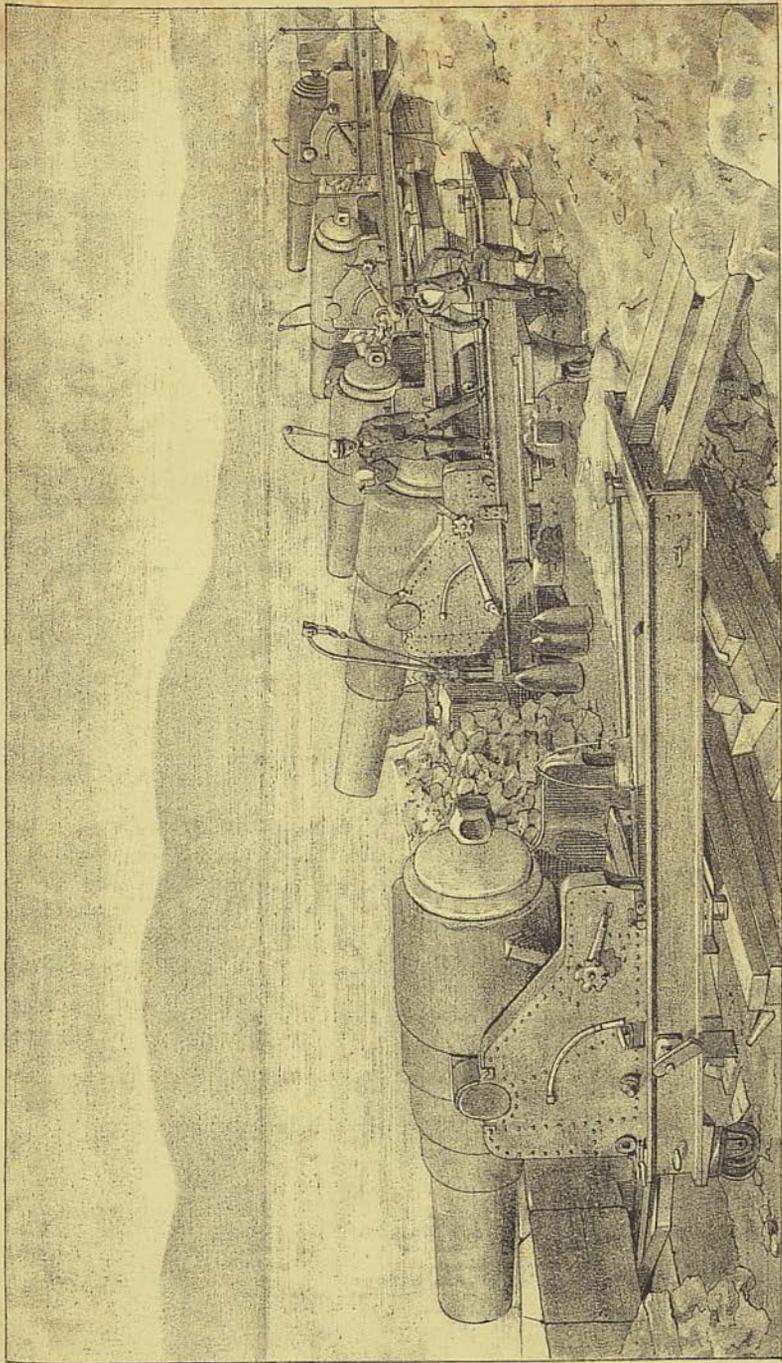
As leis divinas são infalliveis; infallivel será o triumpho da nossa causa.—*Custodio José de Mello*, contra-almirante.

Bordo do *Aquidaban*, no porto do Rio de Janeiro, em 30 de setembro de 1893. »

São dignas de attenta leitura as seguintes notas diplomaticas trocadas por essa época :

« Os commandantes das forças navaes ingleza, italiana, americana, portugueza e franceza, na bahia do Rio de Janeiro, declararam ao Sr. contra-almirante Mello que se opporiam pela força se necessario fosse, a todas as suas tentativas contra a cidade do Rio de Janeiro.

Os representantes da Inglaterra, Portugal, Italia, Estados Unidos da America do Norte e França,—sem abandonar a norma até hoje seguida de não se involverem nos negocios internos do Brazil, mas sim de garantirem a protecção e a segurança dos seus nacionaes respectivos e dos interesses



FORTALEZA DE VILLEGAINON — (CANHÕES DE 300 A 450)

superiores da humanidade, têm a honra á vista da precipitada declaração dos commandantes estrangeiros de insistir junto do governo da Republica dos Estados Unidos do Brazil para que elle tire ao Sr. contra-almirante Mello todo o pretexto de hostilidade contra a cidade do Rio de Janeiro.

Os representantes das mesmas Potencias, no caso em que o governo federal julgue não dever acquiescer a este pedido, communicarão a sua resposta a seus governos respectivos, pedindo-lhes instrucções.—Rio de Janeiro, 2 de Outubro de 1893.—A sua excellencia o Sr. João Felipe Pereira, ministro das Relações Exteriores. »

O governo respondeu :

« O Sr. vice-presidente da Republica dos Estados-Unidos do Brazil vê com satisfação que os Srs. commandantes das forças navaes ingleza, italiana, americana, portugueza e franceza declararam ao contra-almirante Custodio José de Mello, que, se fôr necessario, se opporão pela força a todas as suas emprezas contra a cidade do Rio de Janeiro.

Os Srs. representantes da Inglaterra, Portugal, Italia, Estados-Unidos da America e França podem estar certos de que aquella intimação não será prejudicada por acto do governo brasileiro, o qual ha de tirar ao dito contra-almirante todo o pretexto para hostilisar a mesma cidade. Rio de Janeiro, 3 de Outubro de 1893. Aos Srs. representantes da Inglaterra, Portugal, Italia, Estados-Unidos da America e França.— *João Felipe Pereira.* »

A imparcialidade com que temos apreciado os acontecimentos de parte a parte impelle-nos a um opportuno protesto, erguido em nome da soberania nacional, contra a attitude humilhante que assumio o nosso governo diante das arrogantes fórmulas imperativas que contém a nota dos representantes diplomaticos.

O primeiro septenario de outubro foi de verdadeiro

martyrio para os habitantes de Niterôy, onde as granadas, bombas e metralhas dos revoltosos puniram-nos do crime de fidelidade e respeito a Constituição. A Armação, considerada a parte vulneravel da cubiçosa presa e tambem por ser o deposito de munições bellicas, foi o theatro de lutas constantes e onde os rebeldes por varias vezes desembarcaram para retirar munições. As tentativas mais importantes de desembarque e occupação desse ponto foram : — a 6 quando, apezar de protegidos pelos canhões de seus navios, foram heroicamente repellidos pelas forças alli estacionadas ; — a 13 quando, sempre secundados pelo bombardeio da *Guanabara* e alguns frigorificos, desembarcaram 150 marinheiros que chegando mesmo a arvorar uma bandeira branca no alto do morro, foram desalojados dessa posição ; — a 16 porquanto, tendo a lancha *Dr. Coutinho* e o rebocador *Guanabara*, desembarcado cerca de 60 homens que começaram a carregar munições, e sendo presentidos pelas forças de terra foram obrigados a reembarcar precipitadamente ; em represalia o *Aquidaban*, *Favary* e *Guanabara* bombardearam atrozmente a cidade, que soffreu grandes estragos ; — e finalmente a 19 quando, sendo ainda repellidos pelas forças de terra, vingaram-se em atirar para a cidade.

Em todos estes bombardeios as fortalezas da barra no louvavel intuito de alliviar a cidade de semelhante flagello, davam alguns disparos com o fim de attrahil-os para luta e no que raramente eram satisfeitas.

Foi durante um destes bombardeios que se operou a explosão do paiol da polvora das *Lages do Mocanguê*

Grande, acontecimento resumidamente narrado ao governo no seguinte telegramma :

NITHEROY, 25. — O tenente Pinheiro, atirando com um canhão Krupp, da Ponta da Areia, fez saltar os depositos de polvora dos revoltosos. — O chefe de policia, *Eduwiges de Queiroz*.

Na Capital Federal, as circumvizinhanças da Gambôa, Saude e Prainha sempre eram vigiadas pelos revoltosos que aguardavam todos os momentos favoraveis afim de assenhorearem-se dos vapores que ahí atracavam para desembarcar generos alimenticios e mercadorias.

No mesmo dia em que varias casas commerciaes recebiam uma carta enviada pelo ministro plenipotenciario da Grã-Bretanha (*) pelas 7 horas da manhã, dois navios frigorificos, uma torpedeira e as lanchas *Lucy*, *Vulcano* e *Gloria*, auxiliados pelo *Trajano* tomaram posição em linha de combate para aprisionar o navio mercante *Barão de S. Diogo* que se achava atracado ao trapiche Lloyd, na Prainha; trazia este vapor um grande carregamento de viveres. Declarados os seus intentos rompeu de terra cerrada fuzilaria contra aquellas embarcações dos revoltosos, a qual era auxiliada com alguns

(*) Rio, 5 de Outubro de 1893.—Senhor, como parece haver toda a probabilidade de continuarem hoje as hostilidades entre o governo e os insurrectos, peço me faça o obsequio de avisar os subditos britannicos para que fechem os seus estabelecimentos e se retirem para logares de segurança.

Isso sem perda de tempo

disparos de *Krupp* do Lloyd e com as baterias da *Mortona* e *S. Bento*. Do mar foi soltada verdadeira chuva de balas, que se espalharam por toda a cidade e até foram ter a logares bem distantes, ocasionando mortes e ferimentos em sua pacifica população. Foi uma das lutas mais renhidas que houve desde o rompimento da revolta.

Com relação a este facto foram trocadas entre o almirante Mello e os commandantes das forças navaes estrangeiras as seguintes notas :

« O almirante Mello tem a honra de chamar a attenção dos commandantes das forças navaes estrangeiras para um facto muito significativo que occorreu esta manhã.

Devido a um pequeno movimento dos revoltosos com o fim de apprehender um navio mercante brasileiro, ancorado proximo ao littoral do Rio, os revoltosos foram recebidos a tiros e a canhoneio procedentes das costas e das alturas de *S. Bento* e da *Gambôa*.

Obedecendo ás ordens recebidas o commandante das forças revoltadas retirou-se, após haver conseguido um dos objectivos da expedição, que era comprovar se as forças de Peixoto atirariam ou não primeiramente sobre os revoltosos.

Feita esta prova, e mesmo que o Rio é effectivamente uma praça de guerra, o Sr. Mello confirma a communicação dirigida aos commandantes das forças navaes estrangeiras, em data de 2 do corrente, para afastar de si toda a responsabilidade procedente das futuras aggressões de Peixoto. — Assignado *Mello*. »

« Os commandantes das forças navaes estrangeiras têm a honra de informar ao Sr. Mello que hoje 5 de Outubro de 1893, receberam, por intermedio dos ministros de Inglaterra, Portugal, Italia, Estados Unidos e França, a nota seguinte, que lhes foi dirigida officialmente com a data de 5 de Outubro de 1893 pelo ministro das relações exteriores do Brazil.

Está concebida nos seguintes termos:

« O Governo vai ordenar que os canhões sejam retirados das baterias collocadas no Rio de Janeiro ».

(Assignam todos os commandantes).

Um dos dias de maior anciedade para a população fluminense foi sem duvida o de 9 de outubro.

Logo pela manhã, todas as vistas convergiram para a fortaleza de Villegaignon que amanhecera com a flammula branca hasteada em um de seus mastros, annunciando por esta fôrma ter rompido a neutralidade até então mantida. Durante o dia um grande movimento de lanchas e rebocadores operou-se em frente da praça insurrecta, donde eram transportadas muitas praças para os diversos navios da esquadra; mas a fortaleza se conservou silenciosa.

A officialidade da fortaleza que acabava de resolver-se, explicando a sua attitude, formulou o seguinte manifesto:

Corpo de Marinheiros Nacionaes, em 8 de Outubro de 1893. Srs. commandantes e officiaes das fortalezas da Lage, Santa Cruz e S. João.—Cabe-nos o dever de communicar-vos, que o procedimento do governo e das actuaes autoridades superiores da marinha, nos compelle a assumir a attitude differente da que com sacrificios e difficuldade procurámos manter, em face dos acontecimentos que tiveram começo a 6 do passado e se desenvolve ainda nesta capital e Estados.

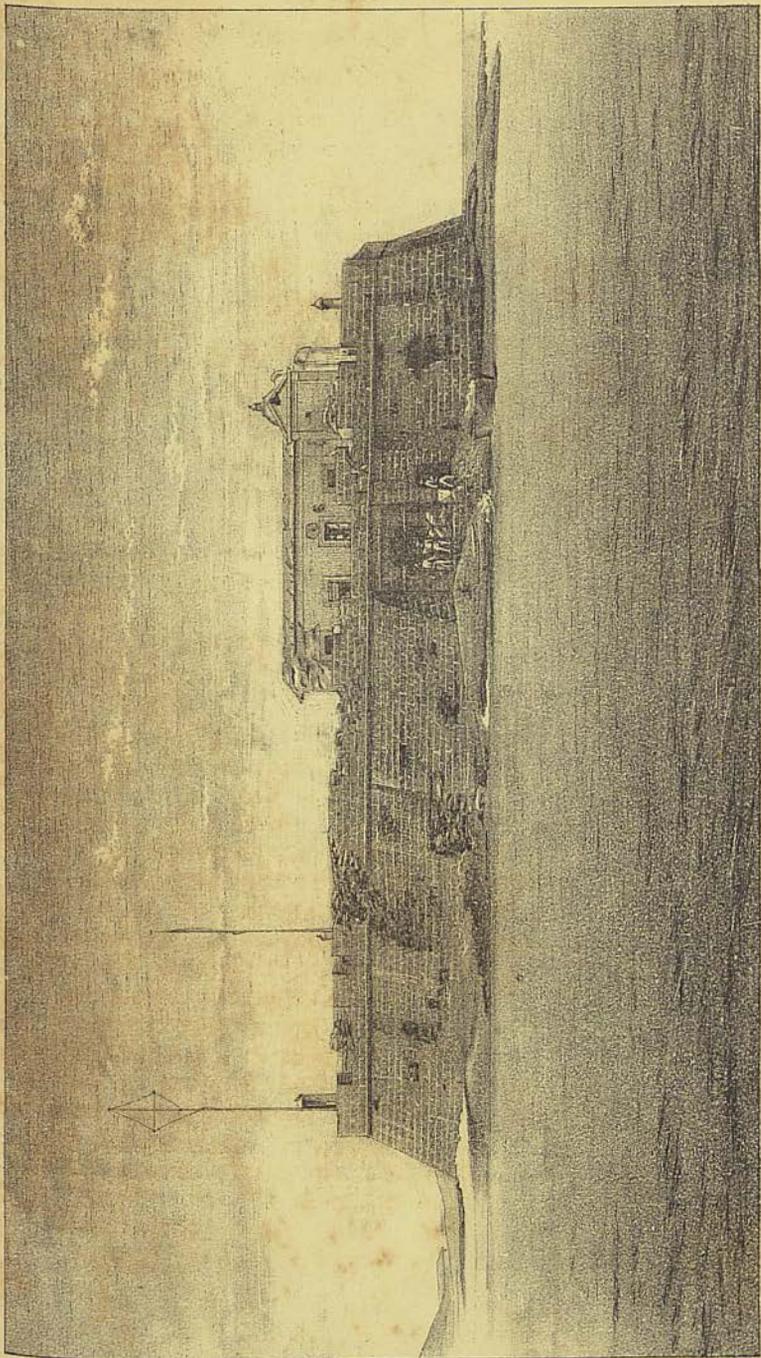
Esta attitude francamente neutra, ainda que incompreensivel e injustificada para aquelles que só têm em mira interesses politicos de actualidade, se nos impunha como arduo e estricto dever, na contingencia de continuar a manter a disciplina militar, indispensavel em um corpo de mais de

oitocentas praças aquarteladas; incluindo cento e tantos presos revoltosos e cujo espirito era manifestamente favoravel ao movimento de toda a esquadra, no porto do Rio de Janeiro; era demais a attitude, que melhor correspondia aos interesses da propria capital e ainda mesmo aos de um governo forte e prestigiado. Foi essa a declaração que fizemos ao proprio Sr. chefe do Estado-maior, general da armada, quando a 6 do mez passado, veio a esta fortaleza, depois mesmo de ter solicitado prévia e officialmente a intervenção dos navios estrangeiros para impedir as hostilidades da esquadra revoltada.

Sempre fomos infensos aos pronunciamentos militares, mas accita pelo governo a attitude que francamente manifestámos e mantivemos, nas relações officiaes, enche-nos de indignação e revolta-nos, os meios que tem sido postos em pratica para se apoderar desta fortaleza que não podem ser dictados por um governo que se diz prestigiado e forte, nem accito por militar algum que tenha exacta comprehensão dos seus deveres.

O suborno de praças com offertas de tres mezes de soldo, e gratificações extraordinarias de quinhentos mil réis offerecidas aos inferiores deste corpo, para hostilizarem a esquadra; as ciladas feitas a esta guarnição; as propostas indecorosas feitas em nome do Sr. vice-presidente da Republica de encravarem a artilharia, repellidas com dignidade, por aquelles a quem se dirigiram; o offerecimento dos galões de alferes a um sargento, quando em serviço no Realengo, como commandante de uma guarda que alli fôra no dia 16 do mez passado; a prisão de marinheiros innocentes, licenciados em terra e obrigados a trocar a sua gola de marinheiros pela farda de policia; a proposta feita ao commissario deste corpo, de amarrar e prender os officiaes nos xadrezes desta fortaleza a troco dos galões de segundos-tenentes para os de capitão-tenente; a prisão em terra de officiaes, nossos companheiros de serviço, a pretexto de suspeitas de conspiração, e ainda a criminosa idéa aventada, mas felizmente repellida, do envenenamento do pão que se remette de terra, podem ser facilmente comprovadas e justificarão em qualquer tempo, a nossa maneira de proceder.

Não é pois o receio de luta que nos tem contido, nem nos move o espirito de classe, que não póde ser invocado,



FORTALEZA DA LAGE

quando officiaes do exercito servem nos navios da esquadra e em terra prestam serviços officiaes da marinha de guerra. Não é a ambição do poder, que ora nos move a mudar de proceder, pois o almirante, commandante da esquadra, assegurou-nos clara e positivamente não almejar, nem acceitar a cargo algum na alta administração do paiz, ao contrario do que diariamente e em termos indecorosos, publicam os jornacs manifestamente partidarios desta capital.

Os factos já expostos e, ainda mais, a intervenção estrangeira solicitada pelo proprio governo, na actual emergencia, constituem só por si, o acto menos patriotico que tem sido praticado no nosso paiz, e do qual, não caberá certamente á marinha de guerra, as responsabilidades das futuras consequências, que d'ahi provirão; razão esta bem forte, e que tambem determina esta nossa nova norma de conducta, mórmente quando o espirito do povo de quem tambem fazemos parte, apezar de peado por medidas de energia, tem contido de se manifestar infenso ao proceder resistente e administrativo do governo, desde as primeiras manifestações do Estado do Rio Grande do Sul, onde têm sido sacrificados, como se fossem estrangeiros, milhares de bons patriotas, até a época actual.

São pois estas as causas que mais actuaram em nossa mente e das quaes em resumo, vos relatei algumas que nos obrigam, por dever de lealdade, a declarar-vos esta nossa resolução. Saude e fraternidade. *Silvio Pellico Beichior*, commandante. *Dionysio de Lessa Bastos*, segundo commandante. *Alypio Dias Collona*, ajudante. *A. de Magalhães Castro*, primeiro tenente. *Calixto Gaudencio de Abreu*, segundo tenente commissario. Guardas-marinha commissarios: *Manoel Marques de Faria*, *Jorge Marques Dubouchet*, *Francisco Alberto de Barreto*, *José Mariano de Farias Dias*. Está conforme. *José Nunes Belford Guimarães*, primeiro tenente, secretario da esquadra.

Ainda esta desagradavel impressão não se havia desvanecido do espirito dos pacatos moradores da cidade, quando por volta de 2 horas da tarde, ouviu-se

um forte tiroteio que partia distinctivamente das immediações da Gloria; e, como acontece em semelhantes occasiões, os boatos mais desencontrados espalharam-se em todas as direcções.

Averiguado o caso era um conflicto entre o 4º e 10º batalhões de infantaria da guarda nacional e cujas consequências não passaram de uma morte e cinco ferimentos.

O 4º batalhão de infantaria da guarda nacional aquartellado na rua Real Grandeza veio alojar-se no mesmo edificio em que se achava o 10º da mesma arma, na praça da Gloria; por motivos de frivolas futilidades e talvez incitados por espirito bellico, apenas algumas praças dos dois batalhões, pois que as demais se achavam em serviço, aggrederam-se reciprocamente e durante algum tempo trouxeram em sobresalto as familias que residiam pela circumvizinhança, até que com a chegada de varios officiaes a contenda tocou ao seu termo.

Durante o bilbodeio que era ouvido com vivas a Republica, uma lancha dos revoltosos tendo-se aproximado do sitio onde se achava empenhada a acção, foi recebida pelos mesmos com uma descarga de fuzilaria, pelo que teve de retroceder, fazendo uso das metralhadoras e canhões-revolver.

Declarada a fortaleza de Villegaignon do lado dos revoltosos, aguardava o povo impacientemente o rompimento das hostilidades, quando na tarde do dia seguinte os vasos de guerra *Aquidaban*, *Favary*, *Trajano* e *Guanabara*, tomando posição de combate contra as fortalezas da barra, annunciavam uma tremenda luta nas aguas

da nossa bahia, em torno da qual agrupavam-se milhares de espectadores. A's 4 1/2 horas rompeu renhido e ininterrupto o fogo de parte a parte ; porém, attenta a circumstancia da pouca pratica dos artilheiros, felizmente as consequencias não foram muito para se lamentar, como se poderá deprehender do seguinte telegramma :

FORTALEZA DE SANTA CRUZ. 10.— A esquadra rompeu fogo contra nós. De preferencia atiramos contra Villegaignon, que nenhum damno nos causou. Os navios retiraram-se logo do centro de acção de nossos fogos, *Javary*, *Trajano* e *Guanabara*, ficando apenas o *Aquidaban*, contido a boa distancia. Dos projectis dos navios alguns detonaram nesta praça, tendo nós apenas tres praças feridas por estilhaços de granadas, as quaes estão convenientemente tratadas pelos benemeritos facultativos. São 6 horas da tarde e ainda mantemos o fogo, enquanto nos permittir a luz crepuscular. Viva a Republica. —*Pedro Alves*, tenente-coronel commandante.

Com esta mesma data publicou o *Diario Official* o seguinte acto do poder executivo :

DECRETO N. 1560 DE 10 DE OUTUBRO DE 1893

Dispõe sobre os navios e fortificações em poder da revolta de 6 de Setembro ultimo ou que a ella se associarem

O vice-presidente da Republica dos Estados-Unidos do Brazil, considerando :

que a bandeira nacional symbolisa e exprime a personalidade juridica da União, a perpetuidade e integridade da Patria e sua soberania internacional ;

que a soberania nacional sómente se estende aos navios em condições legaes e legitimas de arvorar a bandeira, manifestação do laço natural e patriotico que os liga ao territorio da Republica e aos órgãos constitucionaes da soberania ;

que ao direito de usar da bandeira nacional corresponde a protecção juridica e quanto aos navios de guerra, a representação da força armada da Nação ;

que as forças de mar e terra, instituições nacionaes permanentes, destinadas á defesa da Patria no exterior e á manutenção das leis do interior, são obrigadas a sustentar as instituições constitucionaes ;

que esquecida da sua funcção constitucional, uma parte dos navios da armada nacional apoderou-se de outros do commercio, os armou em guerra e tem desde o dia 6 de Setembro proximo passado commettido toda a sorte de hostilidades contra o Governo Constitucional, a população inofensiva e a propriedade publica e particular ;

que desse modo trahio os intuitos constitucionaes e, continuando a usar da bandeira nacional, apropriou-se do symbolo e emblema de que não póde usar, e á sombra delle tem praticado acções criminosas ;

que ao Poder Executivo, no exercicio das funcções de que está investido pela vontade expressa constitucionalmente pela Nação, cumpre manter illesa a personalidade juridica internacional da Republica e salvaguardar a honra da bandeira nacional ;

Decreta :

Art. 1.º Para todos e quaesquer effeitos do Direito publico, privado e internacional são declarados destituídos de suas immunidades, privilegios e prerogativas, e bem assim privados da protecção da bandeira nacional ;

a) os navios de guerra que desde o dia 6 de Setembro ultimo, sob a direcção do contra-almirante Custodio José de Mello, se revoltaram na bahia do Rio de Janeiro contra a Constituição da Republica e a autoridade legal ;

b) os navios de commercio que foram e estão armados em guerra pelos revoltosos e as demais embarcações de qualquer natureza ao seu serviço ;

c) as embarcações que auxiliam a acção da revolta.

Art. 2.º Sob as mesmas disposições incidirão desde logo, e sem necessidade de expressa declaração do Governo os navios e fortificações permanentes ou passageiras que se associarem á revolta.

Art. 3.º Ficam revogadas as disposições em contrario.

Capital Federal, 10 de Outubro de 1893, 5º da Republica.

— FLORIANO PEIXOTO. — *Firmino Chaves*, ministro da marinha, *Fernando Lobo*, ministro da justiça e negocios interiores, *Carlos Augusto de Carvalho*, ministro das relações exteriores, *João Felippe Pereira*, ministro da industria, viação e obras publicas, *Felisbello Freire*, ministro da fazenda.

Desde então o bombardeio á tarde entre Villegaignon e as fortalezas de Santa Cruz, S. João, Lage, Gra-goatá, Pico e baterias mascaradas do morro de S. João tornou-se frequente ; e o povo, disputando um lugar nas praias e cáes, assistia a esse triste espectáculo, seguindo todas as peripecias da peleja e lamentando a perda da vida de seus bravos compatriotas, cuja inexcedível bravura era a todos os momentos demonstrada de ambos os lados.

Dias houve em que os alvos se tornaram difficilimos em razão da espessa fumarada que os envolvia, sendo até impossivel distinguir-se os postes semaphoricos para a correcção das pontarias.

Evoluindo admiravelmente, com grande difficuldade poderia ser attingido o *Aquidaban*. Quando se dispunha a bombardear as fortalezas, sempre se apresentava de prôa para diminuir a grandeza do alvo e jamais se conservava no mesmo lugar. Não obstante foi alcançado por alguns projectis, dentre os quaes o que atirado do Castello damnificou a camara do almirante Mello.

Cerca de meia-noite do dia 12, mais um navio de guerra dos revoltosos transpunha a barra do Rio de Janeiro e seguia a unir-se aos outros que operavam no sul.

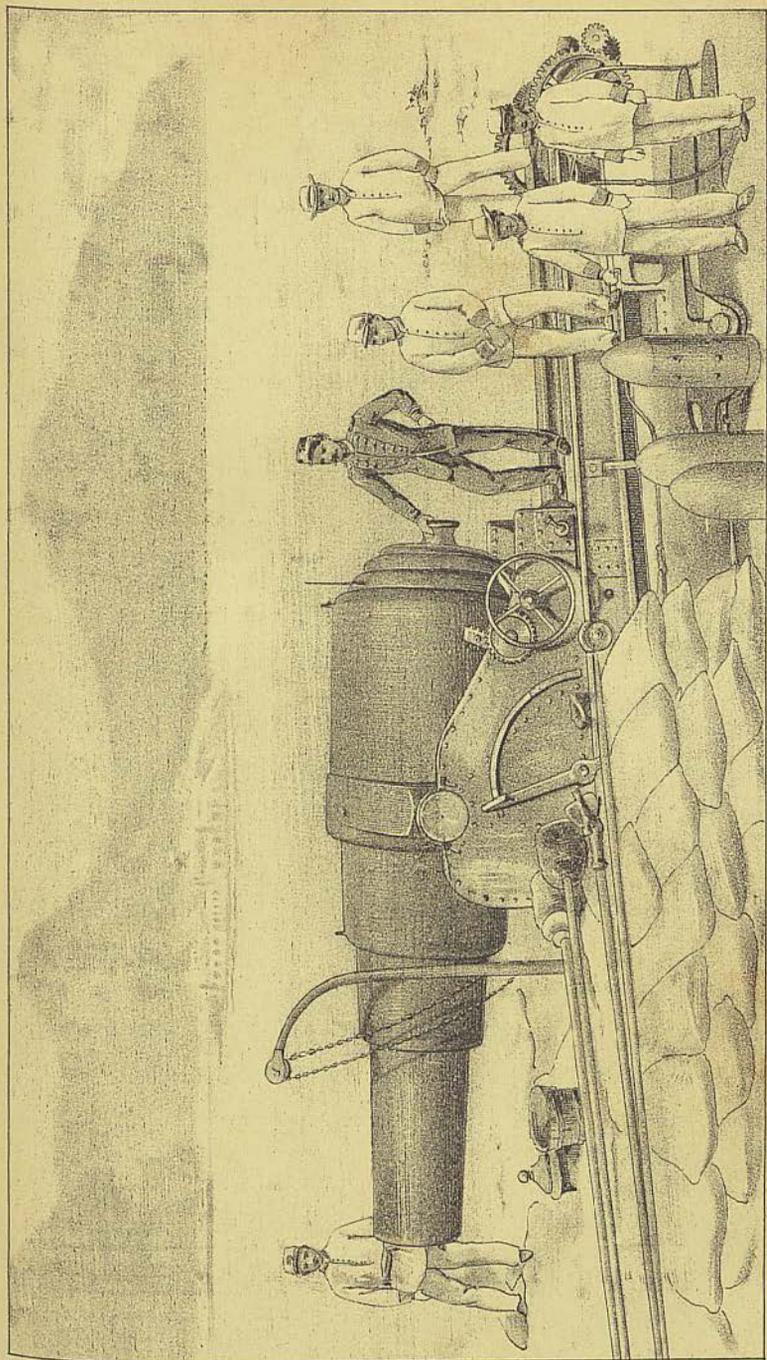
Empenhados exclusivamente na defesa da sua causa e por ella fanatisados, certamente não mediram a gravidade da situação a que se expunham ; a bordo do vapor *Meteóro*, commandado pelo 1º tenente Monteiro de Barros, ousaram desafiar as iras dos formidaveis canhões das fortalezas. Alcançado por uma granada de Santa Cruz que damnificou o convez, gravissima tornou-se a posição desses bravos com o incendio que se manifestou a bordo e sinistramente alimentado com a explosão dos materiaes bellicos que transportava. A 17 desse mesmo mez chegava ao Desterro com um tripolante de menos e 14 feridos.

Quanta bravura e heroismo sacrificados improficua-mente em proveito de tão lamentavel luta fratricida !

Os mais terriveis bombardeios durante este mez foram : — o de 14, resumidamente narrado nos seguintes telegrammas :

FORTALEZA DE SANTA CRUZ, 14. — A's 6 e 20 começou o bombardeio contra nós, tendo cessado ás 10 1/2. Não obstante terem detonado aqui varias granadas, nenhuma perda de vida tivemos a lamentar e nem temos ferimentos. Estragos materiaes alguns, que estão sendo reparados. Guarnição bem disposta. — *Pedro Alves*, tenente-coronel.

FORTALEZA DE S. JOÃO, 14. — Fortaleza atirou esta madrugada contra navio rebelde, que pretendia todo o vapor forçar barra, tiros foram certos e efficazes, causando grandes avarias, detendo-lhe marcha, obrigando descer bandeira meio páo e arriar insignia branca. Estes tiros foram feitos especialmente pelos tenentes Manoel José Santos Barbosa, João Baptista Conceição Monte, das baterias da barra, e pelo 2º tenente José Telles de Miranda pela bateria da escola de aprendizes.



FORTALEZA DE S. JOÃO, CANHÃO 550 (VOVO')

Cerrado fogo contra esse frigorífico *Uranus* que pedia soccorro. Villegaignon fez vivissimo fogo contra esta fortaleza, 6 horas manhã.

Nova bateria assestada interior bahia respondeu dignamente bombardeio, dirigindo fogos capitão Chrispim Ferreira, 1º tenente Ferraz, 2º tenente Octavio Confucio e Augusto Confucio e alferes Emilio Sarmento.

Terminou combate sem desastre algum, sómente prejuizos materiaes.

Dirigio acção baterias barra major Araujo Corrêa. — Coronel *Marciano de Magalhães*.

FORTALEZA DA LAGE, á barra do Rio de Janeiro, 14 de Outubro de 1893.

Exm. Sr. marechal Antonio Enéas Gustavo Galvão, ajudante general do exercito. — Hoje pouco depois das 3 horas da madrugada, fui avisado pelo official de quarto de que um vulto, parecendo ser um vapor, atravessava da Bóia Viagem para o costão de Santa Cruz. Immediatamente corri ás baterias do canal e pude divulgar esse vulto, que era com effeito um vapor grande, mandando fazer-lhe fogo, logo que se collocou em posição conveniente. A fortaleza de Santa Cruz, que já o percebera, tambem fez-lhe fogo.

Depois de haver disparado todos os canhões do canal, continuei o fogo com as baterias de fóra da barra, com pontaria mais ou menos certa, tanto quanto me permittiam as trêvas que ainda eram densas, vendo algum tempo depois, que o vapor achava-se parado nas proximidades da Cotunduba, entre a fortaleza de Santa Cruz e o Pão de Assucar.

Sobre elle continuava esta fortaleza a atirar, a de Santa Cruz e a de S. João, até que a luz da manhã nos permittio ver distinctamente o vapor com a pôpa muito baixa e a prôa levantada, parecendo prestes a submergir-se.

No mastro grande estava a bandeira nacional a meio, o que indicava soccorro, e por isso fiz cessar o fogo.

Momentos depois um escaler com muita gente sahio de bordo em direcção, creio a Santa Cruz ; regressando ao vapor com algumas pessoas sómente.

Alguem de bordo, que pareceu-me ser official, subiu ao passadiço do vapor e tirando o bonet, com os braços abertos acenava pedindo soccorro. Mandei que me trouxessem a bandeira nacional, e fil-a abrir sobre a muralha a que subi e com gestos esforcei-me para fazer comprehender as fortalezas de Santa Cruz e S. João, que não atirassem mais sobre esses infelizes irmãos que clamavam por soccorro.

A fortaleza de S. João creio que me comprehendeu, porque calou-se.

Por momentos nutri a esperança de salvar a vida a esses que nol-a pediam, porque a lancha da escola militar largára do cães da praia da Saudade e aproava para esta fortaleza, mas ao chegar a altura de S. João aproou para ella e não mais appareceu.

No referido vapor, por cima da bandeira nacional, vimos erguer-se uma bandeira branca com cruz vermelha, que foi algum tempo depois arriada e em seu lugar levantada a bandeira de guerra ingleza.

Posto que este signal fosse o de soccorro á bandeira ingleza, de novo insisti para que Santa Cruz cessasse o fogo, com signaes que antes fizera, continuando o official sobre o passadiço a fazer gestos de soccorro, e do convez do vapor acenavam por diversas vezes com um panno branco.

A minha intenção, foi desviada para outro ponto, por ter a fortaleza de Villegaignon, secundada depois pelo *Aquidabon* e *Trajano*, rompido fogo contra nós, o qual durou até depois das 9 1/2 horas.

Soube depois por praças da guarnição que o vapor frigorifico afastara-se vagarosamente, parecendo esconder-se por traz da Cotunduba. Perdemos assim occasião de alcançar uma esplendida victoria, pois com uma lancha ter-se-hia chegado até ao frigorifico *Uranus*, recebido a seu bordo aquelles poucos rebeldes que restavam e clamavam por soccorro, rebocando-se até o vapor para debaixo de nossas baterias.

Os prejuizos que soffremos, devido ao bombardeio, limitaram-se apenas a estragos materiaes, não se podendo dizer o mesmo quanto aos tiros e disparos feitos contra o vapor frigorifico *Uranus*, pois o official de quarto Sr. 1º tenente

Ticiano Correggio Daemon, ficou bastante contundido em uma perna por ter sido apanhado pelo reparo de um canhão que mandara disparar sem a devida precaução.

Esse official, pelo zelo e dedicação que tem manifestado no cumprimento de seus deveres, é digno de louvor, o que a V. Ex. scientifico para ser tomado na devida consideração,

Antes que as fortalezas de Santa Cruz e de S. João cessassem de atirar, fiz calar o fogo dos canhões desta fortaleza, por contar que o *Aquidaban*, como já em outras vezes tem feito, se viesse collocar á pequena distancia para bombardear-nos. Não tardou que a minha supposição se tornasse em realidade, pois esse couraçado, vendo, que não atiravamos, aproximou-se da fortaleza, recuando e fugindo depois que sobre elle fizemos diversos tiros certos.

Termino esta cumprindo um dever de justiça, participando a V. Ex. que o Sr. capitão honorario do exercito Ticiano Pimentel, ajudante desta fortaleza, me tem prestado reaes e importantes serviços por occasião dos bombardeios, pelo seu valor, coragem, sangue frio e dedicação inextinguível no cumprimento do dever.

A' consideração de V. Ex., pois, colloco os serviços desse official, digno de louvor. — Saude e fraternidade. — *Antonio Ilha Moreira*, tenente-coronel.

— o de 16 que custou a Villegaignon grandes estragos distinctamente percebidos de terra pela intensa nuvem de pó que a encobria aos olhares do povo e tambem a perda de uma lanchara que foi a pique junto da ponte dos escaleres;

— o de 20 que foi narrado nas seguintes linhas de origem official:

« Foi completamente nullo nesta praça o effeito do bombardeio de hoje.

A cerração impedio-me de observar o que occorreu nas outras duas fortalezas da barra, bem como na de

Villegaignon, onde no emtanto pareceu a todos d'aqui que acertaram bastantes balas. Reina a melhor disposição de espirito na disciplina da guarnição.

Aqui dispararam-se 175 tiros, a fortaleza da Lage disparou 65 e a de S. João 84.

De Villegaignon ouviram-se 103. Mandarei mais noticias.

Vimos o tiro disparado contra o holophote (*) da Gloria.»

(*) Com relação a este novo aparelho de observação foi o governo obrigado a dirigir ao ministro inglez a seguinte nota:

«Rio de Janeiro, 23 de Outubro de 1893.

«Sr. ministro—Autorisado pelo Sr. vice-presidente da Republica declarei a V. Ex. em carta de 19 do corrente, que o holophote estabelecido no morro da Gloria, sendo destinado ao serviço do porto, não auxiliaria as fortalezas da barra contra a de Villegaignon, e nesta conformidade se tem procedido, evitando assim todo pretexto para hostilidades, que possam comprometter a segurança da população inoffensiva desta cidade.

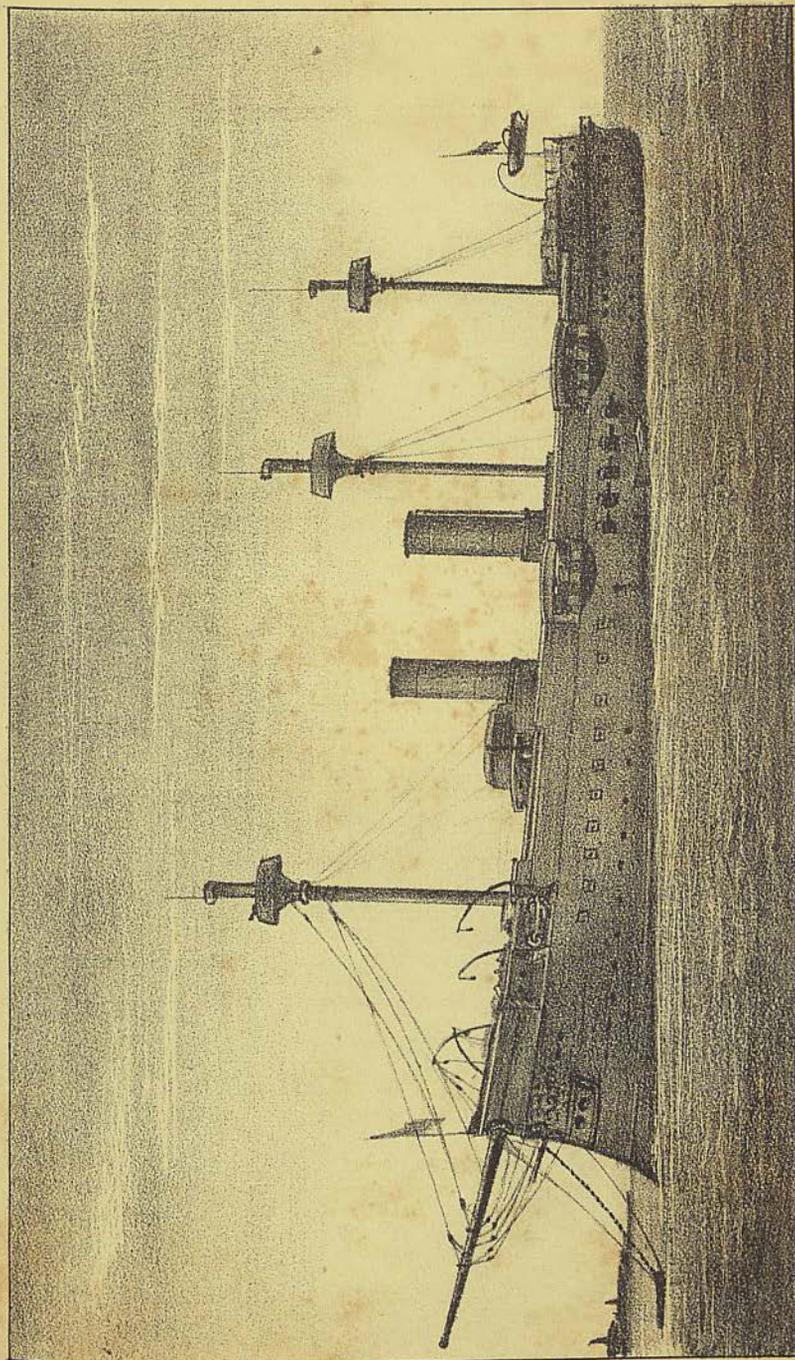
«No emtanto em a noite de 20 para 21, sendo a luz lançada sobre parte da bahia comprehendida entre a fortaleza de Santa Cruz e Boa Viagem fez a fortaleza de Villegaignon fogo por tres vezes, e ainda poucos minutos depois, estando a luz voltada para a esquadra que se achava no fundo da mesma bahia.

«Na mesma noite, pouco mais ou menos ás 9 horas, viu-se á luz do holophote, perto da praia do Flamengo, uma torpedeira que se afastou rapidamente, sendo acompanhada pela mesma luz. Disparou então a fortaleza de Villegaignon tres vezes com canhão de tiro rapido. Esses tiros foram acompanhados por descargas de metralhadoras da mesma lancha, até á ponta do Arsenal de Guerra.

«A mesma torpedeira voltou ás 11 horas e, sendo percebida á luz do holophote, quando se achava na altura da praia de Santa Luzia, fez fogo contra o morro da Gloria e o littoral. Ainda hontem foi repetido por Villegaignon, com vivissima intensidade, o fogo de canhão e metralhadoras contra o mesmo morro da Gloria e littoral.

«Desses ataques tem resultado cahirem projectis nos bairros do Cattete e das Larangeiras.

«Dando conhecimento a V. Ex. de taes occurrencias, abstenho-me de quaesquer commentarios; e assim procedo simplesmente para que V. Ex. fique na posse de informações authenticas, sem querer de modo algum crear situações que não se expliquem convenientemente ou possam ser, ainda que de leve, suspeitadas de não serem a expressão da consciencia dos direitos e deveres que ás Nações admittidas á communhão do direito internacional do Occidente cumpre defender e observar.»



ALMIRANTE TAMANDARÉ

— e o de 22, o qual consta do seguinte officio:

Commando da fortaleza de Santa Cruz á barra do Rio de Janeiro, 23 de Outubro de 1893.

Exm. Sr. marechal Antonio Enéas Gustavo Galvão, ajudante-general do exercito, encarregado do expediente do Ministerio da Guerra.—Cumpre-me levar ao vosso conhecimento que, hontem ás 7 1/2 horas da manhã, tendo-se dirigido para o canal existente entre a ilha das Cobras e a fortaleza de Villegaignon, um vapor frigorifico a serviço dos revoltosos e, não obstante ficar algum tanto encoberto pela dita fortaleza, mandei romper fogo contra o mesmo, tomando igualmente as necessarias precauções afim de não serem attingidos dois navios a vella, que, por falta de vento, tinham fundeado em posição a impedir os fogos directos das baterias desta praça. Muitos dos tiros foram efficazes, tendo aquella fortaleza respondido aos fogos desta, sem entretanto, causar-nos damno algum, a não ser na capella que foi attingida por uma bala que inutilisou parte do lado esquerdo do frontal. Diminuindo de intensidade o fogo da fortaleza revoltosa e tendo-se retirado o frigorifico, mandei tambem que fosse gradualmente cessado o desta até que de todo cessou ás 10 1/2, continuando ella a atirar contra S. João a intervallos, no que era efficazmente correspondida por aquella praça de guerra. Todos os officiaes e praças se portaram com galhardia e enthusiasmo dos bombardeios anteriores. — *Pedro Guilherme Alves da Silva*, tenente-coronel commandante.

E o terror que se apoderara da população recrudescia de dia para dia.

Um sem numero de casas foram abandonadas pelas familias que emigravam para o interior; o commercio se tornou quasi paralyzado; o movimento nas ruas diminuiu sensivelmente; os bonds, carros, etc., passavam quasi que completamente vãos; emfim o aspecto que

apresentava a cidade naquella época, contrastava inteiramente com o periodo de alguns mezes anteriores.

Para cumulo de maior infelicidade surgiu um verão terrível em que a febre amarella tomou proporções assustadoras e contra as quaes foram impotentes as difficultosas medidas de hygiene empregadas pelo governo.

Durante a noite é que os revoltosos tripolando lanchas e rebocadores procuravam augmentar as apprehensões das familias e reduzil-as ao desespero com vivissimos e prolongados bombardeios, ora contra a tropa que guarnecia o littoral, ora contra o holophote da Gloria, cujo facho luminoso sempre surprehendia-os em suas excursões. Foi com uma dessas inolvidaveis hostilidades que surgiu o mez de novembro.

—

Os factos mais importantes occorridos durante o mez de novembro na bahia do Rio de Janeiro foram a *Explosão da ilha do Governador*, a *Submersão do couraçado Favary* e as tentativas de *Bombardeio da Armação*, todos desfavoraveis aos insurrectos e cujas funestas consequencias deveriam influir sensivelmente em seus espiritos.

No decorrer deste mez repetiram-se as mesmas scenas presenciadas pela população durante todas as tardes, com a differença que a acção se tornou mais renhida e as victimas foram em maior numero.

Estando cada uma das partes belligerantes bastante fortes no campo de suas operações, parecia jámais tocar a um termo a luta empenhada, tornando-se mais que

provada a inutilidade dos bombardeios vespertinos, onde infructiferamente era gasto material bellico, e durante os quaes grupos de populares commentavam os effeitos das granadas e bombas e admiravam os terriveis estragos produzidos em Villegaignon pelo *Armstrong* 550 de S. João, vulgarmente denominado VOVO'.

— E quando chegará a esquadra do governo?

Era a pergunta que todos formulavam entre si e de cuja realidade julgava o povo depender a terminação da revolta. Reconhecendo o marechal Floriano a incerteza que pairava no espirito popular, chegou mesmo a externar-se nesse sentido no dia 15, dizendo diante de um grupo de patriotas que « esquadras não se improvisavam. »

Explosão da ilha do Governador.—A's 3 1/2 horas da tarde do dia 3 foi observada para os lados da ilha do Governador uma negra columna de fumo elevar-se na atmosphera e sentido logo em seguida um terrivel estampido que, abalando o solo em um ambito bastante consideravel, pôz todos os moradores das circumvizinhanças sobresaltados. Eram os paioes de polvora da ponta do Mattoso que explodiam. Não estando ainda bem averiguadas as causas deste desastre a que parece não ser extranha a intervenção de uma machina infernal, nem determinadamente avaliado o numero de victimas, sabe-se que dentre estas figuraram o coronel Francisco Gomes Machado, que se achava do lado dos revoltosos, o guardião Robert Starris e o marinheiro John Lynch, do navio de guerra inglez *Sirius*, os

tenentes Reachamp Monbray, 2.^o commandante do *Sirius* e C. G. de B. Tupper, do *Race*, que tambem se achavam na ilha por occasião do incidente.

Submersão do couraçado Javary.—A verdadeira causa da submersão do *Javary* é actualmente objecto de controversia ; não obstante, poderão servir de subsidio a averiguação deste acontecimento as peripécias que succederam áquella lamentavel catastrophe, as quaes foram cuidadosamente observadas por um criterioso espectador e acham-se aqui fielmente consignadas.

No dia 12 de Novembro achava-se o *Javary* fundeado entre o Arsenal de Guerra e a fortaleza de Villegaignon. Cerca do meio-dia começou a fortaleza de S. João a alvejar o couraçado com o canhão *Krupp* de 0^m, 15, enquanto Santa Cruz e Lage visavam ora o *Javary*, ora Villegaignon. A' 1 hora da tarde, pelo effeito da maré vasante, este vaso de guerra apresentava o lado de bombordo para o observador que, munido de um excellente oculo de alcance, distinguia perfeitamente alguns marinheiros passear pelo convez, os quaes corriam a occultarem-se por detraz das torres logo que alguma das fortalezas atirava. As balas choviam em torno do couraçado e algumas cahiam tão perto que por varias vezes era o convez invadido pela agua do mar deslocada pela quéda do projectil. A's 2 horas, menos 15 minutos uma bala de canhão *Krupp* 0^m, 15 bateu no costado de bombordo na roda de prôa, lançando grande quantidade d'agua sobre o convez e em seguida manifestou-se grande agitação a



bordo sendo a bandeira nacional, que tremulava á ré do couraçado posta a meio páo e no tope do mastro do traquete içado um signal.

Em acto continuo, do *Aquidaban*, que estava fundeado entre a ilha Fiscal e a Armação, largou o rebocador *Vulcano* que veio atracar ao *Favary*, donde a marinhagem começou a atirar volumes e caixas para dentro do rebocador; depois embarcados todos no *Vulcano*, dirigiu-se este para o *Aquidaban* onde atracou, parecendo ficar o *Favary* deserto.

Por essa occasião foi distinctamente vista a prôa deste mais submersa do que estivera até então. O bombardeio das fortalezas continuava compassadamente.

Meia hora depois voltou o *Vulcano* para junto do *Favary*; e, apesar do continuo fogo das fortalezas e cerrada fuzilaria do Castello, conseguiram os marinheiros soltar a amarra que prendia o navio á boia e passar as espias ao couraçado afim de rebocal-o. Todas estas manobras eram feitas precipitadamente porque o convez, á prôa, já estava invadido pela agua, o que os obrigava a se conservarem descalços e de calças arregaçadas. Embarcada a guarnição no rebocador, começou o trabalho de reboque; porém, já pela grande quantidade de agua contida no bojo do couraçado e já pela vasante da maré que o impellia para traz, não se movia, arrebentando-se por duas vezes o cabo de reboque.

O *Favary* cada vez mergulhava mais a prôa e suspendia a pôpa; neste interim, dois marinheiros que haviam ficado sobre o convez dirigiram-se, um para o

pequeno canhão á prôa e outro para um canhão-revolver montado á ré e romperam nutrido fogo contra o Castello. E', na verdade, admiravel a coragem e o sangue frio desses bravos que, indifferentes ao nutrido fogo de que eram alvos e sem medirem as graves consequencias da catastrophe imminente, sacrificavam-se em defesa de principios tão antagonicos ao progresso e felicidade de seus irmãos

Vindo do fundo da bahia e depois de atracar ao *Aquidaban* dirigiu-se um rebocador para o *Favary*, quando um dos seus grandes canhões da torre de vante fez fogo contra a cidade, indo o projectil cahir na praia de Santa Luzia no edificio da companhia *City Improvements*, onde explodio, fazendo victimas. Apenas passados alguns segundos o outro canhão da mesma torre disparou, porém, felizmente o projectil explodio ao sahir da alma da peça, arremessando para longe os fardos de algodão que serviam de trincheiras; ao dar estes disparos tinham os canhões as suas boccas quasi submersas.

Auxiliado por outro rebocador o *Vulcano* conseguiu fazer avançar o *Favary*, porém já era tarde. A's 4 horas menos 10 minutos, mergulhando este rapidamente a prôa levantou a pôpa e, permanecendo na mesma posição por alguns segundos, virou de banda e desapareceu no oceano. Os rebocadores teriam sido arrastados para o fundo si não cortassem os cabos de reboque; permanecendo ainda por algum tempo pelas immedições do sinistro, regressaram para o *Aquidaban*, onde atracaram.

Em represalia a esse insuccesso rompeu este vaso de guerra vivissimo fogo de metralhadoras contra a cidade, emquanto que de todos os pontos fortificados eram erguidas clamorosas manifestações de regosijo, ás quaes tambem não foi indifferente a cidade de Niterõy que por esta fórma libertava-se do seu algoz.

Do exposto, parece fóra de duvida que o *Favary*, ferido por uma bala e não tendo recebido promptos soccorros, fosse a pique, levando comsigo alguns marinheiros. (*)

Bombardeio da Armação. — No dia 27 occupavam-se as forças do governo em transportar um pesado canhão *Withworth* que haviam retirado da Armação, quando sendo vistas pelos marinheiros, romperam fogo do mar contra terra. Cinco lanchas puzeram-se em movimento para impedir aquella operação. As tropas de terra voltando-se para os atacantes receberam-nos com uma cerrada descarga de fuzilaria. Foi então que o combate se tornou medonho e o bombardeio terrivel, no qual tomaram parte o *Aquidaban*, *Trajano* e *Jupiter*, que usaram de toda a artilharia. Durante duas horas não houve um minuto de treguas para as partes combatentes, até que ás 7 horas da noite tudo cessou, seguindo o canhão para o seu destino.

Cumpre observar que os dois primeiros canhões com que a guarnição de Niterõy hostilisou os revoltosos

(*) Propositalmente alongamos a narração deste acontecimento para offerecel-a como subsidio á sua elucidação.

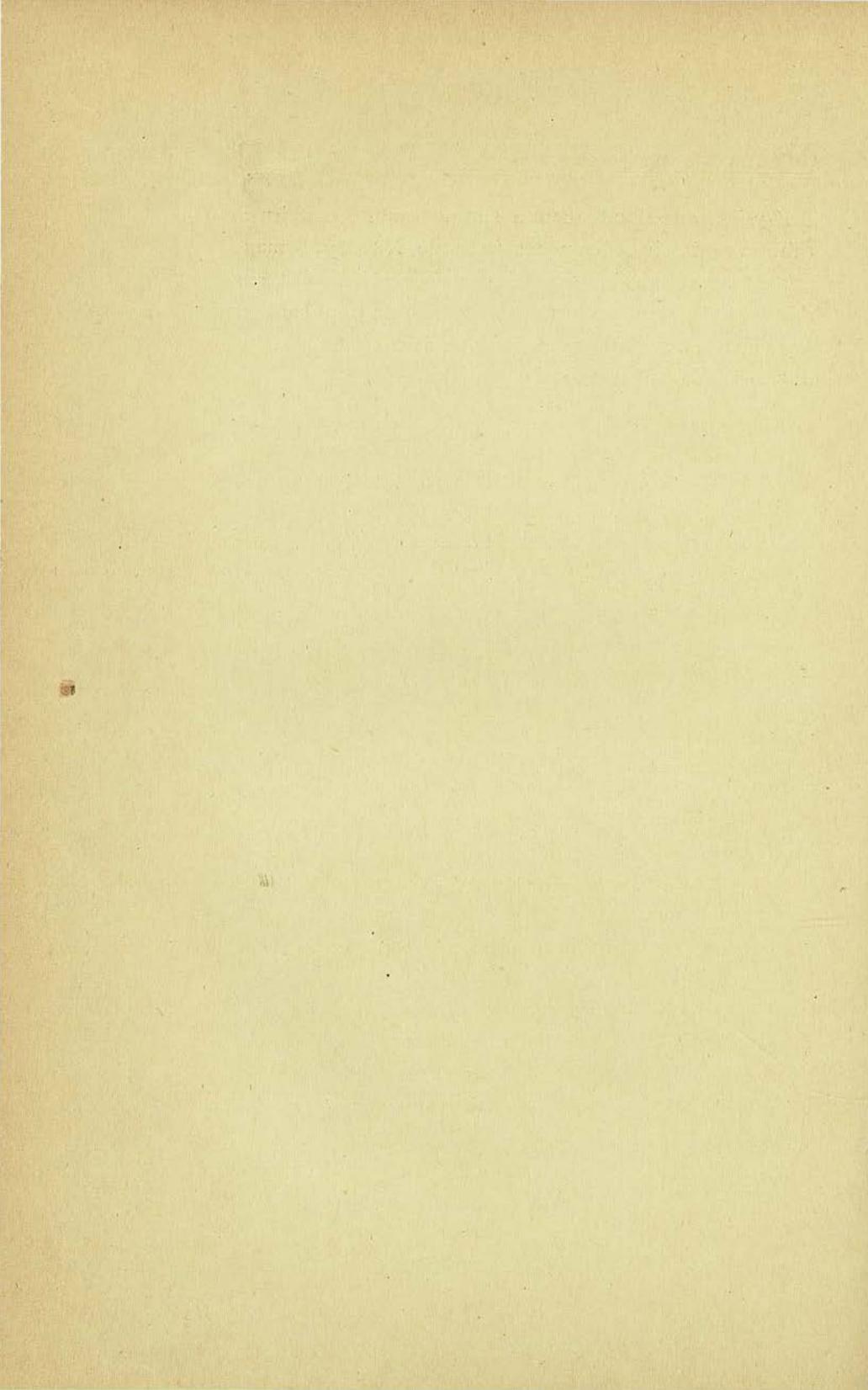
foram remettidos pelo governo federal pela estrada de ferro Central; esses dois *Krupps* foram a principio montados na praia e posteriormente levados para os morros, onde tambem appareceram outras peças retiradas do inesgotavel deposito de material bellico da Armção e donde durante algum tempo se abasteceram as duas partes adversas.

Até o dia 9 de dezembro, em que termina o primeiro periodo da revolta, o acontecimento que mais se salientou na bahia do Rio de Janeiro foi a sahida do *Aquidaban* com o *Esperança*.

Cerca das 2 horas da manhã do dia 1^o o *Aquidaban*, que ia na frente, chegando diante de Gragoatá deu um tiro para aquelle forte e outro para a barra. Emquanto Villegaignon visava S. João, o *Aquidaban* illuminado pelo holophote desta fortaleza atirava para a Lage e Santa Cruz e já fóra da barra projectou a luz de seu holophote contra as baterias de Santa Cruz para attrahir a si os fogos das fortalezas e proteger a outra embarcação. Em seu caminho para o sul tocou na Ilha Grande onde os revoltosos commetteram toda sorte de depredações.

Em substituição ao *Aquidaban* assumio na bahia do Rio de Janeiro as funcções de não capitanea o cruzador *Almirante Tamandaré* que reapareceu na tarde do dia 3 todo pintado de preto e apenas movendo-se com uma machina. Durante muito tempo estivera atraz da ilha das Cobras, recebendo os concertos indispensaveis para entrar em acção e depois de convenientemente artilhado, passou a ancorar no logar proximo ao em que estivera

o *Aquidaban* e donde com a sua possante e certa artilharia muito hostilisou a cidade de Niterōy, tomando parte tambem nos bombardeios que se repetiam ás tardes. Ainda estão bem patentes no espirito da população das duas cidades victimadas os caracteristicos estrondos produzidos pela sua artilharia.





O MONARCHISMO

A SEGUNDA phase da revolta, assumindo manifestamente um character restaurador, encontrou franca e geral opposição, mesmo da parte daquelles conspicuos cidadãos e verdadeiros patriotas que haviam militado na politica do extincto Imperio, si bem que tão louvavel attitude não fosse imitada por uma vil locafa que vegeta perennemente em nosso meio social, a qual sempre indifferente a todo e qualquer systema de governo, apenas almeja uma situação favoravel a seus escandalosos e inconfessaveis interesses, sem jámais se preocupar com as funestas consequencias que possam interromper a boa marcha da administração do paiz, provocando assim o seu descredito perante o estrangeiro.

Esta nova situação foi definida com o bandeamento para o lado dos insurrectos do



CONTRA-ALMIRANTE

Luiz Felipe de Saldanha da Gama

Comquanto as causas que o demoveram para a quebra da fingida neutralidade que conservara durante três mezes, não estejam ainda bem definidas no espirito publico, a julgarmos pela apparencia dos factos, sempre nos lembraremos da seguinte sentença machiavelica : « *Em presença de duas nações belligerantes, o partido da neutralidade é abraçado na maior parte dos casos por um príncipe fraco e irresoluto.* »

E' fóra de duvida que na guerra contra o Paraguay este militar distinguiu-se por actos de bravura e coragem, não ha negar que pela sua illustração, pelo seu proverbial amor á disciplina militar era apontado como o official mais distincto da armada ; mas, não é a missão do tempo em certos casos modificar os caracteres e transformar inteiramente a indole e temperamento dos individuos ?

Tarde procurou rehabilitar-se no campo Osorio, sem comtudo conseguil-o, porquanto, esse feito de armas, estudado sob o ponto de vista da arte militar, vem apenas demonstrar o seu suicidio, com a aggravante de sacrificar dezenas de vidas de bravos camaradas que ainda lhe obedeciam.

Durante tres mezes conservou-se este almirante alvo dos motejos de seus compatriotas, objecto de accusações infamantes estampadas nas columnas da imprensa diaria, vilipendiado pelos seus proprios amigos e affeioados, invectivado com as mais torpes delações nos grupos de cidadãos politicos da opposição e sempre indifferente á critica e censura que no estrangeiro offereciam os seus actos de fraqueza e pusillanidade.

A sua passagem para os revoltosos foi, pois, uma victoria para o governo ; porquanto, com o concorrer para a deserção de alguns amigos da causa, importou no resurgimento de mais um pretendente aos seductores gosos do supremo mando, redundando por consequencia no enfraquecimento de unidade de vistas que deveria preponderar em uma questão sobremodo melindrosissima como a que se agitava .

E a prova mais frisante está em que muitos republicanos, verdadeiramente dedicados ao movimento revolucionario, desertaram de suas fileiras e recolheram-se á vida privada ou condemnaram-se ao exilio logo que tiveram conhecimento do seu manifesto, atirando á publicidade protestos de reprovação, contra as intenções politicas do recenvindo, alguns concebidos nos seguintes termos :

«Sr. redactor d'*O Paiz*. — Inserindo nas columnas do vosso jornal as seguintes linhas, prestareis, além de um grande favor ao abaixo assignado, um acto de justiça.

Revoltoso, a 6 de Setembro do anno corrente, tive por fim libertar a patria de um governo que julgo tyranno e altamente humilhante.

Assim estava resolvido a proseguir, até succumbir na luta.

Lendo, porém, o manifesto com que o almirante Saldanha da Gama entrou na revolução, e, republicano de coração, afasto-me da revolta, hoje desvirtuada do seu nobre fim.

Não lutarei mais.

Atirado aos azares da sorte, levo commigo a magua profunda de ter sacrificado os meus ternos filhinhos, minha terna esposa e minha santa mãe, cuja vida lhes será, d'ora em diante, toda de provações.

Que os bons republicanos, que os homens de coração os protejam.

Tudo perco, mas fica-me a consolação de ter salvo, illesa, a honra e a dignidade.

Com toda a consideração, sou etc. — *Arthur Alvim*, 1.^o tenente da armada. »

« Sr. redactor d'*O Paiz*. — Acredite que, fazendo sciente aos vossos leitores da resolução que eu e alguns companheiros tomamos de deixar a esquadra, prestareis mais um serviço á Republica, pois a Nação ficará julgando com acerto das intenções dos homens da primeira phase da revolta, como chamais ao movimento patriótico da armada.

Eis o officio que dirigi ao almirante Saldanha, ao desaparecer da esquadra, e que vos é communicado tardia-mente, bem como áquelle senhor, para ter tempo de poder escapar-me ás medidas de detenção da minha pessoa, quer do mar quer de terra.

Peço-vos que não indagueis do modo porque esta vos chega as mãos, e que dando-lhes publicidade, o façais com aquelle modo gentil, que é sempre dos vossos actos.

Perdoai-me, lembrai-vos que, se consideraes grande crime ter servido na revolta, deveis ter alguma attenuante para aquelles que lutaram nos piores transes : mas que hoje a meio caminho da victoria, tudo abandonaram por causa da transformação do objectivo da revolução.

Outra cousa permitti que vos recorde — agora que me resolvo fugir da patria, não vos esqueçaes nunca de interceder a vossa palavra autorisada, em favor do grande respeito que se deve as familias dos contendores.

Esposas e filhos são, talvez as unicas victimas, pois a sorte dellas, de hoje, não deram o contingente pequeno de sua vontade.

Adeus, e praza aos céos que, do meu exilio, possa regressar breve, abraçar os filhos e a mulher querida, na patria feliz sob a bandeira desfraldada da Republica.

Sou, com estima pelos vossos serviços á Republica, e com toda a consideração, etc. — *Francisco de Souza Pinta*, 1.^o tenente da armada. — Rio, 10 de Dezembro de 1893. »

Prevalecendo-se do prestígio que gozava entre os officiaes de sua classe, o sr. de Saldanha procurou attrahil-os a sua causa; mas, si alguns, deixando-se prender por esses laços de sympathia, esqueceram-se por um momento dos seus deveres de cidadão e soldado para acompanharem-no nessa criminosa empreza, outros houve que tiveram a hombridade precisa para altivamente repellirem os seus insinuantes convites e se manterem no seu honroso posto.

Os dous documentos abaixo transcriptos provam a saciedade essas asserções :

« Rio de Janeiro, 5 de Dezembro de 1893.—Meu querido camarada Sr. Santos Porto —Chegou finalmente a occasião de entrar tambem na luta. Já não posso permanecer passivo ante o que se passa na nossa patria.

Não se trata já da rebellião da armada, mas de uma revolução nacional para reivindicar os nossos fóros de povo livre e civilisado.

Trata-se por ultimo de pôr termo a esse *periodo de quatro annos de actos constantes de trahições* (*) e de martyrios.

Façamos nós outros, os militares, por voltar ao cumprimento do nosso papel, *devolvendo ao povo brasileiro o que lhe usurpámos em 15 de Novembro de 1889* (*), isto é, a responsabilidade do seu governo e dos seus destinos.

Não quero, como o deixo dito, excitar o seu animo ou impor-lhe uma opinião minha. Não; quero sómente, pela antiga estima que sempre lhe tive, advertil-o da minha attitude na presente situação e manifestar-lhe que a mais acerba contingencia seria para mim ter de cruzar armas com os meus proprios amigos e velhos camaradas.

Póde fazer desta o uso que lhe parecer e tenha-me sempre na mesma antiga estima — Seu velho camarada, affectuoso, e gratissimo — *Luiz de Saldanha.*»

(*) O gripho é nosso.

«Montevidéo, 21 de Dezembro de 1893. Ao Sr. contra-almirante Luiz Felipe de Saldanha da Gama.

Agradecendo a gentileza da vossa communição, constante da carta de 5 do corrente, vos respondo pela presente que sou militar e sou republicano e que, se algum dia vier a esquecer-me da obediencia que devo a meus superiores, ha de ser por amor a Republica e nunca contra ella.

E mais que doe-me e doe-me muito o ter de cruzar armas (o que farei na primeira opportunidade) com os meus antigos companheiros, alguns delles amigos pessoaes e que em largo periodo me ensinaram a amar a disciplina e a dedicar-me pela prosperidade e grandeza da marinha nacional. —*João Augusto dos Santos Porto*, 1º tenente.»

Em summa, o sr. de Saldanha da Gama foi o coveiro da revolta.

Nenhum laço de amisade ou mesmo sympathias communs por um credo politico uniam anteriormente os dous almirantes ; ao contrario, a rivalidade entre ambos era geralmente conhecida.

As inabalaveis convicções philautocraticas e o aulicismo de dictaduras do sr. de Saldanha da Gama tornaram-no subserviente automato do sr. de Lucena que o galardoou com a patente de almirante e com a nomeação de ajudante general da armada.

Mas sobrevem o dominio da legalidade; e, por uma caprichosa coincidencia, na mesma hora em que no Itamaraty era lavrada a nomeação do sr. de Saldanha da Gama, depois, da peremptoria recusa de varios seus collegas em servir ao governo de Deodoro, o sr. Custodio de Mello se apoderava do *Riachuelo*.

Ainda : pronunciando-se nesse mesmo dia o movimento reaccionario em terra, o sr. de Saldanha foi o

unico general da armada que tentou obstal-o ; dirigindo-se para a fortaleza de Villegaignon, assumio o seu comando depois de em vão tentar apoderar-se do couraçado *Solimões*.

Posteriormente os resentimentos do almirante ministro manifestaram-se contra o seu rival, títtere sebastianista, cujos bordados de almirante estiveram sob a ameaça de desaparecerem de sua farda. A' sua ausencia da Capital Federal deveu o furtar-se aos projectos de vingança de seu poderoso emulo.

Porém, si a adversidade approxima os maiores inimigos, nem sempre esta alliança é sagrada com o estigma da sinceridade e o antigo resentimento, sempre prestes a manifestar-se, aguarda o momento propicio para quebrar esse equilibrio artificial, mantido com sacrificio de parte a parte.

Rompeu a revolta de 6 de setembro ; o sr. de Saldanha da Gama, considerando a facil victoria do seu chefe a 23 de novembro, e temendo a sua vingança, caso fossem coroados de feliz exito os seus esforços, procurou contemporisar, abraçando a bandeira da neutralidade afim de mais commodamente aguardar o momento opportuno para pronunciar-se.

Permaneceu durante tres mezes em observação, acompanhando as peripecias da luta e nas quaes sempre procurava proporcionar aos insurrectos auxilios e beneficios, para assim se insinuar no animo de seu collega e de alguma fórma dissipar os seus antigos rancores, como o conseguiu.

Como director da escola naval aproveitou-se da complacencia governamental, habilmenté illudida com os seus capciosos officios, para fortificar-se poderosamente na ilha das Cobras, á custa dos cofres da Nação, cuja ruina e decadencia premeditava, acobertado com o estandarte da *Cruz Vermelha*, tão abastardado pelos especuladores *federalistas*. Tambem se prevaleceu da sua ascendencia sobre a mocidade inexperiente, cuja educação em má hora fôra-lhe confiada para desvial-a da defesa da nobre causa tão patrioticamente abraçada pelos seus camaradas de outras escolas e academias.

O governo procurou em tempo salvaguardar o futuro desses infelizes jovens, dirigindo-lhe o seguinte officio:

« Ao Sr. contra-almirante Luiz F. de Saldanha da Gama. —Tendo na presente data recebido a inclusa communição do inspector da alfandega desta capital de haverdes mandado retirar da ilha das Cobras o pessoal da guarda-moria, que alli se acha aquartelado, recommendo-vos que informeis com urgencia, o que occorreu a semelhante respeito, declarando no caso affirmativo quem vos autorizou a assim proceder. »

« Ao Sr. director da escola naval.—Convindo tranquilisar o animo das familias que têm filhos nesta escola determino-vos que desde já licenciéis a todos os aspirantes cujos pais, ou correspondentes residam nesta capital. »

Eis a resposta do sr. de Saldanha de Gama :

« Sr. ministro da marinha.—Em aviso n. 1806, datado de ante-hontem em segunda via, e hoje em terceira, me autorisastes a licenciar os aspirantes e guardas-marinha, afim de tranquilisar as respectivas familias. Por falta absoluta de pessoal da secretaria desta escola, e até de material correspondente por estarem fechados os armarios e

archivos, não pude dar logo a devida resposta a este aviso vosso, o que vos fiz explicar verbalmente.

Sr. ministro, ao rebentar a presente revolta da armada respondendo a uma pergunta do Sr. chefe do estado-maior-general, disse eu que na presente conjunctura nada mais, nem nada de melhor poderia fazer do que salvaguardar dos effeitos e consequencias da revolta a escola e seus alumnos, que são neste momento a esperança unica da marinha e da patria. Posso repetir ainda agora o mesmo conceito e com a mesma convicção do meu papel de director desta escola.

Ninguem na armada zela mais do que eu os brios e a honra desta instituição que é o berço da marinha, e tenho a intima satisfação de saber que este meu sentimento é geralmente reconhecido pelo Brazil inteiro. O Sr. contra-almirante Custodio de Mello, actual chefe da esquadra revoltada, e que, quando membro do governo, por duas vezes suspeitou da correcção da minha conducta, mais tarde veio dar publico e solemne testemunho do contrario nesta propria escola, e em presença de todo o seu pessoal reunido, e vós mesmo o confirmastes igualmente em alta voz ha bem pouco tempo.

Não tenho, pois, outro empenho neste triste momento senão conservar os alumnos desta escola illesos e puros da immiscuição nesta luta fratricida e sangrenta, que amargura o paiz inteiro, mas tambem quero acreditar que não haverá melhor meio de conseguir esse fim, do que mantendo os mesmos alumnos reunidos e aquartelados sob minha pessoal vigilancia, até completa ultimação do conflicto.

Accresce ser a escola naval uma instituição militar de ensino superior, de onde sahem promptas as novas gerações de officiaes para a nossa marinha de guerra, os seus alumnos que são da mesma procedencia e da mesma estirpe que os das escolas militares do exercito de terra, estão nas mesmas condições destes e apresentam ter mais ou menos a mesma idade e se estes podem estar em activo serviço neste momento, assim nos campos do Rio Grande do Sul como nesta capital, a despeito das preoccupações de suas familias

não pôde haver motivo, sem offensa dos brios da instituição, para afastar os alumnos da escola naval do unico papel que lhes pôde caber nesta lamentavel conjunctura, qual seja o de amortecedor dos terriveis effeitos da contendas, servindo de garantia á importante porção do nosso estabelecimento naval, e guardando companheiros d'armas de todas as classes que estão caindo na luta atacados por molestias ou feridos pelas armas.

O contrario será tirar a esses alumnos uma missão sacrosanta, que elles já estão cumprindo ha 15 dias com o vosso mesmo consenso ; será impedir até a marinha do futuro de recolher ao menos os despojos da marinha do presente tão fundamente turbada e minada, quanto o exercito de terra pela paixão politica inoculada nas veias das classes militares do Brazil, desde a revolução de 15 de Novembro de 1889.

Finalmente, Sr. ministro, da autorisação do licenciamento tal como concedestes, não desejam os alumnos aproveitar-se, senão com rarissimas excepções ; quanto ao licenciamento obrigatorio, permitti dizer-vol-o já, importaria talvez em arremessar irresistivelmente para a pugna uma parte notavel, a maior parte do corpo e eu não creio que esteja no vosso espirito, nem no pensamento do governo, longe de aplacar os animos ainda mais atear com tal elemento a fogueira em que ora se consomem tantas vidas preciosas, tantas vidas de irmãos ; e se por acaso duvidaes da veracidade do que avanço, vinde vós mesmo verificar da exactão do meu asserto, ou mandai por vós autoridade de vossa maior confiança. Repito, Sr. ministro, no doloroso momento que atravessamos, a melhor garantia do corpo de alumnos da escola naval está no seu aquartelamento na escola, sob a minha guarda e sob o meu directo influxo.

Não ha nisso nenhuma jactancia : ha tão sómente a verificação de um facto resultante da confiança reciproca estabelecida entre o director e os alumnos em quasi dous annos de constante convivio.

Ouso esperar que, em vista destas considerações, dignar-vos-heis retirar vossa autorisação ; no caso contrario, eu terei resalvado ao menos, em face do governo e do paiz

inteiro, a minha pessoal responsabilidade em relação a quaesquer consequencias que possa vir a ter a execução de semelhante medida. — Saude e fraternidade. — *Luiz Felippe de Saldanha da Gama.* » (*)

Porém já nessa época e durante quinze dias, quotidianamente, os dois almirantes conferenciavam na ilha das Cobras e na maior intimidade sobre as bases de uma alliança reciproca.

O Sr. Custodio não conseguindo triumphar logo a principio, procurou attrahir á sua causa os *federalistas*. Reconhecendo ainda a insufficiencia de recursos não trepidou em acceitar a conciliação que offerecia o Sr. de Saldanha da Gama, e em captar a sua adhesão, julgando por esta fórma obter o concurso dos monarchistas brasileiros e tambem que as potencias monarchicas europeas reconhecessem os insurrectos como belligerantes. Mas contra toda a expectativa o pronunciamento do aulico sebastianista foi o ultimo golpe vibrado na revolta.

Nessa crescente progressão era todo o pensamento do chefe da revolta chegar ao fim, desprezando os meios; era toda a sua preocupação a queda do chefe do estado a troco das mais aviltantes negociações, e mesmo em detrimento da honra da soberania nacional.

Impulsionada a revolta por intuitos tão hybridos e eivada do mesclacismo de factores heterogeneos de cooperação, cedo poder-se-ia prognosticar a natureza do seu termo.

(*) Os aspirantes a que se refere este officio passaram-se depois com o seu director para os revoltosos. Compartilhando as contingencias do insuccesso de 14 de março, ainda acompanharam o seu chefe: até que indultados por decreto do governo actual volveram á Patria.

Combinados os planos deixou o Sr. Custodio a bahia do Rio de Janeiro a 1 de dezembro, assumindo o Sr. de Saldanha da Gama a chefança do movimento em nosso porto. Este facto foi anunciado com antecedencia pelo *Times* cujo representante entretinha intimas relações com os revoltosos, e tornado official pelo novo chefe no seguinte

MANIFESTO

Aos meus concidadãos.

Avesso por principio e por instincto a toda a idéa de revolta, jamais entrei em conluio de qualquer especie.

Hoje, porém, no doloroso momento historico que atravessa a patria brasileira e o proprio governo são as mesmas circumstancias do paiz que me impellem para a luta.

Acceitando esta situação, que me é imposta pelo patriotismo, reuno-me sem previos conchavos, em pleno dia e pesando a responsabilidade que tomo aos meus irmãos que ha um anno nas campinas do Rio-Grande do Sul e ha tres mezes na bahia desta capital pugnam valorosamente pela libertação da patria brasileira do militarismo aggravado pela contubernia do sectarismo e do mais infrene jacobinismo.

Official da armada, vou combater com a espada o militarismo, que sempre condemnei toda a minha vida. Brasileiro, é meu interesse concorrer com os meus esforços para pôr termo a este terrivel periodo em que lançaram a patria na anarchia, no descredito, na asphyxia de todas as suas liberdades.

A logica assim como a justiça dos factos autorisaria que se procurasse á força das armas repôr o governo do Brazil onde estava a 15 de Novembro de 1889, quando n'um momento de surpresa e estupefacção nacional elle foi conquistado por uma sedição militar, de que o actual governo não é senão uma continuação.

O respeito, porém, que se deve á vontade nacional livremente manifestada aconselha que ella mesma escolha

solemnemente e sob sua responsabilidade a forma de instituições sob que deseja envolver os seus gloriosos destinos.

Offereço a minha vida com a de meus companheiros de luta em holocausto no altar da patria.

O exercito que se está batendo com a sua proverbial bravura, não póde mais persistir na defesa de um governo que perdeu o apoio moral da Nação e o credito no estrangeiro. A sua obstinação nesse papel inglorio ainda quando bem succedida acabaria por transformal-o de força nacional que é n'uma hoste pretoriana de baixa Republica.

O brado de nossa redempção politica levantado nas fronteiras meridionaes e que perpassou por Santa Catharina, Paraná e S. Paulo até esta capital, ja echoou no extremo norte.

Brazileiros, para apressar a victoria que é certa cumpre que lhe ponhaes o sello, trazendo á luta o concurso de vossa influencia moral. Já é notorio que a causa nacional em cuja defesa armada vou entrar, tem por si o apoio de todas as classes conservadoras da sociedade brasileira, daquelles que trabalham e produzem e que, aliás, relutam ás sedições, motins a desordens.

E' urgente que sua vontade impere e é, pois, imprescindivel que a sua sympathia se manifeste clara e positivamente sobre a sua resolução de lançar fóra esse jugo abominavel de escravidão em que o militarismo de 1889 nos quer reter.

Compatriotas, os povos que abdicam de seu direito não podem queixar-se de seus oppressores.

O Brazil, cujo passado é curto mas honroso, tem grande futuro diante de si; só poderá cumpril-o, arrancando-se de um despotismo que o degrada diante de si mesmo e do mundo civilisado.

Mostrai que não somos um povo conquistado, mas um povo livre e conscio de seus destinos.

Eis a situação.

Espero poder cumprir o meu dever de brasileiro até ao sacrificio.

Cumpri o vosso!— *Luz Felipe de Saldanha da Gama*, contra-almirante da armada nacional. — Ilha das Cobras, 7 de Dezembro de 1893.

O procedimento do Sr. contra-almirante de Saldanha da Gama, collocando-se do lado dos seus camaradas do mar, de nenhum modo surprehendeu aos seus concidadãos, porque, outra não podia ser a sua attitude, diante das especiaes e criminosas circumstancias de que se cercou. Porém o que sobremodo excedeu á expectativa, até dos seus proprios amigos, foi a nova feição que pretendeu dar á revolta, revelada abertamente no seu manifesto e em outros documentos firmados com a sua assignatura.

Aquelle foi em synthese uma compilação do pré-gão revisionista do chefe mental da revolução do Rio-Grande do Sul.

A indignação dos sinceros patriotas e intransigentes republicanos tocou ao seu auge ao contemplar a nova bandeira erguida pelo trahidor agalado; e, não precisou o chefe da Nação tocar o sólo com o pé para delle surgir legiões que devotadamente acercaram-se do pavilhão nacional ultrajado.

Depois de hastear a bandeira branca na ilha das Cobras e no cruzador *Liberdade* (*) o pavilhão de almirante, o ex-neutro fez constar a seguinte

« ORDEM DO DIA N. 1. — Assumo hoje o commando das forças navaes da revolução que neste porto combatem o governo dictatorial do marechal Floriano Peixoto.

(*) O *Liberdade*, pequeno navio de tres mastros, armado a *chopper*, estava ás ordens da escola naval para a instrucção de seus alumnos, e contava dois canhões e uma metralhadora, todos impossibilitados de funcionar. O seu director, nos seus meios de defesa para garantir a sua pseudá neutralidade, fez montar esse cruzador de dous canhões do systema Withworth, uma metralhadora Nordenfeldt de 47 m/m e um canhão-revolver Hotchiss, e guarneceu-o com uma tripolação de 125 pessoas.

Prestando o concurso do meu braço, do meu espirito á causa pela qual já combatem ha mais de tres mezes os meus bravos camaradas da armada e os nossos irmãos do Rio-Grande do Sul, não tenho outros intuitos senão concorrer tambem para que tenha termo uma situação vexatoria e afflictiva, que atrophia as forças vitaes de nossa patria.

O manifesto que em data de 8 dirigi aos nossos compatriotas exprime integralmente o meu pensamento. Brasileiro antes que tudo estarei sempre prompto a servir abnegadamente o meu paiz, comtanto porém que o povo tenha suprema responsabilidade dos seus destinos.

Temos de nosso lado a justiça da propria causa e a sympathia da Nação. A victoria não poderá deixar de coroar os nossos esforços. Mas ainda quando a sorte das armas nos seja adversa, ainda assim deixareis na historia exemplos immorredouros de esforço, coragem e abnegação.

Fazer resuscitar o material arruinado, muitos navios incompletos, resistir em summa durante mezes dentro dos estreitos limites de um porto a todas as forças do governo, são factos que a historia lembrará um dia em vossa honra e em honra da armada nacional.

Não preciso repetir que conto comvosco. Se me faltar o vosso apoio moral embainharei de uma vez a minha espada, deixando a outrem a tarefa urgente de defender a nossa patria.

Bordo do cruzador *Liberdade*, 9 de Dezembro de 1893. no porto do Rio de Janeiro. — *Luiz Felipe de Saldanha da Gama.*»

Tardiamente e com pouca habilidade procurou o almirante reparar as graves consequencias que provocou o seu primeiro manifesto, publicando um outro do seguinte teor :

« O povo bem orientado, não só desta capital como do Brazil inteiro, sabe perfeitamente que o manifesto e outros documentos a mim attribuidos foram e são indignamente falsificados na sua publicação impressa (apresentem o original

com o perfido e miseravel intento de deslocar artificialmente o nobre fim da revolução do terreno em que já agonisa este governo dictatorial que nos envergonha perante o mundo. Sabe mais este povo que a idéa do plebiscito é precisamente a mesma pela qual se bate gloriosamente o Rio-Grande do Sul, e vem a ser:— consultar á Nação sobre qual dos systemas de *governo republicano* ella prefere envolver os seus gloriosos destinos. Sendo certo que todas as infamias têm sido empregadas contra a revolução, convencido de que com ella virá a instituição do governo republicano civil, ficando para sempre banidos e extirpados o militarismo e o jacobinismo que avassalam a Nação.

Para este desideratum é que a revolução luta victoriosamente digam embora o contrario os assalariados pelo The-souro Nacional, agora pagos e remunerados com a emissão falsa da antiga monarchia que foi jogada á circulação.

Viva a Republica civil!

Viva a Revolução!

Morra o Jacobinismo!

Fortaleza da Ilha das Cobras, em 20 de Dezembro de 1893.—*Luiz Felippe de Saldanha da Gama.*

Vejamos agora a apreciação destes documentos feita pelo Sr. A. de Castilho no seu trabalho intitulado « *Portugal e Brazil* »:

« O documento B é um segundo manifesto do almirante Saldanha da Gama, no qual elle parece querer attenuar a má impressão causada no publico pelo primeiro, attribuindo a falsificação da imprensa essas divergencias. O almirante falla novamente em plebiscito, dizendo que o quer para se saber qual dos systemas de governo republicano a nação deseja. Parece agora que o almirante não pensa já em restauração monarchica, na qual nos quer fazer crer que nunca mesmo pensou, e termina o seu debil manifesto, dando vivas á republica civil, que ninguem sabe ao certo o que quer dizer.

Tenho razões para suppor que o primeiro manifesto do almirante era tão authenticico como este, e que, se ha divergencias de opiniões politicas nos dois papeis, provêm ellas

de ter o almirante mudado de pensar, por ver que as suas idéas monarchicas não conciliavam as opiniões e adhesões da população brasileira, e antes haviam levantado uma geral e clamorosa indignação contra elle.

O argumento apresentado pelo almirante pedindo que lhe mostrem o original do seu primeiro papel, é pouco leal, porque tendo esse papel sahido para o publico, já impresso em uma ordinaria typographia da ilha das Cobras, é evidente que o original, alli ficou. E se o manifesto que sahio nos jornaes era com effeito, em pontos essenciaes, tão diverso do seu original, como elle diz, deveria immediatamente, e logo que assim o vio adulterado, sahir a ratifical-o, sem esperar que a opinião publica se houvesse contra elle violentamente manifestado.»

Depois da sahida do Batalhão Naval da ilhas das Cobras para bordo dos navios revoltosos permaneceu esta abandonada por espaço de cinco dias ; esta circumstancia foi aproveitada pelo então chefe neutro para guarnecel-a de marinheiros e ahi estabelecer o Hospital de Marinha, para o qual pretendeu conquistar as immu-nidades outorgadas pela Cruz Vermelha da Convenção de Genebra.

Pretendendo catechizar os batalhões de terra que se haviam conservado fieis á legalidade, dirigiu a carta-circular que se vai ler aos officiaes e commandantes de varios corpos do exercito.

Nella patenteam-se mais uma vez os seus intuitos monarchicos de restauração e a sua excessiva vaidade.

Eil-a :

Rio de Janeiro, 9 de Dezembro de 1893.—Exms, e prezados camaradas Srs. coronel commandante do... batalhão de infantaria, seu digno fiscal e seus dignos officiaes.— Official da armada, mereci em fins de 1891 a mais delicada,

a mais elevada das distincções—a de ser um dos depositarios de um documento altamente patriótico, firmado por todos os officiaes da arma de infantaria, servindo nos corpos da guarinição desta capital.

O valor intrinseco desse documento, a confiança que do seu deposito em minhas mãos se infere, eis o que me autorisa a vos dirigir estas linhas.

Prezados camaradas!— A chamada revolução incruenta de 15 de Novembro de 1889 produziu seus inevitaveis collarios.

Ha quatro annos vive o Brazil em constante desasocego, e sob a pressão de luctuosos acontecimentos. Hoje a luta aggravou-se e o sangue corre com abundancia nesta capital, assim como em muitos outros pontos do paiz. E a quem cabe a responsabilidade de tudo isto? A nós militares de terra e mar, sem duvida que encabeçamos, ou acompanhamos ou em summa que não combatemos o esboroamento do que existia, constituindo a fórmula nova na historia de um governo provisorio montado pelo exercito e pela armada em nome da Nação.

Os graves acontecimentos que tem agitado e continuam a agitar o nosso paiz provam á evidencia que é tempo de pôr termo a um estado de cousas, que nos desacredita aos olhos do mundo civilisado e atrophia as nossas forças vityaes.

Eis o que explica a attitude, que acredito dever assumir no presente momento historico, attitude para a qual não pouco concorreu o proceder do proprio governo para commigo.

E' insensato attribuir ou emprestar á presente luta o character de uma luta de classes. A mesma revolta da armada não representa senão méro factor na agitação revolucionaria que avança da peripheria para centros.

O que está em jogo são os nossos fóros de povo livre e civilisado. Por mais illustradas que sejam as classes militares de qualquer paiz e elevado o seu effectivo numerico, não está na essencia do seu papel a direcção politica dos destinos da patria.

Acredito poder-me considerar como o official da armada pessoalmente mais relacionado com os nossos camaradas do exercito de terra.

Portanto, o ser forçado a cruzar armas com elles constitue naturalmente para mim a mais acerba das contingencias.

O que vos posso affirmar é que nenhuma ambição perturba o meu espirito, assim como que nenhum rancor guardarei da luta, quaesquer que venham a ser suas consequencias e o seu resultado final.

Acreditai-me sempre com verdadeira sympathia e estima vosso camarada attento e gratissimo — *Luiç Felippe de Saldanha da Gama.*»

O documento a que se refere o Sr. Saldanha da Gama. é o seguinte :

« No intuito de desfazer os boatos que infelizmente circulam de restauração para a qual contam com a força de infantaria, a officialidade dos 1.º, 7.º, 10.º, 22.º, 23.º e 24.º batalhões de infantaria, reunida, resolve protestar contra taes especulações, por isso que foi, é e será pela Republica Federativa; e declara que taes boatos só podem partir de especuladores, que buscam tirar vantagem do estado anarchico em que infelizmente parece percorrer as camadas sociaes.

Entretanto affirma mais uma vez que este, ou outro governo qualquer poderá contar com a sua solidariedade para a manutenção da ordem e sustentaculo da Republica.

Capital Federal, 17 de Dezembro de 1893.

Para não restar o menor vislumbre de incerteza nos espiritos vacillantes de alguns brazileiros ácerca das suas convicções politicas, julgamos sufficiente a transcripção de um topico da conferencia que a 20 de outubro com elle teve na ilha das Cobras o Sr. Augusto de Castilho e por este relatada na sua obra intitulada *Portugal e Brazil*, vol. II, pag. 201 :

— « Em tal hypothese (de optar pela revolta) porém, elle almirante arvoraria a bandeira monarchica, com a qual certamente se bandearia o proprio Custodio de Mello, os

revoltosos do Rio Grande do Sul e a grande maioria da população da cidade e do paiz do sul ao norte. Que depois disso elle atravessaria da ilha das Cobras para a cidade do Rio de Janeiro, como nos tempos antigós fizera Duguay Trouin.»

Foi com a seguinte carta que o novo chefe communicou a seu collega ter assumido o commando da esquadra no Rio de Janeiro :

Rio de Janeiro, Dezembro — 11 — 93.— Exm. Sr. contra-almirante Custodio José de Mello. — Aproveito a extrema fineza de um portador seguro para escrever a V. Ex.

Hontem, 10, assumi publicamente o commando da esquadra aqui; demorei-me alguns dias em fazel-o por motivo que V. Ex. deve comprehender. O meu manifesto, já publicado ante-hontem em avulso e hontem reproduzido (cousa curiosa!) pelo *O Paiz* e *Diario de Noticias*, o portador entregará a V. Ex. alguns exemplares.

Não pude satisfazer ao ultimo pedido de V. Ex. por telegramma.

Não ha navio prompto para forçar a barra, nem sei (salvo polvora) que munição poderíamos daqui dispensar agora.

O *Tamandaré* já tem atirado, mas não se póde considerar-o navio effectivo de combate, taes são suas falhas.

A situação mudou apenas, em que com o descuido da perda da Armação, estamos sendo empurrados do lado de Nictheroy para o da capital. Tanto melhor para nós e peor para o Governo.

Esta noite vamos tentar tirar o *Itaóca* do dique. E' a ultima cousa que nos resta fazer daquelle lado, pois até o carvão está acabado.

Vamos começar a operar activamente sobre a propria capital, de modo a não dar treguas.

Em todo o caso, a situação cada dia se torna mais difficil. Hoje operar do lado de fóra. Não pretendo fazer indicações de longe; mas acredito que uma operação combinada

sobre S. Paulo e Santos é o que ha de melhor a fazer neste momento. Fechada aquella ultima entrada, o Governo estará não sómente mais desmoralizado, como sem recursos. Força é não perder tempo.

Esquecia-me dar a V. Ex. a boa nova de que duas ameaças de assaltos a Villegaignon e ilha das Cobras, nas noites de 8 e 9, foram contastados em tempo e com perda para os assaltantes.

Aqui sabemos da capitulação do general Isidoro e tomada de Bagé. Sabemos mais que o marechal Floriano anda afflictissimo pela sorte e posição do general Arthur Oscar.

Inclusa remetto a V. Ex. uma chave para qualquer telegramma entre nós.

Por aqui saude boa; o mesmo desejo a todos de lá.

Ultima noticia.—O vapor *Parahyba* tentou sahir sob bandeira argentina. A transferencia de bandeira é um facto, mas em tudo mais verdadeiro e flagrante.

O navio está detido, os passageiros foram postos em liberdade. Está se descarregando a carga para ver o que ha pelo fundo.

Ainda não houve reclamação alguma. Aguardo-a para discutir o caso.

Termino repetindo:—mal não perder tempo.

Desejando a V. Ex. feliz successo nas suas operações, subscrevo-me camarada respeitador e criado obrigadissimo
—*Luiz de Saldanha*.

No periodo de tempo em que a revolta na bahia de Guanabara teve por principal chefe o almirante de Saldanha da Gama as peripecias da luta assumiram um character mais violento e a acção foi muito mais renhida, salientando-se sempre o definhamento no entusiasmo dos rebeldes e o mallogro que experimentavam em quasi todas as emprezas.

Logo depois de definida a sua posição a ilha das Cobras iniciou-se imitando os vasos de guerra em poder

dos revoltosos e disputando-lhes mesmo a primazia em victimar os inermes habitantes da cidade.

Segundo o programma do chefe Saldanha era sua missão bombardear o centro da cidade diariamente e nas horas de maior movimento. Na verdade, durante tres dias consecutivos foram cumpridas as suas ordens; mas, em virtude da opposição do commandante da ilha das Cobras, forams ustadas. Porém, por essa época as baterias do morro do hospital de S. João Baptista, alvejando incessantemente a nova fortaleza rebelde, condemnaram-na por muitas vezes ao silencio com as suas certas pontarias.

O ex-director da escola naval que com o seu desprezível procedimento provocara a animadversão de todos os cidadãos bem intencionados, foi distinguido pelo governo com um decreto especial, assim concebido :

O vice-presidente da Republica dos Estados Unidos do Brazil :

Considerando que o contra-almirante Luiz Felipe de Saldanha da Gama, director da escola naval, cargo da maior confiança, delle abusou, em proveito da revolta capitaneada pelo contra-almirante Custodio José de Mello, á qual em documento publico declarou adherir ;

Considerando que aquelle contra-almirante, incumbido de educar a mocidade destinada á honrosa vida do mar, em vez de ensinar os principios de ordem e disciplina, alliciou-a para a revolta, em franca opposição ás instituições republicanas, inculcando doutrinas subversivas e contrarias a todos os principios da moral civica e honra militar ;

Considerando que illudiu, durante tres mezes, a confiança nelle depositada pelo Governo, que o suppunha em leal desempenho da sua missão, por solicitar quasi diariamente todos os recursos que lhe eram necessarios, para a manutenção da escola naval.

Considerando que, quando apresentou-se no hospital de marinha, em nome da humanidade, para manter a ordem e a segurança, não teve outro intuito senão arregimentar os marinheiros nacionaes que tivesse obtido alta e os empregados daquelle estabelecimento para os fins da revolta, do mesmo modo porque o havia feito com os alumnos navaes ;

Considerando que accumulou clandestinamente elementos de guerra e poz mão criminosa em objectos da fazenda nacional existentes no commissariado geral da armada ;

Considerando que, na noite de 9 para 10 do corrente, rompeu vivissimo fogo de artilharia e fuzilaria sobre as forças que guarnecem estabelecimentos publicos e defendem o littoral, vindo os seus projectis attingir muitos pontos centraes desta capital ;

Resolve incluir o contra-almirante Luiz Felipe de Saldanha da Gama no numero dos revoltosos da armada nacional, já considerados desertores, declarar-o traidor á patria por intentar pelas armas destruir em seus fundamentos a Republica e por taes crimes sujeital-o ás penas da lei militar ;

O contra-almirante Felipe Firmino Rodrigues Chaves, ministro de estado dos negocios da marinha, assim o faça executar.

Capital Federal, 10 de Dezembro de 1893, 6º. da Republica. — FLORIANO PEIXOTO — *Firmino Chaves*.

Neste mesmo dia tornava publica o Sr. de Saldanha da Gama a seguinte

ORDEM DO DIA N. 2. — A esquadra ficará repartida em tres divisões. A 1ª. composta dos cruzadores *Almirante Tamandaré*, *Trajano* e *Liberdade*, sob as ordens directas do commandante-chefe.

A 2ª. dos paquetes-cruzadores *Jupiter*, *Pereira da Cunha*, *Mercurio*, *Penedo* e *Laguna*, sob as ordens do chefe Eliezer Tavares. A 3ª. do *Marte* e dos paquetes depositos sob as ordens do commandante do *Marte*. Aos demais dos deveres inherentes ao commando de sua divisão o Sr. chefe Tavares terá mais a seu cargo o serviço do provimento de carvão

e munições de guerra e tambem a guarda da parte de leste do porto. O commandante do *Marte* terá a seu cargo o deposito do frigorifico e distribuições dos generos á esquadra; o commandante da 2ª divisão providenciará igualmente sob a guarda da ilha de Paquetá e da linha de comunicação com aquella ilha.

Ficam em vigor as disposições em vigor na esquadra em materia de signaes, accrescidos estes aos que esta ordem acompanham.

Bordo do cruzador *Liberdade* no porto do Rio de Janeiro, em 10 de Dezembro de 1893. — *Luz Felippe de Saldanha da Gama*.

De accordo com o plano que adoptamos passamos a transcrever os principaes topicos de **notas diplomaticas** trocadas durante esta nova phase da revolta e que de alguma fórma esclarecem a chamada *intervenção estrangeira*; eil-as:

Ameaça de bombardeio á cidade.— « O contra-almirante Saldanha da Gama dirigiu, no dia 23 do corrente, aos Srs. commandantes superiores das forças navaes estrangeiras neste porto uma nota pela qual lhes annuncia que está decidido a bombardear a cidade do Rio de Janeiro, com canhões de grosso calibre, se actos de aggressão partirem não sómente das alturas da cidade, mas tambem da ilha da bahia conhecida pelo nome de « Ilha do Bom Jesus. »

«É notorio que todas as alturas que bordam a cidade estão guarnecidas de baterias de canhões. Não foram respeitadas os logares sanctificados e de beneficio a humanidade soffredora. Está fortificado o morro do Castello, que domina o hospital da Santa Casa da Misericórdia; não estão menos os morros de S. Bento e da Conceição, o primeiro com seu secular e historico convento beneditino, o segúndo com seu palacio episcopal; finalmente, tambem o está o morro do Bom Jesus, a cujo lado se ergue o recolhimento para os nossos proprios invalidos de terra e mar. Nestas condições,

V. Ex. comprehenderá sem duvida, ha de ser difficil que a esquadra possa manter até o fim da contenda o promettido respeito pela cidade do Rio de Janeiro, que passou de cidade aberta a ser uma praça de guerra, no sentido estricto do termo. Ao primeiro tiro de canhão de qualquer desses pontos, inclusive Bom Jesus, a esquadra responderá á aggressão com a sua grossa artilheria. »

« Os commandantes superiores das forças navaes da Italia, Inglaterra, Estados Unidos da America, França e Portugal julgaram dever responder ao contra-almirante Saldanha da Gama que os factos enumerados em sua nota não podem constituir provocações, de tal natureza que justifique a ameaça de bombardeamento da cidade do Rio de Janeiro; que o fogo das baterias, estabelecidas no Bom Jesus, ilha da bahia completamente fôra e afastada da cidade, não poderia ser considerado como uma das medidas de guerra que o governo tomara o compromisso de se abster. Os commandantes, consequentemente declararam ao contra-almirante Saldanha da Gama que por enquanto elles pensam conservar na questão ao bombardeamento da cidade a resolução que tomaram para com o Sr. contra-almirante de Mello, pela sua nota de primeiro de Outubro ultimo.

« Os commandantes transmittindo aos representantes da Inglaterra, Italia, Estados Unidos da America, França e Portugal as supramencionadas communicações, accrescentam que em virtude da communicação que acabam de dirigir ao contra-almirante Saldanha da Gama, a sorte da cidade do Rio de Janeiro se mantem subordinada a estricta observancia do compromisso tomado pelo governo federal de não pôr em bateria canhões na cidade.

Os representantes, pois, da Inglaterra, Italia, Estados Unidos da America, França e Portugal exprimem de novo a firme esperanza de que o governo federal continuará a tirar ao Sr. Saldanha da Gama todo pretexto de bombardear a cidade do Rio de Janeiro. No caso, contra toda previsão, de tornar-se o bombardeamento inevitavel, em consequencia de provocação, os representantes das mencionadas Potencias pediriam que se lhes fosse feita uma notificação com dois dias pelo menos de antecedencia, afim de preverem a

segurança dos seus nacionaes que residem na cidade, assim como de todo material fluctuante.

Petropolis, 31 de Dezembro de 1893.»

«O Sr. vice-presidente da Republica vê com prazer que os Srs. commandantes não admittiram a estranha pretensão do Sr. Saldanha de Gama, relativa a ilha do Bom Jesus, mas crê do seu dever afastar toda idéa de faltar elle ao compromisso de não pôr os canhões em bateria. Esse compromisso é respeitado e os Srs. representantes o reconhecem quando pedem ao governo federal que continue a tirar todo pretexto ao Sr. Saldanha da Gama. Mas o governo não se privou do direito de preparar-se para proceder energicamente contra os insurgentes, conforme as circumstancias.

Se infelizmente se der o caso, não de provocação, mas de acção, podem os Srs. representantes estar certos de que serão informados em tempo util. O governo federal o faria espontaneamente. »

Retirada de canhões do morro do Castello. — «Os representantes da Inglaterra, Italia, Estados Unidos da America, França e Portugal receberam dos commandantes das forças navaes das suas respectivas nacionalidades uma communicação em que eram avisados de estarem os ditos commandantes de posse de informações authenticas e positivas, das quaes resulta que sobre uma das eminencias da cidade do Rio de Janeiro, conhecida pelo nome de «Morro do Castello», têm sido assestados canhões de grosso calibre, que na mesma localidade ha outros que se preparam para esse fim, que alli existem canhões de calibre menor, todos postos em bateria, protegidos por saccos cheios de terra.

Ora, o vice-presidente da Republica dos Estados Unidos do Brazil annunciou, por intermedio do seu Ministro das Relações Exteriores, ao Corpo Diplomatico, em nota datada de 5 de Outubro de 1893 e por este transmittida aos commandantes das forças navaes estrangeiras, que o governo ia dar ordem para se retirarem os canhões das baterias estabelecidas na cidade do Rio de Janeiro — *vai ordenar que os canhões sejam retirados das referidas baterias.*

Os commandantes superiores das forças navaes estrangeiras consideram, pois a collocação daquelles canhões sobre o morro do Castello como uma ruptura do accôrdo a que o governo brazileiro havia adherido em 5 de Outubro de 1893 e como dando á cidade do Rio de Janeiro o caracter de cidade fortificada.

Nestas circumstancias, os commandantes das forças navaes estrangeiras declaram que não podem considerar-se por mais tempo na obrigação de manter-se a resolução que tomaram com o contra-almirante de Mello na comunicação que lhe dirigiram, em 1º de Outubro de 1893, resolução igualmente tomada para com o Sr. contra-almirante Saldanha da Gama, em outra comunicação a este dirigida em 25 de Dezembro de 1893 e da qual os representantes das Potencias interessadas deram conhecimento a S. Ex. o Sr. Cassiano do Nascimento, ministro das Relações Exteriores, por nota datada de 31 de Dezembro ultimo.

Os representantes das Potencias interessadas referindo-se á sua citada nota de 31 de Dezembro, em seu ultimo paragrapho, e movidos não só por sentimentos de humanidade, como pelo cuidado dos interesses que sobre elles pesa, vêm pedir agora ao governo federal que, para garantir a segurança dos seus nacionaes que residem na cidade do Rio de Janeiro e dos navios estrangeiros fundeados no ancoradouro, queira conceder um prazo de 48 horas, pelo menos, antes de fazer fogo com as baterias estabelecidas na dita cidade.

Petropolis, 2 de Janeiro de 1894.»

«Os Srs. commandantes estão bem informados quando affirmam que foram collocados novos canhões no morro do Castello, mas permittirão esta rectificação: que esses canhões não estão postos em baterias; estão, como os antigos, atraz das baterias, o que não indica a intenção de usar delles immediatamente e não é contrario ao accôrdo de 5 de Outubro.

O vice-presidente da Republica faltaria ao seu dever para com a Nação, se deixasse os insurgentes proseguirem livremente na sua criminosa empreza.

Quatro mezes são decorridos desde que o Sr. Mello se sublevou contra o governo legal do seu paiz e durante todo esse tempo a cidade do Rio, que era considerada como aberta,

não obstante a existencia de canhões sobre alguma das suas eminencias, tem sido vivamente bombardeada.

Neste bombardeamento quasi diario os insurgentes não se limitaram a atacar as forças que defendem o littoral: atiraram para o centro da cidade. Agora, o Sr. Saldanha da Gama ameaça servir-se dos seus canhões de grosso calibre. Mudaria assim de instrumentos de destruição, não de procedimento: ha muito tempo que por elle foi rompido o accôrdo.

Os Srs. representantes desejam para segurança dos seus nacionaes que residem na cidade do Rio de Janeiro e dos navios estrangeiros ancorados no porto, que o governo federal conceda um prazo de 48 horas, pelo menos, antes de fazer fogo com as baterias estabelecidas na mesma cidade.

Sobre este ponto o Ministro de Estado das Relações Exteriores se limita a reiterar as seguranças contidas em sua precedente nota.

Rio de Janeiro, 6 de Janeiro de 1894.»

Desartilhamento da ilha do Bom Jesus.— « Os representantes da Inglaterra, Italia, Estados-Unidos da America, França e Portugal receberam communicação das forças navaes de suas respectivas nacionalidades, informando -os de que, cortada a linha de tiro das baterias collocadas na ilha do Bom Jesus a que está marcada para refugio dos navios mercantes, estes ficam ameaçados pela explosão prematura dos projectis provenientes ou daquellas baterias, ou dos navios insurgentes. Os representantes das Potencias precitadas têm a honra de chamar a attenção de S. Ex. o Sr. ministro das Relações Exteriores para essês factos, dos quaes resulta que a zona indicada pelo capitão do porto para ancoradouro dos navios mercantes pôde ser attingida pelo fogo das baterias da ilha do Bom Jesus.»

O governo, em resposta, mandou retirar os canhões da ilha do Bom Jesus, e a consequencia desta medida foi-lhes communicada na seguinte nota:

« O Ministro das Relações Exteriores communica aos Srs. representantes da Inglaterra, Italia, Estados Unidos da

America, França e Portugal, que os insurgentes aproveitando-se da resolução tomada, em consequencia da nota de 14 do corrente, pelo Sr. vice-presidente da Republica, de retirar os canhões da bateria da ilha do Bom Jesus, occuparam a mesma ilha, ás 4 horas da manhã de 24.

Rio de Janeiro, 25 de Janeiro de 1894.>

Conquista da Ilha do Governador. — O primeiro revez que soffreram os inimigos da Republica foi a conquista da ilha do Governador pelas forças leaes.

Para esta empreza foram organisadas duas expedições; a primeira tendo por chefe o intemerato



General João Baptista da Silva Telles

compunha-se do 23^o batalhão de infantaria, de uma força de policia e da guarnição de um canhão de campanha *Krupp*. A segunda foi commandada pelo coronel Antonio Moreira Cesar.

A primeira columna embarcou na madrugada de 13 deste mez no Engenho da Pedra em escaleres e effectuou o desembarque na ponta do Galeão na ilha do Governador, indo abrigar-se em vasto edificio ahi existente.

Reconhecido este movimento das forças legaes, partiram da esquadra duas lanchas perfeitamente artilhadas, as quaes atracando á ponte deram desembarque a cerca de 30 homens que se dispunham a tomar o edificio quando foram repellidos por vivissima fuzilaria que os obrigou a bater em retirada com suas embarcações.

Acampando o general Silva Telles no interior da ilha, ahi aguardou a chegada das forças restantes, enquanto que a ilha do Fundão, situada entre o Engenho da Pedra e o Galeão, era occupada tambem e guarnecida com o canhão *Krupp*.

Cerca das 4 horas da tarde começaram as forças do segundo contingente a ser hostilisadas por um navio armado em guerra seguido de duas lanchas; mas alguns disparos de artilharia foram bastantes para fazel-os retroceder. Seguindo-se depois a internar-se, sempre hostilisadas do lado do mar, alcançaram emfim a segunda columna, que havia desembarcado antes, em seu acampamento em frente ao hospital de S. Bento.

No dia 14 com a cavallhada que chegara começou a marcha da expedição em direcção a escola de aprendizes

marinheiros, quando no sitio denominado Encruzilhada de Santa Cruz teve que fazer alto para mandar proceder a um reconhecimento de que foi encarregado o tenente-coronel Torres Homem.

Distribuidas as posições para o combate que se tornou depois renhido de ambos os lados, e quando o intemerato general Telles procurava observar a posição de uma companhia de atiradores do 23^o ou talvez com a sua presença animar os seus bravos camaradas, foi grave e traiçoeiramente attingido por uma descarga da força inimiga que se emboscára em uma macega.

Retirando-se ferido ordenou que a posição fosse sustentada e a luta continuada, succedendo-lhe no commando o coronel Zeferino de Campos como official mais graduado.

Não querendo este assumir a responsabilidade das operações ulteriores, na ilha, o tenente-coronel Torres Homem que ahí se achava na qualidade de encarregado dos serviços de estado-maior, procurou o governo na Capital para receber novas ordens.

A segunda expedição foi organizada e confiada ao coronel Antonio Moreira Cesar, commandante do 7^o batalhão de infantaria, que em a noite desse mesmo dia 14 encaminhou-se para a ilha e para a qual passou-se na manhã de 15 com toda a força e material de artilharia.

A cavallaria passou do lado do Engenho da Pedra.

Depois de deixar uma força defendendo a ponta do Galeão foi acampar perto do hospital de S. Bento e antes de amanhecer o dia 16, tendo a brigada atravessado um caminho á descoberto dos navios inimigos, fez alto

no mesmo sitio onde haviam acampado as forças do general Telles.

Depois de feito um reconhecimento pela estrada por onde estas forças se haviam dirigido o qual se estendeu até um vasto descampado, além da Encruzilhada de Santa Cruz, o coronel Moreira Cesar tomou as melhores posições e á tarde começaram os canhões a atirar contra um frigorifico e algumas lanchas que se achavam perto das ilhas visinhas e fronteiras, os quaes logo retiraram-se do alcance da artilharia.

Emfim, no dia 17, depois de uma exploração por toda a ilha, de alguns tiros trocados com um frigorifico que se achava a vista da enseada da escola, e da occupação deste estabelecimento, ficaram as forças leaes de posse de toda ilha, cujo abandono recente e precipitado revelava-se a todos os momentos.

Foi esta uma grande perda para os revoltosos, visto como era dalli que retiravam cereaes e agua e que se proviam de carne fresca ; era por alli que entretinham relações com a Capital e finalmente a ilha servia-lhes de uma trincheira natural para a navegação no fundo da bahia do Rio de Janeiro.

Porém a sua occupação pelos legalistas custou a vida de um bravo e benemerito brasileiro que unguido pelo amor da Patria jámais deixou de sacrificar-se pela sua integridade.

Ferido traiçoeiramente no combate de 14, apenas sobreviveu 10 dias. Foi mais uma victima da sanha dos ambiciosos energumenos do almirante Custodio, foi mais um heróe cujas virtudes civicas reflectindo no

animo de seus bravos commandados acendraram-lhes o espirito no mais acrisolado patriotismo, transformando-os em imperterritos batalhadores.

Da parte dos revoltosos este combate foi resumidamente narrado na seguinte

ORDEM DO DIA N. 3.—Hontem 15 pela primeira vez encontraram-se em terra os nossos marinheiros e soldados com as forças do marechal Floriano; o combate ferio-se nas margens do Jequiá, na ilha do Governador proximo do canal occupado pela escola n. 8 de aprendizes marinheiros. Compostas das tres armas contavam surprender-nos, mas nos encontraram em posição promptos a recebê-las; as nossas forças se compunham tão somente de tres canhões dos quaes um de tiro rapido movido por 100 marinheiros nacionaes e de mais 100 soldados navaes; na ala direita o 1º tenente Antão Corrêa da Silva, sustentando brilhantemente a posição, fez recuar o inimigo depois de duas horas de porfiada luta; o 2º tenente Honorio Delamare na ala esquerda teve ordem para avançar e envolver o inimigo, não conseguiu o resultado almejado pelas difficuldades materiaes do terreno a percorrer.

Tendo principiado o combate à 1 hora da tarde terminou cerca das 4 horas da tarde pela retirada do adversario. As honras do dia pertencem ao 1º tenente Antão Corrêa da Silva. Congratulo-me com os meus camaradas por mais essa assignalada vantagem.

Bordo do cruzador *Liberdade* no porto do Rio de Janeiro, em 16 de Dezembro de 1893.—*Luiz Felipe de Saldanha da Gama.*

Não era ainda decorrida uma semana e bem vivas eram as reminiscencias do combate da ilha do Governador e já os clarins da victoria annunciavam mais um triumpho para as tropas do governo com a

Tomada do Mocanguê Grande.—A's 4 horas da tarde do dia 21 um contingente de 50 praças da

guarnição de Niterôy tripolando uma lancha da *Companhia Cantareira e Viação Fluminense* seguiu para a ilha do Mocanguê Grande debaixo de uma verdadeira chuva de balas que partia dos marinheiros estabelecidos na ilha do Vianna.

Dirigia a expedição o major Vicente Gomes da Silva Junior.

Effectuado o desembarque protegido pelas baterias da Armação empenhou-se a luta quasi corpo a corpo, sendo desalojados pela segunda vez os revoltosos da ilha á custa da perda de duas vidas nas pessoas de dous bravos officiaes da expedição assaltante, o 1º tenente Pinheiro e o alferes Alfredo Silva.

Então frigorificos e lanchas rodeando a ilha despejaram as suas boccas de fogo sobre as forças victoriosas, no que foram acompanhados pelos marinheiros da ilha do Vianna e pelo *Almirante Tamandaré*.

O combate tomou maiores proporções, entrando em acção além das baterias da Armação e Ponta da Areia, tambem as de Gragoatá e do morro de S. João Baptista.

O tiroteio se prolongou até ao anoitecer, sendo depois mais tarde renovado por mais de uma vez.

Este temerario feito de armas alcançado pelos soldados da Republica além da vantagem de proporcionar-lhes mais tranquillidade constantemente perturbada pelas trincheiras e casamatas que os marinheiros haviam construido no alto da Armação, assegurou-lhes tambem mais uma posição estrategica para hostilisar a esquadra.

Mas esta conquista teve em breve tempo de voltar para os revoltosos que, senhores de toda a navegação

na bahia do Rio de Janeiro, facil lhes foi reconquistal-a no mez seguinte.

Por essa occasião appareceu affixado por mão occulta em uma taboleta da Associação Commercial, na Capital Federal, um boletim noticiando a invasão de Niterõy e grandes victorias dos revoltosos no sul.

Era assim que estes procuravam angariar adeptos á sua causa; adulterando os factos, annunciando ephemeras victorias e forjando as mais disparatadas vantagens e noticias.

Poucos dias apenas eram decorridos que o pretencioso cavalheiro de alta estirpe, já então chefe da marinhagem revoltada, abraçara decisivamente o movimento revolucionario, e já a população da cidade do Rio de Janeiro tinha sobejas provas de suas futuras intenções.

Sabendo o sr. Saldanha da Gama que á sua artilharia só podiam as forças de terra oppôr a fuzilaria, mandou na madrugada de 15, que o *Jupiter*, *Amazonas*, *Guanahara* e mais tres lanchas, dentre as quaes a *Lucy* e o *Vulcano*, rompessem fogo com os seus canhões contra o Arsenal de Marinha. Todos os projectis, foram cahir no centro mais populoso da cidade, augmentando o numero de victimas.

Os valorosos soldados da Republica, no intuito de destruir em todos os meios de resistencia que apresentavam os seus inimigos, levaram a temeridade a ponto de, em pequenas e frageis embarcações, desafiam as suas possantes machinas de guerra. O couraçado *Sete de Setembro*, a *Marajó* e o *Madeira* ao serviço dos

insurrectos, foram incendiados pela guarnição da cidade de Niterôy e tambem o vapor *Itaóca* que se achava no dique.

A bem da verdade historica não podemos conter os nossos protestos de reprovação contra alguns officiaes da guarnição daquella cidade e principaes responsaveis pelos actos de criminosa depredação, praticados anteriormente com os moveis e mais objectos pertencentes ao primeiro daquelles vasos de guerra.

E assim chegou ao seu termo o anno de 1893 cujos ultimos dias tornaram-se indeleveis na lembrança da familia brasileira, pelo modo por que se succederam caminhando sempre para o desfecho da perturbação social que havia quatro mezes paralytava a prosperidade da primeira nação sul-americana.

Entretanto são bem cabiveis neste logar algumas ponderações sobre a attitude que durante essa nefasta revolta, geralmente assumio o

ELEMENTO ESTRANGEIRO

Bastantes razões tinham os romanos para chamarem *hostis* indifferentemente ao estrangeiro ou ao inimigo, porquanto, no Brazil é o estrangeiro, com raras excepções, inimigo do paiz.

A prova desta asserção está na intervenção escandalosa que subditos de varias nações exerceram, collocando-se do lado da facção evidentemente mais fraca, e

alentando-a com enganosas esperanças no proposito de poderem por mais tempo comprazer-se com a agonia da Nação.

Foi assim que o corpo diplomatico e os commandantes das forças navaes surtas em nosso porto deixaram bem manifestas as suas intenções evidentemente inclinadas á causa das hostes adversas ao governo legal.

Os actos irregulares destes ultimos provocaram da parte do ministro da marinha o aviso de 21 de Outubro de 1893, assim concebido :

Ao Sr. Ministro das Relações Exteriores.

Diante dos acontecimentos que se têm dado desde o dia 6 do mez passado por força da revolta levantada pelo contra almirante Custodio José de Mello, conseguindo apoderar-se dos nossos vasos de guerra, aqui ancorados com alguns officiaes e a marinhagem, o procedimento que têm tido os commandantes dos vasos de guerra estrangeiros, surtos neste porto, me parece menos regular, e até esquecidos dos preceitos do direito internacional.

No dia acima indicado, e logo que se tornou conhecido o criminoso acto do contra-almirante Mello, mandei o Chefe do Estado Maior General a bordo dos cruzadorês francez *Aréthuse*, onde tem seu pavilhão o contra-almirante Libran; britannico *Sirius*, commandante Lang; italiano *Giovani Bausan*, commandante de Libero; portuguez *Mindelo*, commandante Castilho, communicar a occurrencia, afim de acautelarem-se, e garantirem as communicações dos seus navios com a terra, evitando-se sinistros possiveis, em vista da attitude dos navios revoltosos, e assim cumprio o Chefe do Estado Maior General.

A resposta desses chefes militares foi que, scientes da communicação, aguardavam instrucções dos agentes diplomaticos de suas respectivas nacionalidades.

No dia 12 daquelle mesmo mez os sobreditos vasos de guerra estrangeiros retiraram-se do ancoradouro do Poço, proprio de taes navios, para o de S. Bento, a convite,

segundo foi logo corrente, do chefe da revolta, por ter este de bombardear, como effectivamente fez no dia seguinte, as fortalezas da barra e varios pontos desta cidade e da de Nitheroy.

Este facto, só por si, justifica o meu juizo expressado ao começar esta minha communicação, porquanto prova a intelligencia, que tiveram os alludidos chefes militares, com o chefe da revolta no intuito de facilitar o ataque, por modo tão condemnavel, á esta cidade, onde é a população assás consideravel, e são immensos os interesses publicos e particulares; uns e outros deviam reclamar todos os meios indirectos que a taes chefes occorressem para resguardal-os: tanto mais quanto, além de ser isto de humanidade e tratar-se de uma nação amiga, em muito grande parte essa população e esses interesses são das nacionalidades desses mesmos vasos de guerra, que lhes devem protecção directa.

Além disso, esse mesmo facto prova que os chefes dos navios de guerra estrangeiros infringindo uma disposição expressa de lei nossa, sempre respeitada por quantos navios têm entrado nos nossos portos, qual é não occuparem ancoradouro que não seja o que lhes está destinado, sem prévia autorisação deste ministerio, conforme o art. 23 do Regulamento das capitancias dos portos, dado pelo decreto n. 447 de 19 de Maio de 1846, ao mesmo tempo prova que, reconheciam elles no chefe da revolta competencia para regular o movimento no porto desta cidade, como si autoridade não houvesse com tal competencia e unica legitima representante do poder perante o qual estão acreditados os representantes das suas respectivas nações.

Ainda nesse indevido ancoradouro se acham os mencionados vasos de guerra estrangeiros, e outros, que têm posteriormente entrado neste porto, têm tomado logar alli.

Accresce que os navios revoltosos têm ousado deter navios das nacionalidades desses vasos de guerra estrangeiros, aliás assignalados com a bandeira da respectiva nação, e embora desembaraçados após algum tempo, nenhum acto demonstrativo de estranheza por isso, e no intuito de fazer cessar semelhante violencia, se viu ainda praticar de parte de nenhum daquelles vasos de guerra, parecendo assim que

se condescende com os revoltosos, que nenhuma autoridade representam, o que de alguma fôrma offende á nossa soberania.

A este respeito cito o que se deu com o vapor *Elisa Souto*.

Sahia este vapor de nacionalidade ingleza com destino aos portos do norte; ao passar em direcção á barra, um dos navios revoltosos dos que pertencem á Companhia Frigorifica o fez deter a tiro de bala, forçando-o a fundear sob a bateria da *Trajano*, outro navio revoltoso, e só depois de meia hora de demora, e após visita exercida por parte dos revoltosos, foi que seguiu aquelle navio sua viagem.

Cumpre ainda dizer que escaleres e lanchas, assim de navios como de estabelecimentos e empresas, com bandeira de algumas das nacionalidades dos navios de guerra estrangeiros, têm muitas vezes communicado com os navios revoltosos.

Por ultimo, não posso deixar de dizer-vos que, durante todo o tempo decorrido desde a revolta do contra-almirante Mello, cessaram as relações dos vasos de guerra estrangeiros com este ministerio, sendo muito para notar que nem ao menos os commandantes dos que neste periodo têm entrado neste porto, tenham feito sua apresentação ou visita official, como de estylo, nunca esquecido.

Dirigindo-me á vós nos termos em que agora o faço, é meu fim pôr-vos ao corrente do que mais directamente me cabe conhecer, para que em face do direito internacional, possaes agir como melhor convenha, e ao mesmo tempo orientar-me em assumpto que deve occupar-me no maior accôrdo comvosco.

Saude e fraternidade. — *Firmino Chaves*.

Dos estrangeiros domiciliados no Brazil são os portuguezes os que mais directamente têm influido no desenvolvimento do seu meio social; quer entrando como factor numerico, quer influido com as relações communs de linguagem, tradição e usos que ligam os povos dos dous continentes. Mas, como raça outr'ora dominante,

a sua interferencia resente-se actualmente desse ramerraneiro predominio decahido e que durante o regimen monarchico no Brazil pareceu adormecido sob o sceptro de um representante da casa bragantina.

Não seria difficil, pois, prophetisar-se qual deveria ser a attitudo desse povo em um movimento que se manifestasse com tendencias de character restaurador como foi a revolta de 6 de setembro, que encontrou o apoio franco, moral e material de quasi todo o commercio luzitano.

A demonstração frisante deste facto está ainda bem recente no animo de todos os patriotas, alguns dos quaes dotados de espirito exaltado e sob uma bandeira tumultuaria, procuravam manifestar-se com censuravel ostentação de actos aggressivos.

A legação portugueza, representada pelo sr. conde de Paço d'Arcos, encarregou-se officialmente de demonstrar que não lhe eram extranhos os acontecimentos de setembro, telegraphando tres mezes antes da revolta ao seu governo para communicar-lhe que o marechal Floriano Peixoto ia ser deposto, o que levou Portugal a enviar antes de 6 de setembro a corveta *Mindello* para o porto do Rio de Janeiro.

Como se vê, a legação de Portugal no Brazil achava-se intimamente ligada aos revoltosos, porquanto, conhecia antecipadamente as suas secretas machinações.

Pelo seu lado, o sr. Augusto de Castilho commandante das forças navaes portuguezas em serviço na America do Sul foi o proprio a declarar em uma carta, que

tornou publica, que conversando uma vez com o sr. Saldanha, aconselhou-o a que se mantivesse naquella attitude de neutro e offereceu-lhe asylo nos vasos de guerra do seu commando no caso de ser mal succedido na sua aventura.

Este procedimento teria por movel a gratidão, em virtude de serviços anteriormente prestados pelas forças rebeldes? (*)

O dever de humanidade, tão preconizado pelo sr. Castilho, esteve adormecido durante todo o tempo em que os revoltosos barbaramente bombardearam as cidades abertas do Rio de Janeiro e Niterôy, mesmo com a perda de vida de muitos subditos portuguezes, e só se manifestou quando o governo brasileiro procurou punir em suas aguas a esses reprobos, recebendo em seus navios a individuos de todas as profissões e condições sociaes, e até mesmo a criminosos de direito commum, porquanto era notorio que dos rebeldes faziam parte os sentenciados evadidos das prisões da ilha das Cobras.

(*) Em data de 26 de Outubro de 1893 foi dirigido pelo ministro da marinha ao das relações exteriores o seguinte aviso:

Exm. Sr. Ministro das Relações Exteriores.—Em additamento ao meu aviso de hontem, venho trazer ao vosso conhecimento outra occurrencia, que deve accentuar melhor o vosso juizo sobre o procedimento dos navios de guerra estrangeiros, que neste porto se acham, relativamente aos navios revoltosos.

A corveta portugueza *Mindello*, (commandante Castilho) ao sahir do dique onde esteve por concessão deste ministerio, em reparos, foi tomar o ancoradouro do Poço, rebocada pela lancha *Vulcano* ao serviço dos navios revoltosos.

Saude e fraternidade.—*Firmino Chaves.*

Adstrictos á sua politica geralmente empregada em varias questões internacionaes, os inglezes residentes no Brazil não desmentiram os seus antecedentes historicos; figuram no segundo plano na interferencia assumida pelo elemento estrangeiro durante a revolta dos almirantes.

Sob a mascara da neutralidade, as forças navaes inglezas apparentaram uma indifferença disfarçada permittindo que carregamentos inteiros passassem de bordo de navios mercantes de sua nacionalidade para o poder dos revoltosos, notando-se até uma certa complacencia da parte de algumas casas commerciaes que deveriam ser prejudicadas, sem fallarmos no activo e habil transporte de correspondencias e jornaes para os revoltosos quasi que monopolizado pelos subditos da Grã-Bretanha.

Os Estados Unidos da America do Norte, mantiveram-se sempre promptos a defender os preceitos de Monröe e declararam-se manifestamente do lado dos poderes legalmente constituídos. Estas asserções não carecem de demonstrações, visto como o proprio governo com o povo brasileiro mostraram-se posteriormente reconhecidos, promovendo ruidosas e festivas manifestações de regosijo.

Quanto as demais nações, abandonando-se alguns casos isolados em que diplomatas europeus pareceram entreter relações amistosas com o almirante Mello, talvez pelo facto deste ter sido durante cerca de seis mezes ministro do exterior, mantiveram-se aquellas em louvavel posição neutral.

Para concluir vejamos de relance extractos de alguns artigos sobre a revolta publicados por jornaes estrangeiros afim de bem avaliarmos da attitude de varios orgãos da imprensa européa, consoante a dos seus representantes em o nosso paiz.

IMPrensa PORTUGUEZA:

Da *Tarde* de Lisboa: « As ultimas noticias do Brazil, deficientes e contradictorias, não nos autorizam a prever com segurança se o resultado da luta será favoravel ao governo existente de Floriano, se aos insurrectos. Nenhuma das causas nos é extremamente sympathica, como não são sympathicos os chefes de uma e outra. Preoçupam-nos os acontecimentos do Brazil, pela natural sympathia que temos por um povo da nossa raça, e pelos valiosos interesses que alli têm a numerosissima colonia portugueza e muitos outros portuguezes que dalli têm regressado, deixando lá uma parte de seus haveres. Depois da malfadada revolução que alli implantou a Republica e dos governos detestaveis e facciosos que se lhe têm seguido a baixa do cambio, que foi a sua natural consequencia, tem privado o nosso paiz. vai em quatro annos da remessa annual de milhares de contos de réis, o que tem prejudicado de uma maneira notavel a nossa economia interna.

A revolução republicana contra o imperio e contra o reinado pacifico liberal, prospero e tolerantissimo do mais sympathico dos soberanos, do bom, honesto, intelligente e patriota D. Pedro II, revolução nascida de uma insurreição de quartel, que é sempre uma cousa desprezível, capitaneada por alguns especuladores e por alguns pedantes, mais ou menos ingenuos, da chamada philosophia positiva, fez a desgraça temporaria do Brazil. Este vicio de origem, que além de tudo foi um acto de baixa e feia ingratição para com o velho e sympathico imperador, é como todos os vicios de origem o que principalmente prejudica o novo regimen.

Algumas pessoas, com uma certa logica apparente, entendem que o remedio aos males presentes, e uma consequencia natural dos acontecimentos, é voltar o Brazil ao regimen

monarchico. Não é esta a nossa opinião. Crêmos que a monarchia acabou de vez no Brazil, ou que tarde poderá vir a ser restaurada, pelas mesmas razões porque poude desaparecer por uma simples insubordinação de quartel e o conluio de alguns especuladores e de alguns pedantes, e sem nenhuma especie de resistencia, nem do povo, nem das classes elevadas, nem da cidade do Rio de Janeiro, nem do resto do imperio.

As razões deste facto são as seguintes :

1.^a Faltava ao Brazil a tradição historica do imperio, porque a tradição historica, para ser assim considerada e ter importancia, precisa ter seculos de existencia, e a independencia do Brazil apenas datava de algumas dezenas de annos.

2.^a O bom imperador estava doente e velho, e o seu legitimo e immediato successor era sua filha, que não era sympathica aos brazileiros, pelos seus exaggeros de *Beatice*, e porque o principe seu esposo, aliás um homem muito illustre e intelligente, e um character honestissimo, era accusado de avareza, qualidade que contrastava com a nobre generosidade do sogro, e que não pôde ser bem vista num paiz rico e aventureoso, como todos os paizes da America.

3.^a Em todos os paizes, uma das classes conservadoras e dos principaes sustentaculos dos governos existentes, é a dos proprietarios de terras. Estes proprietarios, que no Brazil eram, por interesse proprio, adversarios á emancipação dos escravos, não perdoaram ao imperador as suas idéas contrarias e a sua responsabilidade e influencia na adopção legal da lei anti-esclavagista, e muitos delles, por despeito, fizeram-se republicanos. E' curioso este facto, mas é conhecido e innegavel. E' tão honroso para o velho imperador, como pouco sympathico para os fautores da revolução.

4.^a Uma revolução e mudança de instituições não se sustentam contra a vontade e a resistencia effectiva das classes numerosas de uma nação. Estas classes comprehendem os pequenos proprietarios de terras, os pequenos commerciantes, os pequenos industriaes e os operarios. No Brazil ha poucos pequenos proprietarios de terras. Uma parte dos pequenos commerciantes e dos pequenos industriaes são estrangeiros, portuguezes, italianos e allemães, que, pelo

facto de serem estrangeiros, se importam pouco com a fôrma de governo da terra em que apenas residem para fazer fortuna. Até os que estão naturalizados não podem ter o mesmo patriotismo dos que são brasileiros de origem. Na propria classe numerosa dos trabalhadores, além de haver muitos estrangeiros, como em todas as terras americanas, ha em grande numero os antigos escravos emancipados, homens de uma raça inferior que não podem ter o patriotismo brasileiro.

Todas estas cousas explicam a facilidade com que se fez triumphar sem resistencia e revolução, e a difficuldade de uma outra revolução em favor da monarchia.

Mas o Brazil é um paiz novo e um paiz rico, um dos mais ricos da America. Por isso os seus males actuaes são temporarios e passageiros. O restabelecimento da ordem publica e da sua progressiva prosperidade, que tanto nos interessa, é uma questão de futuro mais ou menos proximo. E' possivel que o excesso do mal porque está passando seja, por uma natural reacção, a causa do restabelecimento da ordem, como aconteceu a outra das mais importantes republicas hispano-americanas.

Desta probabilidade e deste confronto nos occuparemos.»

D'A Voz Publica : « Em telegramma do jornal americano « New York Herald » encontramos as seguintes informações :

« Londres, 25. — O correspondente do « New York Herald » no Rio de Janeiro declara que nos documentos encontrados entre os objectos pertencentes ao almirante Saldanha da Gama, depois de sua capitulação, descobriram-se papeis provando formalmente cumplicidade de officiaes portuguezes e inglezes com os revolucionarios. »

O *Correio da Manhã* de 13 de Março estampava em suas columnas o seguinte artigo, justamente quando já era conhecido em Portugal, os acontecimentos occorridos na bahia do Rio de Janeiro :

« Correu ante-hontem em Lisboa o boato de que o governo recebera um telegramma em que se lhe noticiava que o

almirante Saldanha da Gama havia deposto as armas e procurado abrigo a bordo da coiveta *Mindello*.

Achamos tão extraordinario aquelle boato, em vista das ultimas noticias recebidas que não o quizemos reproduzir, e ante-hontem mesmo, telegraphamos ao nosso correspondente em Buenos-Ayres, pedindo-lhe esclarecimentos sobre os boatos terroristas espalhados em Lisboa.

A resposta que, só hoje nos foi annunciada publicamol-a adiante em telegramma. >

Eil-o :

« Buenos-Ayres 13, 12 horas e 20 m. da m. (Ao Correio da Manhã) NÃO SE ACREDITA AQUI RENDIÇÃO DE SALDANHA. BOMBARDEAMENTO RECOMEÇARÁ AMANHÃ. CONTA-SE COM VICTORIA INSURRECTOS.

IMPrensa INGLEZA :

Da *Pall Mall Gazette* de 22 de setembro extraçtamos esta carta que segundo a declaração do proprio periodico foi escripta por um dos officiaes dos vasos inglezes estacionados em nosso porto :

« Parece, dizia esse official, que o presidente Peixoto tem uma sensivel antipathia á marinha e aos assumptos navaes em geral e que tem feito a marinha descer a tal grau de inferioridade, que não ha mais de sete navios capazes de navegar.

Elle tem além disso governado o paiz com um despotismo militar desconhecido mesmo nos annaes do Brazil. Isto e outros motivos induziram os almirantes Wandenkolk e Mello (posto que fossem inimigos) a darem-se as mãos para resistirem á oppressão. A revolta devia ter tido logar em Julho passado, mas foi frustrada pela captura de Wandenkolk em Santa Catharina e sua prisão, sob sentença de morte, no forte de Santa Cruz.

Obrigado a contemporisar por algum tempo, o proprio de Mello, ministro da marinha, dedicou suas energias a accumular polvora, viveres, munições de guerra, etc. a bordo dos navios que restavam, até que entraram suspeitas no espirito do presidente, em consequencia de que, o

couraçado *Riachuelo* foi enviado para a França, a soffrer grandes concertos, enquanto o navio restante *Aquidaban*, deu entrada no dique, para reparos.»

O official narra em seguida as peripecias da guerra até aquella data e fecha assim a sua expressiva carta:

« No curso de uma conversa, perguntou-se ao almirante se elle pretendia apresentar-se candidato á Presidencia. « Longe disso, retorquiu elle: meu unico intento é libertar esse povo, que soffre, dos pesados impostos que o opprimem e do autocratico governo de um tyranno militar que levanta baterias n'uma cidade até agora sem defesa, esperando que eu faça fogo sobre ella e incorra no odio das nações em geral. Não é minha intenção fazel-o; meu objectivo principal é tomar posse da fortaleza de Santa Cruz, impedir então a entrada ou sahida de navios hostis á minha causa e formar uma base para minhas operações, que provavelmente assumirão a fórma de um desembarque, na cidade, das tropas que operam nas provincias do Rio Grande e Santa Catharina. Essas virão nos meus transportes e cruzadores e não tenho nenhuma duvida de que o desembarque se fará com exito, apoiado por um ataque geral da esquadra; e a paz estará restabelecida dentro de tres mezes.» Interrogado ácerca do boato relativo á restauração do Imperio, elle respondeu que, ainda que fosse um ardente republicano, por natureza e interesses, elle prefereria hastear a bandeira monarchica a ver seu paiz cahir no extremo da degradação para onde o via caminhar.»

Da *The Western Press* de 21 de setembro:

« As condições do Brazil vão de mal a peor. A luta intestina que tem trazido para esse paiz uma Republica que nunca foi livre, torna-se intensa. Os capitalistas estão receiosos. O commercio está soffrendo seriamente e, se não se pôe um termo a estes continuos rompimentos de guerra civil que chega ao peor ponto agora, os recursos do paiz podem se tornar insufficientes. Sem nenhuma duvida, a difficuldade de recuperar o poder num paiz, em circumstancias ordinarias, é grande; mas o Brazil está fortemente onerado por uma divida e o desenvolvimento de seus recursos depende de capitalistas estrangeiros que exigirão garantias sufficientes para suas

empresas. Actualmente essas garantias não podem ser dadas, porque não ha um governo estavel. O recurso que parece naturalmente indicado é a *restauração da monarchia*. Tal recurso já tem sido discutido entre brasileiros moderados. Mas onde se ha de buscar novo imperador? D. Pedro não deixou filho. Sua filha ainda vive. Ella é mulher de um francez de posição (*sic*) mas parece ser geral no Brazil a opinião de que uma imperatriz é impossivel. O neto de D. Pedro ainda não attingiu a idade madura, de modo que ha difficuldades para o restabelecimento da dynastia de Bragança. Mas, se os brasileiros estão resolvidos a restaurar o Imperio, isso não é uma difficuldade insuperavel. Reis e imperadores, existem em toda parte. O rei da Grecia é um monarcha eleito. O principe da Bulgaria foi escolhido pelo povo. A quem occupar, o throno no Brazil trará enormes responsabilidades. Mas seria inteiramente impossivel que uma pressão internacional determinasse essa situação? As obrigações financeiras do Brazil para com o Velho Mundo poderiam, se um desastre parece inevitavel, preparar o caminho para uma intervenção européa.»

Do *Standart*: «Um forte governo com os attributos e o prestigio da magestade real ou imperial, pôde salvar esses pobres Estados do Brazil do desmembramento, da luta fraticida e de muitos annos de anarchia. Mas onde se pôde achar o monarcha? Que esperança ha de ver a filha de D. Pedro ou ella e seu marido restaurados no throno do Brazil? Lá são ambos sensivelmente impopulares. Alguma probabilidade teria havido para um de seus filhos se, o mancebo tivesse ido, de espada em punho, reaver a corôa de seus antepassados. Não ha corôa possivel para quem deseja o triumpho por mera intriga ou pela luta dos outros. Um governador capaz e energico (*an able, masterful Ruler*) seria de valor inapreciavel para o Brazil e não um mau substituto da liberdade, que é a licença em alguns dos visinhos do Brazil. Ficariamos verdadeiramente contentes em saber que os chefes da actual revolta acharam tal homem para rei: mas se o acharam, elle deve vir de outro *stock* (*sic*), que não a casa de Bragança. Um forte principe allemão poderia sel-o; e estamos certos de que teria um leal apoio da parte dos seus compatricios na

provincia do Rio Grande do Sul. Elles têm sido a cabeça e a alma da rebellião contra os dictadores e a corrupção do Rio, e nenhum general da provincia metropolitana pôde alimentar a esperança de unil-os á Republica Federal, seja pela boa vontade, seja pela força. Mas acompanhariam um principe allemão. Mesmo que então o Sul tivesse de conquistar o Norte, a Unidade seria restaurada.»

Do *Rio News* (7 de outubro de 1893) «... Permittimo-nos dizer que nenhuma cidade do mundo corre maior risco de anarchia e pilhagem. Uma porcentagem enorme desta população é de tal indole, que uma vez quebrado o dominio da autoridade se torna um populacho desenfreado e terrivel.

As fileiras do exercito, da armada, da policia e da guarda nacional, procedem desta classe.»

Ainda da *Pall Mall Gazette*:.....

« Seja como fôr, parece que a restauração do imperio é muito desejada ; e, ao ver que sob o imperio o Brazil gosou de uma larga prosperidade e esteve isento de revoluções que constantemente paralysem as emprezas da America do Sul, os melhores amigos do Brazil e aquelles mais intimamente interessados no seu progresso, fazem votos para que ella se effectue.»

Emfim, quando em Montevidéo procurou o almirante Custodio de Mello refutar em uma extensa carta a mensagem do vice-presidente da Republica dirigida ao Congresso Nacional, denunciou o offerecimento que lhe foi feito pelo correspondente do « Times », assim como o auxilio que recebera de um *comité* estrangeiro, que funcionou na propria cidade do Rio de Janeiro. Como « La Prensa » de Buenos Ayres publicasse uma contestação de Mr. Akers sobre o factio acima alludido, o sr. Custodio de Mello apressou-se em tornar publica uma segunda carta concebida nos seguintes termos:

• Mr. Akers tem por certo fraca memoria, visto que é inacreditavel que o correspondente de um jornal tão importante

como o « Times » portanto um cavalheiro, negue o que disse ha tão pouco tempo.

Em apoio da affirmação contestada por esse cavalheiro, bastaria a minha palavra; porém desde que ha pessoas que me não conhecem, appello para o testemunho dos officiaes que então se achavam embarcados no "Aquidaban", dous dos quaes, o meu ex-secretario capitão-tenente Belfort, e o ex-immediato do referido couraçado, o capitão-tenente Pinto de Sá aqui se acham.

Estou certo que estes dous officiaes virão a imprensa afim de sustentar a minha affirmação e para avivar a memoria de Mr. Akers.

Recordo-lhe que a proposta que me fez e da qual trata na citada exposição, foi dita na camara do "Aquidaban", em presença do commandante do "Norseman" vapor do serviço telegraphico submarino no Rio de Janeiro, e ainda mais que entre os argumentos adduzidos figuraram queixas amargas contra quasi todos os homens notaveis da Republica. »

Sem um resultado pratico para quaesquer das partes antagonicas, continuaram os bombardeios quotidianos durante o mez de janeiro.

Os factos mais importantes occorridos no decurso deste mez foram: o *Incendio do deposito de carvão da ilha do Vianna*, a *Entrada do Aquidaban* e o *Incidente com a esquadra norte-americana*.

Na tarde de 9 uma expedição da guarnição de Niterõy partindo da Ponta da Areia, dirigio-se para a ilha do Vianna, onde os revoltosos se abasteciam de combustivel e lançou fogo ao deposito de carvão, sendo na volta muito hostilisada pelos rebeldes. Mas esta perda foi por estes compensada com a tomada da ilha da Conceição no dia seguinte, a qual, comquanto pertencesse

á casa ingleza *Wilson & Sons*, não foi reclamada pelo representante diplomatico desta nação.

Na madrugada de 12, ás 4 horas e 20 minutos entrou o *Aquidaban* sem ser muito hostilizado pelas fortalezas da barra. Por não trazer nem içar o pavilhão de almirante houve conjecturas que não trouxesse o almirante Mello a seu bordo.

Na manhã do dia 29, quando o rebocador *Gil Blas* e uma lancha artilhada atacavam as linhas da Saude e Gambôa e em cuja acção foi victima o aspirante Saldanha da Gama, sobrinho do almirante, foi observado o cruzador americano *Detroit* suspender ferros e a todo o vapor pôr-se em marcha, com a marujaa postos e prompto para entrar em acção.

Passando entre as ilhas das Cobras e das Enxadas aproou para a *Trajano* que deu um tiro de protesto ou de submissão, calando-se em seguida. As pequenas embarcações rodearam este navio e o *Detroit* deu fundo.

Durante o dia todos os navios que formavam a esquadra americana permaneceram de fogos accesos, enquanto que em terra corriam os mais desencontrados boatos.

Foi o caso que, por varias vezes, embarcações americanas tinham sido embaraçadas nas suas descargas por lanchas ao serviço dos revoltosos, o que provocou reclamações dos representantes daquella nação junto do chefe da revolta, que por sua vez não pareceu providenciar como o caso exigia.

Tres barcas americanas *Amy*, *Good News* e *Julia Rolins*, tentando, porém, atracar ás docas da Gambôa para descarregar, o rebocador *Gil Blas* procurou apri-sional-as; foi então que a divisão americana julgou dever sahir da neutralidade que até então conservára para correr em soccorro do seu pavilhão ultrajado.

Toda a esquadra americana collocou-se em linha de combate inclusive quatro torpedeiras que subitamente se apresentaram de fogos accesos; e, ao signal do cou-raçado *S. Francisco*, onde tremulava o pavilhão do contra-almirante Benham, todos os vasos içaram o signal de mostra geral.

Assim terminou este incidente, deixando desfavo-ravel impressão no animo dos proprios amigos da revolta em terra.

Uma nota que foi publicada por um dos periodicos, attribuida ao contra-almirante Benham e dirigida ao ajudante-general do exercito encontrou formal desmen-tido em outro orgão de publicidade.

Este acontecimento veio tolher os progressos da revolta na bahia do Rio de Janeiro. Com o precedente estabelecido, tiveram os demais navios de guerra estran-geiros que intervir no descarregamento de mercadorias transportadas por navios de suas nacionalidades, em proveito da população e em detrimento dos revoltosos, que começaram a sentir falta de comestiveis e mu-nições.

Talvez pretendessem os amigos da revolta oppôr a essas vantagens do governo os seus feitos operados a 3 e a 19 nas ilhas do Engenho e do Mocanguê e nos quaes

tiveram vantagens incontestáveis ; porém, si considerarmos a sua superioridade com relação á posição destes dous pontos, devemos antes lamentar as medidas do governo que em tão má hora lembrou-se de fortificá-los.

Foi durante o mez de fevereiro que as forças revoltosas experimentaram os maiores reveses com os seguintes feitos militares, cujos resultados influíram poderosamente para o completo desprestígio dessa angustiante revolta e concorreram para implantar o desânimo entre os seus mais entusiastas adeptos.

Começou com a **saída do rebocador Audaz** das docas da Alfandega. Comquanto este acontecimento não tivesse um grande alcance material, foi, entretanto, um dos ousados commettimentos occorridos durante a revolta. A's 3 horas da madrugada do dia 4, effectuou incolume a travessia do canal que fica entre as ilhas das Cobras e de Villegaignon debaixo de um chuveiro de balas e foi surgir todo embandeirado na praia de Botafogo.

Combate em Niterôy. — Antes de nos occuparmos com este notavel acontecimento convém remontarmos ás suas causas determinantes.

Já de ha muito que as esperanças do chefe revoltoso em a nossa bahia eram acoroçadas em terra pelos seus amigos que por varias vezes asseguraram-lhe a imminencia da explosão de um movimento de apoio material á causa da revolta, sendo-lhe egualmente communicado o seu plano que consistia no assalto ás fortificações do

Castello e morro de S. Bento, cabendo á gente do mar apoderar-se das fortificações do littoral, sob a protecção da esquadra.

Convindo no plano, dispôz o almirante Saldanha toda a esquadra no sentido de operar e com a guarnição á postos esperou todo o dia 5 de fevereiro o signal convencionado de terra para entrar em acção; porém, como esta tentativa tivesse falhado, bem como outras que se lhe seguiram, resolveu o chefe revoltoso aproveitar-se das boas disposições de seus commandados em proveito de uma outra acção importante que proporcionasse vantagens e beneficios ás suas languidas forças, cuja situação dia a dia mais se aggravava com os elementos offensivos que surgiam de todos os lados.

Nesta emergencia foi resolvida a occupação da cidade de Niterôy.

« Reunido com effeito todo o pessoal naquella ilha (*Conceição*), durante a noite de 7 para 8, assim narra um official revolucionario que fez parte da expedição, o proprio almirante dividio-o em cinco columnas, assim organisadas :

1ª COLUMNA (180 homens): Commandada pelo 1º tenente Antão Corrêa da Silva, chefe da expedição, tendo por ajudante de ordens o cadete da Escola Militar Mario de Alcantara (morto em Buenos-Aires, quando procurava escapar-se das corvetas portuguezas), e para auxiliares o guarda-marinha Mario Cesar Borman de Borges, e os aspirantes Augusto Durval da Costa Guimarães, Carlos Alves de Souza, José de Lima Campello, Octacilio Pereira Lima e civis Drs. Antonio de Lacerda e Luiz Fraga, Manoel Duarte (operario do Arsenal de Guerra) e alferes da Guarda Nacional Rozendo Zacharias (operario do Arsenal de Marinha).

Essa força deveria desembarcar no estaleiro da Companhia Frigorífica, e seguiria a tomar posse do Laboratorio Pyrotechnico, depois de tomar a bateria da *Mangueira*.

2ª COLUMNA (100 homens): Commandada pelo 1º tenente Alípio Dias Colona, tendo por auxiliares os guardas-marinha Conrado Luiz Heck e Oscar Moniz, os aspirantes Francisco Pereira das Neves, Luiz Perdigão e o civil Dr. Aquilino do Amaral.

Desembarcando na *Ponta d'Aréa*, deviam contornar o morro da Armação, de modo a collocar o adversario entre dous fogos, porquanto outra columna occuparia o alto do morro, dominando a posição do inimigo, que teria, ainda mais, a retaguarda cortada pelas forças do 1º tenente Antão da Silva.

3ª COLUMNA (70 homens): Commandada pelo 2º tenente Arthur de Azevedo Thompson, tendo como auxiliares os guardas-marinha Heraclito Belfort Gomes de Souza, Alberto Durão Coelho, aspirantes João Antonio da Silva Ribeiro Junior, Jonathás Rodrigues de Loureiro Fraga, Heitor Marques e Roberto de Barros.

Esta columna devia desembarcar no ponto denominado *Toque-Toque*, de onde destacaria o guarda-marinha Belfort com 35 homens, para reforçar a columna do 1º tenente Moura Rangel, devendo o resto da força guarnecer a rua que ahi vai ter, afim de impedir a retirada do inimigo.

4ª COLUMNA (60 homens): Commandada pelo 1º tenente José M. de Moura Rangel, tendo como auxiliares os aspirantes Eugenio Graça e Frederico Villar, cadetes do exercito Gustavo Moncorvo Bandeira de Mello e Frederico Guimarães, sargento do batalhão naval João Barbosa da Silva.

Desembarcando tambem na *Ponta d'Areia*, devia immediatamente apossar-se da bateria ahi montada, cujos canhões assestaria logo para o caminho que vai ao Quartel de Policia.

5ª COLUMNA (110 homens): Commandada pelo guarda-marinha Antonio Dias de Pinna Junior, tendo por auxiliares os aspirantes Oscar Chaves Ferreira Campos, Alvaro Nunes de Carvalho, Celso da Cunha Gonçalves, José Carlos Dias

da Silva, Manoel Clementino Carneiro da Cunha e Theodoro Carlos de Faria Souto.

Esta ultima columna desembarcaria tambem na *Ponta d'Areia*, seguindo logo a occupar o alto do morro da Armação, antes de haver avançado a segunda columna.

Ao todo 520 homens, incluindo officiaes e inferiores.

No alto das ilhas *Conceição* e *Cajú* foram collocados, na primeira um canhão Nordenfelt de 37 m/m, e na segunda um dito Whitworth de calibre 2 1/2, afim de protegerem, auxiliados pela artilharia da ilha de *Mocanguê Grande*, sob a direcção do alferes Benedicto de Souza, o desembarque de toda a força.

Na ilha da *Conceição* estava o guarda-marinha Raphael Brusque, e na do *Cajú* o aspirante Agerico Ferreira de Souza, conservando-se tambem na primeira o contra-almirante Saldanha e seu estado-maior, promptos a desembarcarem na *Ponta d'Areia* na occasião opportuna, servindo-se de um pequeno escaler tripolado por dous marinheiros.

Todo o transporte do pessoal seria feito em batelões a reboque das embarcações artilhadas, á excepção das duas ultimas columnas que o fariam em batelões pintados de cinzento escuro e tripolados pelas proprias praças de desembarque.

Os rebocadores depois de largarem os batelões, cruzariam entre o continente, *Mocanguê Grande*, e por fóra, metralhando as posições do adversario e impedindo a passagem de reforços, o « *Liberdade* » na entrada do canal entre *Mocanguê Grande* e *Armação*, o « *Jupiter* » em frente á *Armação*, o *Aquidaban* pairando em frente ao Laboratorio para metralhar o inimigo se marchasse para aquelle estabelecimento por esse lado, e finalmente o « *Tamandaré* » occuparia a posição mais conveniente para com facilidade e proveito bombardear as posições occupadas pelas forças do Governo, e especialmente o morro de S. João Baptista e o forte de Gragoatá.

Taes foram as ordens expedidas e pessoalmente ratificadas na ilha da *Conceição* pelo almirante Saldanha, na noite de 7 para 8 de Fevereiro, em que não foi possível realisar-se o ataque por circumstancias de occasião, o que foi de véras uma felicidade para os revolucionarios, visto

como soube-se depois que nessa noite, por denuncia partida da propria esquadra, a guarnição estivera sempre a postos, esperando o annuciado assalto.»

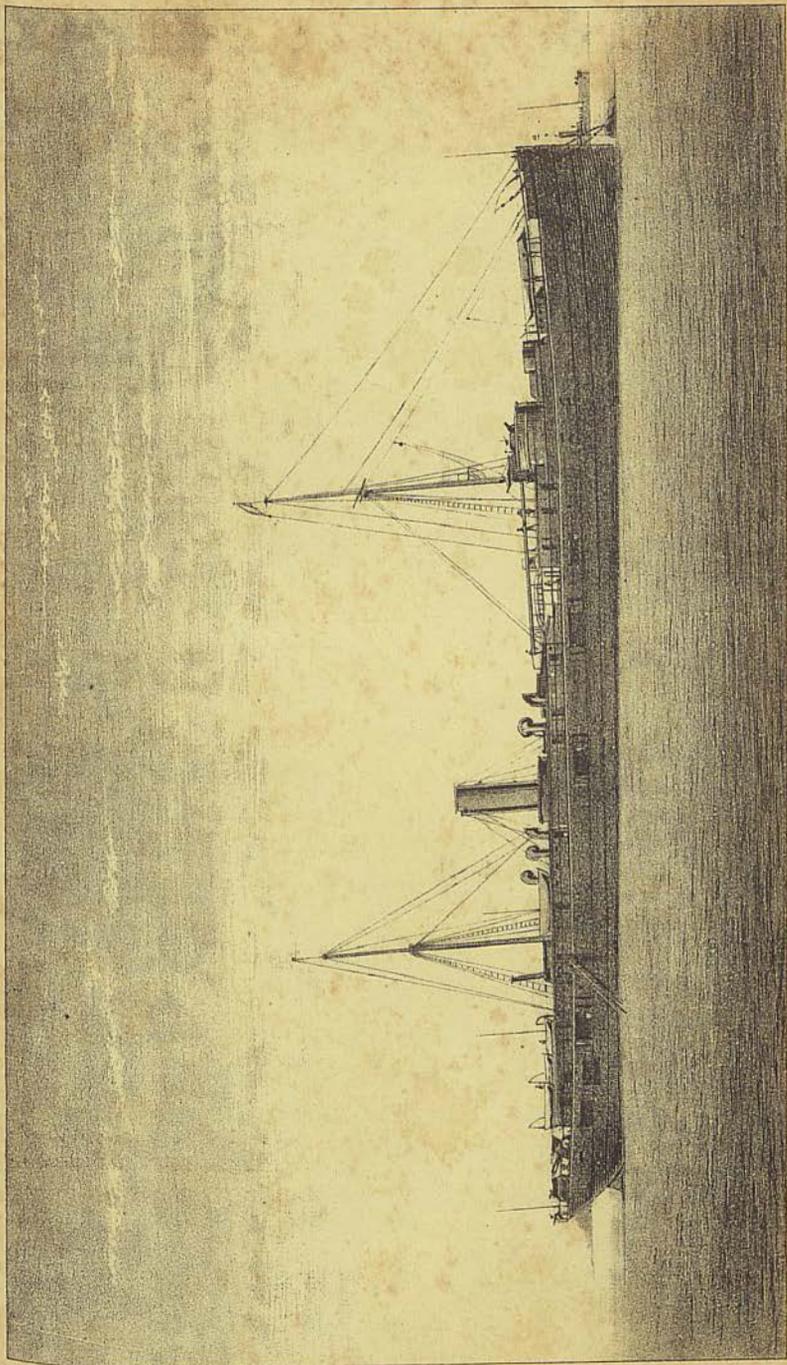
Na madrugada do dia 9 de Fevereiro foram os pacificos habitantes da Capital Federal despertados, ás 3 horas da madrugada, com um vivissimo tiroteio para os lados da Armação.

A principio julgou-se que fosse um dos muitos e vulgares combates travados entre as forças que guardavam aquella parte do littoral e lanchas e rebocadores ao serviço dos revoltosos; porém em breve tempo reconheceu-se que acontecimentos gravissimos occorriam do outro lado da bahia.

Ao romper da aurora já era compacta a multidão que se acotovelava nos cáes e praias e que dominava as eminencias, acompanhando as peripecias do combate mais importante occorrido durante a revolta de 6 de setembro no porto do Rio de Janeiro.

Era uma séria e bem combinada tentativa para a occupação da invicta cidade de Niterôy e de cujo resultado dependeria sinão a victoria para os rebeldes, ao menos um poderoso impulso para a sua causa, assim julgava o proprio chefe Saldanha da Gama, dirigindo em pessoa o assalto do qual resultaram-lhe ferimentos.

Protegidos pela escuridão da noite e tripolando lanchas e escaleres, sahiram de detraz da ilha do Cajú bandos de marinheiros que, matando as sentinellas a golpes de machadinha, desembarcaram nas pontes das officinas da *Companhia Frigorifica* e da fabrica de sabão e velas.



CRUZADOR NICTHEROY

Em acto continuo, para proteger esse desembarque, que se effectuava a um tempo por quatro pontos, a Armação, o Toque-Toque, o Porto da Madama e a Ponta da Areia, grande numero de lanchas, rebocadores, frigoríficos armados em guerra e a corveta *Liberdade* vieram occupar o canal entre as ilhas do Mocanguê, Conceição, Vianna e Ponta da Areia, hostilizando com grande vantagem as forças do governo que se compunham de contingentes dos batalhões *Tiradentes e Benjamin Constant*.

A principio tentou a guarnição enfrentar com a columna invasora, forte de 500 homens, descarregando os canhões *La-Hitte e Krupp* que estavam carregados, circumstancia esta a que deveu uma favoravel retirada em direcção a Armação. Alguns soldados que se separaram do grupo retirante foram feitos prisioneiros.

Os revoltosos, conhecedores do terreno, pois o batalhão naval dava destacamentos para a guarnição da Armação, galgaram o morro por varios atalhos e atacaram por diversos lados a guarnição da bateria da *Mangueira*, que teve de abandonar a posição por se tornar impossivel a resistencia.

Desse pontô dirigiram-se os marinheiros para a Armação e Laboratorio, tendo quasi cortado a retirada das forças da Ponta da Areia e Toque-Toque, que tiveram de abandonar aquella posição por serem ahi atacadas por terra, pelo morro e por mar por numeroso grupo inimigo.

Animadas as forças revoltosas com estas ephemerhas vantagens marcharam para o coração da cidade no proposito de, caminhando pelas ruas do Principe, Visconde

Este é de certo um dos mais brilhantes feitos de armas da America!

Tenhaconfiança a Nação na esquadra libertadora e dentro em poucos dias estarão vingados seus brios offendidos!

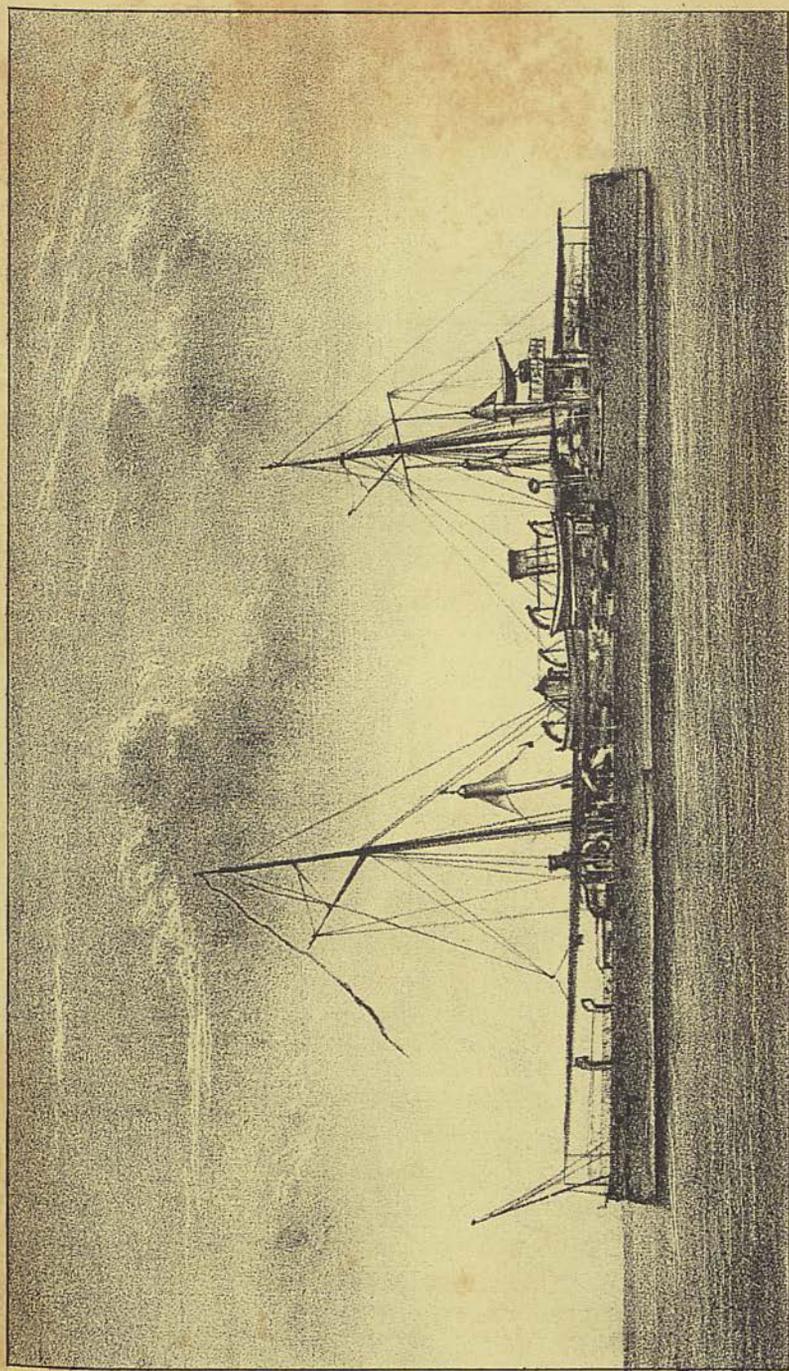
Viva a nação brasileira.

Tomada de Magé. — Reconhecendo os revoltosos a vantagem de se conservarem senhores de uma parte do continente banhado pela bahia do Rio de Janeiro, visto como poderiam desta fórma estabelecer facil communição com os seus correligionarios na Capital Federal e principalmente enviar emissarios que observassem os planos do governo, fizeram convergir seus esforços para a cidade de Magé, então quasi abandonada pelos seus habitantes.

Ahi installados em numero superior a 100 levaram presas as autoridades judicias e outros cidadãos e apossaram-se dos cofres publicos.

Foi o coronel Godolphim encarregado de desalojar-os commandando uma expedição composta de contingentes do 1º regimento de cavallaria do exercito, 10º de infantaria da guarda nacional do Districto Federal e regimento policial do Estado do Rio; formando ao todo uma força equivalente em numero a dos rebeldes, acommetteu-os no dia 21 de fevereiro.

Presentindo as forças do governo, retiraram-se os revoltosos para o centro da pequena cidade onde entrincheiraram-se a principio nas ruas, guarnecendo-as com canhões *Krupp*, e depois nas casas abandonadas, donde faziam nutrido fogo sobre os atacantes; redobrando estes de energia e coragem assaltaram esses



GUSTAVO SAMPAIO

de Itaborahy e do Uruguay, surprehenderem as tropas legaes pela retaguarda e em seus quartéis; porém, estes ousados planos foram frustrados pela bravura dos dous chefes general Argollo e coronel Fonseca Ramos que, reunindo as forças ahi estacionadas e confiando-as a denodados officiaes, offereceram tenaz resistencia aos adversarios.

Não tardou que estes, reconhecendo a insustentavel posição que haviam conquistado ao preço de dezenas de vidas, retrocedessem talvez com o fim de se concentrarem na Armação secundados por contingentes que desembarcassem.

Sob as ordens do bravo commandante do batalhão academico, tenente-coronel Thomaz Cavalcanti, marchou um reforço, margeando o Sacco de S. Lourenço, em direcção ao centro do combate. Divididas as forças em duas columnas foi escalado o morro da Armação e obrigados os revoltosos a abandonarem a posição depois de duas investidas que lhes custaram a perda de sete vidas.

Com os reforços que chegaram e formando uma forte columna as tropas da Republica levaram de vencida os revoltosos; e, retomando os canhões da Ponta da Areia fizeram recuar as lanchas que pretendiam atracar.

Do Laboratorio e da Ponta da Armação foram desalojados os invasores pelos heroicos batalhões *Benjamin Constant* e *Tiradentes*, emquanto que os marinheiros refugiados no morro da Armação eram hostilizados e capturados.

Emfim, ao meio-dia, substituidos os lençóes que os revoltosos haviam hasteado, pelo tricolor pavilhão nacional irrompiam de todas fileiras delirantes vivas á Republica e á Legalidade.

Segundo os dados estatísticos deste combate resultou a baixa de 147 bravos de ambos os lados e a perda de muitas armas e munições dos rebeldes que em tão má causa distinguiram-se em actos de bravura e heroismo.

Não foi secundaria a missão do forte de Gragoatá neste combate. Os jovens que formavam a sua guarnição desprovidos deapparelhos proprios que lhes facilitassem a mudança dos canhões, fizeram-na a pulso, apontando-os para os sitios onde o ataque se mostrava mais renhido. Um schrapnell do *Aquidaban* explodindo dentro das muralhas desta fortaleza, matou instantaneamente os academicos Luiz Nicanor Lucas e José Pereira de Gouvêa.

O *Aquidaban* tentou mesmo fazer calar o effeito efficaz da sua artilheria, approximando-se bastante e fazendo uso de seus canhões das torres e de menor calibre, no que era acompanhado pelo *Tamandaré* e pelos dous fortes rebeldes.

Entretanto áquella guarnição deve-se em grande parte o resultado favoravel obtido, a qual por sua attitude energica conseguiu impôr a retirada das guarnições dos revoltosos do littoral, as quaes com grande perdae transportando o seu chefe ferido, procuraram abrigo em seus escolhidos ancoradouros, emquanto que lanchas e rebocadores, em grande actividade de locomoção para as

ilhas de Paquetá e das Enxadas (*) demonstravam que não pequeno fôra o numero de feridos.

No mesmo dia em que se deu este combate foi a sua victoria communicada ao governo pelo general Argollo no seguinte telegramma :

«NITHEROHY.—Os revoltosos atacaram hoje pela madrugada simultaneamente, diversos pontos do littoral de Nitherohy e desembarcaram em alguns delles onde foram no fim de pouco tempo desalojados, deixando muitos mortos e prisioneiros, entre estes alguns officiaes.

A bravura e heroismo da valorosa guarnição de Nitherohy mais uma vez mostrou que não consentirá o estabelecimento de revoltosos em terra. Viva a Republica!—General Argollo.»

Em homenagem á intrepidez que os dous valentes militares general Argollo e coronel Fonseca Ramos mostraram naquelle memoravel combate foram promovidas entre patriotas brasileiros, subscrições destinadas a acquisição de espadas que foram offer-tadas áquelles heróes.

E' digna de leitura a seguinte ordem do dia para bem se avaliar com que *fidelidade* eram os acontecimentos narrados pelos chefes dos revoltosos, afim de dissipar do

(*) Foi nesta ilha que o almirante Saldanha da Gama arvorando a bandeira da Cruz Vermelha, estabeleceu o seu hospital de marinha e de sangue a cargo do contra-almirante Dr. J. Pereira Guimarães que teve como prestimoso auxiliar o Dr. Senior, medico-chefe da divisão naval britannica e que pelos seus bons serviços foi louvado em ordem do dia do chefe dos revoltosos.

Muitas lanchas navegavam livremente pela bahia a seu serviço e distinguiram-se á noite das demais embarcações pelas luzes branca, azul e encarnada, dispostas em triangulo. Soldados e officiaes do governo que na luta cabiam feridos, em poder dos revoltosos eram tambem recolhidos a esse hospital de sangue e tratados com toda a humanidade; é um facto do dominio publico

animo dos marinheiros a má impressão de suas desastrosas emprezas.

Correspondencia de bordo—Official—Dia 9.—Tomada da Armação—A's 11 horas da noite começámos o cerco sem que o inimigo percebesse, de sorte que ás 2 horas da manhã estava completamente envolvido afim de que não fugissem em debandada, como costumam; evitando que lhes infligissemos a lição de um desembarque em terra por quatro pontos simultaneamente.

Ao signal dado travou-se renhido combate e a justiça nos ordena que digámos que, pela vez primeira, o inimigo portou-se com denodo, provavelmente porque não havia o recurso da fuga, que nós tornámos muito difficil.

O combate prolongou-se até pela manhã, quando o inimigo se rendeu á discreção.

Uma vez senhores da Armação, ponto que não nos convinha occupar, encravamos toda a artilharia e inutilisamos todas as munições que não podiam servir-nos.

Esperamos então o regresso dos nossos companheiros que se batiam na cidade, estes chegaram ás 9 horas da manhã, acompanhados de 193 prisioneiros, além de grande contingente da valente força de policia, que, comprehendendo afinal a justiça da nossa causa, prestou relevantes serviços.

Baixas: As forças do dictador soffreram tal revez que temos necessidade de garantir com a nossa honra de marinheiros brasileiros a sua veracidade. Mais de 400 entre mortos e feridos e 601 prisioneiros, os quaes foram levados para bordo de nossos navios em cujas cobertas formarão amanhã e depois das 8 ás 9 horas da manhã. O general Argollo (commandante-chefe das forças em Nitherohy) foi ferido gravemente no abdomen e entregou a força de sua gente que para isso obteve liberdade.

Tasso Fragoso morto e muitos outros officiaes cujos nomes daremos em correspondencias mais circumstanciadas.

As forças que operaram em terra encravaram a artilharia em diversos pontos fortificados, como: Toque-Toque, Ponta da Areia, etc., inutilisaram o holophote e trouxeram as bandeiras.

alojamentos, produzindo desordenada fuga aos rebeldes, muitos dos quaes foram alcançados e feitos prisioneiros.

Os principaes chefes, dentre os quaes achavam-se o tenente Vinhaes e Dr. Climaco Barbosa, conseguiram retroceder para o lado dos seus correligionarios politicos deixando 10 marinheiros mortos e 5 prisioneiros, além de armas, munições e correspondencias que foram apre-hendidas como trophéos de victoria.

Além dos tristes effeitos moraes que perturbaram a tranquillidade dos pacificos moradores desta pobre localidade, foram ainda estes victimas das consequencias de abominaveis scenas de saque em suas propriedades, sendo, entretanto, difficil apontar-se os principaes autores de tão vergonhosos attentados, em razão do estado excepcional a que esteve exposta sob o dominio de ambas as facções inimigas.

Pela terceira e ultima vez durante a revolta o terrivel *Aquidaban* transpoz a barra do Rio de Janeiro na madrugada do dia 21 e foi unir-se ao *Republica* que desde a vespera cruzava fóra da barra, para juntos tentarem um ataque á esquadra do governo que se preparava no norte. Pelo que se deprehe de um manifesto do almirante Mello, publicado em Montevidéo, este commettimento não foi levado a effeito em virtude de desarranjos que se deram nas machinas desses vasos de guerra, os quaes forçaram-nos a retrogradar.

A ordem do dia que se segue narra os esforços empregados pela fortaleza da barra para obstar a sahida do navio-chefe dos revoltosos.

Commando das baterias da fortaleza da Lage, 21 de Fevereiro de 1894 — Ordem do dia n. 4 — Para conhecimento desta guarnição e fins convenientes faço publico o seguinte:

Tendo hontem apparecido á barra um vaso de guerra suspeito, o qual, intimado pela fortaleza de Santa Cruz, fez sobre ella alguns disparos de artilharia, em distancia a não ser attingido pela artilharia desta fortaleza, fazendo-se mais ao largo, fiz immediatamente tocar a postos, conservando assim todas as guarnições durante o dia e a noite, até que pelas 3 1/2 horas da madrugada fizemos signaes de que um navio demandava a sahida da barra. Dentro em pouco tempo reconhecemos com o auxilio dos holophotes da Gloria e de S. João ser o navio em questão o couraçado *Aquidaban*, em poder dos revoltosos.

As fortalezas de S. João e de Santa Cruz, em occasião mui opportuna, puzeram em acção a sua artilharia, no que foram imitadas por esta fortaleza, que immediatamente rompeu fogo contra o couraçado e a fortaleza de Villegaignon, sua alliada, a qual, fazendo uso de todos os seus canhões, procurou embalde distrahir a nossa attenção, secundada pelo navio já anteriormente visto fóra da barra, o cruzador *Republica*.

Durante o bombardeio que então teve logar, ficou esta guarnição sob a acção de tres fogos de diferentes lados, o que não obstante de modo algum conseguiu diminuir o valor dos nossos artilheiros, o que para esse commando constituiu motivo de sincero e justo orgulho.

Diversos projectis attingiram esta fortaleza, produzindo alguns estragos materiaes, se bem que em pequeno numero tendo um delles partido ao meio no sentido transversal um canhão *Paicham*, calibre 80, que se achava desmontado e junto á cabrilha desta fortaleza.

Com o *Aquidaban* deveria tambem sahir o vapor *Pereira da Cunha* que fóra habilmente artilhado e entrincheirado pelo seu commandante o capitão-tenente Vasconcellos; talvez devido a esta circumstancia foi

aproveitado pelo chefe almirante para guarnecer a ilha do Engenho. Achava-se ainda nessa missão quando, ao amanhecer do dia 23, foi a sua tripolação despertada com um enorme estampido precursor da horrível catastrophe que a victimou. Attingido por uma bala que occasionou a explosão do paiol da pólvora, em poucos minutos submergia com a lancha *Teixeira Brandão* que se achava atracada ao seu costado. Poucos tiveram tempo de se salvar a nado, perecendo a maior parte de sua guarnição, inclusive o seu commandante e o aspirante Dias da Silva.

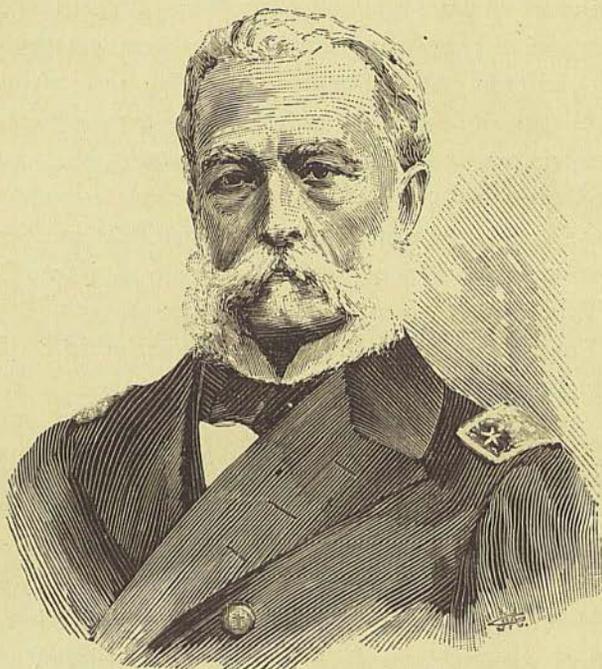
Emquanto estes factos occorriam na bahia do Rio de Janeiro deixava um dos portos do norte a

ESQUADRA LEGAL

Na mensagem dirigida ao Congresso Nacional pelo marechal Floriano Peixoto por ocasião de abrir-se a primeira sessão ordinaria da segunda legislatura destaca-se o seguinte topico :

Infelizmente, em nossa legendaria e briosa marinha de guerra fizeram-se sentir com extraordinaria intensidade os desastrosos effeitos da revolta ; chegaram as cousas a tal ponto, diffundio-se de tal modo o sentimento da *neutralidade*, que o Governo se vio na contingencia de recorrer ao patriotismo de um general reformado, porque, excepção feita dos que francamente se manifestaram pelas instituições, todos os outros se esquivaram ao cumprimento do dever, autorisando assim a presumpção de que o espirito de rebeldia havia contagiado quasi que totalmente a marinha.

Este general reformado e uma das maiores glorias da marinha nacional foi o



ALMIRANTE

Jeronymo Francisco Gonçalves (*)

(*) Os deveres inherentes á missão de historiador consciencioso obrigam-nos a não calar certos factos que, comquanto futuramente occorridos, vieram deslustrar os relevantes serviços prestados por este official general da armada brasileira; referimo-nos ao premio por demais exíguo com que insistentemente procurou alcançar da Nação o galardão de seus serviços, e por demais funesto para fazer esquecer o seu devotamento pela causa da Republica. Para maiores esclarecimentos poderá o leitor percorrer os Annaes do Senado Federal do anno de 1895, onde estão registrados as apaixonadas e vehementes censuras de um de seus membros relativas a esta questão, que ali não logrou conquistar os fóros de lei.

Permutando as commodidades do lar e a vida pacifica e despreocupada que reclamava a sua avançada idade consumida em relevantes serviços prestados á Nação, pelos azares de uma luta incerta e gigantesca, não trepidou o grande patriota em sacrificar-se pela salvação da Patria, collocando-se com toda a dedicação ao lado da legalidade.

Porém, missão mais importante estava-lhe reservada; obedecendo as ordens do governo, seguiu para o sul afim de organizar a esquadra que deveria pôr termo á situação angustiosa em que se debatia todo o paiz.

Foi com a seguinte ordem do dia que se dirigiu em Montevidéo aos seus commandados :

Commando em chefe da Esquadra Brasileira em operações de guerra nas costas do Brazil até o Prata e seus afluentes. Bordo do Cruzador *Tiradentes*, 21 de Outubro de 1893.

Camaradas!

— Ao assumir o commando em chefe da Esquadra Brasileira que tem de operar do Rio de Janeiro ao Prata, na crise dolorosa que atravessa a nossa Patria, tenho em primeiro logar que congratular-me com todos vós officiaes e praças, por me achar de novo ao lado de meus distinctos camaradas.

A Marinha Brasileira, orgulhosa pelas provas de abnegação e patriotismo de que tem dado mostra, na crise por que tem passado a nossa Patria, já escrevendo com o seu sangue algumas paginas de nossa historia. sangue esse vertido nobremente no theatro da luta, já collocando-se ao lado dos patriotas para a conquista e defesa das liberdades nacionaes, vê hoje com pezar uma pequena parte dessa mesma marinha, esquecida dos seus sagrados deveres, calcar aos pés o que tem de mais nobre o militar que é a fé jurada das instituições.

A revolta desse pequeno nucleo contra o governo legal da Nação, não é mais do que a çegueira partidaria levada ao

mais alto grão, fazendo desta arte apagar em seus corações a verdadeira noção do dever militar e do patriotismo.

Hostilizando a revolta, todos nós cumprimos o nosso dever de brasileiros que querem ver o seu paiz grande, poderoso e respeitado e consolidadas e moralisadas as instituições para o estabelecimento das quaes directamente concorreremos.

A luta que se está travando, não produz heróes nem dá glórias, pelo contrario, todo o sangue vertido, seja de quem fôr, nos dará pezar, porque é sangue de irmãos, e sangue de Brasileiros.

Mas, colloquemos de lado a sentimentalidade; é preciso que a lei seja respeitada e nos collocando ao lado do governo para a sua defesa, cumprimos o nosso dever de Brasileiros e de militares que, acima das sympathias pessoas e do bem estar collocam o amor á Patria e deste modo o bem estar e a tranquillidade do lar Brasileiro, que presentemente soffre os horrores do sitio e os seus sobresaltos.

Se vencermos, é em nome do direito e da justiça, e a posteridade bem dirá de nós.

Se succumbirmos na luta, resta-nos o consolo que é em nome do nosso dever.

O nosso sangue derramado, virá cimentar os alicerces da instituição sob a qual assenta a grande Nação Brasileira.

Tenhamos fé em Deus, que venceremos, e o Cruzeiro, constellação que figura em nosso pavilhão, guiará nossos passos e nos conduzirá á victoria para que então em nossos lares possamos viver sem temor e dizer com enthusiasmo:

Viva a Republica Brasileira!

Viva a Liberdade!

Viva o Governo legal do Paiz!

Jeronymo Francisco Gonçalves, Commandante em Chefe.

Por sua vez varios officiaes da marinha brasileira, então em Buenos Ayres, dirigiram á officialidade e tripolação do alludido cruzador e de outros navios

brazileiros que se achavam no Rio da Prata e que se conservavam fieis ao marechal Floriano a seguinte

PROCLAMAÇÃO

Camaradas !

O governo acaba de participar-vos a existencia de uma esquadra brasileira destinada a operar entre o Rio de Janeiro e o Rio da Prata, e o seu commandante em chefe na proclamação em que vos deu conhecimento dessa verdadeira surpresa, reune como trophéos de tão lamentavel manifesto o dever de patriotismo da Republica ás tradições de nossa classe, collocando acima de todas essas invocações — «Deus e o Cruzeiro.»

A ausencia de nossos chefes obriga-nos a dar a essa provocação immediata resposta.

Não admira tanto essa prodigiosa imaginação capaz de improvisar no papel uma esquadra, que é apenas um projecto e já emphaticamente se annuncia ao mundo como a expressão do poder naval brasileiro, quanto a coragem de inventar os elementos mais claros da realidade, até o ponto de involver na linguagem da honra e da liberdade a defesa de interesses que representam o captivo do paiz e a dissolução da armada, figurando-nos de uma pequena parte della, de um pequeno nucleo, discolor no proprio seio, quando a realidade é que a nossa revolta é a unanimidade moral da revolução da marinha nacional.

Essa adulteração ostentosa da evidencia caracteriza a legitimidade da aspiração a que se pretende servir com artificios tão pouco leaes, procurando enganar-vos sobre acontecimentos que são directamente testemunhados por vossos proprios olhos, como se a continua oppressão fizesse perder o uso dos sentidos normaes, confiando á tutela dos nossos senhores o direito de vermos e de julgarmos por suas pupillas.

De outro modo não se comprehende que aquelles cuja situação encarna uma verdadeira excepção nos quadros da marinha, pretendam collocar-nos na inferioridade que elles

manifestamente occupam, reduzindo-nos a proporções de minoria impotente e perturbadora no meio da corporação, por cuja dignidade propugnamos.

Felizmente não se trata de escrever a historia de uma nação estranha ou de uma época remota, e bem vêdes que esse documento, cuja responsabilidade com profundo pezar vemos assumida por um official que pelo nome devia ser a garantia de outra attitude, falta do modo mais insolito a verdade manifesta.

A armada é a revolução. A esquadra está em sua quasi totalidade com o movimento revolucionario, cuja patriotica iniciativa lhe pertence.

Para provar-vos basta indicar-vos no Rio de Janeiro o *Aquidaban* com o vasto circulo de cooperadores que o rodeam e a fortaleza de Villegaignon; em Santa Catharina o *Republica* com a flotilha que o acompanha; no Rio da Prata a esquadilha do Alto Uruguay, declaradamente associada a nossa bandeira; e ultimamente em Toulon o *Riachuelo* e o *Benjamin Constant*, cuja adhesão acabam de annunciar os jornaes europeus, segundo communicções publicadas na gazeta *La Prensa* da cidade visinha.

Dentro desses navios se encontra a generalidade dos nossos officiaes e dos nossos marinheiros, e se quizessemos buscar os pontos de orientação do nosso valor nas cumiadas da representação militar, de onde baixam a luz e a gloria para a classe que elles dominam, ahi verieis um a um no rumo que seguimos: Wandenkolk (o prisioneiro da dictadura) associado a nós em espirito pela solidariedade do seu martyrio e pela transparencia de suas sympathias; Custodio de Mello, o chefe dessa luta heroica; Saldanha da Gama, cuja neutralidade já era em si a revolução e cuja cooperação militar agora francamente conhecemos; Balthazar da Silveira, cuja palavra indignada e firme dissipou na reunião officialmente convocada pelo governo, ao iniciar-se o movimento de 6 de Setembro, as esperanças de organização de resistencia florianista nas fileiras de nossa marinha.

Não necessitaríamos dessa consulta aos pontos eminentes do horizonte para saber onde está a honra e donde ella nos faz signaes.

Camaradas que tripolais o *Tiradentes* ! fitai-a, si quereis recordar a ignominia de que devemos fugir com o medo que os covardes reservam para a morte.

Este galhardo navio, cujo nome recorda a Constituição, por cujo restabelecimento batalhamos, vio-se exposto a curiosidade do mundo como espectaculo unico na historia naval: —o de um navio de guerra sequestrado, á instancias do governo de seu paiz, nos diques de uma nação estrangeira, vigiado pela policia dessa nação contra os impulsos do coração de seus officiaes e marinheiros. E' o tratamento que se inflingiria a piratas, a prisioneiros de guerra e a contrabandistas. Vós, companheiros do *Tiradentes*, recebestes um ultrage abjecto dentro dessa couraça que devia ser a trincheira do vosso pundonor. Não merecestes ao menos a honra de constituirdes a segurança do navio a cuja sorte consagrastes o vosso sangue. Vistes a bandeira da patria, erguida no tope de vossos mastros, confiada ao zelo de aguazis brazileiros ! Recebestes assim o mais amargo dos supplicios imaginaveis contra o soldado, supplicio inaudito inventado pelas miserias dessa oppressão : o da desconfiança vergonhosa do governo do vosso proprio paiz, que, depois de haver posto em duvida vosso valor e vossa lealdade, buscando na policia estrangeira garantia contra a vossa fraqueza ou indifferença, recorre agora, que sente naufragar, a vossos braços como taboa salvadora.

Apparecereis amanhã diante de marinheiros de outras nações, que vos viram envoltos no insulto dessa humilhação, entregando vossa vida em prol dos violadores do vosso pundonor e infamadores da vossa bandeira ?

Não ! Não o fareis, por certo, companheiros.

Vosso coração não póde alliar-se aos autores desse attentado sem nome, contrario ás leis militares e a todas as exigencias da delicadeza patriotica.

E' talvez por suspeitar que as palpações desse orgão nobre — o coração do marinheiro — não são capazes de transigir com o villipendio, que o pretendido chefe vos exhorta a deixar de parte o sentimentalismo.

Os sentimentos sómente podem constituir perigos para o dever quando a disciplina desnaturada e prostituida pretende

divorciar a obediência do valor, qualidades inseparáveis do uniforme do official e da blusa do marinheiro.

Nós somos a legitima defesa da patria contra a insurreição official, que se apoderou dos instrumentos da lei, para enthronizar-se fóra della e sobre ella.

Nós não somos piratas. Pirataria é a da moral militar que esconde torpedos debaixo da bandeira de um povo estrangeiro e amigo para resolver pela traição a luta empenhada pelos seus adversarios sob as inspirações do valor.

A posteridade não poderá dizer que nos revolucionámos contra o direito e a justiça. O direito e a justiça não podem estar com o governo que se esconde debaixo de machinas infernaes para surprehender com a morte a boa fé dos seus contendores, que gangrena por meio de suborno a pureza dos costumes militares, que desce até envenenar viveres, facto denunciado no manifesto da guarnição de Villegaignon, e, infiel ao mais santo dever de humanidade (como é a guarda da vida dos prisioneiros), assassina o almirante Wandenkolk, encerrando-o perversamente em um presidio bombardeado.

A liberdade não se allia com o regimen que fez do Rio Grande do Sul um matadouro e do Rio de Janeiro um cemiterio. A civilização nacional não póde ter como centro uma politica que acaba de definir-se no espirito barbaro do decreto n. 1565 de 13 de Outubro, cujos termos fazem da proscriptão o regimen commum dos estrangeiros no Brazil.

Companheiros!

Seria uma blasphemia, contra o Deus que levanta os povos e faz surgir heróes, duvidar que elle não protegeria a resurreição brasileira, e uma injuria aos destinos da nossa raça imaginar que o Cruzeiro possa ser a constellação dos Francias, dos Rozas, dos Lopez e dos Peixotos.

Companheiros!

■ Não quebranteis nossa gloriosa unanimidade. Vinde fraternisar com o paiz, que vos espera e vos chama. — Capitão-tenente *Affonso Augusto Ribeiro de Vasconcellos*. — Primeiro-tenente *Alvaro Ribeiro Graça*. — Segundos-tenentes *Honorio de Barros e Manoel Corrêa de Brito*.

Proseguindo em sua tarefa o almirante Gonçalves dirigiu-se depois para o norte no paquete *Itaipú*, armado em guerra, no proposito de organizar outra divisão e desafiando as iras dos formidaveis *Aquidaban* e *Republica* que continuamente cruzavam os mares do sul.

Esta esquadra, com excepção do *Bahia* e *Tiradentes* que se achavam em Montevidéo e cuja chegada era ansiosamente esperada no porto do Rio de Janeiro, foi constituída de navios adquiridos em varios paizes da Europa e nos Estados Unidos da America do Norte, os quaes, á medida que vinham chegando de differentes procedencias permaneciam em Pernambuco, afim de encorporados seguirem para o theatro das operações.

Os chefes da commissão de compras do material naval foram na Europa, o almirante J. F. Abreu e na America do Norte, o ministro dr. Salvador de Mendonça.

Foi ahi no porto do Recife que foram concertados todos os navios cuja guarnição compunha-se na maior parte de alumnos das escolas militares.

Antes da sua partida, a 7 de fevereiro, teve o almirante a satisfação de avaliar em um banquete que lhe foi offerecido pelo senador Cunha Junior, o alto apreço que lhe tributavam os seus concidadãos, e a 15 achava-se a esquadra fundeada na Bahia.

No dia 1 de março punha-se em movimento a esquadra do governo, com rumo ao sul, composta de uma divisão de cruzadores e outra de torpedeiras; formavam a primeira o *Nictheroy* (com a pavilhão do almirante Gonçalves); o *Andrada*, o *Itaipú*, o *Parnahyba*, e o *S. Salvador*, sendo este ultimo tambem deposito e

hospital de sangue; — constituíam a segunda as torpedeiras de alto mar *Pedro Ivo* (com o pavilhão do capitão de mar e guerra Gaspar Rodrigues), *Silvado* e *Pedro Affonso*, caça-torpedos *Gustavo Sampaio* e torpedeiras de porto *Sabino Vieira* e *Tamborim*.

A 7 de março chegava a esquadra em Cabo Frio, donde partio a 9, chegando na madrugada do dia seguinte diante da Praia Vermelha (*)

E' de toda oportunidade a descripção destes vasos de guerra mais importantes, transcripta de varios periodicos nacionaes e estrangeiros.

O NITERÔY

« O primeiro navio comprado foi *El Cid* da linha Morgan; custou \$ 500.000—tres vezes mais do que o seu valor, disse o *World*—ou \$ 12,000 menos que o seu custo primitivo, segundo affirmação dos proprietarios e constructores.

« No *Cid* embarca o capitão Baker, que foi agente da antiga companhia de vapores americanos no Rio de Janeiro. Como principal meio destruidor, esse navio possui um famoso canhão pneumático destinado a lançar torpedos aereos carregados com nitro-gelatina.

« Esse canhão recentemente construido na fundição Cald Spring, mede 15 pollegadas e é montado sobre o convez que para tal fim está sendo preparado; a sua munição compõe-se de 100 projectis comprados a *Pneumatic Torpedo and Construction Company* de *New-York*. Esses projectis são de diversos tamanhos de sub-calibre e calibre completo. Os primeiros são de 6 pollegadas de diametro e 3 pés de comprimento, carregados com 50 libras de nitro-gelatina; de 8 pollegadas de diametro e 5 pés

(*) Para maiores esclarecimentos publicamos *in-fine* uma parte do relatório do commandante em chefe da esquadra.

de comprimento, carregando 100 libras do mesmo explosivo; de 10 pollegadas e 8 pés com a carga de 200 libras. Os segundos são mais curtos 15 pollegadas do que os precedentes, carregados com 500 libras. Os de sub-calibre são empregados com um forro de lã que os mantém no eixo do cano da peça e que cae quando o tiro é disparado; tem na base placas de metal em fôrma de helice, que, actuando com a resistencia do ar, dão ao projectil enorme velocidade. Os de calibre completo não comportam essas placas, mas são munidos de uma helice que lhes imprime movimento rotatorio.

«Experiencias feitas com esse canhão demonstram que elle alcança 3 milhas e $\frac{3}{4}$ com uma bomba de 6 pollegadas, o alcance do projectil de 8 pollegadas foi de 2 $\frac{1}{2}$ milhas, o de 10 chegou a cerca de 2 milhas e o de calibre completo a 200 jardas.

«A marinha dos Estados Unidos possui dous desses canhões montados a bordo do *Vesuvius*, com a differença de serem tubos fixos, ao passo que o comprado para o Brazil é movido como um canhão vulgar por meio de electricidade.

«Além desse canhão o *Cid* será armado com uma bateria secundaria de dous canhões de 55 e um de 33, além de pequenos Hotchkiss.

«Quanto á marcha, pensa-se que o novo cruzador poderá alcançar 16 $\frac{1}{2}$ milhas. A maior distancia por elle vencida foi de 450 milhas em 24 horas.

«A capacidade do novo cruzador é de 4.600 toneladas; mede 406 pés de comprimento, 48 de largura e 33 pés e 9 pollegadas do convez a quilha, calando carregado 23 pés.

«Affirmam os jornaes que o *Cid*, depois de armado será uma terrivel arma de destruição.

«Basta que elle appareça no horizonte para fugirem os navios revoltados que voarão em estilhaços se chegarem á distancia de 2 milhas.

«Os profissionaes aguardam com muito interesse essa experiencia a valer, a qual infelizmente vai ser sellada com sangue brasileiro, para julgarem das vantagens do canhão e melhoramentos feitos no projectil pelo capitão RapiEFF.

Um só tiro, dizem, desse canhão pôde produzir uma completa revolução no material bellico; e a importancia militar da victoria ganha pelo *Monitor de Ericson*, em 1862, será eclipsada pela do *Cid*, lançando em cada tiro sobre o adversario um quarto de tonelada de nitro-gelatina.

« Se esses tiros fôrem certos, e se a bomba fizer explosão, é evidente que não lhe resistirá o maior couraçado do mundo nem as mais engenhosas e solidas fortificações. »

O PIRATINIM

« A segunda aquisição feita para a nova esquadra foi a do torpedeiro submarino de Ericson *The Destroyer*, que na occasião de ser vendido estava em Newport fazendo experiencia sob a inspecção de officiaes de marinha americana para verificarem se estava em condições de fazer parte da armada em *Uncle Sam*.

« Essas experiencias não foram concluidas, mas os representantes da *Ericson Coast Defense Company*, que realizaram a construcção, affirmam terem sido satisfactorios os resultados obtidos.

« O *Destroyer* não é inteiramente um navio submarino; quando em attitude de ataque, apenas mostra 18 pollegadas acima do lume d'agua. Tem 130 pés de comprimento, 12 na maior largura e 11 de altura.

« A especialidade dessa machina de guerra é ser armada com um só canhão. O que se acha agora nella não é o primitivo construido por Ericson, o qual era de ferro, ao passo que o actual é de aço, se bem que do mesmo systema, com alguns melhoramentos feitos pelo engenheiro Walden Lassoë, que deu o nome ao pequeno canhão capaz de conter 300 libras de algodão-polvora ou dynamite. O canhão do *Destroyer* tem 33 pés de comprimento e está montado no fundo do navio, á proa, 7 pés abaixo da linha de fluctuação. O projectil termina em ponta de aço atraz da qual ha uma camara de cobre para a materia explosiva; mede 27 pés de comprimento, 10 pollegadas de diametro e pesa 1.525 libras. Dizem que não ha réde protectora que possa segurar esse projectil lançado por baixo d'agua. »

O GREENHALG

« Depois foi comprado o *Greenhalg*, construído por A. B. Wood & C. Na ocasião em que foi comprado estava em obras fazendo concerto na prôa, muito danificada em consequência de uma colisão succedida a 9 de outubro com o *Old Dominion Steamer Guyadontte*, e na qual perdeu cerca de 6 pés da roda de prôa.

« O *Greenhalg*, é construído de mahogany e carvalho, combinando assim a leveza com a força; tem 79 pés de comprimento, 10 $\frac{1}{2}$ de largura e cala 22 pollegadas. E' dotado de uma machina de quadrupla expansão, podendo desenvolver 600 cavallos com a deslocação de 13 toneladas. Espera-se que consiga vencer 30 milhas por hora. Será conduzido sobre o convez do *Cid*, para ser empregado como torpedeira.

« Não sabemos quanto custou ao nosso governo; segundo o *World* o seu custo primitivo foi de \$ 30.000. »

O ANDRADA

« O *Britania* é da *North Atlantic Steamship Company*; foi comprado pelo governo brasileiro por \$ 225.000. E' conhecido entre os marinheiros de Boston como o *elephante branco* foi construído em 1889 em Bergen, Noruega, com o custo primitivo de \$ 325.000, e deixara de navegar por ser extremamente dispendioso. Mede 275 pés de comprimento, 34 de largura, com 2.000 toneladas de registro, sendo todo de aço com cinco compartimentos estanques. As suas machinas são de triplice expansão para desenvolverem a força de 3.000 cavallos; calcula-se que possa alcançar a toda a força a marcha de 18 nós por hora.

« O armamento deste navio constará de 4 tubos para torpedos; 2 rifles de 33 libras montados a pôpa e a prôa 6 de 6 pollegadas a bombordo e a boreste, 10 de *pounders*, além de diversos torpedos Howell. »

Eis como o proprio almirante Gonçalves se exprime acerca de um contratempo occorrido a bordo deste navio ;

« O torpedo dirigivel Edison-Lins que vinha a bordo do *Andrada*, n'uma experiencia deu resultado satisfactorio não só

em relação á velocidade, mas tambem em relação á direcção, mas não poude mais funcionar, devido a ter-se queimado uma das bobinas internas do torpedo, o que tornou inutil a arma em que tinha fundadas esperanças de bom exito ».

O ITAIPU

« O *Itaipú* começado a armar-se em 9 de dezembro de 1893: tem as seguintes dimensões: comprimento entre perpendiculares 296 pés, boca 40 pés, calando quando carregado 10 pés, descarregado 6 pés. A capacidade cubica é de 41.984 pés cubicos, sendo a prôa 39,420 e á ré 2654 pés cubicos. Sua machina é de triplice expansão e da força de 4.000 cavallos, do fabricante Josete Gei Thompson.

« Sua velocidade média é de 16 milhas por hora. Seu armamento na prôa compõe-se de um canhão Withworht centro-carga calibre 32, 2 de tiro rapido Hotchkiss, 2 canhões Krupp calibre 7 1/2 e 2 metralhadoras Nordenfeld, 25 millimetros. No passadiço existem 2 metralhadoras Nordenfeld. A' ré o seu armamento consiste n'um canhão Krupp 7 1/2, 2 metralhadoras Nordenfeld 25 e 2 canhões de tiro rapido Nordenfeld.

« O *Itaipú*, foi o primeiro navio que depois da revolução de 6 de setembro cruzou as aguas do sul da Republica, vindo de Montevidéo a Bahia em 6 1/2 dias trazendo a seu bordo o almirante Gonçalves.»

AS TORPEDEIRAS

Diz o *Times* de 29 de janeiro preterito, sob a epigraphie « Noticias navaes e militares »:

« Por telegramma ora recebido, sabemos da feliz chegada a Pernambuco, em as noites de 25 e 26 do corrente, das cinco torpedeiras de helice dupla, com 152 pés de comprimento, que foram compradas pelo governo do Marechal Peixoto ao Sr. Schichau, de Elbing.

« Estes navios encontraram um temporal medonho no Baltico entre Pielan e Kiel.

« E depois de passarem o canal de Dider Tonnidg, encontraram novamente máo tempo em Darmouth e ahi esperaram até que cessassem os temporaes.

« Zarparam d'ahi, e sem contrariedade alguma atravessaram a bahia de Biscaia e Palmas até S.Vicente onde tomaram carvão pela ultima vez.

« Deram-se providencias para que estes navios chegassem a Pernambuco com um regular stock de carvão, visto ser possivel que os cruzadores mellistas lhes déssem caça pela costa, e para trabalharem com uma só caldeira, dando aos navios uma velocidade de 12 nós, que é a mais economica.

« Nada soffreram, e todas cinco torpedeiras chegaram ao porto do destino, com differença de 12 horas depois da que primeiro chegou.

« Levou cada uma um commandante e 15 homens, todos allemães, e desarranjo nenhum tiveram.

« A felicidade desta viagem é de summa importancia, porque ficou demonstrado poderem navios desta especie atravessar o Atlantico e estarem promptos ao mesmo tempo para entrar em acção, sem a necessidade de tomarem novamente carvão.

« Estes navios de Schichau têm marcha em mar sereno de 26 a 27 nós e são identicos ás torpedeiras russás do typo Adler, duas das quaes foram destinadas a navegar no Pacifico. São tambem iguaes as cinco torpedeiras italianas do typo Aquila e alguns navios novos allemães; acontecendo que não possuímos navio algum que se possa comparar com estes. »

Estas torpedeiras receberam as denominações de *Pedro Ivo*, *Pedro Affonso*, *Bento Gonçalves*, *Silvado* e *Silva Jardim*.

A *Silva Jardim* foi a pique quando de Cabo Frio se dirigia para o porto do Rio de Janeiro. Como a esquadra navegasse com poucas luzes para não ser distinguida pelo *Aquidaban* e *Republica* que constava terem procurado atacar os navios do governo, foi aquella

torpedeira apanhada no costado e abaixo do lume dagua pelo esporão da *Gustavo Sampaio*, do que lhe resultou ir a pique, salvando-se entretanto a tripolação.

A *Sabino Vieira* comprada na conhecida officina Irrow & C., foi o primeiro navio legal que entrou neste porto depois da revolta na madrugada do 10 de março.

A *Bento Gonçalves* cujo commando fôra confiado a um official estrangeiro pouco conhecedor da nossa costa, indo de encontro a uns recifes na entrada de Maceió, tornou-se em condições de não mais poder fazer parte da expedição.

A *Greenhalg* entrou no porto da Victoria para reparar avarias.

O çaa-torpedos *Gustavo Sampaio* foi adquirido na casa Armstrong na Inglaterra, pelo preço de \$ 65000 e recebeu esta denominação em homenagem á memoria de um bravo defensor da legalidade victimado em Niterôy; a sua primitiva denominação era *Aurora*. No combate de 16 de abril coube-lhe posição muito saliente. Foi o primeiro navio de guerra que chegou ao porto do Recife.

No mez de março já a revolta agonisava; os dias se succediam mais calmos, perturbados apenas com um ou outro ribombo isolado, sendo o ultimo tiro soltado por Villegaignon no dia 9; seu canhão 450 disparado contra a Lage foi o epilogo desta notavel tragedia.

Os factos mais importantes com que finalisou a segunda phase da revolta foram sem duvida as eleições de 1º de março e a lei marcial.

Deveriam aquellas se realizar em outubro, e neste proposito o chefe do Estado, com data de 9, dirigio o seguinte manifesto

A' NAÇÃO

« Hoje inicia-se no paiz inteiro o trabalho preliminar para as proximas eleições federaes.

Este facto deve alegrar o coração de todos os patriotas; é a primeira phase do phenomeno social em que por excellencia se manifesta a vitalidade da consciencia de uma nação, e nas circumstancias extraordinarias que tanto emocionam a Republica nelle se condensam, por certo, as mais fundadas esperanças da consolidação nacional.

E' preciso que o povo brasileiro tenha bem em mente as graves questões que se debatem, e a influencia decisiva que sobre os destinos da nossa patria exercerá o resultado das eleições de 30 do corrente mez de Outubro.

Estamos atravessando um difficilimo periodo de nossa vida politica. Não é só a democracia republicana que reclama todas as energias do patriotismo; é a propria vida organica da Nação.

E' preciso que se retempere todas as fibras, e que o povo brasileiro ante as urnas affirme solemnemente a comprehensão consciente de seu dever moral e politico, e que concorra com o exercicio vigoroso de sua quota de soberania para ser um facto que no regimen republicano presidencial, «o presidente é o ministro responsavel do povo.»

Nenhum momento mais opportuno para essa manifestação.

O voto expresso na cedula torna inuteis as revoluções.

O comparecimento ás urnas para a formação de um congresso eleito sob a influencia constitucional de uma lei amplamente garantidora da verdade do suffragio, o criterio politico da escolha dos representantes, serão a solução da crise, que nos está depauperando o organismo social.

Brazileiros:

Trata-se, como vêdes, dos interesses mais intimos e profundos da existencia nacional, de vossos mais vitaes interesses, e, tratando-se delles, julguei-me obrigado a dirigir esse appello aos vossos sentimentos conservadores, com a esperança de que elle se traduza em um incitamento patriotico, tão necessario e importante como o de expôr a vida em defesa da lei; julguei-me obrigado nesta occasião em que actuam sem restricção alguma todas as garantias constitucionaes, a dirigir-vos a palavra para vos offerecer, neste momento de heroica provação por que está passando a Republica, o penhor seguro, inabalavel e desinteressado de toda a minha lealdade politica.

Viva a Republica Federativa Constitucional!—FLORIANO PEIXOTO.

Porém, diante das razões expostas no seguinte manifesto, foram as eleições adiadas para o fim do anno.

DECRETO N. 1745 DE 20 DE OUTUBRO DE 1893

Adia as eleições de deputados e senadores ao Congresso Nacional

O vice-presidente da Republica dos Estados Unidos do Brazil, usando da attribuição que lhe confere o art. 48 n. 1 da Constituição Federal.

Considerando que no espirito das instituições democraticas a garantia dos direitos individuaes para a livre manifestação do pensamento é a base da opinião, origem de todos os poderes, elemento consubstancial das mesmas instituições;

que o estado de sitio suspendendo as garantias constitucionaes, affecta profundamente a liberdade individual e, consequentemente altera em sua essencia o uso do direito de voto, limitado pela acção emanente de tal providencia;

que por virtude desse facto, pela circumstancia de estar afastado das urnas eleitoraes um numero considerado de cidadãos eleitores, já os que constituem o voluntariado patriotico da defesa das instituições nacionaes, já os que

se têm retirado das cidades para os campos fugindo ás influencias nocivas da revolta, a eleição, seja qual fór o esforço que empregue o Governo para garantir-lhe a pureza, não poderá representar a opinião alterada virtualmente, porque de facto alterado estará o numero dos votantes ;

que não é justo, que o Governo, a quem compete a vigilancia das leis para a igualdade de seus effectos a todos os cidadãos, concorresse para que ficassem privados de defenderem pelo voto suas idéas, aquelles mesmos que as defendem expondo até a propria vida ;

que as limitações á liberdade da imprensa, indispensaveis, attentas as condições excepçionaes que atravessa a Republica Brasileira, poderão prejudicar a propaganda das idéas dos partidos, dificultando-lhes a arrematamento de forças, para a luta eleitoral ;

que os Estados comprehendidos nas disposições do Decreto n. 1563 de 13 de Outubro que estabeleceu o estado de sitio, onde portanto a eleição não tem as garantias constitucionaes da liberdade individual, influiram poderosamente sobre a manifestação da opinião, pelo importante numero de representantes com que concorrem para o Poder Legislativo ;

que em alguns delles como Santa Catharina, Paraná, Rio-Grande do Sul, S. Paulo, Rio de Janeiro e Districto Federal a eleição será prejudicada pela alteração numerica do eleitorado, podendo não exprimir a opinião do mesmo eleitorado, falseando-se tanto mais o pensamento nacional, quanto poderá acontecer que seja impossivel realizarem-se as eleições em algumas capitães de Estados ;

que nem mesmo nos Estados por emquanto no gozo de suas prerogativas constitucionaes, a eleição poderá exprimir a opinião attenta a crise que atravessa a Nação profundamente perturbada em todas as suas relações politicas, sociaes e economicas ;

que, ainda quando as eleições dos Estados, até agora no gozo de suas prerogativas constitucionaes, pudessem exprimir a opinião triumphante de cada um — nem assim se obviaria o mal a que é preciso remediar, visto como uma grande

parte da Nação, quasi todos os Estados do Sul, não se poderia manifestar livremente, podendo resultar do desequilíbrio das forças do Poder Legislativo, pelos vícios de origem de muitos de seus differentes elementos, inconvenientes para a Nação tão graves quanto faceis de imaginar;

que o tempo que medeia entre o estado de sitio e o dia determinado para as eleições de 28 e 30 não garante aos partidos a acção para intervirem no pleito eleitoral e ainda que a autorização constitucional dada ao Poder Executivo para expedir decretos, instrucções e regulamentos para a fiel execução das leis, implicitamente o responsabilisa de facto e de direito pela fidelidade com que ellas sejam cumpridas, responsabilidade que na hypothese não poderá assumir uma vez que a fidelidade de execução da lei eleitoral repousa na presumpção da garantia da liberdade de voto, suspensa como todas as outras pelo estado de sitio;

Decreta:

Art. 1.º Ficam adiadas para o dia 30 de Dezembro do corrente anno as eleições em todos os Estados da União e as do Districto Federal para os cargos de deputados e senadores federaes.

Art. 2.º Revogam-se as disposições em contrario.

Capital Federal, 20 de Outubro de 1893, 5.º da Republica.
— FLORIANO PEIXOTO. — *Fernando Lobo.*

Ainda desta vez, não permittindo o periodo anormal por que passava o paiz que livremente fosse exercido o direito da soberania popular, foram as eleições transferidas para 1 de março, em virtude do seguinte

DECRETO N. 1608 DE 15 DE DEZEMBRO DE 1893

Adia as eleições de deputados e senadores ao Congresso Nacional

O vice-presidente da Republica dos Estados-Unidos do Brazil, usando da attribuição que lhe confere o art. 48 n. 1 da Constituição Federal:

Considerando que ainda subsistem as razões de ordem publica que determinaram a expedição do Decreto n. 1745 de

zo de Outubro ultimo, adiando as eleições de deputados e senadores ao Congresso Nacional para o dia 30 do corrente mez ;

Decreta :

Art. 1.º Ficam novamente adiadas para o dia 1º de Março proximo futuro as eleições em todos os Estados e no Districto Federal para os cargos de deputados e senadores federaes.

Art. 1.º Revogam-se as disposições em contrario.

Capital Federal, 15 de Dezembro de 1893, 5º da Republica.
— FLORIANO PEIXOTO. — *Cassiano do Nascimento*.

Por Decreto n. 1668 datado de 7 de fevereiro foram dadas Instrucções para as eleições de presidente e vice-presidente da Republica, as quaes, em obediencia ao § 1º do art. 47 da Constituição Federal, teriam de se realizar no dia 1º do proximo mez de março, e tambem para as de senadores e deputados, que se deveriam effectuar no mesmo dia.

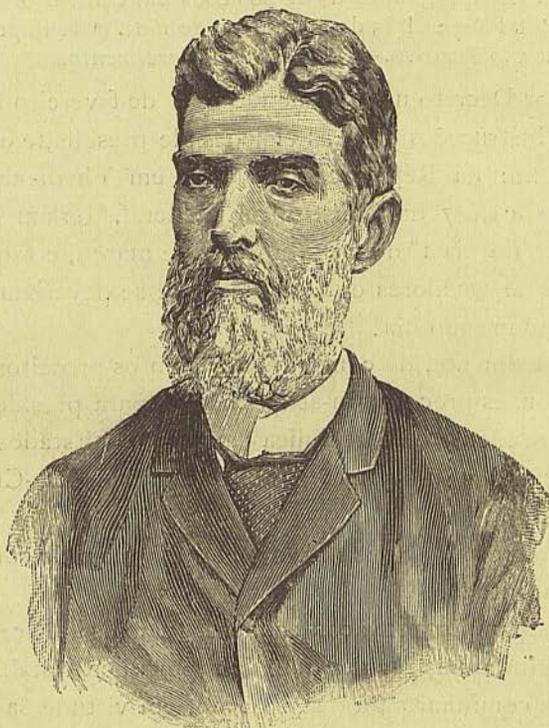
Finalmente, de conformidade com os preceitos constitucionaes procederam-se as eleições para presidente e vice-presidente da Republica em todos os Estados com excepção dos de Paraná, Santa Catharina e Rio-Grande do Sul.

O direito de soberania popular foi exercido em toda sua magnitude.

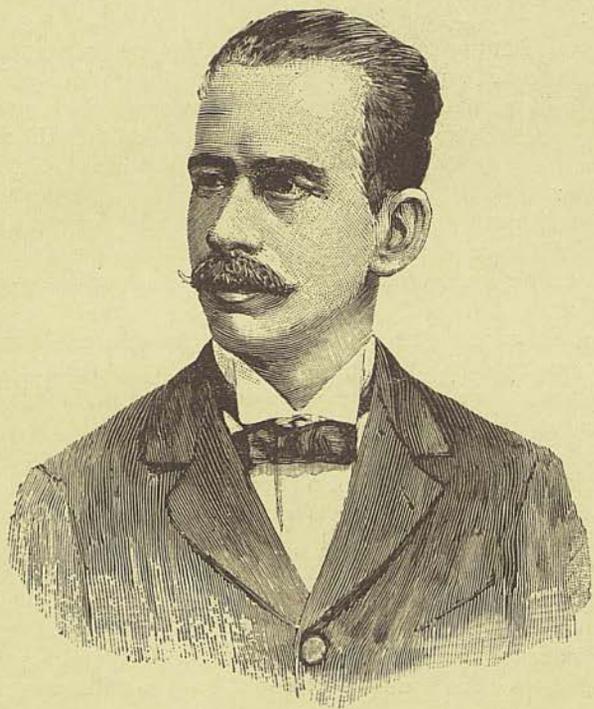
Este importante acontecimento foi mais um acertado golpe vibrado na revolta que, dahi por diante fatalmente deveria caminhar para o seu termo, em virtude da falta de elementos que a sustentassem diante do concurso unanime dos patriotas de conspicuo entendimento.

Si o promotor de toda essa luta ingloria conseguisse dominar por mais algum tempo as suas malevolas aspirações, certamente deveria assistir a este mesmo resultado, expressão genuina da vontade popular.

Para ocupar os mais elevados postos da Republica foram designados pelo partido Republicano Federal os eminentes cidadãos Drs. Prudente de Moraes e Manoel Victorino.



Dr. Prudente José de Moraes Barros



Dr. Manoel Victorino Pereira

Approximando-se o momento em que o governo deveria tomar francamente a offensiva na bahia do Rio de Janeiro, sahiu publicado no *Diario Official* do dia 2 de março a seguinte lei marcial :

« O vice-presidente da Republica dos Estados Unidos do Brazil :

Considerando que nas circumstancias em que actualmente se acha o paiz não é licito ao poder publico deixar de punir immediatamente, e com o maximo rigor, os graves crimes que attentam contra a consolidação da Republica o restabelecimento da paz e a sustentação do principio da autoridade;

Considerando que muitos crimes dessa natureza têm sido conjunctamente commettidos por militares e civis, mórmente depois que uma parte da esquadra alliou-se aos rebeldes;

Considerando que a nossa legislação tem assimilado, para a punição de certos crimes, o estado de rebellião ao de guerra externa, conforme se vê do Decreto n. 61 de 24 de Outubro de 1838;

Considerando que ainda de conformidade com os fundamentos do citado decreto, o Regulamento n. 23 daquella data estabeleceu que as leis que regulam em tempo de guerra são applicaveis nos logares que se acharem em estado de rebellião ;

Considerando, finalmente, que o art. 1.º § 6.º da Lei n. 631 de 18 de Setembro de 1851 manda considerar militares todos os crimes mencionados no principio do citado artigo em todos os seus numeros, ainda quando militares não sejam as seus autores;

Resolve:

Artigo unico. Ficam desde já sujeitos á jurisdicção do fôro militar os crimes que tenham sido ou vierem a ser commettidos por militares ou civis em qualquer ponto do territorio da União occupado por forças legaes ou rebeldes, uma vez que taes crimes estejam enumerados no art. 1.º da Lei n. 631 de 18 de Setembro de 1851 e se relacionem com a

rebellião que ora conflagra o Districto Federal e outros pontos do territorio da Republica.

O general de brigada Bibiano Sergio Macedo da Fontoura Costallat, encarregado do expediente do ministerio da guerra faça executar a presente resolução, expedindo os despachos necessarios.

Capital Federal, 28 de Fevereiro de 1894, 6° da Republica — FLORIANO PEIXOTO. — *Bibiano Sergio Macedo da Fontoura Costallat.*»

Como complemento ás disposições deste decreto foi publicada a seguinte resolução do poder executivo :

O vice-presidente da Republica dos Estados Unidos do Brazil :

Considerando:

Que pelo Decreto n. 1.681 de 28 de Fevereiro findo, foram mandados ficar sujeitos a jurisdicção do fóro militar os crimes definidos no art. 1° da Lei n. 631 de 18 de Setembro de 1851 e commettidos durante o actual estado de rebellião ;

Que o principal fundamento daquelle decreto decorre do facto de existirem na nossa legislação disposições que assimilam ao estado de rebellião ao estado de guerra externa ;

Finalmente, que neste estado ou no de rebellião, em que actualmente se acha uma parte do paiz, os crimes previstos nas leis militares devem ser punidos segundo a gravidade das circumstancias ;

Resolve:

Artigo unico. Além dos crimes definidos no art. 1° da Lei n. 631 de 18 de Setembro de 1851, e aos quaes se refere o Decreto n. 1681 de 28 de Fevereiro ultimo serão igualmente punidos, de conformidade com as leis militares applicaveis em tempo de guerra, todos os outros crimes commettidos com violação das mesmas leis durante a rebellião que ora conflagra o Districto Federal e outros pontos do territorio da União.

O general de brigada Bibiano Sergio Macedo da Fontoura Costallat, encarregado do expediente do ministerio

da guerra, faça executar a presente resolução, expedindo os despachos necessarios.

Palacio do Governo na Capital Federal, 5 de Março de 1894, 6º da Republica—FLORIANO PEIXOTO.—*Bibiano Sergio Macedo da Fontoura Costallat.*

Como interpretação ao assumpto que regula a materia de que trata este decreto, são dignas de leitura as seguintes linhas :

« O decreto, primeiro citado, n. 61, de 24 de Outubro de 1838, é firmado em resolução da assembléa geral legislativa e delle só é aproveitado para o caso o art. 2º, que diz:

« No caso de rebelião, poderá o Governo ordenar que se observem no exercito as leis militares em tempo de guerra.»

O regulamento n. 23, tambem citado, é, para a actualidade, do teor seguinte:

« Artigo unico. As leis militares que regulam em tempo de guerra são applicaveis:

1.º áquella parte do exercito que se achar nos Estados em que houver rebelião;

2.º áquella parte do exercito que se achar nos Estados invadidos por forças rebeldes;

3.º áquella parte do exercito que tiver ordem de marchar para algum dos pontos acima designados.»

O art. 1.º da Lei n. 631 de 18 de Setembro de 1851, adaptado ás actuaes circumstancias, deve ser assim comprehendido:

«Art. 1.º No caso de guerra externa serão punidos com a pena de morte no estado em que tiverem logar as operações do exercito federal, e bem assim em territorio alliado ou inimigo, occupado pelo mesmo exercito :

1.º os espiões;

2.º os que nas guardas, quartéis, arsenaes, fortalezas e acampamentos, postos militares e hospitaes tentarem seduzir as praças de 1ª linha, policia e guarda nacional, ou quaesquer outras que façam parte das forças do Governo, tanto do mar como de terra, afim de que desertem para o inimigo ;

3.º os que, nos mesmos logares acima mencionados, tentarem seduzir as mesmas praças afim de que se levantem, contra o Governo ou os seus superiores ;

4.º os que atacarem as sentinellas ;

5.º os que entrarem nas fortalezas sem ser pelas portas e logares ordinarios.

§ 1.º Os crimes dos ns. 2 e 3, sendo commettidos no dito caso de guerra externa, no Estado em que tiverem logar as operações do exercito e nas guardas, quartéis, fortalezas e acampamentos, postos militares e hospitaes, não sendo porém a deserção para o inimigo ou sendo os referidos crimes commettidos no dito Estado, fóra dos mencionados logares, ou em qualquer outro da Republica, no mesmo caso de guerra externa, serão punidos com a pena de galés perpetuas no gráo maximo, 20 annos no médio e 12 no minimo.

§ 2.º Se os ditos crimes fôrem commettidos em tempo de paz, em qualquer Estado, e logares, a pena será de 2 a 6 annos de prisão com trabalho ; mas se a deserção fôr para paiz estrangeiro, a pena será de 4 a 12 annos de prisão com trabalho.

§ 3.º O crime de dar asylo ou transporte a desertores, conhecendo-os como taes, será punido em tempo de guerra com a pena de 6 a 12 annos de prisão com trabalho, e em tempo de paz com a de prisão simples por 6 a 18 mezes.

§ 4.º Com a mesma pena de 6 a 18 mezes de prisão simples, e com a de multa do decuplo do valor dos objectos comprados, será punido o crime de comprar ás praças do exercito, policia e guarda nacional, e quaesquer outras que façam parte das forças do Governo, peças de armamento, fardamento, equipamento, ou munições de guerra, se taes objectos tiverem sido fornecidos pelo Governo.

§ 5.º Os crimes de que tratam os §§ 1.º, 2º, 3º e 4º da presente lei, bem como os de que tratam os arts. 70, 71, 72, 73 e 76 do Codigo Criminal, serão, quando commettidos por paisanos, processados e julgados na fôrma da lei n. 562 de 2 de Julho de 1850 (tribunaes civis). Sendo porém commettidos por militares, serão estes julgados por conselhos de guerra e punidos com as penas estabelecidas por esta Lei e pelo

Codigo Criminal, se não as houver especiaes nos regulamentos e leis militares.

§ 6.º Os crimes de que trata o principio deste artigo, em todos os seus numeros, ficam considerados militares, e aquelles que commetterem ficam sujeitos ao julgamento dos conselhos de guerra, ainda quando militares não sejam.

§ 7.º Serão tambem considerados militares todos os crimes commettidos por militares nos Estados em que o Governo mandar observar as leis para o estado de guerra, e bem assim os commettidos por militares em territorio inimigo ou de alliados, occupados pelo exercito federal; sendo porém applicadas as penas do Codigo Criminal nos crimes meramente civis.

§ 8.º No caso de guerra externa o Governo fica autorisado :

1º, a crear provisoriamente no Estado em que tiverem logar as operações de guerra uma junta de justiça militar para o julgamento em 2ª instancia dos crimes militares de sua competencia ;

2º, a prohibir no dito estado as publicações e reuniões que julgar capazes de favorecer o inimigo, excitar ou manter a desordem, sendo os transgressores punidos com a pena de 3 a 9 mezes de prisão simples, processados e julgados na fórma da citada Lei n. 562 de 2 de Julho de 1850 ;

3º, a fazer sahir dos logares em que a sua presença fôr perigosa, todos aquelles que ahí não tiverem domicilio, e mesmo os que o tiverem, se a necessidade das operações militares o exigir, e só emquanto durar essa necessidade.

Art. 2.º Ficam revogadas quaesquer disposições em contrario—*Manoel Felizardo de Souza e Mello.*



A CAPITULAÇÃO

Foi no dia 13 de março que terminou a revolta da esquadra no porto do Rio de Janeiro com a capitulação de um dos seus chefes o contra-almirante Saldanha da Gama, cujo procedimento, surprehendendo sobremodo a população em cujo espirito jámais se afigurou semelhante resolução do arrogante militar, sepultou no opprobrio e na deshonra as legendarias tradições de uma corporação que sempre fôra uma das glorias nacionaes.

Na cidade, no dia 12 appareceu affixado nas esquinas das ruas e publicado nas folhas diarias o seguinte

BOLETIM OFFICIAL

«E' do dominio publico quanto tem sido deshumano o procedimento dos revoltosos, que desde o dia 6 de Setembro ultimo, por um golpe de traição, se arvoraram em

dominadores do porto do Rio de Janeiro, donde têm, com a mais requintada perversidade, hostilizado, quasi diariamente a população desta capital.

De então para cá, são de continuo lançados contra a população inermes projectis de todas as armas e de todos os calibres, com o cortejo de mortes, terror e sobresalto constante de pessoas inoffensivas, colhidas, as mais das vezes, no labor honrado e quotidiano.

O Governo tem, até o presente, por todos os meios de que ha podido dispôr, envidado os maiores esforços para evitar semelhante mal, não respondendo aos ataques incessantes, como poderia ter feito, se não fôsse attender, como lhe cumpria ao bem-estar da população.

Nesse momento, porém, informado de que os inimigos da Republica se preparam para novas e maiores aggressões, julga que é chegada a occasião de as repellir com energia e o quer fazer com a maxima prudencia e lealdade.

Com tal proposito, e o tendo já communicado aos representantes das Nações amigas, o Governo manda, pelo presente, avisar a população desta capital de que — *é fixado o prazo de 48 horas, a terminar ao meio-dia da terça-feira proxima, 13 do corrente, para o começo das hostilidades, salvo si os revoltosos fizerem então fogo de artilharia para terra, porque nesse caso o Governo será forçado a não aguardar que termine o prazo e responderá a aggressão.*

Com os elementos de que dispõe, o Poder Constituido tem sobejas razões para esperar que esta desgraçada luta termine em breve, e pôde assegurar a todos que empregará, no intuito de manter a ordem e garantir a propriedade publica e particular, medidas tão promptas e rigorosas quanto o exigirem as circumstancias.

Desta sorte, pois, avisa ás pessoas que desejarem ausentar-se da cidade que o podem fazer, sem precipitação nem tumulto, confiadas nas providencias do Governo.

A Intendencia Municipal tem ao longo da Estrada de Ferro Central do Brazil galpões para os que quizerem se aproveitar desse agasalho emquanto durar a acção. »

Tambem a capitania do porto marcou o prazo de 24 horas para que todas as embarcações surtas na bahia do Rio de Janeiro deixassem os ancoradouros em que se achavam e se collocassem fóra da linha de tiro das baterias leaes, e indicava como ponto seguro e abrigado de qualquer eventualidade de guerra a enseada formada pelas ilhas do Governador, do Fundão e adjacentes, e a ponta do Cajú, limitada por este ultimo ponto e as Pedras das Passagens.

Logo pela manhã começou a retirada do povo que mais uma vez abandonava os seus lares e afastava-se do centro da cidade, onde em poucas horas empenhar-se-ia a tão promettida reacção por parte do governo.

O exodo da população assumiu proporções indescriptiveis.

No emtanto, cerca do meio-dia circulou pela cidade com notavel insistencia o boato de que os revoltosos tinham offerecido á apreciação do governo uma proposta de capitulação, por intermedio do ministro portuguez, sr. Conde de Paraty, e de que tambem o governo não tomara conhecimento da proposta de rendição.

Porém semelhante noticia que não teve cabal acção em virtude dos constantes e innumerados boatos que todos os dias constituíam assumpto de discussões para os desoccupados que se agrupavam nas ruas de maior transito, não era entretanto destituida de algum

fundamento como se verificou posteriormente com os seguintes documentos :

PROPOSTA DE CAPITULAÇÃO FEITA PELO SR. DE SALDANHA DA GAMA POR MEIO DO COMMANDANTE DA CORVETA PORTUGUEZA « MINDELLO »

11-3-1894.

« Os officiaes da fracção da Esquadra Libertadora, surta neste porto, desejosos de pôr termo á luta que ha mais de seis mezes ensanguenta o paiz, estão resolvidos a depôr as armas, sob as seguintes condições :

1.^a Retirada para o estrangeiro dos officiaes, assim como dos que com elles privam, sob a garantia e guarda da Nação Portugueza.

2.^a Garantia de vida para os inferiores e praças e bem assim para os voluntarios que lhes são assimilados.

3.^a Entrega das fortalezas, navios e mais material no pé em que se acham.

4.^a Restituição dos prisioneiros, excepto aquelles officiaes prisioneiros que queiram ou prefram partilhar a sorte dos officiaes da esquadra. — *Luiz Felippe de Saldanha da Gama.* »

RESOLUÇÃO DO GOVERNO LEVADA AO CONHECIMENTO DO SR. CONDE DE PARATY

« Em solução ao assumpto da sua conferencia que hoje tivemos, cabe-me dizer a V. Ex. que o governo não póde aceitar propostas de militares rebeldes. — *Cassiano do Nascimento.* »

Emfim chegou o memoravel dia 13; dentro de poucas horas estaria a população alliviada desse funereo torpôr que se espalhara durante seis mezes por toda a cidade, em breve tempo empenhar-se-ia a tremenda luta que deveria pôr termo de um modo decisivo ás

repetidas agonias de uma comunidade laboriosa e prospera que pacientemente supportára com geral reprovação esses continuos ataques ao seu progresso vital, mais alguns instantes e o ribombo dos canhões, annunciando o inicio das hostilidades, decidiria da sorte de milhares de infelizes que soffreamente anhelavam pela paz, de ha muito perturbada por ambiciosos inimigos da Republica.

A administração publica, curando do bem estar da população fez publicar pela manhã o seguinte

AVISO A POPULAÇÃO

« O Governo, no intuito de auxiliar a população enquanto durarem as hostilidades em que se vai empenhar, faz publico que, além dos galpões postos á disposição do povo á margem da Estrada de Ferro, podem ser occupados, á discreção, o antigo palacio Izabel á rua Guanabara, e o novo quartel construido nos terrenos á Quinta da Boa-Vista.

Determinou mais, de accôrdo com a Prefeitura, que seja fornecida ás pessoas pobres, que se ausentarem desta capital, a alimentação de que carecerem, providenciando tambem para que se deem passagem gratuita de ida e volta na Estrada de Ferro Central do Brazil até á ultima estação dos suburbios.

Muitissimo empenhado ainda na manutenção completa da ordem, o Governo recommendou terminantemente ás autoridades incumbidas do policiamento da cidade, que fuzilem acto continuo os individuos que, durante o actual estado de cousas, attentarem de qualquer modo contra a propriedade publica e particular.»

Ao approximar-se o momento do combate, desapareceu toda a movimentação na cidade; os vehiculos deixaram de percorrer as ruas mais centraes e o resto do povo affluio para todas as culminancias, até mesmo para as que se achavam ao alcance das balas. Armados de oculos aguardavam soffreamente a occasião annunciada contemplando a espessa fumarada que surgia por detraz da ilha das Cobras, onde um pavoroso incendio já lavrava desde pela manhã.

Nas baterias dos pontos fortificados do littoral, cada uma distinguida com o auri-verde pavilhão da legalidade, era indescriptivel o enthusiasmo dos jovens defensores da Republica que anceiavam pelo inicio da acção.

Viram-se então denodados patriotas, alguns dos quaes occupando posições salientes na sociedade offerecerem os seus serviços até como serventes das baterias do littoral.

Antes de seguirmos as evoluções da esquadra do governo na bahia de Guanabara é de todo o interesse a narração dos acontecimentos occorridos tres dias antes.

Na manhã do dia 10, apezar da grande cerração que reinava fóra da barra, as fortalezas legaes avistaram a esquadra do governo que acabava de chegar do norte, a qual constava de uma divisão de cruzadores e outra de torpedeiras. A primeira divisão compunha-se dos cruzadores: *Nictheroy* (com o pavilhão do almirante Gonçalves), *Andrada*, *Parnahyba*, *Itaipú* e *S. Salvador*; este servia tambem de deposito e hospital de sangue. A segunda divisão compunha-se das torpedeiras de alto mar

Pedro Ivo (com o pavilhão do capitão de mar e guerra Gaspar Rôdrigues), *Silvado* e *Pedro Affonso*, caça-torpedos *Gustavo Sampaio* e torpedeiras de porto *Sabino Vieira*, *Tamborim*. Esta chegou com algumas horas de atraso, pois foi forçada a parar em Cabo Frio, afim de concertar uma pequena avaria. Logo que foi reconhecida a esquadra fundeou na Praia Vermelha, em frente a Escola Militar, com excepção dos cruzadores *Andrada* e *Parnahyba* que ficaram cruzando ao largo, e da torpedeira *Sabino Vieira* que entrando a barra foi atracar na ponte do trapiche da Escola Militar, na praia da Saudade. Bandos de curiosos enchiam os bonds de Copacabana e para lá se transportavam para melhor certificarem-se da confirmação dos boatos que corriam por toda a cidade. As 5 horas da tarde entrou o cruzador norte-americano *Detroit* que estivera refrescando na ponta do Itaipú, indo ancorar proximo a ilha d'Agua momentos depois o cruzador *S. Francisco*, que estava ancorado a entrada da Jurujuba, suspendeu ferros indo dar fundo junto das ilhas Jurubaibas. Ao anoitecer a torpedeira *Silvado* entrou á barra indo fundear dentro da enseada de Botafogo.

No dia, 11 ás 9 horas da manhã, o cruzador allemão *Marie*, procedente de Montevidéo, chegou á barra e depois de salvar aos chefes brasileiros, inglez e francez, no que foi correspondido, entrou á barra indo lançar ferro junto ao *S. Francisco*. Ao fundear salvou á terra, sendo correspondido pela fortaleza de Santa Cruz e ao pavilhão do almirante Benhan, sendo correspondido pelo *S. Francisco*. Ao meio dia entrou o cruzador norte-americano *Charlestown*, procedente de Itaipú, fundeando

pela popa do *S. Francisco*. Durante a noite a torpedeira *Silvado* sahiu de Botafogo indo reunir-se á esquadra fóra da barra. A's 3 horas os cruzadores *Nictheroy*, *Itaipú*, *Gustavo Sampaio* e *Andrada* passaram com rumo norte, em frente á barra, porém ao largo.

No dia 12, ao meio dia, entrou procedente de Itaipú o cruzador inglez *Sirius*; a 1 hora tambem a canhoneira *Beagle*, da mesma nacionalidade e procedencia. Ambos fundearam proximo a ilha Fiscal. A's 5 horas sahiu o cruzador allemão *Marie* comboiando o paquete da mesma nacionalidade *Campinas*. A's 9 1/2 horas veiu á fortaleza de Villegaignon a lancha *Gloria*, onde se demorou cerca de duas horas.

A' 1 hora da madrugada do dia 13 atracou outra lancha em Villegaignon; sahindo duas horas depois, chegou um rebocador que permaneceu junto a ponte até as 4 horas; largando depois em direcção á ilha das Cobras, voltou pouco depois á fortaleza, demorando-se apenas alguns minutos. Com o romper do dia, apesar de minuciosas e successivas investigações com um poderoso oculo de alcance, nenhum ente humano era visto em Villegaignon; não obstante, na parte mais elevada da fortaleza, tremulava ainda um galhardete branco. No antigo mastro, partido por uma bala, estava amarrado um outro que supportava a bandeira nacional e na frente das ruinas dos alojamentos, junto a ponte erguia-se um outro fino e longo, tendo na extremidade uma pequena bandeira nacional. A's 8 horas entrou o cruzador norte-americano *New-York* que depois de se approximar do navio chefe *S. Francisco*, e de

corresponder-se com elle por meio de signaes, voltou e veio até junto da Boa Viagem, onde parou; pouco depois avançou até a entrada da Jurujuba e tendo parado por alguns instantes, voltou para junto da capitanea, lançando ferro em seguida pela popa do *Charlestown*. Em todas essas evoluções o cruzador foi sempre acompanhado por uma lanchinha da esquadra americana, a qual, avançando ou retrocedendo, sempre se correspondia com o cruzador por meio de signaes semaphoricos. A's 8 1/2 entrou o cruzador francez *Magon* que fundeou no *poço*, depois de cruzar junto de Villegaignon. A essa hora as corvetas portuguezas que estavam fundeadas proximo a ilha Fiscal suspenderam ancoras e dirigiram-se para junto da esquadra americana. A *Mindello* fundeou pela prôa do *S. Francisco* e a *Affonso de Albuquerque* pela prôa desta. Nessa occasião uma lancha com bandeira portugueza que acompanhava a *Affonso de Albuquerque* largou desta, e, chegando proximo a ilha Fiscal passou os cabos no vapor portuguez *Cidade do Porto* e rebocou-o para junto da *Affonso de Albuquerque*. Pouco antes das 9 horas os vasos de guerra inglezes *Sirius* e *Beagle* puzeram-se em movimento indo o primeiro fundear pela popa do *Detroit* e o segundo pela popa daquelle. A's 9 horas veio da ilha das Enxadas para o Mocanguê a lancha *Lucy*; nessa occasião travou-se um forte tiroteio entre a guarnição da Ponta da Areia e a da lancha, o qual só cessou quando a embarcação se encobriu pela ilha. A's 9 1/2 vieram da ilha das Enxadas uma barca da linha de Paquetá e a lancha *Gloria*; esta, depois de atracar áquella, foi ter a *Mindello*

e aquella, parou proximo a *Affonso de Albuquerque*. Nesse interim veiu do ancoradouro da esquadra rebelde o vapor *Adolpho de Barros* que não trazia bandeira nacional nem signal branco; este vapor foi muito hostilizado pela bateria da Ponta da Areia até ficar protegido pela ilha do Vianna, onde atracou. A's 10 horas a *Mindello* se pôz em comunicação com uma lancha que 20 minutos depois seguia o rumo da ilha das Enxadas. A's 10 1/2 largaram de Mocanguê a lancha *Lucy* para a ilha das Enxadas e o rebocador *Vulcano*, que ahi estivera desde a vespera, para Paquetá. A essa hora uma outra lancha vindo da esquadra rebelde atracou a *Mindello*, e simultaneamente o *Magon* fundeava junto a esquadra americana. Algumas embarcações que ainda permaneciam no ancoradouro de descarga, proximo a ilha Fiscal, aproveitando-se do vento fresco que então soprava largaram as velas e foram dar fundo no local designado pela capitania do porto, afim de salvaguardarem-se das balas, enquanto durassem as hostilidades. A's 11 1/2 passaram fóra da barra com rumo sul o *Nicttheroy*, *Itaipú*, *Andrada* e *S. Salvador*. Ainda pouco antes do meio dia a lancha *Gloria*, vindo da ilha das Enxadas, atracou á *Mindello* dahi foi ter ao *Sirius*, donde voltando a *Mindello* tornou a ilha das Enxadas. Ao mesmo tempo duas lanchas no fundo da bahia atravessavam por traz das ilhas Jurubaibas, levando rumo de Paquetá.

Ao meio dia a fortaleza de Santa Cruz iniciou o bombardeio, disparando o seu canhão 400 contra Villegaignon, no que foi acompanhada pelas baterias da Lage, Pico, Gragoatá, morro de S. João e Armação.

Emquanto que Santa Cruz, Pico e Lage bombardeavam exclusivamente Villegaignon, Gragoatá distribuía seus disparos entre Villegaignon e ilha das Cobras. O morro de S. João visava esta. Finalmente a Armação com um canhão 150, montado junto ás ruínas da officina de torpedos e electricidade, atirava contra Villegaignon ; com um outro 32 montado perto da Igrejinha e com um 150 montado proximo a pedreira do Toque-Toque bombardeava simultaneamente as ilhas das Cobras e das Enxadas. Não sendo correspondido de ponto algum, o bombardeio cessou a 1 1/2 horas da tarde. A esta hora largou da ilha do Vianna para a de Paquetá o vapor *Adolpho de Barros*, sempre hostilizado pela bateria da Ponta da Areia. Pouco depois vieram duas lanchas da ilha das Enxadas; uma atracou ao *Sirius* e a outra, trazendo a reboque um escaler completamente cheio de individuos, atracou á *Mindello*. A's 2 horas o rebocador *Vulcano* vindo de Paquetá tambem pôz-se em communição com a *Mindello*.

Depois de um silencio relativamente prolongado, attenta a anciedade que de segundo em segundo invadia o animo das forças republicanas, o canhão *Withworth* 32 assestado no morro de Guaratiba rompeu fogo contra Villegaignon no que foi acompanhado pelas baterias de Santa Cruz, Lage, Pico, morros do Casiano e da Viuva, um *Krupp* 7 1/2 postado na praia da Viuva Ramos, em Icarahy, e um canhão-revolver na praia do Russell.

Os disparos dos morros de S. João e S. Bento só eram dirigidos para a ilha das Cobras ; as baterias do Castello,

Gragoatá e fortaleza de S. João distribuíam os seus projectis entre Villegaignon e ilha das Cobras; as do morro da Conceição e Mortona convergiam suas balas para a ilha das Cobras e navios rebeldes; e finalmente as da Armação occupavam-se em bombardear as ilhas de Villegaignon, das Cobras e das Enxadas. Como nenhum dos pontos alvejados correspondesse ás hostilidades e sendo de todo o ponto possivel que os navios e fortificações rebeldes estivessem abandonados, cessou o fogo ás 3 horas e 40 minutos por ordem dada pelo telephone.

A's 4 1/2 horas avistou-se a lancha *Quinze de Novembro* que vindo da Escola Militar dirigia-se para o Arsenal de Guerra; trazia sómente a tripolação, vinha embandeirada e ao passar em frente ao morro da Gloria foi muito victoriada. A's 5 horas, junto ao costão de S. João viam-se o rebocador *Audaz*, caça-torpedeira *Gustavo Sampaio* e uma torpedeira, e nesse interim o rebocador *Graphic*, vindo de Botafogo e reunindo-se ao *Audaz* tomaram ambos o rumo de Villegaignon, para onde tambem seguia a *Quinze de Novembro* que viera ao Arsenal buscar tropa.

Ao ruido de estrepitosas aclamações e de foguetes que partiam do alto dos morros da Gloria e Guaratiba chegaram as tres embarcações á arruinada fortaleza e, depois de muitas hesitações e manobras aproximaram-se da ponte, sendo a *Quinze de Novembro* a primeira a atracar. Desembarcadas as tropas percorreram a praça com as precauções que o caso exigia, porquanto toda a ilha se achava envolvida em um rêde de fios electricos

que se communicavam com minas explosivas e com o paiol da pólvora. Subindo ao alto da fortaleza um joven, trepou no mastro e arrancou a bandeira branca ás 6 horas. Quasi simultaneamente entrava a esquadra do governo na seguinte ordem : cruzador *Nictheroy* seguido do *Itaipú*, *Gustavo Sampaio*, *Andrada* e *S. Salvador*, seguindo as torpedeiras cada uma ao lado de um dos navios.

Foi um momento de verdadeiro delirio ; com o imponente troar dos canhões que de todas as baterias salvavam com 21 tiros, misturavam-se os prolongados vivas da compacta multidão que se acotovelava em todos os pontos donde se divisavam as operações, ao que juntavam-se o estrepitar continuo de gyrandolas e descargas de fuzilaria. A's 6 horas e 15 minutos a esquadra fundeava no *poço*, salvando á terra.

Pouco antes da esquadra entrar o *Magon* sahio barra fóra.

Ao anoitecer a *Gustavo Sampaio*, sahio afim de cruzar fóra da barra e o *Itaipú* foi ancorar perto de Paquetá, afim de vigiar a ilha que ainda se achava em poder dos rebeldes. A's 11 horas sahiram duas torpedeiras. Emfim, tendo entrado no dia seguinte, ás 5 horas da manhã, o cruzador *Parnahyba*, ás 9 horas todos os navios estrangeiros surtos no porto do Rio de Janeiro, salvaram ao pavilhão do almirante Gonçalves, respondendo o *Nictheroy*.

Eis a narração fiel e minuciosa do movimento operado na bahia do Rio de Janeiro pelos vasos de guerra que puzeram termo a essa luta ingloria.

Vejamos, entretanto, qual deveria ser o plano de combate delineado pelo governo, caso os revoltosos offerecessem resistencia; ouçamos o proprio almirante Jeronymo Gonçalves :

« No dia 11, recebi instrucções do Sr. marechal vice-presidente da Republica para sahir para o norte, devendo fazer falsa derrota para o sul, e, depois de perder de vista a barra do Rio, virar de bordo, e, fazendo prôa ao norte, ir buscar o fundeadouro das ilhas Maricás, devendo ahi demorar-me o mesmo tempo que pelo Sr. vice-presidente havia sido concedido ás embarcações e navios estrangeiros para se retirarem do porto e aos habitantes da cidade para se afastarem do littoral. »

O plano era o seguinte, diz o Sr. almirante :

« No ancoradouro das Maricás, o sr. almirante Gonçalves, conhecendo a posição dos rebeldes e a força de que dispunham, bem como os elementos de acção com que contava o governo, imaginou um plano de ataque que enviou pelo seu secretario, 1.º tenente Guillobel, ao marechal Floriano, que o approvou. »

« As 3 horas da tarde do dia 13, hora em que expirava o prazo concedido ás embarcações e navios de guerra estrangeiros para se retirarem do porto e a população da cidade para se afastar do littoral, deviam todas as fortificações internas abrir fogo cerrado e continuo sobre as fortalezas das Ilhas das Cobras e Villegaignon, e tambem sobre os navios rebeldes *Tamandaré*, *Trajano*, *Liberdade*, *Jupiter*, etc., de modo a produzir-lhes o maior damno e fadiga possiveis.

A esquadra approximar-se-ia da barra, e, ao pôr da lua, que devia ser ás 11 horas, mais ou menos, o cruzador *Nicttheroy* transporia a barra, içando nessa occasião duas lanternas encarnadas, uma por baixo da outra, no mastro de vante, e arriando-as em seguida, apenas para ser reconhecido pela fortaleza de Santa Cruz.

Ao entrar no canal, lançaria um foguete encarnado e a este signal os holophotes de S. João e Gloria convergiriam os seus fócios sobre as baterias de Villegaignon, tendo por fim difficultar-lhes a pontaria dos canhões e facilitar a visada ao cruzador *Nictheroy*, que ao chegar á posição a *priori* calculada e determinada no mappa da bahia do Rio, devia lançar sobre a referida fortaleza tres projectis de dynamite representando um total de mil e duzentos kilos de materia explosiva.

Terminada esta manobra, lançariam outro foguete encarnado, os holophotes já citados deixariam de illuminar Villegaignon e passariam para a ilha das Cobras, sobre a qual o referido cruzador procuraria de modo identico, avançar até se collocar em distancia efficaz.

Finda essa segunda parte, e conforme a maré, seria secundado pelo vapor *Itaipú*, que tinha de entrar com elle afim de o auxiliar na evolução de virar de bordo, pois, devido ao seu grande comprimento e á morosidade da evolução, teria de permanecer por algum tempo com o costado exposto ás balas inimigas, o que lhe poderia ser fatal; devendo depois reunir-se á esquadra, fóra da barra, lançando nessa occasião um foguete verde, para que os holophotes deixassem de funcionar, pois deviam entrar em acção as torpedeiras com toda a escuridão possível.

Ao entrar, seriam ellas protegidas pelos rebocadores *Audaz*, *Alamiro*, etc., que, perfeitamente guarnecidos de pessoal, artilhados e municidados, aceitariam combate com as embarcações similares do inimigo, permittindo assim que as torpedeiras fossem directamente hostilizar os navios rebeldes, cujas posições eram conhecidas por plano préviamente levantado na vespera por pessoa de confiança, facilitando assim a tarefa das torpedeiras.

Deviam, ao demandar o fundeadouro, encostar-se o mais possível á Bôa Viagem e Gragoatá, afim de evitarem a linha de torpedos que corria na direcção de Villegaignon á Bôa Viagem, conforme informações recebidas.

Uma vez no local dos navios rebeldes, visariam principalmente o *Tamandaré* e, sem aguardar o resultado, deviam retirar-se, procurando reunir-se á esquadra.

Na retirada tambem seriam protegidas pelas lanchas e rebocadores.»

Mal haviam as baterias legaes começado o bombardeio no dia 13 contra as ilhas e navios occupados pelos revoltosos, quando atracou ao cães do arsenal de guerra uma lancha que conduzia um official, aprisionado na ilha do Mocangué, o qual affirmando que os fortes de Villegaignon e da ilha das Cobras estavam abandonados, era portador do seguinte officio dirigido ao cidadão ministro da marinha.

« Ilha das Cobras, 13 de Março de 1894. — Tendo uma parte da esquadra revoltosa, sob o commando do cidadão ex-contra almirante Luiz Felipe de Saldanha da Gama, capitulado, e tendo os officiaes da mesma esquadra se retirado em navios estrangeiros e abandonado os navios, reunida a marinhagem na ilha das Enxadas, e bem assim os prisioneiros da ilha do Engenho a 3 de Janeiro, da do Mocangué a 19 de Janeiro e Armação, quer officiaes e praças a 9 de Fevereiro, tudo do corrente anno, eu como official mais graduado dos prisioneiros, em conselho com os officiaes subalternos e soldado do batalhão Benjamin Constant, o advogado Gabriel Lessa, tambem prisioneiro, todos abaixo assignados, resolvi assumir a direcção da referida ilha e enviar á terra o tenente Arthur José da Silva, do batalhão 23 de Novembro, afim de providenciardes como melhor entenderdes — *Jeronymo Ferreira da Silva*, major do 34. — *Gabriel Lessa*. — *Arthur José da Silva*, tenente do 23 de Novembro. — *Antonio Alvaro F. Ribeiro*, tenente do 9º batalhão — *Manoel Gonçalves da Silva*, tenente — *Leopoldo Teixeira de Carvalho* — *Joaquim Fernandes de Lima Martins*, capitão.

Com a celeridade de um raio espalhou-se por toda a cidade a noticia de que o almirante Saldanha, seguido de toda a officialidade e grande parte da maruja, havia

se refugiado a bordo de navios estrangeiros. Desde então começou a affluir para as ruas a população regozijante.

Mais tarde appareceram boletins affixados nas portas das redacções de jornaes noticiando a capitulação dos rebeldes, os quaes foram confirmados á noite com o seguinte boletim mandado distribuir pelo governo por toda a cidade :

BOLETIM OFFICIAL

Cabe neste momento ao Governo o indizível prazer de communicar ao paiz a feliz terminação da revolta no porto do Rio de Janeiro.

Honram á Nação o heroismo e os sacrificios extraordinarios com que seus filhos souberam defender e garantir a effectividade dos poderes constituídos, dignificar e exalçar a Patria e salvar a Republica !

O Governo se sente immensamente nobilitado por lhe ter sido destinada tão honrosa incumbencia de suffocar e extinguir esse flagello de seis mezes no coração do povo brasileiro, e é com a suprema ventura, consciente de ter empenhado tudo pela salvação publica que annuncia ao Paiz que, diante da attitude resoluta e energica que tomou, os revoltosos capitularam, rendendo-se á discreção, tendo segundo consta, seu chefe o contra-almirante Saldanha da Gama se refugiado com os demais officiaes a bordo de vasos de guerra estrangeiros surtos no porto.

Está presentemente o Governo agindo ainda com a necessária presteza, para que sejam occupados pelas forças legaes os navios e as fortalezas em que os inimigos do poder publico deslustraram o seu nome, intentando cavar a mais funda ruina á Patria e á Republica.

Vivam os denodados defensores da lei !

Viva o povo brasileiro !

Viva a Republica !

Nesse mesmo dia procedeu o governo a occupação das ilhas e navios abandonados pelos rebeldes, providenciando da maneira mais acertada sobre os soccorros prestados aos feridos e ás familias alli encontrados.

A' noite uma compacta multidão de populares, a cuja frente viam-se alguns entusiastas patriotas, dirigiu-se ao palacio Itamaraty afim de saudar ao marechal Floriano e onde, na ausencia deste foi recebida pelo seu secretario.

O vice-presidente da Republica mantivera-se todo o dia e grande parte da noite no arsenal de guerra com o seu estado maior e mesmo ahi recebeu cumprimentos de varios officiaes.

Continuaram no dia 14 as manifestações de regosijo da parte do povo que alliviado dos vexames da revolta regressava aos seus penates.

Muitos prisioneiros apresentaram-se ao ministro da marinha ou interino da guerra.

Emfim na seguinte ordem do dia baixada a 14 pelo quartel do estado-maior-general da armada, são resumidamente narrados os acontecimentos com que finalizou a terceira phase da revolta :

« Faço publico para conhecimento da armada que hontem rendeu-se á discreção neste porto a esquadra revoltosa, que ha seis mezes capitaneada pelos ex-contra-almirantes Custodio José de Mello, a principio, e Luiz Felipe Saldanha da Gama, posteriormente, ensanguentava as duas capitaes que orlam a bahia de Guanabara e as trazia paralyzadas no seu importante movimento commercial, pelo sequestro que fizera do dominio das suas aguas á acção da autoridade legal.

Quão luctuoso foram esses longos dias, não só para a Nação, ameaçada nos seus interesses mais vitaes e até nas suas novas instituições pelos intuitos restauradores da segunda phase dessa revolta, senão também, particularmente, para a grande maioria da armada, que se manteve fiel ao seu dever militar, como depositaria das gloriosas tradições da classe, todos o sabem, e pois, inutil é narral-o.

A rendição operou-se antes da hora suprema em que os contendores deviam terçar armas em combate decisivo, o que constitue prova inconcussa do desalento dos revoltosos em face já dos vastos recursos perseverantemente accumulados pelo Governo, já da execração publica que os esmagava. Os navios e fortalezas de que se haviam apossado pela traição foram evacuados, buscando os chefes e officiaes guarida nas corvetas portuguezas, surtas no porto, ao passo que os inferiores e praças de pret, tristes instrumentos de que se serviram os seus desvarios, eram abandonados nas ilhas das Enxadas e de Paquetá, á generosidade do vencedor.

Diante deste desenlace que traduz uma victoria de maior alcance moral para as armas legaes, victoria de que foi factor importante a armada nacional, sempre zelosa dos seus brios, eu com esta me congratulo, certo de que, inspirando-se no seu nunca desmentido patriotismo, ha de proseguir firme na sua obra, até o triumpho completo da causa da lei e da justiça.»

Foi com a seguinte proclamação que o commandante em chefe da esquadra dirigiu-se aos seus subordinados :

Commando em Chefe da Esquadra Brasileira em operações de guerra nas costas do Brazil até o Prata e seus affluentes. Bordo do Cruzador *Nictheroy* em 14 de Março de 1894.

Camaradas!

— E' sob a mais viva impressão de enthusiasmo e com maior satisfação que vejo derrocar-se o baluarte levantado pelos inimigos da Patria.

Após insanos trabalhos e difficuldades vencidas com perseverança e dedicação, vemos em parte a nossa obra coroadada

de exito. No periodo decorrido de 12 de outubro de 1893 até hoje, temos tido alguns dissabores e experimentado algumas contrariedades, porém, alentados pela esperança da victoria, e fortalecidos pela justiça da causa, de tudo temos triumphado. Cumpre-me porém dizer, e o faço com o maior jubilo, que fraternizados no trabalho e congraçados pelo mesmo pensamento em prol da causa legal, a força sob o meu commando tem dado inequivocas provas de abnegação e lealdade. Tantos sacrificios, tanta dedicação não podiam ficar estereis, quando as presidia um pensamento elevado e quando as guiava a luz da razão. Vencidas as resistencias e diminuidas as distancias colligaram-se ás forças de terra e mar e convergindo para a bahia do Rio de Janeiro, lançaram o panico sobre o inimigo que, abandonando navios e reductos, deram á causa legal o mais legitimo triumpho.

Tão assignalado triumpho, teve logar em 13 de março do corrente, data esta immorredoura para os corações patrioticos e que trouxe como recompensa a tranquillidade do lar fluminense, e garantia da causa legal e a consolidação de nossas instituições. Assim, pois, transportados de alegria e enthusiasmo levantemos um viva á Republica e a Legalidade.

Jeronymo Francisco Gonçalves, commandante em chefe.



A VICTORIA DA LEGALIDADE

EMQUANTO na cidade do Rio de Janeiro os moradores erguiam saudações e repetidos vivas ao triumpho da legalidade, emquanto de todos os Estados affluíam telegrammas de congratulações para a festiva Capital da União pela conquista da sua liberdade, e emquanto todas as classes se congratavam pela victoria das instituições republicanas, enjaulados nos vasos de guerra portuguezes *Mindello e Affonso de Albuquerque*, contemplavam os ferozes rebeldes a presa que lhes escapara e a architectavam talvez um novo plano de emboscada para aquelles infelizes que durante seis mezes foram alvo de suas perversas machinações.

Envoltos em um pavilhão estrangeiro, naquelle mesmo que desde priscas éras tem obumbrado o sol

vivificante da nossa civilização e em cujas rugas tem-se gerado os mephiticos microzoarios tão deletorios á atmospherá da nossa mentalidade, eil-os que, premeditando os mais sinistros projectos de vingança volvem a um paiz visinho, abandonando deshumanamente nas ilhas e navios, de que estiveram de posse, centenas de victimas que, alentadas por suas enganosas esperanças, offereceram-se durante seis mezes em holocausto aos seus nefandos crimes.

Nem siquer o farfante sebastianista que acabava de aniquilar uma classe, outr'ora invejavel ornamento da sociedade brazileira, procurou reparar a sua vergonha com um desenlace digno da confiança que lhe tributavam os seus intemeratos camaradas.

Depois de haver arrastado vergonhosamente os ultimos dias da sua vida moral tarde procurou rehabilitar-se no sangrento combate do campo Osorio travado a 24 de junho no Estado do Rio Grande do Sul, onde com um punhado de bravos camaradas que ainda lhe seguiam succumbiu heroicamente em uma luta renhida e desigual sustentada com as tropas do governo.

Durante cinco dias permaneceram essas 500 pessoas a bordo dos navios portuguezes até que ás 5 horas da tarde de 18 sahiram barra á fóra. Ao envez de se dirigirem para Portugal ou suas colonias, tomaram rumo sul e foram surgir em Montevidéo, capital da republica cujo territorio, confinando com o do Brazil, offerece facil passagem para este.

Os jornaes do Rio de Janeiro procuraram explicar a sahida desses vasos de guerra como medida hygienica

adoptada pelo commandante da esquadilha e communicada pelo ministro portuguez ao governo brasileiro, talvez com o fim de, por essa fórma, acalmar os animos exaltados de muitos cidadãos que premeditavam manifestações hostis contra aquelle diplomata e subditos de sua nação : porém, o facto fica perfeitamente elucidado com a leitura dos seguintes documentos relativos á

CORRESPONDENCIA TROCADA COM A LEGAÇÃO DE PORTUGAL E A LEGAÇÃO DO BRAZIL EM LISBOA SOBRE A ENTREGA DOS REBELDES ASYLADOS NAS CORVETAS «MINDELLO» E «AFFONSO DE ALBUQUERQUE.»

Nota da legação portugueza ao governo brasileiro—Legação de Portugal no Brazil—Rio de Janeiro, 15 de Março de 1894—Illm. e Exm. Sr.—Tenho a honra de levar ao conhecimento de V. Ex. que na manhã do dia 13 um numeroso grupo dos insurgentes, que durante mezes têm estado em armas na bahia do Rio de Janeiro, se dirigiram a bordo dos navios portuguezes *Mindello* e *Affonso de Albuquerque* e solicitaram refugio e asylo que lhes foi concedido, conforme aos dictames do direito internacional e aos principios humanitarios geralmente reconhecidos pelas nações civilisadas.

Faltando-me o relatorio do commandante-chefe dos navios, não posso ainda indicar, com segurança, os nomes e qualidades desses emigrantes politicos.

Aproveite o ensejo para reiterar a V. Ex. os protestos da minha mais alta consideração. Illm. e Exm. Sr. Dr. Cassiano do Nascimento, dignissimo ministro e secretario de Estado das relações exteriores—*Conde de Paraty*.

Resposta á nota precedente—Rio de Janeiro—Ministerio das relações exteriores, 15 de Março de 1894—Accuso o recebimento da nota que o Sr. Conde de Paraty encarregado de negocios de Portugal, servio-se dirigir-me hoje communicando que na manhã de 13 um numeroso grupo de insurgentes solicitou e obteve refugio e asylo a bordo dos navios de guerra de sua nação *Mindello* e *Affonso de Albuquerque*.

O governo federal já tinha conhecimento dessa occurrencia; mas, comquanto reconheça que o acto dos Srs. commandantes dos navios de guerra portuguezes é inspirado em sentimentos humanitarios, vê-se todavia obrigado a reclamar a entrega daquelles individuos, por entender que, como criminosos que são, não estão no caso de gozar da protecção que obtiveram.

Tenho a honra de reiterar ao Sr. Conde as seguranças da minha mui distincta consideração—Ao Sr. Conde de Paraty, etc., etc., etc.—*Cassiano do Nascimento*.

Telegramma do governo brasileiro á legação em Lisboa—Rio, 15 de Março de 1894—Ministro brasileiro—Lisboa. Representantes desse governo aqui recusam-se entregar militares rebeldes que buscaram refugio bordo navios guerra portuguezes. Não é caso de asylo e demais sabeis rebeldes foram declarados piratas decreto Outubro, por crimes deprecação roubo praticaram, não representam nenhuma parcella politica opinião; portanto nos devem ser entregues, afim serem submettidos tribunaes competentes. Reclamai ordem desse governo sentido essa entrega.—*Ministro do exterior*.

Officio da legação em Lisboa, 25 de Março com referencia ao telegramma precedente.—Sem perda de tempo fui procurar o Sr. presidente do conselho e ministro de estrangeiros e, depois de communicar-lhe o telegramma de V. Ex. fiz-lhe ver a conveniencia, para a continuação das boas relações de ambos os paizes, da entrega dos revoltosos, que não podiam ser considerados criminosos politicos, pois que, em virtude do Decreto de 10 de Outubro, haviam sido declarados piratas; que uma decisão do governo portuguez nesse sentido evitaria um incidente que seria desagradavel e penoso para ambas as nações.

S. Ex. atalhou-me dizendo que não lhe parecia isso possível, pois que considerava os refugiados nos navios de guerra portuguezes como criminosos politicos, que, por dever seu de consciencia e por todos os principios humanitarios, não julgava poder entregal-os, mas que, entretanto, submettia-se á mesma regra de conducta dos navios que haviam dado asylo aos insurgentes.

Após esta conferencia expedi a V. Ex. o seguinte telegramma cifrado :

« Reclamei com toda energia, governo, porém declarou não poder seguir senão mesma regra de conducta outros navios que asylaram rebeldes. »

Em resposta a este telegramma V. Ex. se servio de dirigir-me o seguinte :

« Todos rebeldes, n. 493, se asylaram navios guerra portuguezes, nenhum nos navios de outra nação. Governo não admittre soberania opposta á sua no proprio porto. Capital da Republica.—*Ministro Exterior.* »

Este telegramma me foi entregue no dia 18, ás 7 horas da tarde; ás 8 procurava eu o Sr. ministro dos estrangeiros e, encontrando-o, submetti á sua consideração a communição que acabava de receber. S. Ex., bastante contrariado, disse-me que as noticias que tinha eram que a sahida dos navios havia sido combinada amigavelmente, e que lhe surprehendia o telegramma de V. Ex., mas que ia telegraphar ao Sr. Paraty, e que no dia seguinte me procuraria.

Dirigi então a V. Ex. um telegramma cifrado nestes termos:

« Por telegramma Paraty Governo julgava sahida navios combinada amigavelmente. Surpreso vosso despacho, pediu explicação seu representante. »

Telegramma do ministro das relações exteriores ao encarregado dos negocios de Portugal em Petropolis.—Em 16 de Março de 1894.—Ao Sr. Conde de Paraty, encarregado dos negocios de Portugal—Petropolis—Urgentissimo—Constando-me que a corveta portugueza *Affonso de Albuquerque* intenta deixar este porto esta tarde, levando a seu bordo os militares rebeldes nella refugiados e na corveta *Mindello*, não estando ainda resolvido o incidente constante das notas que tive hontem a honra de trocar com V. Ex., rogo que, no intuito de evitar maiores complicações, V. Ex. expeça ordem no sentido de retardar a sahida da referida corveta até a decisão final do incidente, que infelizmente nos preoccupa e cuja solução aguardo.

Renovo a V. Ex. as seguranças de minha alta consideração.—*Cassiano do Nascimento*, ministro do exterior.

Resposta ao telegramma precedente — Petropolis, 16 de Março de 1894, ás 10 e 50 da manhã — Telegramma urgentissimo—Ministro do exterior—Rio—Ainda não tomei conhecimento da nota a que V. Ex. se refere. Entretanto, posso assegurar que o commandante chefe *Mindello* ficou responsavel por guarda refugiados politicos e sem os desembarcar em territorio estrangeiro, até final solução da questão diplomatica. Se fôr tempo, retardarei a partida dos navios de guerra, que só teria por causa motivos hygienicos e de prudencia para evitar pretextos de excitar o espirito publico. Expeço telegramma ao commandante, dando assim mais prova do espirito conciliador que inspira o meu governo, esperando que V. Ex. fará chegar o telegramma ao destinatario e depois combinará commigo meios de defender a saude dos que se acham a bordo dos navios, sem prejuizo da questão pendente. O telegramma ao commandante da *Mindello* é o seguinte : « Queira demorar partida até conferenciar commigo » — *Paraty*.

Nota da legação de Portugal ao governo brasileiro — Legação de Portugal no Brazil—Petropolis, 17 de Março de 1894.— Illm. e Exm. Sr.—Tenho a honra de accusar a recepção do telegramma de V. Ex., relativo á projectada sahida dos navios de guerra portuguezes.

Certo de que V. Ex. não contestou o direito que esses navios têm a dirigir-se onde as conveniencias do serviço de Sua Magestade o exijam, cumpre-me confirmar o telegramma, que, em resposta, dirigi a V. Ex. nos seguintes termos :

« Ainda não tomei conhecimento da nota a que V. Ex. se refere. Entretanto posso assegurar que commandante-chefe *Mindello* ficou responsavel por guardas refugiados politicos, sem os desembarcar em territorio estrangeiro, até final solução da questão diplomatica. Se fôr tempo retardarei partida dos navios de guerra, que só teria por causa motivos hygienicos e de prudencia, para evitar pretexto de excitar o espirito publico. Expeço telegramma ao commandante, dando assim mais uma prova do espirito conciliador que inspira o meu governo, e esperando que V. Ex. fará chegar

o telegramma ao destinatario e depois combinará commigo meios de defender a saude dos que se acham a bordo dos navios, sem prejuizo da questão pendente.

Aproveito a oportunidade para reiteirar a V. Ex. as seguranças da minha mais alta consideração—A S. Ex. o Sr. Dr. Cassiano do Nascimento, ministro das relações exteriores, etc., etc., etc.—*Conde de Paraty.*»

Nota da legação de Portugal ao governo brasileiro—Legação de Portugal no Brazil—Petropolis, 16 de Março de 1894—Illm. e Exm. Sr.—Tenho a honra de accusar recepção da nota que V. Ex. foi servido dirigir-me sob n. 13, em data de 15 de Março, e que chegou ao meu poder a 16, pelas 9 horas da noite, relativa á admissão dos insurgentes a bordo dos navios de guerra portuguezes.

Tomando conhecimento de que V. Ex. reclamará a entrega daquelles individuos, aguardo as ordens do meu governo a este respeito, cumprindo-me assegurar a V. Ex. que esta manhã dei ordem ao commandante da corveta *Mindello* para não os desembarcar em territorio estrangeiro conservando-os sempre a bordo, até final solução da questão diplomatica.

Aproveito a occasião para ter a honra de reiteirar a V. Ex. os protestos da minha mais alta consideração.

A' S. Ex. o Sr. Dr. Cassiano do Nascimento, ministro das relações exteriores, etc., etc., etc.—*Conde de Paraty.*

Nota da legação de Portugal ao governo brasileiro—Legação de Portugal no Brazil—Rio de Janeiro, 17 de Março de 1894.—Illm. e Exm. Sr.—Tenho a honra de passar ás mãos de V. Ex. por cópia junta, a relação dos refugiados a bordo das corvetas portuguezas *Mindello* e *Affonso de Albuquerque*, segundo me é transmittida pelo commandante Castilho.

Aproveito a occasião para reiterar a V. Ex. os protestos da minha mais alta consideração.

Illm. e Exm. Sr. Dr. Cassiano do Nascimento, ministro das relações exteriores, etc., etc., etc.—*Conde de Paraty.*

Lista dos refugiados politicos :

Contra-almirante Luiz Felipe Saldanha da Gama.

Capitão de mar e guerra Eliezer Coutinho Tavares.

Capitães-tenentes : Emilio Carvalhaes Gomes e João Velloso de Oliveira.

Primeiros-tenentes : Thomaz de Medeiros Pontes, José Fructuoso Monteiro da Silva, João Pordeus da Costa Lima, Silvio Pellico Belchior, José Augusto Vinhaes, João da Silva Retumba, Antão Corrêa da Silva, Antonio Julio de Oliveira Sampaio, José Libanio Lamenha Lins de Souza, Alberto Fontoura F. de Andrade, Arthur de Barros Cabral, Gabriel de Mello Moraes, Olympio Pereira Gomes, Luiz Timotheo Pereira da Rosa, Adolpho Victor Paulino, Leonisio Lessa Bastos, José Liduino Castello Branco, Alberto Carlos da Cunha, Tranquillino de Alcantara Diogo, José Antonio Coutinho, Alipio Dias Colonna, João Huet Bacellar Pinto Guedes, Luiz Carlos de Carvalho, Octacilio Nunes de Almeida e Gentil de Paiva Meira.

Segundos-tenentes : Carlos Alberto Witte, José Moreira da Rocha, Arthur Thompson, Manoel Ferreira Delamare e Honorio Delamare Kœler.

Guardas-marinha : Conrado Luiz Heck, Raphael Brusque, Augusto Carlos de Souza e Silva, Alberto Durão Coelho, Antonio Dias de Pinna Junior, Armando Cesar Burlamaque, Jorge de Castro e Abreu, Mario Cesar Borman de Borges, Alberto de Sá Peixoto, Arthur Torres, Ignacio Ribeiro, Joaquim Ribeiro Sobrinho, Antonio Candido de Carvalho, Heraclito Gomes de Souza, Oscar Muniz e José Joaquim Brandão dos Santos Junior.

Aspirantes de 1ª classe : Herman Carlos Palmeiro, Octavio Perry, Ernesto Felipe da Cunha Sobrinho, Theophilo Oswaldo Pereira e Souza, Alexandre Coelho Messeder Junior, João Antonio da Silva Ribeiro Junior, Mario Cesar de Castro Menezes, Othon de Noronha Torreção, Augusto Cesar Burlamaque, Alvaro Nunes de Carvalho, Luiz Augusto Muniz Junqueira, Roque Dias Ribeiro, Emmanuel Gomes Braga, Manoel Caetano de Gouvêa Coutinho, Damaso Pereira de Moraes, Oscar Gomes Braga, Theodoretto Henrique de Faria Souto, Priamo Muniz Telles, Jonathas Rodrigues Loureiro Fraga, Oscar Chaves Ferreira Campos, Joaquim Nunes de Souza, Francisco José Pereira das Neves, Henrique Aristides Guilherme, William Henrique Cunditt, Luiz Perdigão, Arthur

Brito Pereira, Braulio de Araujo Braga, Joaquim Buarque de Lima, Agenor Monteiro de Souza, Durval de Aquino Gaspar, Frederico de Lemos Villar, Ormidas Maria de Albuquerque, Candido de Andrade Dortas, Luiz Cyrillo Fernandes Pinheiro, Damião Pinto da Silva, Theodoro Jardim, Hypolito Plech Areas, José de Lima Campello, Octacilio Pereira Lima, Augusto Victor de Mattos, Tancredo de Alcantara Gomes, Carlos Alves de Souza, Torquato Diniz Junqueira, Heitor de Azevedo Marques, Thomaz de Aquino Freitas, Octacilio Octaviano Rosa, Americo de Azevedo Marques, Egas Muniz da Silva, Antonio Affonso Monteiro Chaves, Luiz Pereira Pinto Galvão, Americo José Cardoso, José Augusto de Souza e Silva, José de Siqueira Villa Forte, Augusto Durval da Costa Guimarães, José Antonio Lacerda, Guilherme de Azambuja Neves, Eugenio Graça, José Garcia de O' de Almeida, Agerico Ferreira de Souza, Ernesto Alfredo Peixoto Jurema, Oscar de Assis Pacheco, José Mattoso de Castro e Silva, Octavio de Lima e Silva, Henrique Santa Rita, Roberto de Barros, Miguel de Castro Caminha, Manoel Nogueira da Gama, Mario Carlos Lameyer, Adrião Chaves.

Capitão de fragata engenheiro-naval Benjamin Ribeiro de Mello.

Contra-almirante Dr. José Pereira Guimarães.

Capitão de fragata Dr. Galdino Cicero de Magalhães.

Primeiros-tenentes : Dr. Affonso Henrique de Castro Gomes, Dr. Thomaz de Aquino Gaspar e pharmaceutico Guilherme Hoffmann Filho.

Commissarios segundos-tenentes : Annibal de Paula Barros e Marcionilio Olegario Rodrigues Vaz.

Commissarios guardas-marinha : Luiz José de Lima Junior, Juvenal Jardim, Manoel Marques de Faria, Jorge Marques Dubouchez, Francisco Marques de Lemos Bastos, José Mariano de Faria Dias e Francisco Roberto Barreto.

Machinistas capitão-tenente: Targino José dos Anjos, primeiro-tenente Manoel Pereira Vaz, segundos-tenentes Clemente Lopes de Almeida, João Baptista de Moura; guardas-marinha : Julio Maria Velho, Luiz Ferreira da Silva, João Epiphanio da Costa Ferreira, Serafim José Soares, Antonio

Gonçalves Cruz, Ismael Dias Braga, Antonio José Lopes, Miguel Moreira, primeiro-tenente honorario Luiz Lemelle e segundo-tenente honorario Narciso José Vieira.

E mais 344 pessoas, entre as quaes estão classificados os inferiores e mercantes formando o total de 493 *pessoas* a saber :

Bordo da <i>Mindello</i> :		
Militares.....	74	
Mercantes e inferiores.....	169	243
Bordo da <i>Affonso de Albuquerque</i> :		
Militares.....	75	
Mercantes e inferiores.....	175	250
		493

Telegramma do governo brasileiro á legação em Lisboa —Rio, 16 de Março.—Legação brasileira,—Lisboa.—Paraty communicou dia 15 que manhã 13 insurgentes solicitaram e obtiveram asylo *Mindello* e *Affonso de Albuquerque*. Mesmo dia disse-lhe que reclamava entrega. Respondeu que aguardava ordens, mas asseverava haver recommendado commandante Castilho não desembarcar asylados territorio estrangeiro, conservando-os sempre a bordo, até solução questão diplomatica. Constando que *Affonso de Albuquerque* pretendia deixar porto, levando rebeldes, pedi Paraty expedição de ordens. Respondeu-me fim sahida era refrescar tripolação, motivo hygienico, que se fosse ainda tempo, expediria commandante telegramma para reter navios, asseverando, entretanto, ser elle responsavel rebeldes. Depois em conferencia, concordei navios se ausentassem do porto por tres ou quatro dias, compromettendo-se Paraty pela volta refugiados, pelo que remetteu-me officialmente relação nominal.—*Ministro do exterior*.

Continuação do officio da legação de Lisboa, de 25 de Março.—No dia seguinte (19) fui ao ministerio procurar o presidente do conselho. S. Ex. ao avistar-me manifestou-me grande satisfação pelos dois telegrammas que acabava de

receber, um do Sr. de Paraty, em que lhe communicava, sem mais informação, a sahida das corvetas *Mindello* e *Affonso de Albuquerque* e outro da agencia Reuter no mesmo sentido.

... dirigi a V. Ex. o seguinte telegramma :

« Lisboa, 19 de Março.— Ministro exterior.—Rio de Janeiro.— Ministro acaba communicar que seu representante ahí participára sahida esta manhã navios portuguezes ; peço confirmação. Governo roga-me transmittir-vos sua grande satisfação e protestos, profundo reconhecimento.»

O Sr. presidente do conselho tanto se havia affligido com a communicação do telegramma de V. Ex., do dia 18, quanto se alegrou com o que acaba de receber do seu representante, pois, dizia elle, assim via desaparecer um accidente que podia trazer complicações com um paiz com quem Portugal tem sempre mantido as melhores relações e a que está ligado pelos laços de raça e de interesse commum.

Referindo-se ao telegramma que foi expedido a 16 de Março á legação de Lisboa, e por esta recebido a 21 pela manhã cedo, continúa o dito officio :

« Apenas tomei conhecimento deste telegramma, escrevi ao Sr. presidente do conselho pedindo hora para receber-me. S. Ex. respondeu-me que entre 11 e 1 da tarde podia procural-o. Effectivamente áquella hora dirigi-me á sua casa, e communiquei-lhe o conteúdo do mencionado telegramma. S. Ex. mostrou-se completamente estranho ao que eu acabava de referir-lhe e declarou-me que ignorava o compromisso do Sr. Paraty e que não o havia autorisado a fazer sahir os navios para refrescarem, e menos ainda comprometter-se elle pela sua volta tres ou quatro dias depois e que nessa conformidade reprovava o seu procedimento. Acrescentou S. Ex. que ia immediatamente telegraphar ao seu encarregado de negocios pedindo explicações e rogou-me que demorasse por 24 horas a minha resposta a V. Ex.»

No dia seguinte recebi uma carta de S. Ex. perguntando-me a hora em que podia procurar-me ; respondi-lhe que immediatamente iria á sua casa, e sem demora fui recebido.

O Sr. presidente do conselho disse-me que acabava de ler telegramma do Sr. Paraty, em que lhe confirmava

a sahida das corvetas *Mindello* e *Affonso de Albuquerque* com os asylados em direcção a Buenos Ayres, onde as mandara esperar ordens do governo portuguez, e não para refrescar e voltar ao Rio de Janeiro depois de tres dias de ausencia do porto.

O Sr. Paraty accrescentou que o compromisso que tomara com o governo brasileiro fôra de não desembarcar os asylados em territorio estrangeiro e de conserval-os a bordo até a solução da reclamação diplomatica : este ultimo compromisso disse-me o Sr. presidente do conselho havel-o tomado o Sr. Paraty sem suas instrucções.

Insistindo eu sempre pelo direito que assistia ao governo do Brazil de exigir a entrega dos revoltosos pelo facto de não poderem ser considerados criminosos politicos, mas sim réos de crimes communs, e por outras considerações que fiz nessa occasião, o Sr. presidente do conselho declarou-me que pelas regras de direito internacional, pelo art. 6º do tratado de extradicação, pelos regulamentos de todas as marinhas e por dever de humanidade e consciencia não podia de modo algum entregar os refugiados ao governo brasileiro, que lhe contrariava immenso não satisfazer essa reclamação que eu lhe transmittia, mas que era de todo impossivel, que nenhum outro governo teria differente regra de conducta e que a opinião publica e de seu paiz se levantaria como um só homem contra um governo que se afastasse do procedimento que teriam todas as nações em assumpto desta natureza.

Concluo pedindo-me que fizesse presente a V. Ex. todas estas considerações e rogasse-lhe de sua parte que desistisse de reclamação pela segurança que dava de que os asylados não desembarcariam em territorio estrangeiro, seriam transportados para terras portuguezas em navios portuguezes, internados em estabelecimentos militares, vigiados e fiscalisados de modo a não voltarem ao Brazil a perturbar a sua ordem interna.

Expedi então a V. Ex. o seguinte telegramma em parte cifrado :

« Lisboa, 22 de Março.—Ministro de exterior.—Rio de Janeiro.—Paraty acaba communicar navios partiram Buenos

Ayres esperar ordens, não voltando Rio. Compromet-teu-se rebeldes não desembarcariam territorio estrangeiro, ficariam bordo até questão diplomatica. Governo declara terminantemente não poder entregar asylados por se oppor direito internacional, tratado extradicação. Roga-vos desistais reclamação pela segurança que dá só desembarcarão terras portuguezas, vigial-o impedir voltem Brazil—*Motta.* »

Telegramma do governo brasileiro á legação em Lisboa, em resposta ao precedente—Ministro brasileiro—Lisboa, 24 de Março—Marechal não concorda governo portuguez caso refugiados.—*Ministro exterior.*

Telegramma do governo brasileiro á legação em Lisboa,—Ministro brasileiro—Lisboa, 29 Março—Communique governo portuguez seguinte telegramma legação Montevidéo.

Saldanha chegou *Mindello* ferido hombro. Declarou contar com elementos proseguir revolução. Vieram oito feridos, tres guardas-marinha, cinco aspirantes, alguns com braços, pernas fracturados. Falleceu o guarda marinha Fraga.

E' certo desembarcaram Martin Garcia. Existem ambos navios 518 emigrados entre officiaes e marinheiros. Consta pensam tentar golpe contra flotilha Uruguay.—*Ministro exterior.*

Officio da legação em Lisboa de 7 de Abril, referindo-se ao precedente telegramma.—Este telegramma foi-me entregue ás 11 horas da manhã do dia 30 e ás 2 da tarde pude fallar com o presidente do conselho, que depois de ler attentamente o telegramma e pedir-me para tirar uma cópia, afim de mostral-a ao Sr. ministro da marinha, a quem naquella occasião mandou chamar, disse-me ignorar que os refugiados tivessem desembarcado em Buenos-Ayres, por nada lhe constar officialmente, apesar da noticia ter sido já referida por um jornal da vespera, que as ordens transmitidas ao seu encarregado de negocios e ao commandante Castilho haviam sido terminantes, no sentido de não desembarcar em parte alguma os refugiados, mas sim de trazel-os immediatamente para terras portuguezas.

O Sr. presidente do conselho disse-me tambem que em consequencia do grande numero de pessoas que se

achavam a bordo, da pouca capacidade dos navios e do estado menos lisonjeiro em que se encontravam, podendo a *Mindello* apenas mover-se, estava diligenciando fretar em Buenos-Ayres um vapor, que arvoraria a bandeira portugueza, seria commandado por officiaes portuguezes e transportaria os refugiados a este reino.

O governo, acrescentou o Sr. presidente do conselho, comprehende bem a responsabilidade que tomou e, por isso, empregará todos os esforços afim de que os emigrados sejam, quanto antes, trazidos para Portugal e, nesse empenho, não descansará e só ficará tranquillo quando os souber em terras portuguezas.

Concluida apenas esta conferencia, dirige a V. Ex. o telegramma concebido nestes termos:

Lisboa, 31 de Março de 1894, ás 4 e 45 da tarde—Ministro exterior—Rio—Governo ignora desembarque refugiados, acaba ordenar Castilho toda vigilancia caso governo argentino obrigasse quarentena terra, trata fretar alli navio trazer quanto antes refugiados—*Motta*.

Nota da legação de Portugal ao governo brasileiro—Legação de Portugal no Brazil—Petropolis, 2 de Abril de 1894—Illm. e Exm. Sr.—Confirmando as informações que dei a V. Ex. na recepção de quinta-feira passada, tenho a honra de assegurar a V. Ex., devidamente autorizado, que o governo de Sua Magestade expedio já as ordens necessarias para que os insurgentes brasileiros, refugiados a bordo dos navios de guerra portuguezes, sejam desembarcados mais breve possivel em territorio portuguez, onde guardados em deposito militar pelas autoridades competentes, sejam impedidos de intervir na luta politica brasileira.

Ouso esperar que esta attitude do governo portuguez, harmonisando os deveres de potencia amiga, perfeitamente estranha á guerra civil, com os principios mais sagrados do direito internacional, acatados por todas as nações civilizadas, contribuirá para mais se estreitarem as cordiaes relações existentes entre o Brazil e Portugal, como tanto convém aos interesses de uma e outra nação.

Aproveito a occasião para reiterar a V. Ex. os protestos da minha mais alta consideração.

A' S. Ex. o Sr. Dr. Cassiano do Nascimento, ministro das relações exteriores, etc., etc.—*Conde de Paraty*.

Comunicação verbal do presidente do conselho de ministros de Portugal ao representante do Brazil em Lisboa conforme o referido officio deste de 7 de Abril—No dia 3 do corrente, estando com o Sr. presidente do conselho, S. Ex. mostrou-me um telegramma do Sr. Saldanha da Gama, agradecendo em seu nome e no de seus camaradas a hospitalidade que o governo portuguez lhes havia dado, e pedindo para desembarcar em Buenos-Ayres, onde contava com o bom acolhimento do governo e do povo argentino. S. Ex. que ainda não tinha dado conhecimento desse despacho telegraphico aos seus collegas, pois que acabava de o receber, disse-me que a sua resposta seria como eu podia suppor, absolutamente negativa e que nesse sentido ia não sómente fazel-a sciente ao Sr. Saldanha, como daria ordens as mais terminantes ao Sr. Castilho para não desembarcal-o, nem aos outros refugiados; mas sim para conservar-se longe do cáes, sair a barra por tres ou quatro dias, entrar, tornar a sahir, e renovar este expediente, quando julgasse necessario, sobretudo se lhe constasse qualquer tentativa para libertar os revoltosos, até que elles pudessem ser transportados para este reino.

Logo após esta comunicação, dirigi a V. Ex. o telegramma, parcialmente cifrado, assim concebido:

«Lisboa. 4 de Abril de 94, ás 11 horas da manhã.—Ministro exterior—Rio—Governo recebeu hoje telegramma Saldanha pedindo desembarcar com marinheiros, diz contar acolhimento governo povo argentino; este governo respondeu ser isso impossivel, deu ordem Castilho estar longe cáes e se constasse qualquer tentativa libertal-os saisse barra com frequencia até chegada navio: traga Portugal—*Motta* »

Nota da legação portugueza ao governo brasileiro—Legação de Portugal no Brazil—Petropolis, 16 de Abril de 1894—Illm. e Exm. Sr.—Acabando de receber informações

do governo de Sua Magestade, tive a honra de expedir esta manhã um telegramma a V. Ex. Foi concebido nos seguintes termos :

Ao Exm. Sr. Dr. Cassiano do Nascimento, ministro das relações exteriores, faz os mais attenciosos cumprimentos o Conde de Paraty e tem a honra de lhe transmittir a noticia que corvetas portuguezas apezar febre amarella e falta officiaes deixaram Buenos-Ayres, indo ao encontro dos transportes, pondo assim termo ás tentativas dos refugiados. Nenhum official brasileiro fugio.

Parece que o governo da Republica Argentina apresentou uma reclamação contra Portugal, fundada no excesso de zelo de que deram provas uns marinheiros portuguezes, procurando capturar, como effectivamente conseguiram, alguns refugiados brasileiros que tentaram evadir-se.

Aproveito a occasião para reiterar a V. Ex, os protestos da minha mais alta consideração.—A' S. Ex. o Sr. Dr. Cassiano do Nascimento, ministro das relações exteriores, etc., etc.—*Conde de Paraty.*

Novas communicações do presidente do conselho de ministros de Portugal ao representante do Brazil em Lisboa, referidas por este no seu officio de 20 de Abril—O presidente do conselho e ministro dos negocios estrangeiros tem continuado a dar-me conhecimento do que se tem passado na bahia de Buenos-Ayres, com relação aos revoltosos asylados nos navios portuguezes.

O governo argentino exigio a principio que os insurrectos desembarcassem para fazer a quarentena, attenta a grande agglomeração de gente que havia a bordo, podendo esse facto concorrer para o desenvolvimento da epidemia que lavrava no lugar de onde procediam. O governo portuguez, consultado, respondeu que não permittia o desembarque dos revoltosos senão em terras portuguezas, porque a isso se havia comprometido com o governo brasileiro.

Dias depois, desenvolveu-se a bordo a febre amarella e o governo argentino intimou os navios a desembarcarem os asylados ou a sahirem á barra; á vista disto o governo portuguez sollicito em cumprir a sua palavra, mandou ordem que os navios sahissem da bahia do Rio da Prata e fossem

fôra da barra esperar o *Pedro III*, que havia sido fretado afim de receber os refugiados, os quaes iriam em direitura á ilha da Ascensão, de onde seriam transportados para o *Angola*, que d'aqui sahio ha dias e que os traria a Portugal.

Quando os navios portuguezes tomavam mantimentos e carvão, escaparam-se tres ou quatro officiaes, cuja falta só mais tarde se notou. Apesar da vigilancia que, diz o commandante Castilho, se exerce a bordo, outros officiaes, esses em maior numero, tentaram evadir-se, mas dando-se pela sua ausencia e sabendo-se que estavam a bordo de um palhabote, uma escolta sahio-lhes ao encalço, poude prendel-os e trazel-os de novo para bordo. Este acto deu motivo a uma reclamação do governo argentino, em consequencia da violencia exercida pela força estrangeira nas suas aguas.

O Sr. presidente do conselho disse-me nessa occasião haver já recebido telegramma do seu encarregado de negocios, communicando-lhe que o vapor *Pedro III* tinha recebido mantimentos, deixaria o porto de Buenos-Ayres no dia 10, e que a 17 embarcaria os refugiados e partiria para a ilha da Ascensão, acompanhado durante quatro dias pelo vapor *Affonso de Albuquerque*.

Não estive depois desta entrevista, que teve logar na recepção diplomatica do dia 17, com o Sr. presidente do conselho, e ignoro se effectivamente partiram naquelle dia os mencionados navios para o seu destino.

.....
Saude e fraternidade—A' S. Ex. o Sr. Dr. Alexandre Casiano do Nascimento, ministro de estado das relações exteriores, *J. P. da Costa Motta*.

Nota do Governo Brasileiro á Legação de Portugal.—Ministerio das Relações Exteriores.—Rio de Janeiro, 13 de Maio de 1894.—O Sr. Conde de Paraty, encarregado de Negocios de Portugal, servio-se communicar-me por nota de 2 do mez proximo passado que o seu Governo tinha expedido as ordens necessarias para que os insurgentes refugiados a bordo das corvetas *Mindello* e *Affonso de Albuquerque* fossem desembarcar o mais breve possivel em territorio portuguez, onde, guardados em deposito militar

pelas autoridades competentes, seriam impedidos de intervir na luta politica brazileira.

Não tenho respondido a essa nota, porque o Sr. vice-presidente da Republica julgou necessario aguardar o desenlace da situação creada pela viagem das duas corvetas ao Rio da Prata, S. Ex. está hoje de posse das informações que dalli esperava.

Dos 493 individuos que aqui se refugiaram a bordo das duas corvetas, partiram para terra portugueza pelo *Pedro III* sómente 239; os outros evadiram-se e com elles o Sr. Saldanha da Gama.

Assim, pois, não obstante as seguranças dadas pelo Sr. Conde e pelo seu Governo, realisou-se o que o Sr. vice-presidente da Republica previa. Os rebeldes desembarcaram em terra estranha e em grande numero, não temporariamente, para voltarem ao seu refugio, mas como evadidos que conservam toda a liberdade de acção e podem, continuando em rebeldia, reunir-se aos seus alliados do Rio Grande do Sul.

Estou certo de que esse facto se deu contra a intenção do Sr. Augusto de Castilho, mas deu-se sem duvida por falta de vigilancia e veiu aggravar o acto da concessão do asylo que o Sr. marechal Floriano Peixoto, pelas circumstancias em que se effectuou, considera como offensa á soberania nacional.

A revolta da esquadra, iniciada neste porto em 6 de Setembro do anno proximo passado pelo Sr. Custodio José de Mello e continuada pelo Sr. Saldanha da Gama, terminou como o Sr. Conde sabe, em 13 de Março do corrente anno.

Durante esses longos seis mezes, primeiro a esquadra e depois ella e as fortalezas de Villegaignon e a ilha das Cobras, bombardearam diariamente as fortalezas que se tinham conservado fieis ao Governo legal da Republica, a cidade de Nictheroy, capital do estado do Rio de Janeiro, e frequentes vezes a Capital Federal, ferindo e matando pessoas inoffensivas e destruindo a propriedade publica e particular. Durante esse longo tempo, não obstante a presença de navios de guerra estrangeiros, os insurgentes apoderaram-se de navios e carregamentos, pertencentes a nacionaes e estrangeiros e paralyzaram o commercio, causando prejuizos

incalculaveis. E o Governo Federal, privado de recursos na vaes, teve de supportar estas hostilidades até que, com grande sacrificio da fortuna publica, conseguiu organizar uma esquadra.

O Sr. Saldanha do Gama, que ainda em 25 de Dezembro por meio dos commandantes das forças navaes estrangeiras e dos respectivos agentes diplomaticos, ameaçava bombardear esta cidade com os seus maiores canhões, ao chegar aqui aquella esquadra, reconhecendo que não poderia resistir-lhe lembrou-se de propor capitulação. O Sr. Conde de Paraty o sabe, pois que na sua presença entregou-me o Sr. Castilho a respectiva proposta depois de fazer constar ao Sr. vice-presidente da Republica que recebera esse encargo. A resposta de S. Ex. foi prompta e negativa, como devia ser e eu a transmitti no dia 12 ao Sr. Conde.

Não é de admirar que o Sr. Saldanha da Gama concebesse a esperanza de salvar-se por meio da capitulação; mas é certamente de estranhar que o Sr. commandante da corveta *Mindello* se encarregasse de apadrinhar a sua pretensão, sabendo, pois era publico e notorio, que um decreto do Governo Federal havia declarado o dito Sr. Gama desertor e traidor á Patria.

Mudara-se o estado de cousas. Os rebeldes passavam de bloqueadores a bloqueados e o Sr. Augusto de Castilho, que, como os outros commandantes estrangeiros, havia respeitado a situação anterior em que os rebeldes tinham todas as vantagens, não devia amparal-os no momento da mudança, sobretudo não os tendo o seu Governo reconhecido como belligerantes. Mas amparou-os, primeiro apoiando a proposta de capitulação e depois concedendo-lhes refugio em circumstancias que o não justificavam.

Os agentes diplomaticos da Inglaterra, Italia, Estados Unidos da America, França e Portugal, considerando a aproximação de operações decisivas contra os rebeldes pediram por duas vezes que, no caso de não poder evitar o bombardeamento desta cidade por effeito de provocação, marcasse o Governo um prazo, pelo menos de quarenta e oito horas, para que os estrangeiros aqui residentes e os navios, tambem estrangeiros, surtos no porto, provessem a sua segurança.

Concedeu-se esse prazo e logo depois um augmento de tres horas, contando-se as cincoenta e uma do meio dia de 11 de Março e declarando-se que a concessão se referia ás forças do littoral.

Assim devia ser, porque as fortalezas da barra e as baterias de Nictheroy tinham estado sempre em actividade e o accordo para que a Capital Federal fosse considerada cidade aberta só se applicava ás baterias estabelecidas nos seus pontos elevados.

Iam começar as operações e cada um devia manter-se na posição que lhe competia. A dos commandantes das forças navaes estrangeiras era de simples espectadores alheios á contenda. O das forças de Sua Magestade Fidelíssima assim o não entendeu.

De conformidade com a promessa do Governo as forças do littoral conservaram-se silenciosas. Antes de espirarem as cincoenta e uma horas só fizeram fogo as fortalezas da barra e as baterias de Nictheroy.

Os rebeldes não respondiam, mas isso não era de estranhar, porque já nos dias anteriores o não faziam, e demais a bandeira branca, distinctivo da revolta, estava arvorada nos pontos por elles occupados.

Pouco tempo durou o engano. Os rebeldes não respondiam, porque se tinham refugiado a bordo das corvetas portuguezas, a conservação da sua bandeira foi talvez um ardil que o Sr. Castilho não percebeu e do qual, sem duvida involuntariamente, se tornou cumplice.

O asylo se tornou effectivo na manhã do dia 13, como o Sr. Conde teve a bondade de communicar-me em nota datada de 15.

Assim pois ainda antes de expirar o prazo, das cincoenta e uma horas, e portanto durante a suspensão parcial das operações, interveio o Sr. Castilho, com detrimento da soberania territorial e da justiça publica, em questão do dominio interno a que era e devia conservar-se estranho.

O Sr. Conde de Paraty invocou na sua citada nota os dictames do direito internacional e os principios humanitarios geralmente reconhecidos pelas nações civilisadas. Civilisado tambem é o Brazil e por isso o Governo Federal não

compreende que esses principios possam aproveitar aos rebeldes, que, sem attender a elles, fizeram barbaramente tantas victimas, atirando a esmo para esta cidade durante mais de seis mezes, com os proprios canhões que lhes tinham sido confiados para a conservação da ordem publica e da defesa do paiz.

Invocando os dictames do direito internacional, o Sr. Conde alludio ao chamado e mal definido direito de asylo. Tambem o seu governo os invocou, bem como o tratado de extradicação, em resposta verbal que o Sr. ministro dos negocios estrangeiros deu ao encarregado de negocios do Brazil, quando tambem verbalmente, exigio a restituição dos refugiados.

O tratado de extradicação não é applicavel ao caso presente, porque refere-se ao individuo refugiado no territorio real e não no de ficção e que nelle se refugia sem o prévio consentimento da autoridade local. Os rebeldes protegidos pelo commandante das forças navaes de Portugal foram por elle recebidos ao portalo e distribuidos pelas duas corvetas.

E' verdade que aquelle tratado exceptua os accusados de crimes politicos ou connexos com elles, mas ha muito que dizer sobre este assumpto.

A excepção salutar em alguns casos, é perigosa em outros e não convém deixar inteiramente ao arbitrio de um commandante de forças navaes uma resolução que pôde, como presentemente, ferir a soberania de um paiz amigo e os seus mais sagrados interesses.

O Sr. Augusto de Castilho considerou os seus protegidos como réos de crime politico, sem attender, elle estrangeiro e estranho á questão, ao modo porque o Governo Federal, unico competente, poderia qualificar-a segundo a lei do seu paiz. Nas penas desta estavam elles incursos desde o começo, e posto que se insurgissem proclamando idéas politicas, o seu procedimento degenerou em crime commum, pela tenacidade com que se oppuzeram á manifestação quasi unanime do paiz e pela crueldade com que o hostilisaram.

Passo agora ao ponto principal da questão e mostrarei que réos de crime politico, ou não, indevidamente acharam os rebeldes refugio a bordo das corvetas portuguezas.

No momento da concessão, que tão facilmente obtiveram, estavam elles, como se sabe, cercados pelas baterias do littoral desta cidade, pelas de Nictheroy, pelas fortalezas da barra e pela esquadra que, prompta para entrar em combate, impedia-lhes completamente a sahida. Tinham de bater-se ou render-se, no circulo de fogo que os apertava, dentro da bahia, onde só podia ter acção a soberania territorial, e desde logo podiam ser considerados como prisioneiros.

Os navios de guerra portuguezes, que, como os outros estrangeiros, só tinham a missão de proteger os seus nacionaes, não podiam intervir na luta nem inutilisar, directa ou indirectamente, as operações com tanto custo preparadas pelo Governo Federal, não só para debellar a revolta, mas tambem para submitter os seus autores á justiça publica.

O commandante das forças navaes de Sua Magestade Fidelissima a nada attendeu. Deu asylo aos rebeldes no momento critico e assim protegeu-lhes a retirada, que sem esse soccorro não poderiam effectuar.

Digo—protegeu-lhes a retirada, porque elle não recebeu a bordo dos seus navios sómente alguns homens, mas 493, que constituíam em grande parte as guarnições de duas fortalezas e de dous ou tres navios de guerra e que seriam de sobra para guarnecer outras tantas embarcações.

Com effeito, da relação que o Sr. encarregado de negocios me forneceu, consta que havia naquelle grande numero um contra-almirante, um capitão de mar e guerra, dous capitães-tenentes, 25 primeiros-tenentes, 5 segundos-tenentes 16 guardas-marinha, 69 aspirantes de 1.^a classe, medicos, pharmaceuticos, machinistas e ma's 344 pessoas, entre as quaes estavam classificados os inferiores e mercantes.

Era a parte principal das forças com que o Sr. Saldanha da Gama hostilisou por tanto tempo o governo legal do seu paiz.

O Sr. Castilho protegeu a retirada dos rebeldes e talvez ainda ignore que, antes de se refugiarem, elles destruíram tudo quanto puderam nas duas fortalezas e nos navios de guerra ou armados em guerra e deixaram intactas minas de dynamite com que haviam preparado a destruição das mesmas fortalezas, para o caso de serem occupadas pelo Governo.

Salvaram-se deixando aparelhada a morte dos seus compatriotas e talvez a ruina de grande parte da cidade.

O Sr. vice-presidente da Republica não podia assistir impassivel ao extraordinario acto que se praticava no porto desta capital, debaixo das suas baterias, no momento em que elle exercia o direito, não de guerra mas de repressão. O seu silencio contribuiria para estabelecer-se um precedente funesto. Reclamou, pois, pelo direito do seu paiz, dirigindo-se verbalmente ao Governo Portuguez para obter a restituição dos refugiados. Não a conseguiu; mas elle não se havia illudido com a esperança de resposta favoravel: deu ao mesmo Governo ensejo para declarar que não approvava o acto do commandante das suas forças navaes.

Em vão o fez. Assumio, portanto o Governo Portuguez toda a responsabilidade do procedimento do referido commandante, desde a obsequiosa concessão do asylo neste porto até á evasão no Rio da Prata de grande numero dos refugiados. Demittio, é verdade, os commandantes das corvetas, mas isto de nenhum modo diminue a sua responsabilidade. Quem concede asylo fica obrigado a providenciar efficaçmente para que os asylados delle não abusem, directa ou indirectamente, contra o Governo que hostilisavam. O Sr. capitão de fragata Augusto de Castilho não quiz, não soube ou não pôde cumprir essa obrigação.

Por elle responde o Governo de Sua Magestade Fidelissima.

O Sr. marechal Floriano Peixoto crê ter dado durante a sua administração provas evidentes de sincero desejo de manter e desenvolver a amisade que por tantos e tão valiosos motivos deve existir entre o Brazil e Portugal. Com vivo pezar se vê, portanto, na obrigação de suspender as relações diplomaticas com o Governo Portuguez.

Hoje communico pelo telegrapho essa resolução ao encarregado de negocios em Lisboa. Recommendo-lhe que a transmitta ao Sr. ministro dos negocios estrangeiros, pedindo-lhe passaporte e se retire com o pessoal da Legação a seu cargo.

Tornando-se, portanto, sem objecto a presença do Sr. Conde de Paraty neste paiz como encarregado de negocios,

incluso lhe remetto o passaporte de que necessita para retirar-se com o pessoal da Legação a seu cargo.

Cumprindo este penoso dever, aproveito a occasião para ainda uma vez ter a honra de reiterar ao Sr. Conde de Paraty as seguranças da minha mui distincta consideração.

Ao Sr. Conde de Paraty.—*Cassiano do Nascimento*.

Finalmente á nota do Governo Brasileiro, enviando os passaportes ao Sr. Conde de Paraty, respondeu este diplomata nos seguintes termos :

Legação de Portugal no Brazil—Petropolis, 14 de Maio de 1894.—Illm. e Exm. Sr.—Tenho a honra de accusar a recepção da nota de 13 do corrente que V. Ex. se serviu dirigir-me communicando ter S. Ex. o Sr. marechal Floriano Peixoto julgado dever suspender as relações diplomaticas com Portugal.

Com pèzar tomo conhecimento desta resolução e absten-do-me em face della de examinar agora pelo lado de Portugal os acontecimentos a que a nota se refere, espero que a historia fará justiça ao procedimento do Governo de Sua Magestade, e que em breve se restabelecerão as relações de inteira amisade, que por tantos e tão valiosos motivos devem existir entre Portugal e o Brazil.

Agradecendo a attenciosa communicação de V. Ex. aproveito esta ultima oppurtunidade para ter a honra de reiterar a V. Ex. os protestos da minha mais alta consideração—A S. Ex. o Sr. Dr. Cassiano do Nascimento, ministro das relações exteriores, etc., etc.—*Conde de Paraty*.

Como subsidio á apreciação do procedimento do governo portuguez com relação ao asylo dado em seus vasos de guerra aos revoltosos, é de todo o interesse a transcripção dos seguintes documentos que muito elucidam a questão :

a) *Carta do contra-almirante Saldanha da Gama ao Sr. Visconde de Faria*.

« Bordo da Corveta *Mindello*, surta no ancoradouro externo de Buenos Ayres, 8 de abril de 1894.—A' S. Ex. o Sr. Visconde de Faria representante diplomatico de Sua Magestade

Fidelissima nas Republicas do Prata.—Quando no porto do Rio de Janeiro appellei em meu nome e no de meus subalternos, para o offerecimento tão generoso como expontaneo que o commandante da corveta *Mindello* Sr. capitão de fragata Augusto de Castilho, me havia feito antes de dar-nos asylo a seu bordo, no caso da sorte das armas nos ser adversa, tinha eu, tinhamos todos nós, a convicção de que nos confiavamos á cavalheiresca hospitalidade d'um nobre representante da nobilissima armada portugueza, o qual seria sem duvida, secundado nesse acto pela soberana energia do governo de uma nação irmã e amiga.

Quanto ao primeiro desses conceitos podemos dar agora e em qualquer tempo publico testemunho da nossa asserção; desgraçadamente, não obstante, é exacto que nos enganamos ao que respeita a segunda.

Se não ha expressões que traduzam a nossa gratidão pelo solicito desvelo de todos de bordo da *Mindello* e *Affonso de Albuquerque* para minorar as naturaes agruras de nossa situação e de nossa vida a bordo, não é licito dizer outro tanto relativamente á duras resoluções do governo de Sua Magestade Fidelissima, resoluções mantidas apezar de todas as prerogativas, contra todos os precedentes, não obstante nos acharmos em aguas de outra nação que, demais nos offerencia abrir, de par em par, as portas da sua hospitalidade incondicional. Nem as razões de humanidade puderam demover o governo de Sua Magestade Fidelissima, de tanto rigor.

Dous dos nossos companheiros falleceram victimas da estreiteza em que vivemos, outros em virtude de molestias e ferimentos estão ameaçados de proximo fim. Porém, nem com relação a elles se abrandaram as medidas adoptadas contra nós outros, pois o governo de Sua Magestade negou, por telegramma a autorisação pedida para seu desembarque neste porto. Não sei, nem pretendo descobrir quaes são os compromissos que o Governo de Portugal possa neste caso haver contrahido com o do Brazil.

O que sei pelo ensinamento da historia e do direito internacional, é que o asylo nestas condições deixou de o ser para transformar-se em verdadeira prisão de guerra. Se os emigrados portuguezes de 1829-1830, entre os quaes achavam-se

igualmente tantos militares illustres, houvessem sido tratados com identico rigor pelo governo britannico, não se realisaria a revolução de 1831 — 1833, que permittiu a Portugal a conquista das liberdades e beneficios do seu actual regimen politico-social.

Era sem duvida, precaria nossa posição no porto do Rio de Janeiro, a 13 de Março ultimo, baldos de recursos e até de munições de guerra, diante de elementos accumulados pelos nossos adversarios.

Adoptando a resolução suprema e dolorosa de depôr as armas e de refugiar-nos a sombra da bandeira portugueza, foi nosso intento evitar inutil derramamento de sangue e buscar fóra do nosso paiz um abrigo contra as paixões do momento.

Estavamos bem longe de suppor que asylo das corvetas *Midello* e *Affonso de Albuquerque* pudesse transformar-se em prisão, da qual não se exceptuam nem os feridos nem os enfermos em perigo de morte, mesmo em despeito de intervenção e offercimentos amistosos do governo e povo argentino, cuja responsabilidade não podia ser tida em menos conta no caso vertente.

Nesta triste situação, pois recorro ao direito que me resta de lavar, ao menos em meu nome e no de meus companheiros de infortunio, este protesto, no qual deixamos a cargo do Governo de Portugal a responsabilidade de nossos vexames e desgraças, assim no presente como no futuro.

Responsavel pela solicitude do asylo, conservar-me-hei a mercê do governo de Sua Magestade Fidelissima no que julgar conveniente e, entretanto, a partir deste momento, declaro não ser mais responsavel por qualquer acto que de meus companheiros de desterro entendam dever praticar no interesse da sua propria existencia e situação.

Aproveito esta oportunidade para apresentar a V. Ex. os protestos de minha mais alta consideração e respeito.—
Luiz Felipe Saldanha da Gama.»

b) *Carta dirigida pelo commandante da esquadilha portugueza á « La Prensa », de Buenos-Ayres.*

BUENOS-AYRES. Maio, 2 de 1894.—Sr. director de *La Prensa*.—Ha alguns dias chegou ao meu conhecimento que

alguns jornaes do Rio de Janeiro haviam propalado boatos calumniosos a respeito dos navios de guerra portuguezes. Já tive occasião de recebê-los e contestar algumas das asserções; hoje vou me occupar de outras.

Diz-se que as duas corvetas *Mindello* e *Affonso de Albuquerque*, tendo a seu bordo os asylados brazileiros, no momento da sua sahida a 18 de Março, haviam feito constar que iam ficar por alguns dias fóra da barra para melhorar o estado de suas guarnições com os ares puros do mar e que entrariam novamente no Rio de Janeiro, onde permaneceriam até que estivesse resolvida a reclamação dirigida pelo Governo brazileiro ao de Portugal, ácerca do asylo dado áquelles individuos.

Nesta asseveração não ha um atomo de verdade. Em primeiro logar é bom que se saiba que quando os navios de guerra sahem de um porto qualquer não têm que dizer o seu destino a nenhuma das autoridades do paiz que deixam.

Em segundo logar, devo afirmar que não se fez desta vez mysterio algum acerca dos destinos das corvetas, as quaes não tinham que empregar esses vergonhosos subterfugios para subtrahir-se ás iras de uma parte da opinião que lhes era adversa naquella agitada capital. E digo de uma parte da opinião, porque não quero crer que o proprio Governo Brazileiro houvesse tido a idéa de demorar allí os navios portuguezes. O encarregado de negocios de Portugal nunca me fez a tal respeito recommendação alguma.

Já que estou com a penna na mão, ha de permittir-me, Sr. redactor, que tambem conteste uma ligeira inexactidão que corre na opinião publica desta terra e da vizinha Republica. Disse o Sr. Saldanha da Gama, em um protesto que escreveu contra o Governo Portuguez e que publicou nos jornaes, que eu lhe havia offerecido asylo a elle e a todos os seus companheiros de armas vencidos na luta civil. Pedi áquelle cavalheiro, que então ainda se achava a bordo, que rectificasse tal asserção; mas, como até hoje não me conste que tal rectificação se haja verificado, vejo-me na necessidade de fazel-a eu mesmo.

A verdade é a seguinte: muito antes do Sr. Saldanha da Gama se pronunciar pela revolução, aconselhei-o a que nunca

o fizesse, e que se conservasse puro e livre de toda a suspeita em face das duas partes belligerantes. Pensava que depois de luta sangrenta e apaixonada que já então se havia accentuado, a sua prestigiosa individualidade havia de ser mais tarde muito necessaria á Patria, para congregar os destroços da marinha e reorganisal-os sob mais vigorosas bases. Accrescentei, então, que no caso de não poder resistir mais ás instigações que lhes fossem feitas pelo governo legal e pela revolução, se lembrasse que podia encontrar refugio a bordo do meu navio, e tomar d'ahi o destino que preferisse. Mas tarde, depois do conflicto com a esquadra norte-americana, no porto do Rio, já então em circumstancias muito diversas offereci de novo asylo ao almirante, porém a elle só, para o caso de que tivesse de abandonar a luta. Este offercimento ficou sem resposta!

No dia em que o governo do marechal Floriano Peixoto fixou o prazo de 48 horas para começar depois as hostilidades de todos os pontos da cidade contra as ilhas sublevadas e a esquadra rebelde, reconheceu o Sr. Saldanha que não podia tardar mais em resolver-se a procurar asylo, mandou-me então um official solicitando-o para si, para os officiaes e para alguns medicos civis, ao todo umas 80 pessoas.

E' claro que sendo o asylo pedido sómente para esse limitado numero de individuos, os quaes haveriam cabido com mais ou menos difficuldade a bordo das corvetas; não havendo materialmente tempo para consultar o encarregado de negocios de Portugal, que vivia em Petropolis e que não tinha estabelecido commigo chave telegraphica; não podendo tão pouco consultar o governo de Lisboa pela grande urgencia do caso, assumi a enorme responsabilidade de conceder o asylo a esses officiaes. Sabia que estava ultrapassando as minhas attribuições, mas fazia-o em nome dos principios humanitarios sacratissimos para salvar as vidas a um grupo de officiaes, entre os quaes havia alguns de que a Patria havia da necessitar.

Não obstante, apezar do numero fixado pelo almirante a 11 de Março, embarcaram na corveta *Mindello* no dia 13 pelos portalós, pelas portas das baterias e por todos os logares em lanchas a vapor e em escaleres de todos os tamanhos, mais de 500 individuos das classes sociaes, muitos dos quaes nada ou quasi nada tinham que vêr com a luta!

Claro está que vendo todos estes individuos espavoridos, quasi terminada a tregua e no momento em que iam começar as grandes hostilidades, escapos assim de morte quasi certa, não podia pensar em fazer selecção entre elles, conservando uns e expulsando outros. O mesmo almirante, a que fiz ver a impossibilidade absoluta de abrigar e alimentar tanta gente, não teve forças para escolher nas circumstancias gravissimas em que nos achavámos, porque esse acto me parecia antipathico e odioso.

Cabe dizer aqui, Sr. director, que nessas horas sinistras de verdadeiro panico, nos cinco dias em que permanecemos no Rio de Janeiro e durante a viagem até aqui, esses 500 individuos de todas as classes se mantiveram sempre na mais conveniente attitude, felizes supponho, por estarem ao abrigo de uma generosa bandeira, que os havia salvo, por um acto de minha expontanea vontade. Nesse solemne momento só obedeci aos impulsos do coração, e não cuidei de saber se compromettia ou não a minha posição e o meu futuro. Esses senhores não tinham então socego de espirito para discutir a natureza do abrigo e os recursos de subsistencia. Tiveram-no mais tarde quando se viram em aguas de outra nação, sem risco de serem capturados pelo governo do Brazil e já esquecidos dos grandes sacrificios que tinham feito seus salvadores. Nessa occasião cheios já de exigencias, quizeram repudiar o beneficio, injuriar o bemfeitor, e discutir as ordens que o Governo Portuguez me dava e que eu tinha de cumprir religiosamente para que não parecesse que eu tambem estava contagiado pelo virus da revolução.

Não me arrependo Sr. director, de ter salvo a vida do almirante Saldanha e seus 500 companheiros: porém é muito triste que esse meu acto seja tão mal apreciado e tão injustamente recompensado pela grande maioria daquelles a quem prestei auxilio.

Direi além disso que não é menos triste que jornaes dos paizes visinhos, certamente inspirados por malevolas informações que foram ministradas pelos Srs. asylados, tenham affirmado repetidas vezes que o Governo Portuguez tenha o proposito de mandal-os para as nossas possessões na Africa.

Si se tivesse perguntado aos commandantes dos navios, estes lhes haveriam dito ha muitos dias que o destino fixado pelo Governo Portuguez era Lisboa, cousa que desde o dia 27 do mez passado sabe o almirante por informação categorica escripta e official dada por mim.

A má fé precisa muitas vezes fingir que ignora a verdade, para illudir intencionalmente a opinião publica, que não tem meio de averigual-a e para explorar a curiosidade, a credulidade e as boas intenções do publico ignorante com noticia de sensação. Assim se dirige e em um determinado sentido e por meio de calumniar o espirito publico e como as primeiras impressões deixam sempre vestigio, é difficil depois apagar os seus traços ou destruir os seus effectos.

E que direi eu, Sr. director, de um famoso telegramma em que se falsificou a firma do Sr. consul de Portugal em Montevidéo, e com o qual se pretendeu deter na ilha das Flores os navios *Affonso de Albuquerque* e *Pedro III*?

Direi que é um acto torpe e infame que reclamaria um castigo exemplar se seu autor não tivesse tido o cuidado de occultar-se nas sombras, que protegem todos os malfeitores.

Comprehendo bem que ao almirante Saldanha pesa hoje muito a sorte de desgraçados aspirantes que foram no *Pedro III* inteiramente faltos de protecção, para a patria dos canibaes a que chamam Lisboa. Melhor teria feito o almirante fazendo fugir esses aspirantes antes d'elle, e ainda melhor se tivesse ficado com elles como antes o tinha assegurado ao governo portuguez em seu citado protesto que está impresso—*Augusto de Castilho*, commandante mais antigo dos navios de guerra portuguezes. >

c) Mensagem dirigida á Camara dos Deputados pelo Governo Brazileiro sobre a solução do incidente havido entre o Brazil e Portugal pela concessão de asylo aos insurgentes a bordo das corvetas Mindello e Affonso de Albuquerque.

Senhores Membros do Congresso Nacional.—Na mensagem que vos dirigi em 7 do corrente eu disse que opportunamente vos communicaria a solução do incidente produzido

entre o Brazil e Portugal pela concessão de asylo aos insurgentes a bordo das corvetas *Mindello* e *Affonso de Albuquerque*. Satisfazendo esse compromisso, incluso vos remetto cópia da nota passada hontem pelo ministro de estado das relações exteriores ao encarregado de negocios de Portugal (1) Como vereis suspendi as relações diplomaticas com o governo portuguez, retirando o pessoal da nossa legação e mandei passaporte ao Sr. Conde de Paraty.

Saudo-vos.

Rio de Janeiro, 14 de Maio de 1894.—FLORIANO PEIXOTO.

d) *Notas trocadas entre o governo portuguez, o seu representante no Rio de Janeiro e os governos de outras nações da Europa* (2)

e) *Libello accusatorio do commandante Castilho.*

« Em acto accusatorio, o promotor da justiça, junto do conselho de guerra de marinha contra.

RÉOS

Capitão de fragata, conselheiro Augusto Vidal de Castilho Barreto e Noronha—1º tenente da armada Francisco Annibal Oliver—2º marinheiro n. 210 da 1ª companhia do corpo de marinheiros Joaquim dos Santos Porfirio—1º grumete n. 29º da 10ª companhia Manoel Antonio—1º grumete n. 163 da 14ª companhia, Antonio Teixeira.

Diz:

1.º Que durante a guerra civil do Brazil, época da revolta dos almirantes brasileiros Custodio José de Mello e Saldanha

(1) Esta nota já foi publicada precedentemente na integra.

(2) Deixamos de publicar estes documentos, que facilmente podem ser encontrados nos jornaes de 6 de junho de 1894, porque não são revestidos do cunho de authenticidade que deveriam ter; porquanto, conforme declarou o Sr. Hintze Ribeiro, presidente do conselho de ministro em Portugal, quando interpellado pelo Sr. Lopo Vaz, deixaram de ser publicados os trechos dos telegrammas que de alguma forma compromettiam o seu governo, que por este modo concorria para attenuar a culpabilidade do Sr. Augusto de Castilho, protector dos revoltosos.

da Gama, o capitão de fragata Augusto de Castilho, commandante da corveta *Mindello*, e commandante das forças navaes em serviço na America do Sul, com a missão especial de dar protecção aos subditos portuguezes alli estabelecidos, afastou-se da verdadeira linha de conducta, violando stricta neutralidade que naquella qualidade, e como neutro ou estranho á luta, devia manter em tal conjunctura; offerecendo asylo a bordo dos navios portuguezes a Saldanha da Gama ao tempo em que este se não tinha ainda pronunciado pela revolta, e durante o periodo em que o mesmo Gama se dizia solicitado pelos dois partidos contendores; reiterando depois o offerecimento de asylo para o caso de abandonar a luta; dando logar o primeiro offerecimento a decidir o mesmo Gama no sentido de adherir á revolta; e mostrando a reiteração do mesmo por parte do arguido Castilho uma decidida protecção pela causa dos revoltosos, envolvendo os factos além da que bra de neutralidade por parte do arguido Castilho, implicitos actos de hostilidades para com o governo legal brasileiro, e de natureza, visto a alta importancia militar e politica de Saldanha da Gama, a expôr o Estado a uma declaração de guerra ou a moçivar represalias sobre os portuguezes; acontecimentos que, comquanto se não tivessem dado, contribuíram poderosamente para a interrupção das relações diplomaticas entre os dois paizes; concorrendo no procedimento do arguido Castilho as seguintes circumstancias, 1.^a Não ser autorizado pelo direito internacional a assim proceder; 2.^a Não ter authorisação do governo, a quem nada participou, apesar de lhe dar conta minuciosa das hesitações de Saldanha da Gama, do momento em que este se pronunciou pela luta e do alcance de tão valiosa adhesão para a causa dos revoltosos; 3.^a Não ter sido autorizado pelo representante de Portugal, a quem não ouviu, e que nada sabia sobre promessas de asylo.

Commetteu, pois, o arguido Castilho o crime contra a segurança exterior do Estado, previsto no art. 148 do Codice Penal, e punivel com prisão correccional de um a dois annos.

2.^o A 11 de março do corrente anno, época em que o governo brasileiro fixou o prazo de 48 horas (depois ampliado com mais tres) para o recomeço das hostilidades, e em que

Saldanha da Gama reconheceu a impossibilidade de proseguir na luta, mandando pedir para si e officiaes asylo a Castilho, entregando-lhe nessa mesma occasião uma proposta para capitulação, para que Castilho, como intermediario, lhe dêsse seguimento, e a fizesse chegar junto do governo da Republica; o arguido Castilho immediatamente prometteu dar o asylo pedido, sem que para tal promessa tivesse sido consultado o governo nem o Conde de Paraty, para o que tinha tido tempo de sobra no prazo já referido, fixado pelo governo brasileiro, e devendo especialmente ter-se entendido com o mesmo conde, em harmonia com as instrucções do telegramma de 10 de fevereiro do corrente anno; dando-se tambem a circumstancia do mesmo arguido ter-se encontrado em terra no dia 12 do corrente com o representante de Portugal, e este ter desapprovado o procedimento do arguido, fazendo-lhe então saber, como que ordenando-lhe que o promettido asylo só deveria tornar-se effectivo entendendo-se o arguido sobre a distribuição e maneira de regular com os commandantes dos navios de guerra estrangeiros, indicações em ponto algum seguidas; dando-se depois no dia seguinte, 13 de março, o facto de, pelos navios portuguezes e tão sómente por estes, o que nos singularisou muito desfavoravelmente para com o governo brasileiro, serem recebidos perto de 500 revoltosos e entre elles Saldanha da Gama, numero muito além do combinado, que devia ser 80 approximadamente; recepção que não foi precedida da devida attenção e prudencia em casos taes, pois que se não attendeu a capacidade dos dois navios em relação a um tão grande numero de individuos com esquecimento das deploraveis consequencias da accumulção, sendo uma dellas a perda da importancia e qualidade dos navios de guerra, transformados em depositos ou pontões, e outra a difficuldade, senão impossibilidade, em manter a guarda e vigilancia sobre os asylados, o que era rigoroso dever por parte de quem concede o refugio, e que este sendo dado em taes condições, precedido e acompanhado das referidas circumstancias, e não autorizado, além de mostrar favorecer a causa dos revoltosos, o que implica quebra de neutralidade, podia expór o Estado a uma declaração de guerra ou motivar represalias sobre os portuguezes, factos

que, comquanto se não tivessem dado, foram um dos factores importantes no rompimento das relações diplomaticas entre Portugal e o Brazil.

Commetteu, pois, o arguido Castilho o crime contra a segurança exterior do Estado, previsto no art. 148 do Codigo Penal, punivel com a prisão correccional de um a dois annos.

3.º Em 11 de março do corrente anno o arguido Castilho recebeu da parte de Saldanha da Gama uma proposta de capitulação, que apresentou ao governo brasileiro (dando-lhe este seguimento e rejeitando afinal), sem ter funcções diplomaticas, sendo do seu dever repellil-a *in limine*, por não ser assumpto de um mero commandante de forças navaes, ou quando muito apresental-a ao representante de Portugal, para lhe dar o destino conveniente, o que era realizavel, pois podia facilmente communicar com o Conde de Paraty, que estava em Petropolis ou telegraphicamente com a cifra do consulado, ou pelo caminho de ferro, pois que accitando a missão de negociador indevidamente, mais uma vez mostrou uma decidida protecção pela causa de Saldanha da Gama. saindo assim da linha de neutralidade, que devia manter, apadrinhando-o facto não autorisado superiormente, e que tem por effeito ou uma declaração de guerra a Portugal por parte do Brazil ou motivo de represalia sobre os portuguezes, acontecimentos que se não deram; no entretanto o procedimento do arguido foi um dos elementos invocados para a quebra de relações entre os dois paizes.

Commetteu pois o crime contra a segurança exterior do Estado, previsto o art. 148 do Codigo Penal e punivel com a prisão correccional de um a dois annos.

4.º Tendo sido fretado por conta do governo portuguez e armado em transporte do Estado, em Buenos-Ayres, o vapor *Pedro III* com o fimde conduzir á ilha da Ascensão os refugiados brasileiros que estavam nas duas corvetas, donde foram passados nos dias 24 e 26 de abril do corrente anno, para o mesmo transporte, estando este em Montevidéo onde se achava fundeado, bem como as duas corvetas, que tambem se achavam n'aquelle porto a umas seis milhas proximamente de terra, distanciado o transporte 200 a 250 metros quando muito

das mesmas corvetas ; tendo o mesmo transporte como commandante de bandeira o primeiro tenente Oliver, e devendo largar o porto no dia 27 de abril com os refugiados, estes na maior parte evadiram-se de bordo do mesmo vapor na noite de 26 para 27, saltando para um batelão que, rebocado por um vapor propositalmente se approximou e atracou ao *Pedro III*, entrando no numero dos fugitivos Saldanha da Gama ; não tendo empregado o arguido Castilho as necessarias e indispensaveis medidas de prevenção e vigilancia para obstar a mesma evasão ; porquanto tendo recebido instrucção do governo que categoricamente lhe ordenava o não desembarque dos asylados em territorio estrangeiro, não attendeu como era do seu dever ao seguinte :

1.º Deficiencia na força destacada para o *Pedro III*, composta tão sómente de uma força de um official e 30 praças, força insufficientissima para devidamente vigiar e guardar um tão grande numero de asylados ; podendo dispôr do pessoal da *Albuquerque* de mais um official e praças para coadjuvar Oliver e reforçar o destacamento; 2.º Incompleta ou nenhuma vigilancia exterior que podia ser activa e persistentemente exercida por meio de rondas em escaleres com gente armada, providencia que só foi levada a pratica em seguida a fuga dos revoltosos, vigilancia e cuidados estes reclamados especialmente pelo manifesto proposito de evasão por parte dos asylados, não duvidoso para ninguem depois das duas fugas realizadas anteriormente de bordo das duas corvetas, sendo publico e notorio os manejos que em terra se empregavam no mesmo sentido, e o consul communicára ao arguido Castilho ; 3.º Falta de signaes convencionaes com Oliver para o caso de acontecimento grave, como era a fuga que se podia prever; 4.º Não procurou por acto algum desfazer-se da guarnição do *Pedro III*, quanto ao pessoal engajado, sabendo que neste entravam muitos revoltosos brasileiros fugidos da *Mindello*, como fez saber a Oliver, em carta particular, factio verdadeiro, como o mesmo Oliver verificou e communicou ao arguido, dizendo-lhe até que o machinista era um dos fugitivos ; consentindo assim que o navio se preparasse e seguisse viagem na mão de individuos declaradamente hostis ás intenções do governo portuguez, sendo certo

que com taes elementos fatalmente se mallograriam os compromissos do mesmo governo.

Commetteu, pois, o arguido o crime do art. 13 dos de guerra para a armada, punivel com a prisão de um anno e privação do commando pelo tempo de tres.

5.º O 1.º tenente da armada Francisco Annibal Oliver, nomeado commandante de bandeira do vapor *Pedro III*, tendo a bordo deste perto de 400 emigrados brasileiros, que pelas instruções recebidas do capitão de fragata Augusto de Castilho, lhe tinham sido confiados á sua guarda, não exerceu como devia a necessaria vigilancia afim de evitar a evasão dos mesmos revoltosos, que teve logar, como já se disse, na noite de 26 para 27 de abril, sabendo que o pessoal engajado era composto de revoltosos incluindo o machinista evadido da corveta *Mindello*; devendo suspeitar que tentariam evadir-se, e os manejos manifestos em terra no sentido da evasão, a respeito do que tinha sido prevenido por carta do consul de Portugal, porquanto: 1.º, recolheu-se ao camarote na noite de 26, á 1 hora da noite, quando de fórma alguma devia abandonar a tolda; 2.º não communicou como devia as sentinellas e mais praças da guarda, as quaes não distribuiu cartuchame algum, sendo certo que a bordo podia fazer fogo no sentido de evitar a evasão, se tal meio se tornasse absolutamente indispensavel; 3.º não instou, como podia, com o commandante Castilho, para lhe dar um substituto, para um eventual impedimento, e mais praças para reforçar o destacamento, visto a gravidade das circumstancias; não devendo contentar-se com a declaração que attribue ao referido commandante de se entender com o machinista Lavrador em caso de doença; 4.º não empregou durante a evasão, quaesquer signaes que despertassem a attenção das corvetas, taes como toques de sinos, tiros perdidos de carabina, emprego de porta voz, fogachos, etc.; 5.º não exerceu sobre Saldanha da Gama a necessaria vigilancia, deixando-o evadir-se na occasião em que chegando a tolda, fallou com elle, sendo como era este o revoltoso de mais importancia e alcance politico.

Commettido, pois, o arguido Oliver o crime previsto pelo artigo XIII dos de guerra para a armada, e punivel com a prisão de um anno, e privação do commando de um a tres annos.

6.º O 2º marinheiro n. 210 da 1ª companhia do corpo de marinheiros, Joaquim dos Santos Porfirio, fazendo parte do destacamento de marinhagem a bordo do vapor *Pedro III*, era na noite de 26 de abril do corrente anno cabo da guarda e como tal, recebeu do tenente Oliver, commandante do destacamento, instrucções relativas á policia, vigilancia a bordo do mesmo vapor, devendo com a necessaria antecipação dar parte ao official de qualquer occurrencia, facto suspeito, etc., instrucções que não cumpriu porquanto na referida noite, só tarde já depois do batelão atracado ao *Pedro III*, e quando já estava feita a evasão da maior parte dos asylados, é que participou ao official o occorrido, devendo ter prevenido, ainda antes do mesmo batelão atracar, e além disso não empregou meios alguns para prevenir a gente da guarda do acontecido, significando bem o seu procedimento que não deu cumprimento ás ordens recebidas.

Commetteu, pois, o arguido marinheiro Joaquim dos Santos Porfirio, o crime do art. 77, n. 2, § 2º do codigo de justiça militar.

7.º O 1º grumete n. 296 da 10ª companhia, Manoel Antonio, de sentinella á ponte do *Pedro III*, na noite de 26 de abril, tinha as instrucções como a bordo de todos os navios de guerra têm as sentinellas, quanto ás occurrencias exteriores, não deixando largar embarcação, dar parte chamando o cabo da guarda, quando se avistam e caminham para o navio, o que não foi cumprido por esta sentinella, que nem gritou as armas quando o batelão estava atracado ao vapor *Pedro III*, nem deu qualquer outro signal ou voz de alarme.

Commetteu, pois, o arguido 1º grumete, Manoel Antonio, o crime do art. 57 do codigo de justiça militar.

8.º O 1º grumete n. 163 da 14ª companhia do corpo de marinheiros, Antonio Teixeira, estava de sentinella ao tombadilho do vapor *Pedro III* com instrucções bastantes para dar parte de qualquer occurrencia interior ou exterior, tal como uma embarcação que caminha para o navio, devendo em seguida chamar o cabo da guarda, instrucções não cumpridas por este arguido na noite de 26 de abril, que não avisou da approximação de um batelão ao vapor *Pedro III*, nem gritou

às armas ou deu qualquer signal ou voz de alarme, quando os asylados se precipitaram sobre o mesmo batelão ; commetteu assim o crime do artigo 57 do codigo de justiça militar.

9.º Requeiro que aos citados arguidos se imponham as penas das leis violadas.

Promotoria do conselho de guerra de marinha em 24 de Agosto de 1894. — *Jeronymo E. Lopes Banhos*, capitão de fragata, promotor.

Pacificada a revolta no porto do Rio de Janeiro, procurou o governo restabelecer a paz nos Estados do sul e, neste proposito, publicou o seguinte decreto :

O vice-presidente da Republica dos Estados Unidos do Brazil :

Considerando que urge actuar com maxima rapidez no sentido de restabelecer por completo a ordem e tranquillidade publicas em todo o territorio nacional ;

Considerando que para esse fim de interesse geral devem cooperar não só as classes propriamente militares, como tambem os cidadãos que constituem a milicia civica da Republica e que pela proximidade em que se acham do local dos acontecimentos, contribuíram com efficacia para ser totalmente extincta, em curto prazo a rebelião iniciada no sul do paiz e á qual alliou-se uma facção da armada nacional ;

Considerando que, embora seja da competencia privativa do Congresso Nacional mobilisar e utilizar a guarda nacional, não poderia o governo, sem intuitivos e incalculaveis prejuizos, aguardar a reunião do Poder Legislativo em Maio vindouro e adiar a execução das medidas complementares, necessarias para o aniquillamento desse movimento de rebeldia, attento o dever que lhe incumbe de garantir a paz publica e de manter o principio de autoridade cuja investidura lhe foi conferida pela nação brasileira.

Resolve mobilisar a guarda nacional do Districto Federal e do Estado do Rio de Janeiro, S. Paulo, Paraná e Rio

Grande do Sul, a qual ficará a disposição do ministerio da guerra; sendo o presente acto submettido opportunamente á aprovação do Congresso Nacional.

Capital Federal, 17 de março de 1894, 6° da Republica.
—FLORIANO PEIXOTO.—*Cassiano do Nascimento.*

Com as datas de 22 e 24 do mesmo mez foram publicadas pelo ministerio da guerra no *Diario Official* as seguintes proclamações:

PROCLAMAÇÃO A TODAS AS FORÇAS QUE DEFENDERAM A LEGALIDADE E A REPUBLICA DESDE 6 DE SETEMBRO ATÉ A PRESENTE DATA.

Camaradas — Fostes testemunhas do alvorecer de 6 de setembro do anno proximo findo, em que parte da Armada Nacional, esquecendo-se do seu glorioso passado, traiçoeiramente apoderou-se de alguns navios mercantes e de todos os de guerra que se achavam no porto do Rio de Janeiro e formou com elles uma esquadilha com o fim de hostilizar e derribar o Governo legal; esse alvorecer foi triste e desolador.

Fostes tambem testemunhas, na tarde de 13 do corrente, de haverem esses rebeldes, cansados da luta e reconhecendo a impossibilidade de conseguir seus nefandos intentos, abandonado o campo sem offerecer a menor resistencia: tarde, radiante e festival.

Tão assignalada victoria trouxe á população desta cidade e da invicta capital do Estado do Rio de Janeiro o almejado socego e robusteceu a confiança geralmente depositada no eminente cidadão e intemerato patriota que dirige os destinos da Republica, o Sr. marechal Floriano Peixoto.

Camaradas, como brasileiros deveis exultar pelo triumpho que o Governo obteve sem effusão de sangue e perdas de vidas, que seriam o consecario da resistencia, para a qual o Governo se achava fortemente preparado.

O regozijo por parte da força armada é duplo pela consciencia que deve ella ter de haver efficazmente concorrido para tão brilhante resultado, pela constancia, disciplina e valor demonstrados em innumeradas occasiões.

A espera foi longa: nem podia deixar de ser, tanto mais quando o Governo tinha necessidade de obter elementos que pudessem contrabalançar os recursos que possuíam os rebeldes.

Congregados esses elementos, facillima foi a victoria.

Louvores, pois, a todos quantos prestaram a sua muito preciosa cooperação á ingente obra de consolidação da Republica, supremo anhelos dos brasileiros, que ha de ser attingido *custe o que custar*.

Finalmente, congratulando-me com todos os camaradas, brado jubilosamente:

Vivam os defensores da legalidade!

Viva o marechal Floriano Peixoto!

Viva a Republica!

Bibiano Sergio Macedo da Fontoura Costallat, general de brigada.

PROCLAMAÇÃO ÀS FORÇAS DE NITHEROY, EM 21 DE MARÇO DE 1894

Muito fizestes e soffrestes, invicta guarnição de Nitheroy desde o nefasto dia em que alguns brasileiros degenerados levados uns por uma ambição sem limites e outros por um desvario inaudito, arvoraram a bandeira da revolta, até ao memoravel dia em que espavoridos fugiram, abandonando as fortalezas e navios de que traiçoeiramente se haviam apoderado.

Ao principio, creis poucos, apenas um punhado de bravos, mas desde logo ficou demonstrado que só protegidos pelas couraças dos navios podiam os rebeldes enfrentar com os republicanos que se batiam a peito descoberto pela causa da legalidade.

Tantas quantas vezes os inimigos da patria ousaram profanar o sólo nitheroyense com a impressão de suas pégadas, foram denodadamente repellidos e esmagados, pagando muitos com a propria vida a ousadia de quererem apossar-se da presa que mais cubiçavam e que durante seis longos mezes foi a victima dilecta de sua sanha.

Por vezes o anjo dos combates, empunhando a tuba al-tisonante das victorias, levou a todos os angulos da patria

brazileira os hymnos festivos dos louros que colhestes, mas através destes hymnos ainda se escutam os gemidos da orphandade e os lamentos da viuvez chorando a perda dos entes queridos que tombaram na peleja, tendo o nome da Republica nos labios e a sua imagem no coração.

Deante os cadaveres dos heróes, que assim souberam morrer abraçados á bandeira da legalidade, curvo-me respeitosamente; e a vós todos, intemeratos defensores da Republica, felicito por vossos brilhantes feitos, e em nome do Exm. Sr. marechal vice-presidente vos louvo por haverdes sabido cumprir vossos deveres de cidadãos e soldados.

Camaradas! Os desorientados rebeldes que ainda se acham em armas em alguns Estados do sul já devem estar convencidos de que começou a hora da expiação de seus crimes e que breve começará o momento de sua completa derrota. Emquanto, porém, não chega esse momento anciosamente almejado por todos os bons brazileiros, cumpre que continueis como até agora na vossa santa cruzada, certos de que o Deus dos exercitos está connosco, e que após a victoria final tereis não só as benções da Patria, como os louvores da posteridade, que repetirá agradecida os brados que ergo nesta occasião, dizendo:

Vivam os bravos defensores da invicta Nitheroy!

Viva o marechal Floriano Peixoto!

Viva a Republica! — *Bibiano Sergio Macedo da Fôntoura Costallat*, general de brigada.

Emfim como resumo historico desta triste insurreicção pode-se ler o seguinte topico da mensagem dirigida ao Congresso Nacional pelo marechal Floriano, por occasião de abrir-se a 1.^a sessão ordinaria da 1.^a legislatura :

«Dominada a revolta no porto do Rio de Janeiro, o governo tratou logo de activar as operações de guerra indispensaveis a libertar os Estados do Paraná, de Santa Catharina e do Rio Grande, da oppressão dos invasores; e neste intuito, ao passo que marchavam para o interior do Paraná

as forças organisadas em Itararé, partia para os mares do sul a esquadra legal ao mando do valente almirante Jeronymo Francisco Gonçalves.

Conhecendo, sem duvida, estes dispositivos e certos de que seriam derrotados, os revoltosos começaram a evacuar os Estados do Paraná e Santa Catharina, indo aventurar o ultimo golpe sobre a cidade do Rio Grande, onde, após cinco dias de renhida luta, foram completamente batidos por forças muito inferiores em numero, ao mando do bravo general Baccellar.

Acosado por todos os lados e, segundo parece, baldo de recursos, o chefe da revolta, depois de haver atirado na costa oriental grande numero dos seus auxiliares, foi com o restante, nos navios de que se apoderara, pedir a protecção do governo argentino, que lh'a concedeu. Emquanto tudo isto se passava ao sul, a esquadra legal chegava a Santa Catharina, em cuja barra do norte deu combate e conseguiu metter a pique, na madrugada de 16 de Abril, o couraçado *Aquidaban*, de tão triste celebridade.

Coube, pois, á gloriosa marinha de guerra nacional, tão deslustrada por alguns de seus membros, dar o ultimo golpe nessa revolta, tirando-lhe o mais poderoso elemento de acção de que dispunha.

Completamente livre o Estado de Santa Catharina e tendo o seu governo feito causa commum com os revoltosos e com elles fugido, fiz para alli seguir, no character de governador provisório, o coronel do exercito Antonio Moreira Cesar, afim de tratar da reorganisação do Estado. No Paraná já se acha reempossado do seu cargo o respectivo governador, que, com a invasão dos rebeldes, se vio forçado a deixar a capital, presentemente occupada por forças do governo.

Póde-se, pois, considerar vencida a revolta, visto restarem apenas pequenos grupos, dispersos e fugitivos, que facilmente podem ser batidos. »

Entretanto, em opposição ás asserções do chefe da Nação apresentamos os factos ; si bem que com menos

intensidade, em todo o caso ainda persistio a luta no sul, por algum tempo, cabendo ao seu successor a missão de concluil-a.

Tambem o Poder Legislativo que jámais abandonou o vice-presidente do Estado, não se mostrou indifferente ao feliz desenlace da lamentavel luta fraticida, promovendo a seguinte moção de congratulação ao governo pela victoria da legalidade, a qual foi approvada pela Camara dos Deputados ao encetar os seus trabalhos.

« A Camara dos Deputados congratula-se com a Nação pela victoria da causa legal contra a rebeldia criminosa de uma parte da força armada sublevada pelos intuitos ambiciosos de um contra-almirante da Republica e posto emfim ao serviço dos interesses dynasticos e restauradores dentro e fóra do paiz.

Reconhece possuida de grata satisfação, a firmeza e coragem civica, o amor e devotamento ás instituições de que deram admiraveis provas o chefe da Nação, as forças militares fieis e leaes á Constituição, a guarda nacional, a temeraria mocidade das escolas, os batalhões patrioticos e de policia e os governos e povos do Districto Federal e dos Estados, que, aggredidos pelas violencias da revolta ou ameaçados por ella em seus direitos conquistados ou em sua paz interna, oppuzeram-lhe viva e heroica resistencia ou declaração formal de apoio decidido aos poderes constituídos.

A' memoria gloriosa das victimas do dever e do patriotismo, rende a Camara, como uma homenagem da Patria, o culto reverente da admiração e do reconhecimento. »

Restabelecida a paz no porto do Rio de Janeiro no memoravel dia 13 de março ainda a luta se manteve nos estados de Santa Catharina, Paraná e Rio Grande do Sul.

Desanimados por continuas derrotas, apenas bandos de revoltosos fizeram lembrar com suas correrias por este ultimo estado as tristes jornadas de seus desafortunados chefes.

Transportemo-nos para este novo scenario de lutas, rememorando succintamente alguns dos principaes acontecimentos occorridos.

Era governador do estado do Rio Grande do Sul o dr. Julio de Castilhos, antigo chefe do partido republicano, quando a 17 de junho de 1892 rompeu a revolução em Porto Alegre: e, desde essa época até o momento em que receberam os *federalistas* o concurso do movimento de 6 de setembro, as suas operações bellicas não se avantajaram em acções notaveis, definindo-se antes em combates, cercos e guerrilhas mais ou menos felizes, sustentados contra as forças da Republica.

Sob a direcção mental do chefe dr. Gaspar da Silveira Martins, que de suas commodas installações em Montevidéo, Buenos-Ayres e Salto dirigia os mais disparatados e contradictorios manifestos aos seus partidarios, e sob o supremo commando, a principio do venerando general Silva Tavares e depois do guerrilheiro Gumercindo Saraiva, esses bandos de federalistas, conduzidos por chefes tão valorosos, quão facinorosos, celebrisaram-se com as suas horripilantes depredações commettidas em pobres aldeias e miseros povoados que após as suas atilnicas correrias transformaram-se em montões de ruinas.

Fortes contra os fracos, só aceitavam os combates com as aguerridas tropas do governo, quando se lhes

apresentava impossivel a fuga, systema adoptado pelos chefes no proposito de cançarem o inimigo; e quando se viam desprovidos de meios pecuniarios para alimentarem a luta era ao systema de vales que recorriam para se abastecerem dos elementos indispensaveis e urgentes ás suas operações, acarretando os maiores damnos aos prejudicados.

A bandeira da *cruz vermelha*, criminosamente levantada por seus apaniguados, foi-lhes de auxilio ephemero.

Errando de aldeia em aldeia e de cidade em cidade, ora em carreiras vertiginosas pelos campos, algumas vezes emboscados nas grotas das montanhas, maltrapilhos, muitos dos quaes apenas cobertos com pelles de animaes, armados de lanças, espadas, machados, chuços, facas e espingardas de todos os systemas, caminhando em bandos desordenados e trazendo aos chapéos fitas vermelhas com disticos diversos, tal é em resumo o aspecto que apresentavam os *federalistas* das campinas do Rio Grande do Sul, ironicamente chamados do *exercito libertador*. Sedentos de vingança pelas suas continuas derrotas, cahiam de improviso sobre os nucleos de povoações; e, entregues aos seus proprios instinctos, saciavam-nos nas casas abandonadas ou mesmo habitadas, com o saque de tudo o que lhes aprazia. Todos os varões que encontravam, sem distincção de edades, forçavam-nos a compartilhar de suas correrias.

Ai do misero que tentasse resistir-lhes ou do descauteloso adversario que chegasse a cahir seu prisioneiro!

Summariamente era-lhe imposto o castigo que, começando ordinariamente com a tortura (*castração*), terminava com morte atroz (*degolla*)*

O côro de maldições vociferado pelas afflictivas viúvas, innocentes orphãos e desgraçadas donzellas contra essa legião infernal de reprobos malditos apenas echoava nas desoladas campinas rio-grandenses confundindo-se com as suas gargalhadas sarcásticas.

Esses horrores foram augmentados e explorados pelos seus adversarios como recurso de guerra para tornal-os odiados e detestados mesmo pelos que se conservaram neutros á luta; não obstante, aquelles, sob a bandeira da legalidade, corresponderam condignamente aos seus actos selvagens, sinão excedendo-os algumas vezes.

A dar-se credito aos boatos, na maior parte revestidos de todo o cunho de veracidade, por serem referidos

(*) O systema da *degolla* era o preferido para o assassinato de seus adversarios politicos, porque não só economisava munições, como tambem o ruido das descargas lançava o desanimo entre os prisioneiros que porventura quizessem alistar-se em suas fileiras.

Conduzidos para um sitio pouco retirado do acampamento a que denominavam *sanga*, era a victima amarrada com as mãos para traz e recebia a morte de joelhos, com a cabeça presa entre as pernas do famigerado *preto Adão*, que pela pericia e sangue frio com que desempenhava este officio mereceu ser promovido.

Por seu lado o governo tambem tinha admiradores destas repugnantes scenas personificados na pessoa do coronel Elias Amaro, e de outros cujos nomes a historia designará.

E' em nome desta que não podemos calar o seguinte facto caracteristico: raros eram os officiaes e praças do exercito que, feitos prisioneiros, eram assassinados pelos *federalistas*; ao passo que o inverso sempre se verificava com os corpos de patriotas.

E qual era a selecção que havia para com os prisioneiros *federalistas*?

por testemunhas oculares, ha attenuantes de todo o genero de parte a parte.

—

Constituem actualmente um ponto de controversia as relações que porventura pudessem existir entre os dous centros revolucionarios. Ao calmo e imparcial historiador, que surgir em uma época necessaria e determinada, caberá a elucidação desta questão que, entretanto, diante dos factos que se nos tem apresentado, parece-nos destituidas de todo o fundamento, como já fizemos sentir precedentemente.

A nosso vêr, desencorajado o almirante Mello dos progressos de sua temeraria empreza no porto do Rio de Janeiro lembrou-se do *federalismo* apenas como um auxilio a sua causa; elle proprio confessa em um manifesto — que a questão capital para o estabelecimento de um accôrdo seria o abandono do poder pelo marechal Floriano Peixoto.

Sempre o poder! . . .

—

Como vimos, Silva Tavares a principio e Gumerindo Saraiva posteriormente foram os mais importantes cabecilhas que activamente dispensaram toda a sua influencia moral e material em prol do *federalismo*.

Aquelle, apesar de sua avançada idade em parte consumida na campanha do Paraguay e onde o seu nome foi inscripto em o numero dos bravos, durante os primeiros tempos da revolução foi o principal propulsor das operações.

Foi a individualidade mais proeminente da mallograda rendição de Bagé.

Homem mytho, typo legendario ou phantastico personagem, mas incontestavelmente o prototypo da bravura, intrepidez e heroismo destaca-se o proeminente vulto de



Gumercindo Saraiva

Talvez oriental de nascimento, mas brasileiro de coração, desprezando fortuna, familia e as commodidades que lhe offerecia a sua posição social, tudo sacrificou, até a propria vida, pela causa a que com tanto ardor se dedicou e que indubitavelmente era uma aspiração nóbre e elevada, si bem que eivada do virus de convicções que nos pareceram adversas á causa republicana.

Si por um dos vulgares contratempos da fortuna a sua causa triumphasse, os affrontosos epithetos de seus inimigos transformar-se-iam nos mais encomiasticos dithyrambos.

Talvez o *Napoleão dos Pampas* ainda contemplasse o seu vulto em bronze; porquanto, a criminalidade só persiste quando não se é vencedor.

Fallando mal o portuguez em razão da sua residencia na fronteira com o Estado Oriental, dispondo de consideraveis bens e de preponderante influencia local, mas dotado de instrucção rudimentar, taes são de relance os traços caracteristicos d'esse denodado gaúcho que tantas lições de estrategia e tactica militar deu a habeis e experimentados generaes legalistas que dispunham algumas vezes de forças superiores.

Foi um homem talhado mais para agir do que para discursar e o seu nome, sempre pronunciado no theatro das operações com acatamento pelos seus amigos e com respeito pelos seus adversarios, não o foi ainda menos pelos fluminense e paulistas quando divulgou-se o seu ousado plano de marchar por terra, através as campinas e sertões de Santa Catharina, Paraná e S. Paulo, para impôr a sua vontade na capital da Republica.

Si bem que seu prestigio se avantajasse grandemente dos demais caudillos *federalistas*, taes como : Juca Tigre, Apparicio Saraiva, Raphael Cabeda, Ulysses Reverbel, David Martins, Marcellino Pina, Laurentino Pinto, Prestes Guimarães, Salgado, Piragibe e outros, concorreram todos estes tambem para o bom exito de alguns

combates, cabendo-lhes principalmente a responsabilidade directa da hecatombe de victimas de irmãos.

Quando rebentou a revolta da armada achava-se como governador de Santa Catharina um tenente de cavallaria chamado Manoel Machado, cidadão inteiramente desconhecido no Estado e que substituiu o dr. Lauro Müller após os acontecimentos de 23 de novembro.

O almirante Mello não ignorava a sua attitude hostile ao governo do marechal Floriano Peixoto, razão pela qual sob o commando do capitão de mar e guerra Frederico Lorena e na madrugada de 17 de setembro, o *Republica* e a torpedeira *Marcilio Dias* affrontaram as iras das fortalezas da barra do porto do Rio de Janeiro em demanda da cidade do Desterro.

Em ali chegando foram os revoltosos bem recebidos pelo vice-governador que logo adheriu á revolta, sendo em seguida estabelecida a séde do governo provisorio de que se fez chefe o legato revolucionario Lorena, nomeando seus ministros-secretarios os tenentes Carlos Mourão dos Santos e Annibal Cardoso que se encarregaram da gerencia de todas as pastas.

Foi com a seguinte proclamação que o chefe do governo provisorio revolucionario dirigiu-se á nação :

« Concidadãos!

Ao assumir o exercicio da suprema administração do paiz por investidura revolucionaria, devo aos meus concidadãos a exposição das razões de ordem publica que me forçaram ao cumprimento desse inilludivel dever.

São de dominio publico os successos occorridos desde o dia em que partiu do Rio de Janeiro a Divisão Expedicionaria

do Sul, sob o meu commando, até o momento em que, vencidas as frageis resistencias que aqui se oppuzeram á nossa acção, pisámos o sólo de Santa Catharina.

O Governo Constitucional do Estado, o Poder Legislativo e as forças de terra e mar uniram os seus esforços ás manifestações unanimes da população no empenho de accelerar a victoria generosa da Revolução, restauradora da Constituição e das leis republicanas.

Assim unificadas essas forças para a consecução do objectivo commum, desde logo se impoz á todos os espiritos a necessidade de um governo director do movimento revolucionario.

O Estado de Santa Catharina achava-se em toda a sua extensão territorial dominado pela mesma aspiração de que se fez orgão a Esquadra Brasileira.

Elle estava, pois, destinado a ser provisoriamente a séde do primeiro governo revolucionario, que funcionará nesta capital.

Designado insistentemente pelos diversos orgãos da opinião para o exercicio do cargo de que fui hoje empossado, eu não poderia eximir-me á acceitação dessa honrosa e difficil incumbência sem faltar a um dever de patriotismo.

Todavia não tomaria sobre hombros tão grave responsabilidade se me não estimulasse a convicção que essa investidura provisoria me era conferida por delegação do illustre chefe da Armada Brasileira, o cidadão almirante Custodio José de Mello, e de posse della me conservarei apenas o periodo de tempo estrictamente indispensavel para a proclamação da victoria definitiva.

Julgo de meu dever ponderar que a circumstancia de ter o governo por séde esta capital não embaraçará a completa autonomia dos poderes locais, até ha pouço profundamente perturbada pela criminosa oppressão da tyrannia central.

Concidadãos!

A causa pela qual combate o povo brasileiro, secundado pelo esforço unanime da nossa marinha de guerra é a propria causa da Patria, cuja Constituição e integridade cabe-vos a missão de defender.

E' esse o nosso dever; para satisfazê-lo não recuarei diante de quaesquer obstaculos, e amparado no civismo do povo brasileiro, lutarei, resolutamente, pela Restauração do Regimen Constitucional.

Viva a Nação Brasileira!

Viva a Republica!

Desterro, 14 de outubro de 1893.—*Frederico Guilherme de Lorena*, capitão de mar e guerra. »

Desde então começou uma série de vexames e oppressões para a população que pela violencia teve de auxiliar aos invasores, si bem que uma parte livremente abraçasse a causa dos rebeldes.

O coronel Serra Martins, que ahi dirigia as operações por parte do Governo Federal, teve de ceder diante dos elementos mais poderosos de seus adversarios. Preso e remettido a bordo de um vapor frigorifico para o Rio de Janeiro, foi o portador da noticia dos lamentaveis acontecimentos occorridos naquelle Estado.

Na organização dos seus batalhões procederam ao mais desenfreado recrutamento, sendo de preferencia escolhidos os pobres operarios e trabalhadores e até não exceptuados os estrangeiros.

Para enfrentar com as avultadas despezas de guerra e depois de esgottados os cofres das repartições publicas foram extorquidas avultadas quantias a varios cidadãos que tiveram de se curvar diante da prepotencia de tão grandes personagens para não soffrerem os rigores de suas omnipotentes vontades. Como é facil de se prever, a applicação honesta destas sommas deveria resentir-se dessa anormalidade administrativa.

Sob a direcção do engenheiro francez Buette funcionou o arsenal de marinha montado pelos revolucionarios que desenvolveram extraordinaria actividade com operarios arrancados a suas liberdades e que jamais foram satisfeitos em seus salarios.

Apoderando-se da cidade de Itajahy guarneceram-na com cerca de 800 homens e fortificaram-se em terra com 21 canhões, contando com os da esquadra, enquanto os vapores *Uranus* e *Meteóro*, armados em guerra, offereciam-lhe valioso apoio. Mas de curta duração foi o periodo de paz experimentado ahi pelos *federalistas*, porquanto, a heroica divisão do norte, ao mando do general Rodrigues Lima, apressou-se em desalojal-os, forçando-os a se refugiarem a bordo dos alludidos vapores que em acto continuo levantaram ferros; eis a parte official deste feito dada pelo commando da 1.^a brigada de linha:

«Commando da 1.^a brigada de linha; acampamento em marcha no Belchor, Estado de Santa Catharina, 16 de dezembro de 1893.—Ordem do dia n. 5.—Para conhecimento dos corpos publico a parte que fiz chegar ao conhecimento do cidadão general commandante desta divisão com relação aos ultimos acontecimentos:

Commando da 1.^a brigada de linha, acampamento junto á cidade de Itajahy, á margem direita do rio Itajahy-Mirim, 11 de dezembro de 1893.—Ao illustre e bravo cidadão general de brigada Francisco Rodrigues Lima, digno commandante da divisão do norte do Estado do Rio Grande do Sul, em operações neste Estado de Santa Catharina.

Parte.—Venho, como é de meu dever, participar-vos as occurrencias que se deram nos ultimos dias. Em marchas forçadas e successivas continuou a divisão suas operações da villa de Blumenau, tendo como vanguarda a brigada sob

meu commando, até que na manhã de 8 enfrentou com o inimigo, que, destruindo a grande ponte, obra prima e de grande valor, que existia no rio Conceição e dava passagem daquella villa á cidade de Itajahy, achava-se na margem direita entrincheirado e artilhado, disputando a passagem de nossas forças, que soffreram desde logo terrível bombardeamento. A's 12 horas da noite do referido dia 8 continuamos as nossas operações, afim de, como acertadamente resolvestes, contornarmos o inimigo por seu flanco esquerdo. O inimigo, prevendo de antemão semelhante movimento, havia tambem destruido uma outra ponte, collocada sobre o ribeirão Canhanduva, affluente do rio Conceição, e por onde tinhamos de passar, achando-se tambem entrincheirado e artilhado; de maneira que resolvestes contornal-o novamente, atravessando altos serros, afim de sahirmos em sua retaguarda, o que foi levado a effeito com toda a pericia, não servindo de menor obstaculo as difficuldades quasi que insuperaveis que encontramos, e isto devido sem duvida a vos achardes á frente da força, guiando-a com aquella coragem, intrepidez e resolução que vos são peculiares; assim é que na manhã de hontem, tendo levado a effeito o nosso desideratum, achavamo-nos de posse daquellas importantes posições, abandonadas pelo inimigo, que, segundo parece, havia presentido vosso gigantesco plano.

Emquanto as forças, em entusiasticos applausos e vivas á Republica, ao marechal Floriano Peixoto e a esta divisão, chegavam aos logares abandonados pelo inimigo, determinei ao 9.º batalhão provisório que, seguindo a estrada por onde havia fugido o inimigo, tomasse a vanguarda e posição conveniente. Aquelle corpo, tendo á frente seu distincto e bravo commandante, tenente-coronel Theodoro Joaquim da Silveira, cumprindo aquella ordem, teve desde logo de engajar combate com o inimigo, que, emboscado em diversas casas, vallados, picadas e mattas, formando assim sua posição uma verdadeira garganta inexpugnável, nos esperava com a sua artilharia, fazendo com ella e infantaria vivissimo fogo; pelo que ordenei que os batalhões 13.º e 30º de infantaria seguissem em auxilio daquelle corpo e se engajassem na luta, o que

foi brilhantemente cumprido por seus bravos e destemidos commandantes, capitães Jayme da Silva Telles e João Pedro do Rosario.

Aquelles tres corpos lutaram bravamente, repellindo com heroismo tremendo fogo dirigido pelo inimigo até as 7 horas da noite, em que fôra esta brigada substituida na linha de fogo pela 3.^a, sob o commando do bravo e patriotico coronel Antonio Pedro Caminha.

Superfluo seria continuar a dizer-vos o modo por que procederam aquelles batalhões, pois sois testemunha ocular do quanto elles primam em bravura, amor á Republica e lealdade no cumprimento de deveres.

O inimigo, que parecia tão forte e disposto comnosco a lutar, teve de mais uma vez abandonar suas posições, continuando a fugir, e covarde e precipitadamente embarcar-se em navios que de antemão os aguardavam, seguindo barra fôra, pois hoje pela manhã suas posições foram encontradas completamente abandonadas.

Como trophéo de guerra temos em nosso poder bastante armamento, munição de diversas especies, fardamento do que usa como uniforme a marinhagem da armada nacional, arreiamentos, etc., etc.

Apresentando-vos em original as inclusas partes dos respectivos commandantes dos corpos, torno meus os elogios por elles feitos aos seus commandados.

Durante o combate tivemos que lastimar a morte do alferes do 30.^o batalhão de infantaria Antonio Alves de Oliveira e de 5 praças, assim como os ferimentos do capitão do 9.^o batalhão provisorio Pedro Ghem, alferes do 30.^o batalhão de infantaria José Coelho Maciel, 15 praças e mais 2 contusas, como tudo vereis das relações que acompanham as referidas partes.

O inditoso alferes Alves, gloriosamente morreu em seu posto de honra, portando-se, como sempre, com muita bravura; assim tambem o capitão Ghem e alferes Maciel, heroicamente feridos, lutando quasi braço a braço com o inimigo. Cumpro o dever sagrado de vos recommendar os commandantes dos corpos 9.^o provisorio, 13.^o e 30.^o batalhões de

infantaria, tenente-coronel Theodoro Joaquim da Silveira, capitão Jayme da Silva Telles e João Pedro do Rosario, major fiscal daquelle corpo Sebastião Machado, pela bravura e sangue frio que mais uma vez demonstraram em todo o combate e acertadas providencias que tomaram no sentido de repellar os fogos do inimigo, desalojando-o de suas posições.

Tambem são dignos de louvor pela bravura e coragem que demonstraram no commando das avançadas o tenente Affonso Miranda e alferes Luiz Soares de Mendonça e Paulo Emilio da Silva Souto, os quaes intemeratamente avançaram até quasi junto ás linhas inimigas, sendo que o tenente achava-se como subalterno da linha avançada sob o commando do bravo e destemido capitão Pedro Ghem.

Louvo tambem pela coragem e sangue frio que demonstraram todos os demais officiaes e praças de que tratam os commandantes em suas supracitadas partes. Não posso deixar de recomendar o alferes Sebastião José Amado, assistente junto a esta brigada, pela coragem e sangue frio que demonstrou em todo o combate e acerto com que transmittiu todas as minhas ordens.

Assim tambem torna-se digno de louvor o capitão da guarda nacional Pedro José Leite Junior, que servindo junto ao estado-maior do commando da 3.^a brigada, se me apresentou no mais renhido do combate, voluntariamente, para transmittir minhas ordens, o que fez com sangue frio e coragem.

Ao concluir congratulo-me convosco por mais esse brilhante feito d'armas levado a execução pela divisão do norte, verdadeiro sustentaculo da Republica e que tem a felicidade de ter-vos á sua frente como seu bravo e audaz commandante. Viva, pois, a Republica, o seu inclyto marechal presidente, a divisão do norte e os Estados do Rio Grande do Sul e Santa Catharina! -- *Antonio Tuçy Ferreira Caldas* major commandante.»

Para se formar um juizo approximado do estado da esquadra revoltada, é de todo o interesse a leitura do

seguinte officio dirigido pelo ministro da guerra do governo provisório ao commandante chefe da esquadra nacional:

« Governo provisório da Republica dos Estados Unidos do Brazil — Secretaria de estado dos negocios da marinha, Desterro, 6 de Novembro de 1893. — N. 4. — Ao Sr. contra-almirante Custodio José de Mello, commandante-chefe da esquadra nacional. — Para que possais avaliar a necessidade da divisão da esquadra nacional destacada em operações nos portos do Estado de Santa Catharina e vos dignardes satisfazer-a com os recursos ao vosso alcance, passo a relatar-vos o seu estado presente.

A referida divisão compõe-se do cruzador *Republica* e vapores *Iris*, *Meteóro*, *Uranus*, *Itapemerim*, *Angra dos Reis* e torpedeira *Marcelio Dias*.

O *Republica* em boas condições de defesa e ataque, salvo a necessidade de ligeiros accessorios, para a confecção e aquisição dos quaes estão dadas as precisas providencias, apenas carece para ser melhor utilizado de torpedos Whithwead.

Este cruzador acha-se guardando a barra do norte do porto desta Capital contra qualquer aggressão que por ventura possa surgir de momento para outro, aggressão de temer e que resultados gravissimos para a nossa causa póde acarretar se levada a effeito com vantagem, quer pelo lado material quer pelo lado moral.

A importância desse cruzador, unico navio de guerra de que aqui dispomos, não preciso encarecer-vos: basta dizer-vos que de sua conservação, a meu meu ver, depende principalmente a continuação da posse deste Estado, a melhor base de operações para a esquadra e forças revolucionarias.

Os vapores *Iris*, *Meteóro* e *Uranus* incapazes de actualmente moverem-se passam pelos reparos necessarios e dentro em cinco ou seis dias devem estar promptos tanto quanto os meios ao nosso alcance o permittem.

As avarias soffridas por elles são as seguintes:

Iris, o melhor de todos, um dos eixos partido.

Meteóro, bronzes e valvulas diversas inutilizadas.

Uranus, uma caldeira completamente imprestavel, rombos diversos no costado e chaminé, além de outras avarias de menor importancia, todas recebidas por occasião da passagem da barra do Rio de Janeiro. Conforme deixei acima declarado taes avarias estão em via de serem remediadas, de modo a permittirem o aproveitamento dos navios sem entretanto ser possível com elles contar-se como primitivamente.

O *Itapemirim*, navio do Lloyd, empregado na navegação entre os portos do Estado, anteriormente ao movimento revolucionario, armado com um canhão de tiro rapido, e em boas condições, tem estado empregado nas operações do sul, achando-se agora em Araranguá.

O *Angra dos Reis* quasi serviço algum presta pela sua insignificante marcha (cinco milhas em boas condições).

A torpedeira *Marcilio Dias*, que aqui entrou a reboque do *Iris* com as caldeiras em pessimas condições, ainda mesmo quando ellas reparadas da melhor fôrma possível de pouco servirá pela carencia absoluta de torpedos que permitam utilisal-a como elemento de ataque.

Além desses vapores, dispunhamos mais do *Pallas*, que, infelizmente, perdeu-se completamente no pontal da barra de Itajahy, salvando-se entretanto o pessoal e artilharia. (*)

(*) Com relação ao sossobro deste frigorífico foram publicados os seguintes telegrammas:

« Cópia. — Telegramma. — Urgente. — Coritiba, 8 de novembro de 1893. — Ao coronel José Jardim. — Santos. — Acabámos ter certeza naufragio do *Pallas* barra Itajahy salvando-se todo o pessoal. Não ha força alguma dos revoltosos em Joinville, pois a pouca que alli havia foi no *Republica* para Desterro segundo presume-se. — Saudações. — (Assignado) *Vicente Machado*, governador. »

« Cópia. — Telegramma. — Paranaguá, 8 de novembro de 1893. — Coronel Jardim. — Santos. — Pelo mesre hiate *Baptista*, agora mesmo chegado S. Francisco, sabemos que o *Pallas*, tentando principios corrente mez entrar noite barra Itajahy, bateu pedra e tal rombo soffreu que o fez sossobrar — salvou-se seu pessoal, dizendo mesmo informante que mór parte tem fugido diversas direcções — Que de Itajahy e S. Francisco retiraram para Desterro toda força que alli

Ainda mesmo quando promptificados todos os alludidos vapores, difficilmente poderemos tentar, apezar de resolvidos isso mesmo assim, a operação que temos em vista e é que a tomada do Paraná, pela acção combinada de forças de terra e mar, com receio de desguarnecer este porto, sob a ameaça de um ataque do *Tiradentes* que para esse fim prepara-se em Montevidéo, juntamente com os vapores *Santos e Desterro*.

Além disso é imprescindível um navio em S. Francisco de protecção ás forças da fronteira do norte, e um outro pelo menos para cruzar entre Santos e Paranaguá, de modo a impedir a passagem daquelle porto para este de forças, armamento, etc.

Dahi a necessidade de augmentar-se a divisão com tres ou quatro navios mais bem artilhados, entre os quaes o *Laguna* sob a direcção do seu proprio commandante; ou outro do mesmo typo, apropriado á navegação entre os portos do Estado.

O *Javary* segundo penso, ainda que impossibilitado de locomoção, seria de vantagem como poderosa bateria fluctuante para defeza da barra do norte, permittindo então a liberdade do emprego do *Republica*.

As fortalezas completamente desguarnecidas, pois em tanto importa a artilharia obsoleta de que dispõem, reclamam canhões sufficientes e adequados de que talvez ahi possaes dispor.

Para esse fim occorre-me a lembrança os de calibre 70, que pertenceram á Nitheroy.

Sobre a barra do sul defensavel mediante o emprego de poucas minas submarinas, que em grande quantidade devem existir na Armação, estão tomadas as providencias para inutilisar-lhe a entrada, em momento opportuno, providencias

finham, achando-se assim estes dois pontos completamente desguarnecidos. População estes pontos e Joinville indignada contra marinheiros revoltosos, que quando ahi passaram commetteram toda sorte de violencias e attentados. Saudo V. Ex. — (Assignado) Alferes *Aristides Villas Boas*. — Conforme os originaes, *José Baptista de Azevedo Marques*, major secretario. »

falliveis, é verdade, porém as únicas compatíveis com os escasos elementos de que dispomos.

A totalidade dos soldados navaes que vieram nos navios da divisão e parte dos marinheiros nacionaes dispensaveis para guarnecer-se os mesmos navios, constituindo um corpo provisório que aqui organizamos com o concurso de alguns voluntarios, sob a denominação de « batalhão de marinha » com aquartelamento nesta capital, opéra presentemente com o corpo policial do Estado, um batalhão patriótico e praças de linha da antiga guarnição; parte no Araranguá, sob o commando dos primeiros tenentes Monteiro de Barros e Filinto Perry, e parte em S. Bento sob o commando do primeiro tenente Torelly e segundo tenente Piragibe.

A estas forças juntaram-se voluntarios adquiridos na Laguna e S. Bento.

Além dellas temos em preparo a guarda nacional, mobilizada em diversas comarcas.

A da capital dispõe, aquartelada já, de um batalhão (200 praças) e a de S. José poderá ter em poucos dias 300 a 400 nas mesmas condições.

Em Lages temos 800 homens, falta, porém, armamento de mão, para cuja aquisição no Rio da Prata já foram dadas as precisas providencias.

Não obstante se ahí fôr possível dispordes ainda de algum, bem como de canhões de tiro rapido e metralhadoras montadas em carretas de campanha, tudo acompanhado das respectivas munições, grande auxilio forneceréis para o bom exito de nossa causa.

Os recursos pecuniarios encontrados na alfandega, cuja renda diminue dia a dia, apenas são sufficientes á manutenção dos diversos ramos da administração e das forças, não dando margem alguma á aquisição do que torna-se imprescindível.

Um meio, porém, offerece-se na occasião de remediar esse inconveniente, e até mesmo de attender ás necessidades mais urgentes da esquadra sob vosso commando, emquanto não realizam-se as nossas esperanças de no estrangeiro obter capitaes.

Tal meio é o carregamento para aqui de todos os artigos que não forem necessarios ao consumo da esquadra e que nella existam, entre os quaes creio deve ser dada preferencia ao café, afim de exportar-se para o Rio da Prata, conforme em muito diminuta escala acabamos de prôceder com o intuito de, sem prejuizo, e antes com vantagem, lá ter alguns pequenos recursos em ouro, para occorrer á despeza com a compra de armas.

Inclusa encontrareis uma relação resumida das nossas mais urgentes necessidades, que julgo haver succintamente justificado.—Saude e fraternidade.—*João Carlos Mourão dos Santos.*»

«Relação do material de guerra mais preciso em Santa Catharina:

Torpedos Whithwead para a torpedeira *Marcilio Dias* e cruzador *Republica*.

Minas submarinas com todos os respectivos accessorios como sejam: carga, tubos, escorvas, fecha circuitos, baterias electricas, etc.

Canhões para fortalezas, com os competentes reparos (os de calibre 70 de Nitherohy estão em condições de serem aproveitados para esse fim).

Tubos para a caldeira da *Marcilio Dias*, que podem ser retirados de uma das outras torpedeiras de alto mar, que porventura não possa mover-se.

Armamento de mão disponível com a respectiva munição.

Munição de carabina Kropatscheck de 8 e 11 mm. e de Westley Richard.

Munições de canhões de tiro rapido Nordenfeldt de calibre 37 e 47 e de Hockiss calibre 47.

Directoria geral das secretarias de Estado 8 de novembro de 1893.—*Fausto Augusto Werner.*»

Emquanto a revolução ganhava grande incremento no littoral em razão das tropas do governo serem desviadas para o interior em perseguição das columnas

revoltosas, os adeptos da luta civil com difficuldade conseguíam disfarçar o seu enthusiasmo, e no Rio de Janeiro com certa insistencia já se fallava na qualidade de belligerancia reconhecida por algumas nações em favor dos revoltosos.

Proseguindo em seus projectos e animados pelo feliz exito das suas operações em Santa Catharina, dirigiram-se para o estado visinho do Paraná, afim de subordinar-o ao seu dominio.

A invasão deste estado foi pelos Ambrosios, onde o caudilho Gumercindo Saraiva, sahindo de Joinville, á frente do 2.º corpo do exercito federalista do qual fazia parte o batalhão naval, forte de mil e duzentos homens e dispondo de dois canhões de tiro rapido, atacou a 11 de janeiro as forças legaes que se compunham da ala esquerda do batalhão *Franco-Atiradores*, de tão triste celebridade, e de dois batalhões da guarda nacional do Paraná.

Commandava esta guarnição o tenente-coronel em commissão Ismael do Lago que se retirou para Tijucas onde procurou fortificar-se. A 14 foi-lhe enviado o tenente-coronel em commissão Bevilaqua e a 15 o coronel Adriano Pimentel com insignificantes soccorros remetidos pelo coronel Carneiro, passando então o inimigo a estabelecer o cerco da praça na madrugada do dia seguinte. Após uma luta constante de quatro dias, durante a qual os sitiantes tiveram que lamentar a perda de muitas vidas e considerada a resistencia por mais tempo antes um acto de loucura, do que de heroismo, á vista da falta de recursos de todo o genero, capitulou a guarnição com

as honras de guerra, sendo permittido aos officiaes transportarem-se para fóra do Estado, sob palavra de honra de não mais tomarem armas contra o exercito revolucionario.

Entremettes, obedecendo a um plano de ataque previamente combinado o almirante Mello atacava Paranaquá, enquanto que o general Piragibe, que se achava no Rio Negro, marchava contra a cidade da Lapa.

Si em Santa Catharina o movimento revolucionario teve o apoio do seu proprio governador, no Paraná foi o commandante do 5.º districto militar quem proporcionou-lhe todas as vantagens de uma facil occupação, com o seu censuravel procedimento. O general Pego Junior (*) que com cerca de 800 homens podia embarçar o inimigo em sua marcha triumphante, concentrando as tropas que dispunha em Morretes, ponto central e de pouca importancia militar depois de abandonar em Corityba wagonscheios de munições, retirou-se depois para S. Paulo e em seguida para a Capital Federal, abandonando as forças do seu commando e entregando, por assim dizer o Estado aos revoltosos sem aguardar a chegada do seu substituto. Esta sua attitude lançou o desanimo e o terror entre as forças legaes com grande vantagem para os insurrectos que sem a menor resistencia apoderaram-se de Corityba, donde o governador Vicente Machado, tambem procurou ganhar o estado de S. Paulo.

(*) Preso e submettido a conselho de guerra foi condemnado a morte, sentença posteriormente reformada em absolvição.

Devido a falta de meios rapidos de locomoção da parte do governo as primeiras victorias foram conquistadas pelos revolucionarios que a 20 de janeiro achavam-se de posse dos pontos mais importantes do Paraná e preparavam-se mesmo para emprehenderem a invasão do Estado de S. Paulo, quando tratou o governo de enviar por terra um corpo de exercito de 5.800 praças composto de 2 divisões, 4 brigadas e do commando geral de artilharia, o qual deveria operar no Paraná e Santa Catharina, iniciadas as operações pelo Itararé em demanda do interior daquelle Estado.

Perfeitamente informado dos successos da esquadra no Desterro e dos meios que o governo punha em pratica para batel-o, o astuto guerrilheiro não ousou proseguir avante e sempre em retirada acompanhemol-o através de incalculaveis distancias até quasi ás fronteiras do Uruguay onde encontrou morte heroica.

Em Jaguarahyva deveriam reunir-se ás primeiras forças desta expedição os corpos que guarneciam diversos pontos, as quaes attingiam ao numero de 1.500 praças sob o commando do coronel Torres.

Sabendo da approximação das tropas republicanas, Piragibe e Juca Tigre, que se preparavam para invadir S. Paulo, voltaram em direcção a Castro, para onde seguiram tambem os primeiros contingentes da brigada.

Mas, o tempo gasto pelo governo em organizar estas expedições foi aproveitado pelos rebeldes no sentido de organizarem os meios de defeza após um descanso de dois mezes e de prepararem-se para operar sobre o

Estado de S. Paulo; a seguinte ordem do dia do general em chefe demonstra perfeitamente estas asserções:

ORDEM DO DIA N. 6.—Quartel General do commando em chefe das forças de terra, em operação no Estado do Paraná, Ponta Grossa, 7 de abril de 1894.

Levo ao conhecimento das forças do exercito as occurrencias seguintes:

Camaradas!

Acaba de assumir o governo do Estado do Paraná, de accordo com o exercito libertador e em nome da revolução, o importantissimo chefe paulista Dr. José Antonio Ferreira Braga, que pelo seu reconhecido criterio, illustração e tino administrativo, como já o provou no regimen passado, quando presidente do Pará, será mais um dos grandes elementos para a victoria da grande causa que defendemos.

Camaradas! Pelas noticias que nos chegam do heroico Estado do Rio Grande do Sul, posso garantir aos meus intrepidos e velentes commandados, que com auxilio do Deus dos Christãos, está perto, e muito perto o dia em que a bandeira da liberdade fluctuará nos angulos desta grande Republica.

Camaradas! Como já sabeis, á esta hora o grande almirante Custodio José de Mello com seus quatro mil companheiros de luta, a bordo da heroica esquadra libertadora, forçando a barra do Rio Grande do Sul, para fazer desembarque naquella região e tomar Rio Grande, Pelotas e Porto Alegre, de accordo com os denodados chefes Tavares, Salgado, Prestes Guimarães, Pina, Cabeda, Silveira Martins, Machado, presidente do visinho Estado de Santa Catharina e tantos outros, e de uma vez para sempre fazer desaparecer o despotismo daquelle valoroso Estado.

Camaradas! A nossa missão neste momento é espinhossissima, pois que, temos de garantir a liberdade dos povos paranaense e catharinense, ameaçados novamente pela tyrannia encarnada em Floriano Peixoto. E contando eu com o vosso reconhecido valor e patriotismo, confio na providencia, que me mostre o caminho por onde devo seguir para

atirar com o despota em terra. Estou certo que breve eu poderei dizer a vós, meus leaes companheiros de campanha e ao mundo inteiro:— está livre o Brazil das garras do dictador — e o povo, usando do direito de completa liberdade, pôde ir ás urnas eleger o presidente que deve dirigir os destinos desta grande Republica.

Camaradas ! Vou concentrar o meu exercito, que, como sabeis, se acha em diversos pontos da fronteira, do seguinte modo : Uma brigada em Paranaguá, sob as ordens dos denodados coroneis Pahim, Leoni e tenente-coronel Cavalcanti ; outra no Assunguy, debaixo das ordens dos valentes coroneis Jocelyn Borba, Teixeira de Freitas e Abranches ; outra no Rio Negro, sob o commando dos intrepidos coroneis Felicio Filgueiras e Fragoso ; outra no Porto da União á Palmas, debaixo das ordens dos illustres coroneis Antonio Bodzisk Miguel Jesus, Verneck e major Roberto Silva ; outra na fronteira de Itararé, entregue aos audazes coroneis Telemaco Borba, Pereira Pinto e tenente-coronel Carlos Libindo Menezes ; uma divisão em Guarapuava ao mando do destemido Juca Tigre, outra em Cupim, debaixo das ordens do invencivel Apparicio ; o grosso do exercito em Ponta Grossa ficará ás ordens dos intrepidos coroneis Torquato Severo, Vasco Martins, Manoel R. de Macedo (Folião), Carlito Gama, Varella Raquin e tenente-coronel Julio Cezar ; e na capital a guarnição ficará sujeita ás ordens dos destemidos coroneis Cesario e Amaral e regimento de artilharia, commandado pelo digno coronel Colonia.

Camaradas ! Preparai-vos, que eu vou recommear, depois de dois mezes de descanso do meu invencivel exercito, as operações de guerra para, de uma vez para sempre, ficarem os dictadores e o mundo inteiro sabendo, que não se calca aos pés da dictadura os direitos de um povo livre, rasgando-lhe a sua constituição, impunemente. — E para isso camaradas conto como sempre contei, com a vossa bravura, com o vosso patriotismo, com a vossa lealdade e com vosso amor pela Santa Republica.

Camaradas ! As nossas operações vão se dirigir sobre a grossa columna das forças do despota que tenta avançar pela fronteira do visinho estado de S. Paulo, certo como

estou que diante do meu grande e valente exercito ella terá a sorte que tiveram aquellas que avançaram sobre o heroico estado de Santa Catharina, como sejam as que foram por Paranaguá, por Ambrosios e pela Lapa, que vós, melhor do que ninguem, sois testemunhas da derrota que soffreram e da humilhação porque passaram os officiaes comprados pelo dictador.

Camaradas ! Expulsadas, como vão ser para sempre do estado do Paraná, as forças do dictador, cumpre-me dizer-vos, que chegando á fronteira de S. Paulo, e se este não se mover para repellir do seu solo os servidores do despota, eu não darei um passo além ; mas se o povo paulista pegar em armas levantando-se como um gigante para defender seus direitos eu irei com todo meu exercito em seu auxilio e então certa será a derrota das forças do tyranno, sendo plantada a bandeira da liberdade, não só nesse estado, como em todos os outros.

No caso contrario, a consciencia me diz que eu devo proclamar a independencia do estado do Paraná e dos seus dois irmãos do Sul.

Camaradas ! Estou certo que com o auxilio da Providencia e o vosso valor eu conseguirei os meus desejos, que consistem em garantir o direito, a justiça e a liberdade da familia brasileira, visto serem os vossos e assim tambem os da população sensata da nossa grande patria.

Viva a Constituição !

Viva a esquadra libertadora !

Viva o exercito libertador !

Viva o Paraná independente !

Viva a Republica !

Gumercindo Saraiva.»

Animados pelos faceis e rapidos progressos obtidos em Santa Catharina, as forças federalistas commandadas por Piragibe, Juca Tigre e Torquato Severo marcharam sobre o Paraná e apoderaram-se da cidade do Rio Negro apezar da resistencia que lhes oppoz o general Argollo.

Chegando a Lapa, ahi a horda invasora encontrou verdadeiro contraste com o procedimento do chefe do 5.º districto militar na louvavel attitude do bravo



Coronel Carneiro

Este denodado militar infructiferamente procurou obstar o impeto da expedição inimiga que, superior em numero, estabeleceu o sitio da cidade. Ahi tratou de fortificar-se aguardando os soccorros que lhe deviam ser

enviados pelo general Pego Junior e causando mesmo grandes perdas nas forças sitiadas.

Estas procuraram occupar as melhores posições e pouco tardou a que a sorte das armas se decidisse em seu favor, circumstancia extraordinariamente favorecida com o consideravel reforço de Gumercindo Saraiva, que vencedor em Tijuca veio completar o cerco.

Apezar de Paranaguá e Corityba se acharem em poder dos revoltosos, foi ainda com a seguinte proclamação que este intrepido soldado se dirigiu aos seus commandados:

« Aos batalhões da Lapa.—Desde o dia 16 do corrente que soffreis o ataque dos inimigos da Republica, aos quaes tendes sabido resistir com patriotismo e valor, que ficarão gravados na nossa historia como bello exemplo para os nossos filhos.

Tendes vencido sempre esses inimigos, que reconhecendo a sua propria fraqueza appellaram agora para as intrigas, os falsos boatos e as traições.

Não lhes deis credito. Conservai-vos no caminho do dever e da honra, que é tambem o da victoria.

Congratulando-me convosco, pelos triumphos que alcançastes, peço-vos alguns dias mais de constancia e resignação em bem dos vossos proprios interesses e da Republica, que estará muito brevemente vencedora e em paz.

Viva a Republica! Viva a legalidade! Viva o povo da Lapa!

Acampamento na cidade da Lapa, 24 de janeiro de 1894.—Coronel *Antonio Gomes Carneiro*, commandante da divisão.»

Por mais de uma vez Piragibe e Gumercindo procuraram demovel-o das suas firmes resoluções e por outras tantas tiveram o desengano de suas intenções até que,

depois de uma resistencia digna de ser decantada em epopéa e por espaço de 26 dias, foi ferido mortalmente no dia 6 de fevereiro, quando pessoalmente dirigia a acção, vindo a fallecer pouco depois.

O coronel Joaquim Lacerda que lhe succedeu no commando da praça, considerando impossivel a resistencia por mais tempo, rendeu-se a 11 do mesmo mez; porém temendo o rompimento das estipulações expressas na capitulação, viu-se forçado a refugiar-se nas mattas da serra Antonina e por invias veredas chegou até Cananéa.

E a capital do Estado não logrou escapar-se do dominio dos inimigos da Republica.

Foi a 11 de janeiro que a esquadra do almirante Mello composta dos navios *Republica*, *Uranus*, *Iris* e *Esperança* ameaçou o porto de Paranaguá para só occupar a cidade seis dias depois. Neste interim operou-se em terra um movimento com o fim de auxiliar as operações dos revoltosos, sendo presos grande numero de compromettidos, entre os quaes se achava o coronel Theophilo Soares Gomes, posteriormente o primeiro governador do Paraná, quando conquistado pelos rebeldes. Mais alguns dias para a occupação da cidade e estes infelizes seriam passados pelas armas, em virtude dos telegrammas trocados entre o general Pego e o marechal Enéas Galvão.

Apenas defendida por 800 praças, facil foi a occupação da cidade depois de um combate de algumas horas, apossando-se os vencedores de muitos prisioneiros, entre os quaes o coronel Eugenio Augusto de

Mello, commandante da praça, de grande quantidade de munições, canhões, armamentos, etc.

As cidades de Antonina e Morretes foram successivamente occupadas e no dia 20 o almirante foi recebido em Coritiba no meio de festivas manifestações e onde, no dia seguinte, por aclamação popular, foi investido do cargo de governador o Dr. Menezes Doria.

Este novo chefe politico, de tempestuosos antecedentes, em companhia do Dr. Hilario de Gouvêa, conseguira evadir-se disfarçado de uma prisão no Rio de Janeiro e embarcando-se para esta cidade, passou a fazer parte das forças de Gumercindo, como chefe do corpo de saude.

Os recém-vindos não encontraram a menor resistencia em Coritiba, porque os proprios amigos do governo acharam-se possuidos do mais desesperado desanimo pela retirada precipitada do general Pego e do governador do Estado.

O novo governo, a titulo de contribuição de guerra, lançou os mais pesados impostos sobre os habitantes, aos quaes seguiram-se outros ainda mais onerosos e decretados por Gumercindo, que em breve tempo tornou-se grandemente compromettido com as barbaridades e excessos de todo o genero praticados por seus proprios partidarios.

Tambem a disçordia e a desintelligencia entre os principaes chefes surgiram com todas as suas graves consequencias, as quaes ainda mais se accentuaram depois do insuccesso da cidade do Rio Grande.

A estrella de suas ephemerias victorias já começava a ser obumbrada com a nuvem precursora do turbilhão tremendo de uma phalange de bravos que voayam em defeza do pavilhão nacional ultrajado.

A 25 de março o general Cardoso Junior substituiu no governo do Paraná ao dr. Menezes Doria (*) que foi enviado pelo governo revolucionario a desempenhar uma missão no Rio da Prata.

Perfeitamente informados os revoltosos dos meios que o governo punha em pratica para esmagal-os e scientes da improficua resistencia que poderiam offercer-lhe, combinaram em abandonar o campo da acção conquistado a custa de enormes sacrificios, para refugiarem-se no Rio Grande do Sul, estado limitrophe com paizes estrangeiros, que, na hypothese de um provavel mallogro, abrigal-os-íam do castigo dos vencedores, e tambem região extraordinariamente favorecida pela natureza para o seu systema de guerrilhas, posto em pratica sempre com grande exito.

A 13 de março, depois de pequena resistencia, foi a cidade de Castro occupada pela 1.^a brigada ao mando do coronel Braz Abrantes. Declarada a capital provisoria do estado do Paraná, ahi foi installado o governo tendo

(*) Quando, mais tarde, alguns dos refugiados politicos do Brazil, em Buenos-Ayres, atropelavam-se nas ruas daquella cidade em demanda de uma collocação honesta que os puzesse ao abrigo da miseria; quando cabisbaixos vagavam pelas praças considerando em suas familias que, pezarosas, choravam as suas ausencias; não poucas vezes tiveram que desviar-se das patas dos fogosos corseis que tiravam a carruagem deste celebre personagem, e abrigarem-se dos respingos lamacentos de suas rodas.

Contrastes da sorte e contratempos da fortuna, communissimos em uma época revolucionaria.

sido anteriormente publicado em Itararé o seguinte manifesto do dr. Vicente Machado, 1.º vice-governador do estado :

« PARANAENSES—Ha perto de dois mezes que, com o coração transido de dôr e com o cerebro sob um verdadeiro atropelo de idéas, por factos sobre os quaes julgará com imparcialidade o futuro, tive necessidade de retirar-me da capital do nosso querido Estado, pela falta occasional de elementos para offerecer resistencia á invasão revolucionaria que por mão criminosa havia sido guiada das nossas fronteiras do sul para o coração do Paraná.

A 18 de janeiro, depois de ter por decreto e utilizando os poderes discricionarios de que fui investido pelo benemerito congresso legislativo, transferindo provisoriamente a séde do governo para a cidade de Castro, para ali tomei direcção acompanhado de pequena força estadual, e de numerosos amigos que commigo queriam partilhar das agruras em que uma phase dolorosa lançava o representante constitucional do poder executivo do estado.

Desviado desse proposito pelo chefe das forças militares que me garantia já estar a cidade de Castro em poder da invasão, vim para as fronteiras do norte pedir ao governo da União os elementos necessarios de força para restabelecer a ordem constitucional do Paraná e varrer do solo da minha terra natal o bando invasor dos inimigos das instituições e da patria.

Aqui me tendes hoje, paranaenses, pisando de novo o territorio querido do estado, ao lado do numeroso exercito dedicado á causa da lei da Republica, e com serena e confiante esperanza na victoria da causa da justiça, afim de recuperar as seguranças para nossa vida pacifica e laboriosa : o socego e a tranquillidade para o lar de nossas familias e para o seio das classes de nossa sociedade ; a garantia para a vossa propriedade, pela restauração do dominio da Constituição, ao serviço da ordem e do progresso da nossa communhão politica, constituída pelos delegados de vossa soberania pela investidura livre dos vossos suffragios.

E o definitivo triumpho e a victoria decisiva serão nossos, diz a justiça indefectivel da causa a cuja defeza servimos.

A invasão, essa torva e desgraçada invasão, gerada da ambição e do despeito, hecterogenea, incolor, sem ideal, desnaturada e torpe, deixará como rasto de sua passagem pelo sólo paranaense a desolação, o pranto, o luto, os attentados contra a vida e a propriedade, lembranças que só servirão para amaldiçoal-a.

Breve reentrareis, meus patricios, na serenidade proveitosa e honrada de vossa vida normal; brilhará a alegria em vossos lares, tão limpida, como o sol que doira as nossas campinas, o brilho das baionetas dos nossos soldados, dedicados á causa da Republica e de sua Constituição.

Esse lapso de tempo em que tivestes sequestrados todos os vossos direitos, anulada a vossa soberania, anniquilada a vossa liberdade individual, ameaçado o vosso lar, confiscada a vossa propriedade, e sob constante perigo a vossa vida, vos servirá de estímulo para a sustentação do livre e democratico regimen da nossa lei fundamental, ampla de garantias para o vosso socego e para o vosso progresso material, intellectual e moral.

Sob as franquias do regimen constitucional do nosso estado, breve apresentarei ao vosso julgamento, ao qual sempre fui e serei submisso, toda a minha conducta, durante o periodo revolucionario como homem politico carregado de responsabilidades pela investidura do alto mandato que me conferistes, e pela minha posição no seio do meu partido, o glorioso partido republicano paranaense, cheio de abnegações pela causa publica, intemerato na luta, magnanimo e generoso no dia da victoria.

Por agora só vos peço, meus patricios, toda a cooperação do vosso patriotismo, todo o desprendimento civico, toda a vossa dedicação incondicional á Republica, para esmagar de vez essa revolta, já tão condemnada pelo paiz inteiro que impede a consolidação da fórmula de governo amada e querida dos brasileiros.

Paranaenses! Todos os vossos sacrificios pela Republica e pelo governo constitucional.

Viva a Republica!

Viva o governo constitucional!

Viva o marechal Floriano Peixoto, vice-presidente da Republica!

Viva o exercito brasileiro!

Viva o Estado do Paraná!

Acampamento no Itararé, 7 de março de 1894 — 6° da Republica.»

A divisão do general Lima, que a 2 de dezembro, pairava na região alta do Rio Grande do Sul em fins de janeiro transpoz no Passo Victoria o rio Pelotas afim de cercar a columna de Salgado que se dirigia para o Rio Grande. Foi a 1 de fevereiro que esta foi derrotada em Tijucas, na serra do Oratorio, pela brigada do coronel Pinheiro Machado quando, depois de haver galgado a serra de S. Bento, tentava penetrar no Estado do Rio Grande; o seguinte telegramma official narra resumidamente este combate:

« PORTO ALEGRE, 11 de março.—Ao general Costallat.

Acabo de receber communicação do general Lima de ter uma expedição de sua columna, ao mando do coronel Salvador Pinheiro, batido a gente de Salgado, em Tijucas, Estado de Santa Catharina. Calcula-se em cento e tantos o numero de inimigos postos fóra de combate:

Inimigos deixaram no campo 25 carabinas Comblain, uma Kropatschek, 24 lanças, sabres, espadas, pistolas, facões, 6.000 cartuchos Comblain, muitas bolsas de munições, barracas, ponches, cobertores e outros objectos. Inimigo fugiu descendo a serra.

Tivemos um homem morto e tres feridos.

O combate que acabo de mencionar é confirmado por um telegramma que neste momento recebo do general Oscar, que diz:

«Companheiros nossos escapos da columna Salgado e chegados a Torres por Araranguá, declaram Salgado batido por Salvador em cima da serra, descendo pela estrada de S. Bento para Laguna. Informai de tudo isto ao marechal. Viva a Republica! — (Assignado) *Ministro da guerra.*»

Retirando-se em direcção a estrada de ferro Thereza Christina, tiveram as forças leaes que abandonal-a para attender a outros pontos que eram atacados pelos corpos revolucionarios.

Em seguida a estes successos, outros de não menos importancia occorriam ao sul, onde a divisão do norte castigava com continuas derrotas os bandos do coronel Salgado; a seguinte ordem do dia põe em evidencia os principaes acontecimentos:

«Commando da divisão do norte, acampamento na margem direita do rio dos Touros, 16 de março de 1894.

ORDEM DO DIA N. 87.—Soldados da divisão do norte!

Ameçada esta região pela invasão da horda de Salgado, passastes o Pelotas transbordado.

A vossa presença conteve o inimigo, e desde logo, emquanto aguardaveis os recursos de dinheiro, vestuario e munição de guerra que o previdente ministro, o Carnot da Republica Brasileira, vos enviava, em diversas excursões rapidas, batestes e afugentastes os grupos que infestavam os municipios visinhos.

A 5.^a brigada sob o commando do intrepido coronel Firmino de Paula, 1.^o regimentos da activa e da reserva do Estado, dos quaes são chefes os tenentes-coroneis Pilar e José Bento, no dia 12 de Fevereiro encontraram no Capão Bonito a vanguarda de Salgado, esmagando-a no primeiro choque, fazendo-a refluir para a costa da serra de S. Bento.

Isto feito, retrocedestes immediatamente para velar pelo precioso comboio que vinha da capital, destacando, entretanto, simultaneamente duas expedições com objectivos diferentes: uma composta da 4.^a brigada commandada pelo coronel Salvador Pinheiro, partindo do passo do Carro no dia 7 de Fevereiro, repassou o Pelotas e em uma marcha de assombrosa celeridade venceu vinte leguas, sitiando a cidade de Lages na noite de 18, não encontrando infelizmente a força do littoral catharineta que viera áquella cidade: outra commandada pelo coronel Menna Barreto, organizada com a 2.^a e 6.^a brigadas, tomou o rumo do Turvo, no municipio da Lagôa Vermelha, onde constava existirem bandos inimigos, os quaes effectivamente encontrou, bateu e perseguiu serra a dentro pela picada do Carreiro.

Recebido os recursos de que tanto carecieis, congregadas ao grosso da columna as forças expedicionarias, vos dirigistes ao encontro de Salgado, que receioso conservava suas forças apoiadas sobre a ribanceira esquerda do rio Pelotas e do rio das Contas até ás nascentes deste na entrada da serra de S. Bento.

Presentidas as avançadas do inimigo no dia 27, fizemos seguir pela esquerda o coronel Menna Barreto com a 2.^a, 3.^a e 6.^a brigadas, afim de ataca-lo além do rio Leão, no morro Agudo, onde estava acampada a vanguarda de Salgado sob o commando do celebre bandido Ignacio Côrtes.

No dia seguinte, ás 11 horas, levantámos acampamento com o grosso da divisão, tendo marchado ás 10 horas com a 4.^a brigada o coronel Salvador.

Durante nosso trajecto iamso recebendo avisos de que a força que operava na esquerda tiroteava os piquetes inimigos.

Precipitamos a marcha, transpuzemos ao anoitecer o arroio Leão, tendo feito avançar durante a noite a 4.^a brigada, cujo commandante preveniu-nos que o inimigo fugira costeando os mattos do Pelotas.

Apezar de densa cerração seguimos de madrugada, ouvindo logo o tiroteio da força da vanguarda, que alcançara a retaguarda inimiga.

Em apoio a 4.^a brigada incontinentemente mandámos a cavalaria da 3.^a, 5.^a e 6.^a brigadas, commandadas pelos coroneis

Caminha, Firmino e tenente-coronel Irineu, tendo acampado esta força o coronel Vargas, ajudante-general junto a este commando, ficando nós á frente da infantaria, artilharia e cavallaria desmontada, attendendo os passos do Pelotas, para onde o inimigo poderia encaminhar-se.

A 4.^a brigada, já distanciada, continuou a acessar o inimigo, até que desviando-se da estrada geral por um atalho, caminhando durante a noite por terreno accidentado e escabroso, conseguiu na madrugada de 2 do corrente em Tijucas attingir e derrotar a columna inimiga que, reforçada por forças estacionadas na bocca da picada de S. Bento, já ia então commandada por Salgado.

Desbaratado alli o inimigo, foi sempre sob intenso fôgo de fuzilaria proseguindo, sendo obrigado, no dia 3 pela manhã, reduzido á metade, tendo deixado a estrada percorrida de cadaveres, a despenhar-se pelas penedias do Oratorio sob um chuveiro de balas.

Nesta expedição merecem justos louvores, embora não estivessem no combate, a cavallaria da 3.^a, 5.^a e 6.^a brigadas que, fazendo um percurso longo por entre serranias quasi intransitaveis, caminhava dia e noite, já a pé, para contornar o inimigo caso tentasse tomar para Lages, conforme era seu proposito.

Soldados da divisão do norte operosos servidores da Republica! A fadiga não encontra guarida nos vossos organismos de ferro, a victoria já está familiarisada com as vossas bandeiras, a patria applaude e admira os vossos heroicos esforços, o vosso velho general, confiante tudo espera do vosso ardente patriotismo e amor á liberdade!

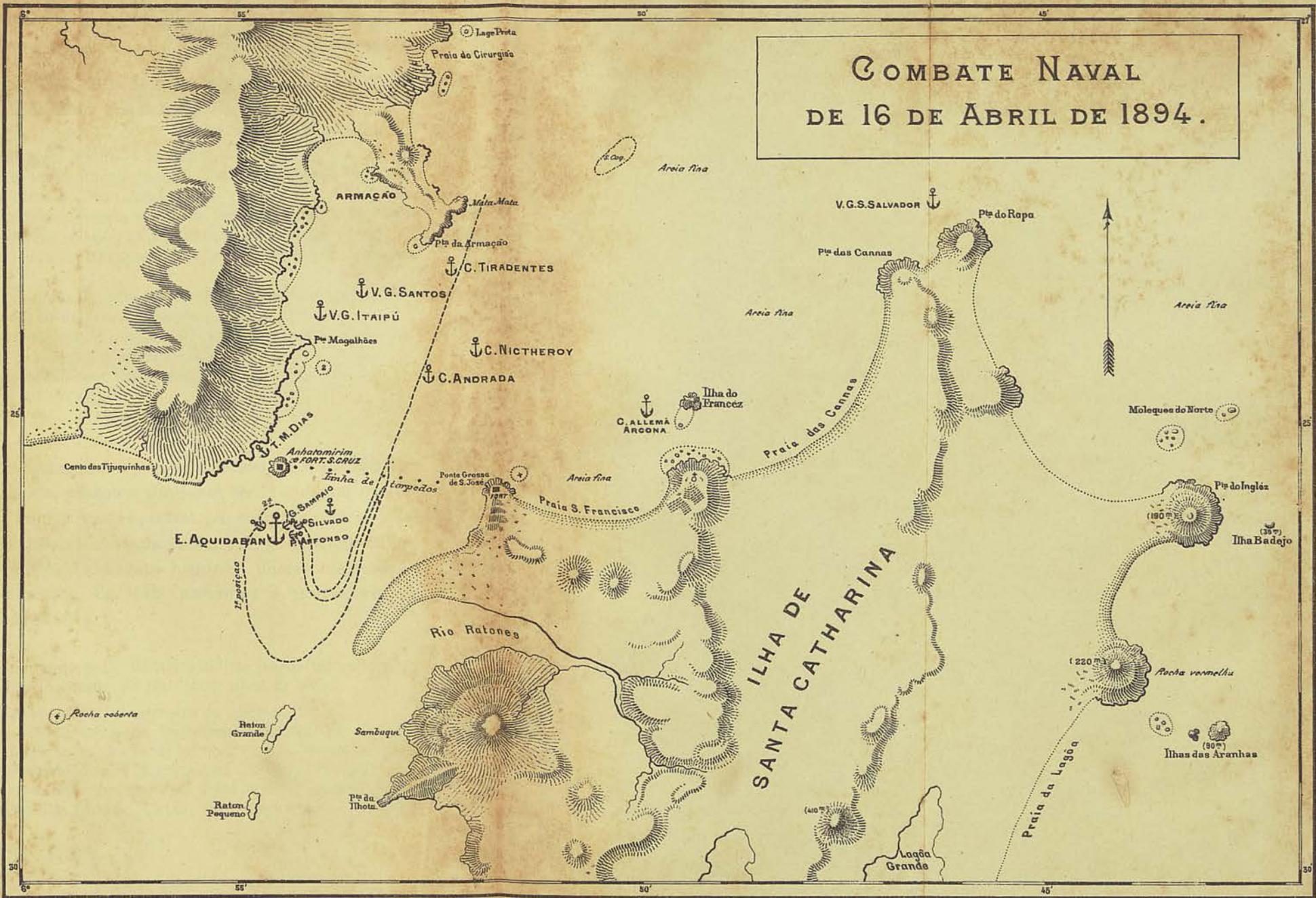
Viva a Republica!

Viva o marechal Floriano Peixoto!

Rodrigues Lima, general de brigada.

Depois de Castro seguiu-se a occupação de Curitiba e outros pontos; foi então que em desespero de causa, tentou o chefe do levante assenhorear-se da cidade do Rio Grande, talvez movido pelas insinuações do seu

COMBATE NAVAL DE 16 DE ABRIL DE 1894.



Declinação 2°-30' N.E.

correligionario Gumercindo Saraiva, como se deprehende da seguinte exhortação :

«Almirante Mello—Paranaguá— Estou convicto de que a victoria da revolução depende presentemente de penetrarmos na barra do Rio Grande.

A fraca resistencia que por ventura encontrarmos alli será nada em relação a que já vencestes tantas vezes, forçando a barra do Rio de Janeiro contra centenas de canhões grossos.

A passagem do intrepido *Uranus* é um feito assombroso sem igual na historia do mundo.

Salvemos, pois, o resto da valente esquadra engrandecendo a revolução, e alcançaremos pelo menos a independencia do nosso caro Rio Grande.

Viva a Revolução!

Saudo-vos.— *Gumercindo Saraiva.*»

Abandonando o porto de Paranaguá e de accordo com Salgado, passou o almirante Mello a operar no Rio Grande com a sua esquadra. A seguinte parte official do general Bacellar, commandante do 5º districto militar é um valioso documento historico desses memoraveis acontecimentos, da qual passamos a transcrever os pontos capitaes.

«Commando do 6.º districto militar.—Quartel general da cidade do Rio Grande do Sul, 26 de abril de 1894.

Ao illustre general ministro da guerra.

De posse de todos os documentos necessarios, com excepção da parte do distincto coronel Carlos Maria da Silva Telles, relativamente a derrota que inflingiu ás forças dos inimigos, no encontro que com elles teve na manhã de 10, na estação da Quinta, passo, no cumprimento de meus

deveres a completar as noticias que em telegrammas successivos já tive a honra de transmittir-vos, acerca dos acontecimentos que aqui se desenvolveram, de 6 a 11 do corrente.

Na manhã de 6 recebi um telegramma do illustre cidadão coronel Valladão, no qual me avisava que constava no Rio os inimigos da Republica haviam abandonado o Paraná e Santa Catharina para vir atacar este Estado, desembarcando provavelmente no Chuy.

Não só devido á origem de onde partiu come tambem por estar elle de pleno accordo com a opinião, que mais de uma vez, manifestei em documentos officiaes, isto é, de que os revoltosos não deixariam de vir atacar esta cidade, ponto de indiscutivel importancia, dei todo o peso á informação do coronel Valladão.

Os factos vieram demonstrar a quanta razão me assistia. Justamente quando eu vos communicava e as autoridades a quem mais de perto interessava essa noticia, recebi do capitão de fragata Borges Machado communicação de que á léste appareciam cinco vapores suspeitos e armados em guerra.

Pouco depois o mesmo official me participou que um dos vapores parecia o *Aquidaban*, que mais tarde reconheceu ser o *Republica*.

Das 10 para ás 11 horas da manhã cinco navios pertencentes a esquadra pirata investiram os bancos e dirigidos pelo ex-official de marinha Costa Mendes, pratico da barra e commandante do corsario *Uranus*, transpuzeram a barra.

A heroica, bizarra e denodada guarnição de suas fortificações oppoz-lhes a mais tenaz resistencia.

Durante 2 horas e 40 minutos, cento e poucos defensores da Republica, dispondo de quatro Krupps apenas e dous canhões Withworth 32, lutaram com excepcional bravura, contra cinco navios poderosamente artilhados, tendo conseguido fazer a bordo delles, e principalmente do *Meteóro*, estragos materiaes.

Vencendo as baterias e a linha de torpedos, dos quaes nenhum detonou em consequencia de se terem deteriorado os fios conductores, devido ao muito tempo de submersão pretenderam os piratas desembarcar as forças numerosas que

traziam a bordo no trapiche da companhia franceza ; disso os impediu a inexcedível bravura, calma e tino do 2.^o sargento Avelino Alves Setubal, do 35.^o batalhão de infantaria á frente de oito homens, pertencentes ao mesmo batalhão, cujos nomes não posso calar, e que são os seguintes : cabo de esquadra Octaviano Gemeniano de Brito, Marcelino Pereira, Aureliano José de Carvalho, soldados Isaac Alves dos Santos, João Francisco dos Prazeres, Amaro Antonio da Silva, Antonio Severiano, e Alexandre Barboza Rego.

Reconhecendo o valoroso official que commandava as forças que defendiam a barra, que não mais podia resistir e que poderia ficar com a retirada cortada, visto como os inimigos já estavam desembarcando no trapiche da 4.^a secção, resolveu retirar toda a força com a maior ordem e criterio.

Poucos homens perdemos na entrada dos piratas á barra, e seus nomes constam das partes juntas.

Emquanto se passavam esses acontecimentos na barra, inesperados, porque nenhuma noticia eu havia recebido, a não ser o telegramma, já alludido, do coronel Valladão, recebido poucos momentos antes da invasão, tratei de tomar todas as medidas que a gravidade da situação exigia.

Assim é que reconhecendo a insufficiencia da guarnição desta cidade, naquelle dia desfalcada de 280 praças, que se achavam em serviço de guerra, 100 em Camaquam e 180 em perseguição do bandido Carlos Chagas, como sabeis, ordenei sem demora aos commandantes do 29.^o e 32.^o batalhões de infantaria, que guarneciam a estrada de ferro, que immediatamente se recolhessem a esta cidade, e para isso fiz as necessarias combinações com a direcção da dita estrada, que com a maior solitudine tratou de providenciar.

Bem compenetrado da gravidade da situação, ordenei ao general Santiago que me enviasse um reforço da guarda nacional e ao coronel Carlos Telles, em Bagé, que seguisse, não olhando sacrificios, com toda a sua força para esta cidade.

Folgo em declarar que solicitamente fui attendido em todas as minhas reclamações, sendo certo que do illustre marechal presidente da Republica, de vós e do abnegado



presidente do Estado recebi sempre provas de animação e conforto, quanto é certo, entretanto, que não só eu como toda a valente guarnição estávamos firmes no proposito de morrer a nos entregarmos, porque isso seria dar enorme ganho de causa ao inimigo e quiçá conceder-lhe oportunidade, de, por muito tempo e com mais vantagem, prejudicar a consolidação da Republica Brasileira.

Como não ignoraes, era bastante precario o estado desta guarnição, que, além de resumida achava-se muito desfalcada, devido a termos 100 homens em Camaquam e 180 perseguindo grupos de bandidos que infestavam Santa Isabel, Tahim, etc., etc.

Nestas condições comecei a tomar as medidas que as circumstancias criticas e urgentes do momento me aconselhavam.

Assim é que nomeei para commandar as forças do littoral ao tenente-coronel Francisco Felix de Araujo, e as que deveriam guarnecer as trincheiras do parque ao major José Carlos Pinto Junior.

Dadas as necessarias ordens, dentro em pouco estava estabelecida a defeza da cidade, tanto quanto permittia a insufficiencia da força.

Durante todo o dia conservaram-se os navios junto ao trapiche da 4ª secção.

Emquanto isso, iamos tornando mais forte a defeza e tomando varias medidas a ella necessarias.

Ao escurecer chegou do Cerro Chato o valente 32.º batalhão de infantaria, que tomou posição nas trincheiras do parque.

A' noite obstruiu-se o canal da barra, mettendo-se a pique um pontão, trabalho de que se encarregou o illustre Dr. Ernesto Ottero, de accôrdo com o Sr. capitão do porto, de combinação com este commando.

Ainda cedo ficou interrompida a linha telegraphica para a estação da Quinta, o que logo nos fez julgar que a linha ferrea tambem o teria sido para impedir a vinda do batalhão de Engenheiros, que era esperado de Pelotas, e um reforço do 3.º batalhão da guarda nacional.

Mais tarde verificou-se a exactidão da previsão.

Tenho enorme satisfação em vos declarar que durante todo o dia e noite officiaes e praças, com a maior dedicação e entusiasmo, empenharam todos os esforços e trabalharam abnegadamente para que a defeza se estabelecesse o melhor possível.

Por parte das autoridades civis, guarda municipal e populares, encontrei o mais franco e decidido apoio, já não fallando da guarda nacional.

Todas as cousas dispostas com animo calmo, resolução firme e dispostos a lutar e resistir até o extremo, aguardamos os successos.

Emquanto em terra se trabalhava, no mar as valentes canhoneiras *Cananéa* e *Camocim*, sob a direcção do invicto capitão-tenente Fiuza Junior, commandante da flotilha, effizamente auxiliado por seus dignos officiaes, tudo faziam para atacar e resistir aos navios piratas.

Mais ou menos, ás 7 horas da manhã, os navios punham-se em marcha para a cidade, onde pouco depois chegam; não podendo penetrar no canal, devido á obstrucção, tomaram a direcção de S. José do Norte.

Neste momento rompeu o fogo, ousadamente iniciado pela *Cananéa* e bizarramente seguido pela *Camocim* a valente e denodada bateria da Macega.

Renhidissimo tornou-se o combate; porém nossas forças não cederam um instante.

Não podendo as canhoneiras, principalmente a *Cananéa*, que era o alvo predilecto da poderosa artilharia do *Republica*, continuar na luta desigual, e já estando ferido o bravo commandante Fiuza e varias praças, retiraram-se ellas para o fundo do porto; e porque era necessario prever os peiores casos, resolveu aquelle commandante fazer afundar a *Cananéa*, evitando assim que ella fosse presa do inimigo.

Por minha parte tambem, devendo tudo acautelar, tudo prever, ordenei o entrincheiramento da praça Silva Telles, trabalho de que se encarregaram principalmente os distinctos engenheiros major Medeiros Germano, capitão Lindolpho

Silva, tendo tambem nella trabalhado o digno major Silva Chaves e outros illustres officiaes. (*)

A's 9 1/2 horas da manhã, mais ou menos chegaram as trincheiras do Parque, após marcha ousada e arriscadissima, o 2.º batalhão de engenharia e o 29.º batalhão de infantaria e contingentes do 3.º batalhão da guarda nacional de Pelotas e do 28.º batalhão de infantaria.

A 1 hora e 20 minutos da tarde começou a mover-se em direcção á cidade o exercito de terra, calculado sem exagero em 2.000 homens.

A certa distancia desenvolveu extensa linha apoiada em grosso reforço.

O inimigo avançava com animação e enthusiasmo; pouco tempo depois, rompeu o fogo de nossa artilharia, que foi seguido pela fuzilaria.

Tal foi a efficacia e impetuosidade dos fogos que os bandidos não tiveram outros recursos senão moderar a marcha e tornar visivel o seu esmorecimento.

Todavia sustentou fogo até o escurecer, quando retirou-se.

Seria tarefa difficil pintar-vos o valor, denodo, dedicação e enthusiasmo com que portou-se toda a guarnição das trincheiras, officiaes e praças, durante todo o combate.

Permittir-me-heis, todavia, que aqui especialise o seu intrepido e pundonoroso commandante José Carlos Pinto

(*) Começou então a ser distribuido pela população o seguinte boletim :

« Na qualidade de chefe militar desta praça, cabe-me o supremo dever de prevenir a hospitaleira população desta cidade que não obstante o selvagem, barbaro e criminoso procedimento dos piratas que se acham embarcados no *Republica* e frigorificos e que hoje malvadamente começaram a bombardear esta cidade, conservando-se ainda em posição hostil e ameaçando atacal-a por terra; que pôde a mesma população estar tranquilla e confiada, porque todas as medidas estão tomadas para a defeza da cidade e manutenção da ordem publica.

Póde o povo do Rio Grande ficar tranquillo, porque a guarnição que aqui se acha saberá morrer cumprindo o seu dever.—Viva a Republica! Viva o marechal Floriano! Viva o Rio Grande do Sul!—Rio Grande, 7 de Abril de 1894.—Antonio Joaquim Bacellar, general de divisão. »

Junior, pelo acerto de suas ordens, calma e bravura com que attendia a toda linha, e bons e relevantes serviços que prestou não só nesse dia mas durante todo o tempo que se conservou ainda n'aquelle commando.

Elle confirma mais uma vez o elevado conceito em que é tido.

De volta do Parque, á noute, recebi uma pretenciosa intimação do ex-contra-almirante Custodio de Mello, para evacuar a cidade, intimação a que não dei a menor respôsta; apenas tornei-a publica, porque ella interessava ás familias, enfermos e estrangeiros. (*)

No dia 8 continuaram á vista das nossas as forças inimigas que haviam desembarcado; houve tiroteio durante todo o dia, troando de parte a parte a artilharia e portando-se nossos officiaes e praças com a costumada galhardia e enthusiasmo.

Os navios piratas que eram o *Republica*, *Uranus*, *Meteorô*, *Iris* e *Esperança*, continuavam em S. José do Norte, tendo seguido o *Esperança*, cedo, em direcção á Pelotas, voltando no mesmo dia, aprisionando o rebocador *Lima Duarte*, que voltava dos pharões da Lagôa.

(*) « Unicamente em attenção a população desta cidade a quem ella se refere na sua ultima parte, faço transcrever em seguida a insolita intimação que dirigiu-me o contra-almirante Custodio José de Mello, intimação que veio de S. José do Norte pelo navio allemão *S. Pedro* e só chegou ao meu conhecimento á noute, quando voltei do Parque. Aquellas pessoas, pois, que não confiando na promessa que fiz no bofetim hontem publicado, quizerem retirar-se desta cidade podem fazel-o, devendo antes vir a este quartel general munir-se do necessario salvo conducto.

Eis a intimação :

« Commando-chefe das forças libertadoras, bordo do cruzador *Republica*.—Rio Grande do Sul, 7 de Abril de 1894.—Ao Sr. General de divisão Antonio Joaquim Bacellar, commandante do 6º districto militar. Ha mais de um anno que o facho da guerra civil foi ateado no glorioso Estado do Rio Grande do Sul para satisfação de ambições pessoas impudentemente patrocinadas pelo dictador de nossa patria.

Ha sete mezes justos que a esquadra nacional, compartilhando desse grande povo, alirou-se a luta para auxilial-o na defeza de seus direitos e de suas liberdades, que outros não podem ser sinão os do povo brasileiro. A necessidade de operar em outros Estados do sul

Nesse mesmo dia ficamos com todas as communicações cortadas.

No dia 9 muito cedo, tendo findado o prazo para a entrega da praça, louca esperança de Custodio, começou o bombardeio que durou sem interrupção quatro horas, atirando o *Republica* e um frigorifico, collocados na ponta da Macega, contra as trincheiras do Parque, principalmente mandando tambem algumas balas para a cidade.

As trincheiras ao mesmo tempo que recebiam pela retaguarda e flanco os fogos dos piratas embarcados, pela frente recebiam dos que se achavam em terra.

Nada disto intimidou a destemida guarnição, que resistiu com heroismo.

Continuaram os navios o bombardeio, porém, espaçado até ás 3 horas, quando se retiraram para S. José do Norte, donde ainda á noute atiraram contra a cidade.

No dia 10, ao meio dia mais ou menos, notou-se grande movimento no acampamento inimigo: pouco depois verificou-se que elle operava rapida e atropellada retirada, deixando um canhão Krupp 8, algumas munições e varios objectos.

da Republica, como os do Paraná e Santa Catharina, hoje em dia em nosso poder, impediu-nos de prestar até agora o apoio franco e decisivo que de nós carecia a luta do Rio Grande. Esse momento é, porém, chegado. Não ha retroceder; aqui estamos e aqui nos conservamos enquanto fôr preciso. Em consequencia, e para poupar a vida a milhares de nossos concidadãos, convido-vos a que no prazo de 24 horas a contar do recebimento desta, abandoneis a cidade içando no ponto mais elevado da cidade uma bandeira branca em signal de adhesão ao movimento revolucionario.

Se por desgraça, porém, julgardes que não deveis aquiescer ao meu convite obrigando-me assim a derramar o sangue de nossos irmãos pelo ataque simultaneo a que submettere a cidade por terra e por mar então praticai um acto de humanidade, mandando retirar d'ahi, antes de findo aquelle prazo, as familias e as pessoas inermes e doentes.—Saude e fraternidade.—*Custodio José de Mello*, contra-almirante. »

« E' ocioso declarar que absolutamente não cederei a pretenciosa intimação. Rio Grande, 8 de abril de 1894.—*Antonio Joaquim Bacellar*, general de divisão. »

Soube-se mais tarde que tal retirada era a consequencia da tremenda derrota soffrida pela força que Salgado havia destacado na Quinta, para impedir a marcha do bravo coronel Telles com sua gloriosa divisão para esta cidade.

Nesse mesmo dia, com excepção do *Esperança*, todos os navios foram collocar-se na barra, donde no dia seguinte, já estando com elles o *Esperança* e depois de terem dispensado o *Lima Duarte* e cruelmente abandonado no mar a lancha *13 de Maio*, fizeram-se ao largo, tomando o rumo de sudoeste.

No dia 11 fez sua entrada nesta cidade a bizarra guarnição de Bagé, trazendo á sua frente o bravo coronel Telles.

No dia 12 ficou restabelecido o telegrapho e então soubemos que os piratas que d'aqui foram enxotados, onde fizeram o mais ridiculo e covarde papel, onde receberam o tiro de misericórdia, estavam desembarcando suas forças em Castilhos, fazendo humilhante entrega do armamento e pedindo misericórdia.

Estava morta a negregada revolução.

Eis, illustre Sr. ministro da guerra, a synthese dos graves acontecimentos que aqui se desenrolaram de 6 a 11 do corrente. »

O seguinte telegramma do coronel Carlos Telles ao ministro da guerra datado de 13, serve de complemento a esta parte official :

« Acaba de regressar da barra uma escolta de 4 officiaes e 100 praças do 31.º batalhão, que ali foi informada por moradores do lugar que inimigo no combate de ante-hontem na Quinta, perdeu 2 coroneis que devem ser Franklin e Portinho, o tenente-coronel ex-sargento Padão, 2 majores que parecem ser Ignacio Pereira e Vasco, o capitão ex-alferes Pedro Becker, além de outros officiaes e duzentas e tantas praças, que depois do combate viram embarcar oitenta e tantos feridos; que o inimigo chegou á barra depois do combate em extraordinaria confusão e tomado de tal pavor que calculou minha columna em 300 homens; que Salgado, que ia observar combate levando reforço, ao chegar

ao lugar, onde está a machina descarrillada, encontrando derrotados, que vinham em debandada do combate, retrocedeu em verdadeira disparada, tendo feito tambem meia volta o reforço, que debandou, que ao reembarcarem na barra houve discussão entre os chefes, declarando Salgado que bem andava opinando contra o desembarque por não se julgar com gente sufficiente para combater, mas que Custodio de Mello fôra quem insistira que se effectuasse o tal desembarque; calculando os mesmos moradores, á vista da séria divergencia que reinava entre os chefes, que iam se debandar, mas que elles declararam seguir para Santa Catharina.

Até hoje ainda se agarram extraviados do combate pelos mattos, banhados e praia fronteira á ilha dos Marinheiros. Do que occorreu durante minha marcha participei ao general commandante do districto, que naturalmente vos communicou immediatamente. »

Comquanto estes documentos não mencionem o *Aquidaban* na luta, sabe-se que este vaso de guerra fez parte desta expedição permanecendo fóra da barra, em razão do seu grande calado.

Ainda desta vez perderam as forças revolucionarias uma facil e vantajosa victoria em razão do reprovado systema de intimações e manifestos do vaidoso almirante Mello.

Muitas vezes superiores em numero as tropas invasoras perderam um tempo precioso com a attitude de seu chefe em proveito da insignificante columna inimiga que poude pôr em pratica poderosos meios de resistencia e aguardar a chegada de numeroso reforço, com o qual repellio com vantagem o general Bacellar as tropas assaltantes de Salgado.

Quando mais renhida se mostrava a pejeja entrou á barra do Rio Grande o cruzador inglez *Sirius* e pouco

depois soube-se que a esquadra legal largara de Santa Catharina em direcção ao sul.

Manifesta e precipitada operou-se a retirada dos rebeldes que, recebendo a bordo de seus navios as forças derrotadas de terra, seguiram em demanda do primeiro porto estrangeiro, Castilhos, onde desembarcaram em grande numero.

O combate do Rio Grande foi o ultimo esforço serio tentado pelos revoltosos no sentido de se rehabilitarem da serie de revezes que continuamente experimentavam.

Retirando-se Mello com todos os navios para Montevideo, afim de pedir asylo ao governo daquella nação, apenas o commandante do *Aquidaban*, Alexandrino de Alencar, seguido dos poucos companheiros que quizeram acompanhal-o, voltou a Santa Catharina, não para alentar a pejeja agonizante, mas sim para tentar um lance extremo proprio de espiritos que tudo ousam em desespero de causa.

Foi este o ultimo abencerrage da atilínica tribu que de suas machinas infernaes devastou os centros populares que orlavam as costas meridionaes da grande Republica Brasileira.

Depois da derrota e retirada da esquadra o general Bacellar fez distribuir pelo povo o seguinte boletim :

« Tendo este commando garantido em boletim de 7 do corrente que podia ficar tranquillo, porque a guarnição do Rio Grande saberia morrer cumprindo o dever de defender a cidade, tenho a maior satisfação em annunciar que a confiança depositada na mesma guarnição foi por ella perfectamente correspondida.

Volta a cidade ao seu estado normal, com a vergonhosa derrota e fuga dos barbaros ao serviço dos restauradores monarchistas, e é chegado o momento de ver-se a actividade industrial e commercial do Rio Grande manifestar-se. Peço pois ao commercio, ás officinas e á imprensa que voltem aos labores quotidianos, continuando a confiar na força armada, ora constituida não só pela antiga guarnição da cidade como tambem pela de Bagé ao mando do intrepido coronel Carlos Telles, e cuja approximação accelerou a fuga dos miseraveis e covardes.

Viva a Republica!

Viva o Rio Grande do Sul!

Viva o marechal Floriano!

Commando do 6° districto militar na cidade do Rio Grande, 12 de abril de 1894. — *Antonio Joaquim Bacellar*, general de divisão. »

E' de todo interesse a leitura das seguintes linhas, traducção de uma parte do manifesto do ex-almirante Custodio de Mello, o qual foi dado em ordem do dia aos seus companheiros relatando o desastre do Rio Grande e publicado na *La Nacion*, de Buenos Ayres :

« Sabendo que as forças de desembarque não haviam tentado um ataque decisivo contra as trincheiras, apressei-me, fazendo appello á valentia e ao patriotismo dos generaes que as commandavam, excitando-os que, sem perda de tempo, se puzessem em marcha para a cidade, sob pena de ficarem em maiores difficuldades, em vista da provavel chegada de novos contingentes de Pelotas e Bagé.

Em outra nota dei a conhecer a minha intenção de bombardear os pontos fortificados, ainda que de grande distancia, e se fosse preciso a cidade, no caso de não conseguir uma solução favoravel á intimação que acabava de dirigir ao commandante da praça.

A resposta do general Salgado, datada de 7. foi que não sabia se poderia satisfazer os desejos que eu manifestava em minha nota, de que a cidade fosse tomada no prazo de

24 horas; porém que empregaria todos os seus esforços para tomal-a no menor prazo possível, pois saberia manter-se no posto que o indicavam o patriotismo e a dignidade militar.

A nota mencionada vinha acompanhada de outra com data de 8, na qual esse general dizia-me que, reunidos em conselho os officiaes superiores dos diversos corpos para resolver sobre a situação, tinham considerado de seu dever declarar francamente que, por ser fortificada a cidade e perfeitamente provida de artilharia, infantaria e de alguma cavallaria, além de estar defendida por fortes trincheiras, o projectado assalto não seria coroado de bom exito, sobretudo se chegasse a faltar o concurso espontaneo do corpo de exercito ás ordens do general Laurentino Pinto.

Este general, por sua parte, declarava textualmente, em uma nota da mesma data, que a tentativa de um assalto tinha de ser forçosamente fatal; porém que, apesar de tudo, iria até ao sacrificio, se fosse necessario e se recebesse ordem de atacar.

Em semelhantes condições só me ficavam dous caminhos a seguir; ou levar a cabo o projectado bombardeio, ou seguir mar em fóra abandonando uma praça defendida por 600 homens no maximo, entrincheirados por trás de montões de areia, contra os quaes estavam assestados quatro canhões, e quando tambem o exercito sitiador, composto de mais de 2.000 homens das tres armas, não tinha tentado mais do que simples reconhecimento das fortificações, apesar das ordens terminantes recebidas de atacar sem perda de tempo.

Decidi-me pelo primeiro, e assim foi que, sabendo que o commandante da praça repellia formalmente a intimação de rendição que lhe tinha feito ao amanhecer do dia 9, fui collocar-me com o *Republica* e o *Meteóro* em frente da Ponta da Mangueira, de onde rompi continuado fogo, com grandes intervallos, contra as trincheiras, capitania do porto, quartéis e estabelecimentos militares que defendiam a cidade.

O ataque tinha começado, quando recebi do general Salgado a seguinte nota datada de 8:

«Accuso recebida a sua nota, na qual me communica V. ter intimado ao inimigo a rendição da praça do Rio Grande

no prazo de 24 horas, sob pena de ser bombardeada por todas as partes. Por minha vez participo-lhe que apenas começado o bombardeio atacarei a praça por terra. »

Essa noticia me alegrou tanto mais quanto depois de tres disparos contra o unico canhão inimigo visto de bordo, este caira completamente desmontado, e isto de distancia de 5.000 metros.

Uma vez conseguido tão brilhante resultado, escrevi ao general Salgado, ordenando-lhe que sem perda de tempo fizesse um reconhecimento ao ponto batido, com o fim de começar por ahí o assalto da praça.

Varias vezes suspendi o bombardeio, temendo que as balas dos navios fossem ferir nossos soldados, e outras tantas vezes tive de recommençar o fogo, por não descobrir indicio algum que me revelasse que as tropas amigas avançassem como deviam.

Assim passou-se todo o dia, até que pela tarde, vendo que os esforços da esquadra não eram correspondidos pelas forças de desembarque, mandei cessar o fogo e volver ao fundeadouro em frente a villa de S. José do Norte.

Pela manhã do dia 10 fiz levantar ancora ao *Republica* e por-se em marcha aguas abaixo, indo collocar-se em frente ao pharol da barra, mas perto da margem opposta, para informar-me melhor do occorrido e tomar as medidas segundo as circumstancias; soube pelos generaes Salgado e Laurentino que a nossa vanguarda estava lutando contra umas forças inimigas, calculadas em mais de 600 homens bem armados e montados.

De outros pontos, e especialmente pelos valentes coroneis Jonathas Pereira e Portinho, que voltavam feridos do campo da batalha, soube que essa valente vanguarda resistia todavia, porém que suas munições estavam se esgotando e que entre outros officiaes não menos valentes, o coronel Franklin Cunha e o aspirante Nicolau tinham chegado até a bater-se corpo a corpo contra seus inimigos, que haviamos perdido quasi todo o 25º batalhão de infantaria e cerca de 10 homens da armada.

Então apressei-me em dirigir ao general Salgado a seguinte carta:

« Creio que, não deve vacillar em atacar o inimigo hoje mesmo, antes que receba novos contingentes.

Aqui se acham os barcos para recolher os restos do nosso exercito, se por acaso fôr derrotado. »

Nada podendo conseguir, e tendo a segurança de que no momento de começar a luta nossa vanguarda estaria a mais de duas leguas do grosso do exercito, e que por outro lado este se retirava para ir collocar-se a uma milha de distancia sem que se tivesse preocupado de fazer chegar munições aos que se batiam mais além, escrevi novamente ao general Salgado, ás 7 horas da noute, e nos seguintes termos:

« Não temos tempo a perder; ou atacaes o inimigo amanhã pela madrugada ou retiro-me deixando o vosso exercito em terra.

Uma demora de 24 horas nos póde ser fatal, e então nem sequer os restos do vosso exercito em caso de derrota poderiam salvar-se.

Intelligente e militar prudente como sois, comprehendeis bem a gravidade da nossa situação. »

A's 9 horas da noute recebia em meu camarote do *Republica* os generaes Salgado e Laurentino, que vinham declarar-me que não podiam cumprir a ordem que lhes havia dado de atacar o inimigo, porque seu proprio exercito estava sitiado.

Então tornei a repetir o que lhes havia dito antes, que a divisa que elles e seus soldados haviam tomado era « vencer ou morrer, » que jámais se offerceria oportunidade tão favoravel para tornar effectiva o que rezava essa divisa.

Por ultimo lhes disse claramente que a responsabilidade de uma retirada não justificada, e antes de intentar um assalto, no qual tivessesmos perdido 200 ou 300 homens ou mais, cairia inteiramente sobre elles.

Não podendo fazel-os mudar de resolução, fiz pela manhã do dia seguinte o reembarque das tropas.

Isto era necessario, porque meu coração de brasileiro e de revolucionario exigia o cumprimento dos deveres de humanidade, que nunca regatearia aos meus proprios adversarios.

Foi assim que sahimos do Rio Grande do Sul, sem nada haver conseguido, depois de tantos esforços e sacrificios por parte da marinha revolucionaria e de alguns officiaes do exercito libertador, que se bateram com verdadeiro denodo.

Todavia, tenho o coração enlutado, ao lembrar-me que um exercito de 2.000 homens das tres armas, dispondo de artilharia e de metralhadoras, não se julgasse capaz de intentar um assalto a umas trincheiras inimigas, que consistiam apenas de montões de areia e que pelo contrario fugiriam ao primeiro embate com as forças inimigas.

Tinha resolvido seguir para S. Francisco, e não havia levado a effeito essa resolução por não ter sido a convenção manifestada pelos commandantes dos navios e officiaes nelles embarcados de que nossos esforços seriam inuteis se continuassemos a luta, e que nos faltavam os meios para prover as necessidades da esquadra, agora mais do que nunca desprovida de recursos.

Foi então que de accôrdo com todos os officiaes resolvemos refugiar-nos á sombra do pavilhão argentino com os navios e suas tripolações, assim como os officiaes de terra que nos quizeram acompanhar, deixando sem embargo, em Castilhos, em territorio oriental, o exercito de desembarque em vista do grave inconveniente de encontro possivel com a esquadra inimiga, que sem maior proveito o sacrificaria inteiramente. Esta resolução foi communicada ao general Salgado antes de deixar o porto do Rio Grande.

O que succedeu está no dominio do publico; não se torna necessario repetil-o aqui.»

.....

Foi com a seguinte nota que o desafortunado chefe do mallogrado movimento de 6 de setembro, tendo ancorado a 17 de abril no porto de Buenos-Ayres, collocou-se com os seus commandados sob a protecção da bandeira argentina :

« A bordo do cruzador *Republica*, no porto de Buenos-Ayres, 16 de abril de 1894—Ao Exm. Sr. Dr. Luiz Saenz Peña, presidente da Republica Argentina.—Não podendo

continuar por falta absoluta de recursos com a luta em que ha cerca de oito mezes se acha empenhada a armada brasileira, com as leaes e patrioticas intenções de defender a constituição politica do paiz, pacificando-o e annullando o poder do militarismo que tanto o tem anarchisado, venho a este porto com a esquadra ao meu commando, composta do cruzador *Republica* e os paquetes armados em guerra *Iris*, *Meteóro*, *Uranus*, *Esperança*, afim de nos collocar á sombra da bandeira da generosa nação argentina.

Estamos embarcados aqui com todo o pessoal dos ditos navios, composto de officiaes da marinha e exercito e regular numero de patriotas e soldados da armada.

Desde este momento entrego os ditos navios ao governo argentino, para que possa dar-lhes o destino que achar conveniente.

Aproveito a oportunidade para offerecer ao Exm. presidente os protestos da minha mais alta consideração e estima.—*Custodio José de Mello*, contra-almirante. »

Depois da derrota do Rio Grande, cerca de 1.000 revoltosos foram implorar a protecção do governo da Republica do Uruguay e os refugiados de Castilhos em numero de 1.200, chegaram a 18 de abril no Lazareto da ilha das Flores, onde lhês foi imposta quarentena.

Com a tripolação dos navios da esquadra revoltosa, orçava por cerca de 4.000 o numero de revoltosos brasileiros fugitivos que em meados de abril se achavam entre Montevidéo e Buenos-Ayres.

A desastrosa expedição do Rio Grande foi a ultima tentativa séria emprehendida pelas forças revolucionarias contra o governo da legalidade ; entretanto, impõe-se como causa determinante desse insuccesso a discordia militante entre os principaes chefes Mello e Salgado, que, senhores de elementos muito superiores

ás forças que guarneciam o littoral, podiam facilmente derrotal-as.

Não obstante, nesta ultima hypothese, de curta duração deveria ser a sua permanencia no continente, onde poderosas e aguerridas legiões dos defensores da Republica marchavam intemeratos e de varios pontos contra as tropas rebeldes e onde o panico e o desanimo já haviam penetrado em suas fileiras, influindo na desfreada derrocada, mesmo daquelles contingentes que contavam como chefes os mais prestimosos e ousados generaes.

O proprio Gumercindo Saraiva, julgando com acerto da difficil posição em que lhe collocaram os seus compa-
nheiros de infortunio, visto como no mar tinham desaparecido todos os elementos de resistencia e em terra dentro em breve deveria ser cercado por aguerridas columnas, resolveu emprehender uma ousada retirada através centenas de leguas em demanda das suas predilectas cochilas do Rio Grande do Sul.

Em sua perseguição moveu-se a divisão do norte do commando do general Rodrigues Lima, que depois da victoria de Passo Fundo em marchas forçadas apoderava-se de todos os destroços deixados pelos bandos inimigos, que em carreira vertiginosa buscavam as mattas da Soledade para ganhar a provincia de Corrientes.

A 10 de agosto travou-se um combate em Carovy entre a vanguarda da divisão Pinheiro Machado e as forças de Gumercindo, a quem juntaram-se os caudilhos Prestes Guimarães e Dinarte Dornellas, que vinham corridos pela vanguarda do general Lima

sob o commando do coronel Firmino de Paula. Na pejeja foi ferido o ousado chefe federalista e derrotado o *exercito libertador* que procurou acelerar a retirada, buscando em espavorida fuga a salvação de suas vidas.

Conduzido o astuto guerrilheiro moribundo em uma carreta foi o seu cadaver encontrado por este coronel no cemiterio de Santo Antonio entre Itacorovy e Camaquam.

Testemunha ocular narra que o delirio, a allucinação e a exaltação de espirito dos vencedores foram impotentes para soffrear os seus mais irreflectidos desatinos diante do corpo exhumado de tão legendario heroe.

Confrange-nos o coração e mal podemos conter as lagrimas que orvalham esta ligeira narrativa, rememorando aquellas pungentes scenas condignas de um féro animalismo.

Corramos um lutuoso véo sobre este mesto quadro.

Notavel coincidencia !

No mesmo dia em que o submisso almirante, pautando a sua conducta pelo procedimento de seu collega de infortunio na bahia do Rio de Janeiro, assignava a humilhante nota dirigida ao governo argentino, no proposito de mendigar-lhe um vergonhoso asylo, nesse mesmo dia, o tradicional motor de seus ousados feitos, o unico vaso de guerra revoltoso que ainda permanecia em aguas brazileiras, o sombrio *Aquidaban* era posto a pique pelo caça-torpedeira *Gustavo Sampaio*, na barra do norte, porto do Desterro. Eis a ordem do dia do

commandante em chefe da esquadra relativa a este notável acontecimento :

Commando em chefe da esquadra Brasileira em operações de guerra, nas costas do Brazil ao Prata e seus afluentes. Bordo do cruzador *Andrada* em 17 de abril de 1894.

Para conhecimento e devida execução da esquadra sob meu commando, faço publico a presente ordem do dia.

Camaradas !

Durante a presente commissão já tive oportunidade de publicamente manifestar a satisfação que tenho de dirigir uma expedição composta de bravos e briosos patriotas que, alliando ao exacto cumprimento do dever o mais elevado civismo, marcham denodados á conquista dos mais sagrados direitos — a liberdade da Patria e a defesa da Republica. Que obstaculos se podem oppôr? que barreiras se podem levantar? para deter a marcha de uma pleiade de bravos que possuem a tenacidade no dever, o valor na acção e o enthusiasmo na hora suprema da luta ! Adeptos da mesma idéa e vinculados para a defesa da causa commum avançamos, como um só homem, altivos e resolutos para bater os inimigos da Patria ! os inimigos da Republica. Ao entrarmos no porto, onde se achavam fortificados, provocamol-os a um combate. Elles, porém, abrigados á terra, não tiveram a coragem precisa para avançar e como campeão leal, aceitar a peleja na grande arena da luta — o Oceano. Dispondo de poderosa artilharia, protegidos por uma muralha de aço e cercados por defesas submarinas— tudo podiam tentar—mas faltava-lhes a convicção da idéa, o prestigio da causa, a força moral, e finalmente a coragem, predi-cados esses que transformam os fracos em fortes, os pequenos em grandes e que só possuem aquelles que esposam as grandes causas e que se batem pela conquista das liberdades patrias. E, assim é, que na memoravel data de 16 de abril, após o bombardeio dos navios da esquadra ás fortalezas rebeldes e do vigoroso ataque feito pelas torpedeiras ao encouraçado rebelde *Aquidaban*, desbaratamos completamente em algumas horas os inimigos da Patria, os inimigos da Republica. Cabe-me, pois, o dever, e com a maior satisfação o faço, de

mandar louvar nominalmente a todos os chefes, commandantes, officiaes e praças da armada, do exercito e dos corpos patriotas pelo valor de que deram exuberantes provas durante a acção. Cumpre-me, todavia, salientar o chefe, commandantes, officiaes e guarnição das torpedeiras *Gustavo Sampaio*, *Pedro Affonso* e *Silvado*, que, sob verdadeiras abobadas de fogo e correndo risco imminente de suas proprias vidas, portaram-se com todo valor e galhardia e muito contribuíram para decidir da sorte do ataque, principalmente o primeiro tenente Altino Flavio de Miranda Corrêa, commandante da torpedeira *Gustavo Sampaio*, cujo torpedo lançado com exito sobre a parte de vante do encouraçado rebelde *Aquidaban*, determinou a perda do mesmo, obrigando a respectiva guarnição composta de 275 homens a abandonal-o. Faço extensivo este louvor, aos commandantes, officiaes e guarnição dos navios da esquadra, encouraçado *Bahia*, cruzador *Parnahyba* e torpedeiras *Tamborim* e *Sabino Vieira*, que commquanto não tomassem parte directa no combate de 16 de abril corrente, todavia pela dedicação, zelo e valor de que deram sempre prova, quando chamados a prestarem serviços, muito contribuíram para a harmonia do conjuncto e para o feliz successo de tão grandioso emprehendimento.

Faço tambem menção especial do valioso concurso que me têm prestado os officiaes de meu estado maior e que commigo compartilham dos arduos trabalhos da presente commissão, desde seu inicio no Rio de Janeiro.

Camaradas!

Attingimos o inimigo na parte vital. O encouraçado *Aquidaban* por elles cognominado *leão de aço*, jaz por terra em nosso poder.

O ultimo baluarte dos rebeldes desmoronou-se com fracasso e arrasta comsigo na queda todos os productos hybridos gerados por esse monstro social de duplo nome, denominado *esquadra e exercito libertador*.

Remido da culpa pelo baptismo do fogo e para que passe á posteridade tão gloriosa data, determino que o encouraçado *Aquidaban* se denomine d'ora em diante *16 de abril* data esta que tambem commemora a passagem do exercito brasileiro pelo Passo da Patria.

Dentro em breve gosaremos da tranquillidade do lar e do bem estar que proporcionam a paz e a tranquillidade da Patria, elementos esses indispensaveis a seu progresso e desenvolvimento.

A maior recompensa que podemos almejar, está na gratidão de nossos concidadãos e tambem na satisfação propria da nossa consciencia de bem termos cumprido o nosso dever como patriotas, não só restabelecendo a paz na Patria, como tambem robustecendo a união e a amizade que deve existir entre duas classes que tendo o mesmo fim nobre e elevado, qual o de defender a honra e a integridade da Patria, só devem operar e pensar de commum accôrdo para realização do mesmo objectivo.

E' pois, com o maior jubilo e possuido de entusiasmo que saudando a Patria por tão glorioso feito levanto um viva á legalidade e a Republica.

Jeronymo Francisco Gonçalves, commandante em chefe.

São egualmente dignas de leitura as seguintes partes officiaes dos commandantes das alludidas torpedeiras.

Bordo da *Gustavo Sampaio* na bahia de Tijucas, 16 de abril de 1894—Ao Sr. contra-almirante commandante da esquadra em operações—A' vossa apreciação apresento as partes a mim dirigidas pelos commandantes das torpedeiras sob o meu commando; nellas vereis que demos execução ás ordens recebidas do commando-chefe da esquadra de atacar o couraçado *Aquidaban* a todo o risco, na madrugada de hoje. Em cada uma das partes podeis avaliar o que cada um fez. Pela *Gustavo Sampaio*, navio capitanea, foi elle chocado por um torpedo de bombordo, por baixo da torre de vante, não podendo eu dizer-vos o resultado deste torpedo, julgo, porém, quasi certo que não poderá o *Aquidaban* sair do logar em que se acha, pois sondavamos em sete metros.

Na parte do commandante da *Gustavo Sampaio* vereis os prejuizos que teve; a torpedeira *Silvado* e a *Pedro Affonso* nada soffreram.

Ao concluir a nossa missão forçaram as torpedeiras as passagens dos fortes, fundeando ao signal do almirante.

Saude e fraternidade. — *Gaspar da Silva Rodrigues*, commandante da 2ª divisão.

Bordo do caça-torpedeira *Gustavo Sampaio*, capitanea da divisão de torpedeiras — Enseada de Tijucas, Santa Catharina 16 de abril de 1894.

Ao Sr. capitão de mar e guerra, commandante da divisão de torpedeiras da esquadra — Passo a dar-vos a parte official do combate travado pelo navio do meu commando com o couraçado rebelde *Aquidaban*, fundeado na barra do norte de Santa Catharina, entre os fortes de Santa Cruz e dos Rato-nes, na madrugada de hoje.

A's duas horas e vinte e cinco minutos da manhã reconheci o signal do navio almirante para dar começo ao ataque investi resolutamente a meio do canal a toda força de vapor, sendo em seguida obrigado a diminuir de marcha para não perder de vista as outras torpedeiras que navegavam pela popa, e assim a meia força cortei pelo centro da linha de torpedos, que consta existir entre os fortes de Santa Cruz e Ponta Grossa, continuando a navegar em direcção aos Rato-nes, sem se ter dado a menor explosão. Chegando bastante proximo áquellas ilhas, mandei andar de vagar, em procura do inimigo, que encoberto pela escuridão da noite, até então não dera signal de vida, o que me fez receiar ter elle conseguido escapar-se barra fóra antes de iniciado o bombardeio da esquadra legal. Felizmente, porém, guinando a BE., approximei-me bastante do sacco de S. Miguel a ponto de receiar o pratico não haver bastante agua (pelo que tive de navegar de prumo na mão), fazendo a volta por BE., ainda contra as observações do pratico, conseguindo afinal, depois de momentos de maior anciedade, descobrir já á pequena distancia da prôa o couraçado rebelde que immediatamente rompeu sobre mim vivissimo fogo de metralhadora 25 m/m e dos canhões Armstrongs de 15 c/m dos seus reductos fogo esse que prohibi que fosse de bordo respondido emquanto não terminasse o ataque de torpedos. Reconhecendo

que me achava enfiado pela prôa voltada ao sul, quasi um pouco a BB., para obter lazeira e manobrando com as machinas, consegui fazer ala e largo por BE., de modo a ataca-lo com o torpedo de prôa, na normal ao meio de seu casco a BB., a uma distancia estimada em uns 200 metros. Quando, porém, feita perfeitamente a visada para as machinas e dou a voz de fogo soube com desgosto que, por confusão, o official desse tubo de torpedos julgára ouvir antes essa voz e como a confirmassem as praças presentes disparára esse torpedo antes que o navio estivesse a proa do inimigo de modo que foi elle inutilmente perdido.

Tentei guinar a BE para ataca-lo com o torpedo de BB, mas receei perdê-lo por estar conteirado para um angulo de 30° da normal para a proa e mudando de idéa, carreguei de novo o leme a BB., até montar a popa do inimigo, guinando então a BE., e manobrando com as machinas de modo a prolongar o meu costado de BE., com o seu BB., a tiro de pistola como pessoalmente o presenciastes, e parando ambas as machinas, dei voz de fogo, logo que a linha de mira attingiu o seu centro, tendo havido, porém, uma certa demora na execução da voz, o que produziu naturalmente um certo desvio.

Depois de alguns segundos de indizível anciedade, vi perfeitamente levantar-se uma columna d'agua e como que a prôa do couraçado suspender-se, ao mesmo tempo que cessava o terrível e bem nutrido fogo que sobre mim fazia desde que descobriu-me.

Julgando minha tarefa concluida, não querendo arriscar-me a perder mais um dos tres torpedos unicos que tenho, e desejando deixar ás outras torpedeiras a gloria de concluir a obra, resolvi fazer a retirada e carregando o leme a BB, forcei a todo o vapor a linha de torpedos e fui reunir-me á esquadra.

Só no momento de retirar foi que dei ordem de fazer fogo com a artilharia, sendo esta ordem recebida com o maior entusiasmo e arrancando cada disparo estrondosos vivas á Republica, ao marechal Floriano, ao almirante Gonçalves, á marinha nacional, ao exercito e á vossa pessoa, do peito de

toda minha briosa e patriótica guarnição, que também não se esquecia de saudar seu commandante.

A minha satisfação é tanto maior Sr. commandante da divisão, quanto ao dar-vos a parte official do combate de hoje não tenho de mencionar o menor desastre ou ferimento a não ser uma ligeira escoriação no dedo minimo do cadete Augusto Curado Fleury, chefe do canhão Hotchkiss, que foi attingido na culatra por duas balas.

Annexa encontrareis a relação das balas que attingiram o navio de meu commando e as avarias sem gravidade por ellas causadas, as quaes serão facilmente reparaveis. Tenho a mencionar, porém, uma avaria na bomba de ar da machina, avaria esta que demanda certo tempo para ser reparada, attendendo ao facto de achar-se inteiramente extenuado o pessoal da machina pelo trabalho sem descanso que tem tido. O pessoal da machina é incansavel e de uma dedicação rara e digna dos maiores elogios.

Cabe-me o prazer de communicar-vos que os officiaes e o pessoal sob as minhas ordens portaram-se com a maior coragem e bravura desafiando as balas dos inimigos da Patria, as quaes não se atreveram a attingil-os, apesar de muito se terem exposto.

Saude e fraternidade.—*Altino Flavio de Miranda Corrêa*,
1º tenente commandante.

Bordo da torpedeira *Pedro Affonso*, na enseada dos Ganchos, 17 de abril de 1894.

Ao illustre cidadão capitão de mar e guerra Gaspar da Silva Rodrigues, commandante de 2ª divisão da esquadra em operações.—Cabe-me o dever de levar ao vosso conhecimento o occorrido com esta torpedeira hontem por occasião do ataque ao couraçado *Aquidaban*, actualmente a serviço dos inimigos da patria, com séde hoje neste Estado.

No intuito de dar plena execução ao plano emanado do commando-chefe, para a realização do referido ataque, suspendi em virtude do signal feito pelo navio-capitanea ás 11 horas da noite, occupando em seguida o lugar que me fôra designado na 2ª divisão, logo que vos puzestes em movimento.

Tendo sido este o quarto, naveguei sempre á popa da torpedeira *Silvado*, que na linha me precedia, até o momento em que começaram as hostilidades das divisões de cruzadores ás fortificações inimigas, afastando-me algumas vezes da minha primitiva posição quando a isso era obrigado por circumstancias imprevistas.

Ao signal convencionado feito pelo commando-chefe, ordenando o avançamento da 2.^a divisão até então parada sobre machinas a meio canal, tomei minha verdadeira posição, nella mantendo-me até a altura onde suppunha-se existir uma linha torpedica inimiga, isto é, entre as fortalezas de Santa Cruz e Ponta Grossa.

Ahi, porém, reconhecendo ser diminuta a marcha da torpedeira que por esta occasião me precedia a *Pedro Ivo*, obrigando-me a distanciar-me dos demais navios da mesma divisão, resolvi tomar a sua frente, o que effectivamente se deu, baseando-me em uma das ultimas ordens do dia, do commando em chefe, que me autorisava a assim proceder quando este factó se verificasse.

Transposta a supposta linha sem o minimo incidente, continuei a navegar sempre á popa da torpedeira que me antecedia, procurando sempre effectuar as manobras desta capitanea em procura do inimigo, que não se achava no logar onde se presumia ser por elle occupado até então.

Depois de varias pesquisas, quando a capitanea dirigia-se para o Sacco dos Caixeiros, eis que o mesmo se denuncia com tres ou quatro disparos de metralhadora, dando-nos assim a conhecer sua verdadeira posição.

No momento em que manobrava para atacal-o, sentindo-se o inimigo sob a ameaça dos nossos torpedos cobriu o navio sob meu commando de uma verdadeira chuva de projectis, que pela elevação de sua mira iam perder-se nas suas circumvizinhanças.

Achando-me nessa occasião a 180 metros presumiveis do seu costado, fiz disparar successivamente os dois torpedos da tolda atirando o primeiro em linha obliqua, dirigido á alheta de BE e o segundo quasi em linha normal ao mesmo costado, não o tendo podido fazer até ao de prôa por se me haver partido a haste da corrediça da machina

de comprimir ar, quando procurava encher os accumuladores para seu disparo, como disto fiz sciente, momentos antes da investida, ao Sr. commandante desta divisão.

Não posso affirmativamente attestar a esse commando a efficacia de alguns desses disparos, mas a dar credito ao que diz quasi toda a guarnição do meu navio, consegui fazer explodir o primeiro, sendo, porém, esta affirmativa para mim impossivel, devido a minha posição de commandante que tinha que attender aos multiplos affazereres inherentes ao meu cargo em tão melindrosa occasião.

Julgando terminada a minha missão no scenario da luta mandei agir as machinas a toda força afim de mais rapido possivel furtar-me ao fogo ininterrupto e cerrado de que era alvo, livrando assim a torpedeira e as vidas a mim confiadas de um desastroso e fatal fim. Vindo descrever-vos pallida mas fielmente a parte tomada pelo navio sob meu commando na acção empenhada hontem contra o altivo vaso da marinha brasileira hoje desgraçadamente coito de individuos traidores a seus deveres de cidadãos e militares, passo a dar-vos uma informação succinta referente ao pessoal de sua briosa guarnição. Bastava a sua presença a bordo deste vaso de guerra, uma das poderosas alavancas escolhidas pelo governo para fazer ruir por terra todos os pedestaes de falso patriotismo de tresloucadas ambições de indisciplina militar tão pungentemente começados ao erguer-se da madrugada de 6 de setembro, para solemneamente attestar de quanto patriotismo, de quanta abnegação e de quanta bravura achavam-se repletos os seus nobres peitos de verdadeiros brasileiros e sinceros crentes das instituições que nos regem.

A sua officialidade composta na sua maior parte de homens já acostumados a render homenagem á deusa do direito e da justiça, em uma occasião em que periclitava a candidez de suas vestes e o manto negro da anarchia a mais feroz surgia lugubre tentando envolver-lhe a fronte cumpriu o seu dever; salientando-se, porém, não pelo excesso de correcção no cumprimento de seus deveres mas sim pela sua qualidade de civis, agora militarizados, os officiaes Eduardo Augusto Montandon, alferes do batalhão

Tiradentes e José André Maia Filho, guarda-marinha em comissão e commissario deste navio, que sem os laços que existem na disciplina e principios militares tem até hoje supportado, resignantes e confiantes as duras privações desta luta ingloria e fraticida.

Attendendo á maneira brilhante e correcta porque portou-se a guarnição deste navio, acho de justiça suprema pedir-vos a promoção das praças que a compõem, de conformidade com a lista já existente na secretaria do commando em chefe e enviada pelo digno antecessor.

Antes de terminar não posso deixar de salientar a praça do corpo de marinheiros nacionaes de 1.^a classe n. 592, da 19.^a companhia, Julião José do Espirito Santo, que pelo sangue frio provado pela obediencia ás ordens récebidas, pela presteza de acção e pelo conhecimento da arma que manejam torna-se merecedora de vossa attenção.

Eis o que me cumpre informar-vos certo de que busquei o quanto pude approximar-me da verdade e cumprir meus arduos deveres de militar e verdadeiro adepto das instituições que nos regem.—*Amyntas José Jorge*, 1.^o tenente commandante interino.

Bordo da torpedeira *Silvado*, bahia de Tijucas em Santa Catharina, 16 de Abril de 1894.—Ao cidadão commandante em chefe da esquadra nacional em operações de guerra.—Por este meio cumpre-me levar ao vosso conhecimento os pormenores do ataque que a divisão de torpedeiras deu na madrugada de hoje contra o couraçado revoltoso *Aquidaban* fundeado na bahia de Santa Catharina.

Tendo mais ou menos ás 2 horas da manhã visto o signal convencionado, que indicava o começo da marcha para forçar a barra, que constava estar defendida por minas, segui avante, collocando-me pela popa da *Pedro Ivo*. Logo depois de estar com o meu navio a toda velocidade, reconheci que a *Pedro Ivo* não podia conservar sua posição e segundo vossas ordens tomei sua frente e acompanhei de perto todos os movimentos da caça torpedeira *Gustavo Sampaio*, navio chefe da divisão.

Sem a menor resistencia forçamos a barra passando sobre a linha de torpedos e começamos, andando devagar, a procurar dentro da bahia onde o ponto em que estava o *Aquidaban*. Parece incrível que andassemos quasi uma hora mudando de rumo e percorrendo a bahia sem encontral-o! Atribui este facto á escuridão da noite, que não podia destacar o vulto do *Aquidaban* no fundo verde-escuro da bahia e a posição escolhida estudadamente por esse navio rebelde para esconder-se aos olhos dos defensores da unidade nacional e preparar-se para não ir ao fundo, devia ser o resultado da immensa somma de males que por meio d'elle nossos desvaierados compatriotas causaram á nossa estremecida patria.

Finalmente, quando já começavamos a descrever de encontral-o, estando a *Gustavo Sampaio* andando muito devagar por minha proa e este navio parado, afim de ganhar maior distancia, para bem manobrar, eis que da sombra, por traz de Anhatomirim, rompe fogo um navio, que reconhecemos ser o *Aquidaban*, secundado pela fortaleza de Santa Cruz na ilha de Anhatomirim, os quaes nos cobriam, de metralha, que felizmente nenhum mal nos causou por causa da elevação de suas pontarias.

Manobrei immediatamente com as machinas e quando tive o dito couraçado pela prôa me vi impedido de disparar o torpedo deste ponto por causa da *Gustavo Sampaio* que guinava para BB. e assim corria risco de ser chocada si eu o disparasse.

Continui no meu intento de perseguir o encouraçado rebelde quando por meu travez de BB. surge a *Pedro Afonso*, a qual, como trazia mais seguimento, porque não estava gyrando pelo effeito das helices no mesmo ponto, me obrigou a mudar de alvitre e tentar fazer o gyro em sentido opposto.

Com esta coincidencia, que muito me contrariou, perdi a opportunidade de disparar meus torpedos e debaixo de um vivissimo fogo do *Aquidaban* e da fortaleza de Santa Cruz, recebi communicação de que um navio rebelde avançava contra meu travez de BB. a toda a força.

Não sendo uma torpedeira capaz de soffrer um choque desta ordem sem perda immediata, tendo visto o navio que

sobre mim se dirigia, sendo além disto descoberto por um holophote que não sei realmente donde partiu e tendo visto sahir á barra a *Gustavo Sampaio* e *Pedro Affonso*, só tive uma solução a tomar para safar-me da precaria situação em que me achava, e essa foi a de recolher-me ao grosso da esquadra sob o vosso glorioso commando forçando de novo a barra sob o fogo das duas fortalezas que a defendem.

Felizmente não foi inutil a presença dos navios sob meu commando, porque sua proximidade dos navios rebeldes servio de alvo de muitissimos tiros que lhe faziam, distrahindo a sua attenção e permittindo que elles fossem mais bem atacados pelos que estavam occasionalmente mais bem collocados.

Nenhum prejuizo material nem pessoal soffreu o navio sob o meu commando. Apenas um projectil de canhão de tiro rapido amoldou a chapa do embono da lochea de B B. desta torpedeira.

Cumpre-me vos declarar que tanto a officialidade, como a guarnição e pessoal de machinas, digno de todo o elogio, portaram-se com calma e denodo, mostrando assim estarem possuidos realmente da justiça e da grandeza da causa que defendemos.

Congratulando-me comvosco vivamente pelo successo obtido nesta gloriosa manhã faço votos para que em breve possamos delirantes entoar hymnos á victoria final de nossa estremecida patria e de sua liberrima organização politica.

Viva a Republica ! Viva o governo legal ! Viva o exercito e armada ! — *Americo Brazilio Silvado*, 1º tenente, commandante.

Não obstante o enorme rombo causado pelo torpedo da *Gustavo Sampaio*, o formidavel *Aquidaban* não submergiu immediatamente em razão dos seus compartimentos estanques, esta circumstancia, alliada ao facto de serem inteiramente desconhecidos de momento os effeitos do ataque das torpedeiras da parte do almirante

Gonçalves, concorreram para que o commandante Alexandrino de Alencar com toda a guarnição passasse para o continente e fosse encorporar-se ás forças de Gumercindo Saraiva que se retiravam para o Rio Grande perseguidas pelo senador Pinheiro Machado.

Si bem que enfadonha pela prolixidade e abundancia de pormenores é de todo o interesse a leitura da narrativa deste combate feito pelo proprio official que commandava aquelle vaso de guerra ; eil-a :

Sertão do Rio Grande do Sul, em 17 de Julho de 1894.

DESCRIÇÃO DO ULTIMO COMBATE DO «AQUIDABAN» EM QUE ELLE FOI INUTILISADO, POR UM TORPEDO QUE O FERIO, NA MADRUGADA DE 16 DE ABRIL DE 1894.

Como commandante desse navio, vou descrever com simplicidade esse feito contado em prosa e verso pelos *heróes*, que receberam do governo, não só o titulo de bravos como tambem recompensas extraordinarias.

Achava-se o *Aquidaban*, na barra do Norte de Santa Catharina, fundeado perto das *Caieiras* esperando solução da expedição feita pela esquadra ao mando do Contra-Almirante Mello no porto do Rio Grande e com instrucções para seguir os navios do Governo, caso esses se dirigissem para alli, afim de bloquear a esquadra revolucionaria. A esse tempo aproveitavamos a occasião, para concertar as caldeiras e as machinas que se achavam em estado deploravel, em consequencia do trabalho consecutivo e forçado que já durava seis mezes. Faziamos grandes esforços para reparar tres canhões das torres, completamente inutilizados, de modo que pudessemos fazel-os funcionar quando fosse necessario. De combinação com o segundo Governo provisorio, enviavamos todos os meios para pôr a *barra do Norte* em estado de defesa, visto que o primeiro governo só cuidou de politica, abandonando completamente a defesa de seu porto. Assoberbados com essas difficuldades, sem meios pecuniarios,

sem operarios, sem material emfim, era preciso lançarmos mão de objectos inuteis para com elles guarnecer a nossa porta, escancarada ao inimigo. Foi assim que conseguimos montar duas peças na fortaleza de Santa Cruz, duas nos Ratonos Grandes, e tínhamos duas pequenas em via de serem montadas na Ponta Grossa. Quanto a torpedos, estava a pequena officina da cidade do Desterro, aproveitando tubos de ferro fundido, vindos da Estrada de Ferro de Ibituba para arranjar-los como torpedos de fundos. Infelizmente, experimentando um delles na fortaleza de Santa Cruz, nenhum resultado podemos obter, não só devido á sua fórma longitudinal, como tambem porque as extremidades não correspondiam á solidez do centro e o effeito tornava-se completamente nullo. Nessa difficil emergencia, sem recursos de qualquer genero, procurámos substituir os verdadeiros torpedos por algumas *boias simples*, esparsas em todo o canal, apparentando aquillo que não existia. Apezar das difficuldades; não perdíamos a coragem e adiantavamos todo o serviço de preparativos, não só no *Aquidaban*, como nos fortes. Infelizmente a approximação do inimigo, fez cessar de algum modo certas providencias urgentes, não só porque os operarios fugiam do trabalho, como tambem porque o partido do Governo agitava-se na cidade e trabalhava livremente.

Eis a razão por que, como mais tarde explicarei, fomos trahidos no *Aquidaban*, dando assim lugar á victoria do inimigo. A não ser esta *politica* dos partidarios do Governo caro e muito caro deveria custar aos *heroicos* vencedores o triumpho tão facilmente ganho e cantado como um feito glorioso da famosa esquadra que se bateu a dez milhas de distancia.

Honra seja feita ao Sr. 1º tenente Altino Corrêa, commandante da torpedeira *Gustavo Sampaio*, a elle, sómente a elle, deve-se ter sido inutilizado o *Aquidaban*. Quanto aos outros que sejam julgados pelos seus proprios companheiros.

Vejamos. Nós, do *Aquidaban*, fomos classificados de covardes, em ordem do dia espaventosa, depois que o nosso navio foi abandonado como inutil, do que foi préviamente avisado o almirante Gonçaves por um commandanté de

navio de guerra allemão. A bordo só havia então um gallo de olho furado. A gente da grande esquadra foi classificada heroica. O que dirá mais tarde a historia de nossa Patria? Qual será hoje o juizo dos nossos concidadãos? Qualquer que elle seja, de minha parté, eu me conformarei, não deixando, entretanto, de contar o factó tal qual se deu.

Não podendo precisar bem o dia, porém creio que a 8 ou 9 de Abril, foi avistado o *Itaipú* entre Rapa e o Arvoredo. Sem meios de perseguil-o, porque não tinhamos com que, visto o *Aquidaban* não lhe poder dar caça, em virtude de sua marcha de seis milhas, emquanto elle podia desenvolver 16 ou 17 milhas, ficamos, entretanto, convencidos de que o inimigo estava a chegar. Certos disso, esperamol-o tranquilllos para cumprir o nosso dever; mas a minha preocupação principal era saber se os navios do Governo dirigiam-se ao Sul em perseguição da esquadra revolucionaria, ou se ficavam bloqueando o porto. Tendo tomado providencias para vigilancia nos morros, porque não tinha torpedeiras, nem navio capaz de fazer uma pequena exploração, fiquei prompto. de accôrdo com as instrucções que tinha, para acompanhar o inimigo na retaguarda, caso elle fizesse derrota para o Sul, ou recebel-o no porto com as honras devidas. Nessa expectativa, passaram os dias, até que a 11 de Abril, recebi a triste noticia de que a expedição do Rio Grande se tinha mallogrado e que a esquadra revolucionaria abandonára o porto... Tendo combinado com o almirante Mello, que elle regressaria a Santa Catharina, caso a expedição se mallograsse, anciosos esperavamos o regresso dos nossos companheiros, na esperança de um combate naval, que tanto almejavamos, para decidir de uma vez a nossa sorte. Providencias foram tomadas de modo que os morros, barra do Sul e outros pontos nos assignalasses a appoximação de nossos companheiros, afim de que a elles nos pudessemos reunir rapidamente, para entrarmos conjuntamente em acção.

Promptos sempre para combate e activando o recebimento de carvão que escasseiava e era difficilimo, passavamos as noites e os dias em cõstante vigilancia e actividade.

Da esquadra inimiga conheciamos os movimentos pelos vigias dos morros e proprios que vinham da enseada das Tijucas onde ella se achava. Contavamos tambem com um grande desembarque, e providencias foram tomadas nesse sentido, de modo que não fosse surpreendido nenhum dos fortes da barra.

Durante a noite a esquadra inimiga fazia evoluções entre o Arvoredo e o Rapa e dava alguns tiros muito de longe, de dez e doze milhas de distancia, porém como os morros queimavam tijelinhas e sobre tudo o do Rapa, que annunciava os seus movimentos, pela madrugada ella se retirava em boa paz, para o fundeadouro.

Assim se passaram os dias entre 11 e 16 de Abril; a nossa anciedade crescia á proporção que as horas corriam, porque não podiamos explicar a demora de nossos companheiros, que, tendo sahido do Rio Grande no dia 11 e havendo bom tempo e vento favoravel para o norte, ainda não haviam chegado. Depois de alguns dias de espera, uma duvida terrivel começava a invadir o espirito dos meus camaradas de bordo e do dia 15 para 16 accentuava-se a convicção de que não podiamos contar com os nossos companheiros...

Ha uma circumstancia importantissima que é necessario referir antes de entrar na descripção do famoso ataque levado a effeito pela *esquadra heroica*, ao mando do muito bravo e inexcedivel tactico, o chefe Jeronymo Gonçalves.

Os morros e as fortalezas, que até á noite de 15 sempre assignalavam o movimento da esquadra inimiga por meio de tijelinhas, na noite de 16 de Abril conservaram-se de olhos fechados, como o meu pobre gallo cego, que teve a heroicidade de esperar impavido na sua capoeira, a bordo, o terrivel inimigo que o veio degolar no seu posto e que morreu, tendo visto as figuras sinistras dos assassinos dos mais heroicos companheiros Carvalhos.

A 1 hora da madrugada do dia 16 de Abril, estando silenciosos os vigias dos morros e das fortalezas, o rebocador ao serviço do *Aquidaban*, em ronda, com um official de bordo, assignalou movimento da esquadra e veio participar-me que tinhã visto entre Arvoredo e Rapa, navios que

se moviam. Achei extraordinário que os vigias do Rapa e do forte Ponta Grossa não déssem signal, entretanto, ordenei ao mesmo official que fosse vigiar o canal entre Santa Cruz e a terra, por onde podia passar, costeando, uma torpedeira, e vir surprender-nos,—manobra essa que eu mesmo já fizera muitas vezes na esquadra commandada pelo almirante Jaceguay, estando ella prevenida do ataque, em horas determinadas, fazendo funcionar muitos holophotes para devassar o horizonte, tendo as guarnições descansadas e vigilantes, e eu apenas duas horas para realizar a surpresa, que nunca falhou.

Voltando á minha descripção: pouco depois de 1 hora da madrugada, estando o navio prompto para combate e com quasi todos os meus officiaes no passadiço, prestavamos attenção ao movimento da esquadra inimiga; em seguida, começámos a *ver* os clarões dos tiros de artilharia, porque ouvir era impossivel, tal a distancia do inimigo—dez milhas pelo menos. Como as fortalezas não respondiam ao fogo, tirámos a conclusão de que ellas não queriam perder munição em tão grande distancia e certos de que estavam vigilantes e promptas, continuámos a observar as evoluções da esquadra, estando no entretanto com a machina prompta para mover o navio e amarração sobre fio, esperando tranquillo o signal das fortalezas, no caso de uma tentativa de ataque. Estando o mais proximo possivel de terra, encoberto pela sombra do mato, adoptei tactica diversa daquella commumente seguida; não tendo outras torpedeiras para constituir a vanguarda e fazer explorações, confiando na vigilancia dos fortes, ordenei que apagassem todas as luzes visiveis pelo exterior de modo que a sombra da terra projectada em grande distancia envolvesse tambem o *Aquidaban*, e confiando eu nestas providencias o tempo foi correndo até ás 4 horas da manhã.

As fortalezas tinham instrucções precisas e bem explicitas, para assignalar a passagem de navios ou torpedeiras. Uma circumstancia importante: esperava eu da cidade, ás 4 horas da madrugada um vaporzinho, o *Itapemirim*, com um reforço de tropas, para guarnecer um ponto de terra em frente á fortaleza de Santa Cruz; o governador tenente

Machado, que me telegraphára, nelle viria conversar comigo.

Já tinham dado 4 horas quando o bravo 1º tenente Alvaro de Carvalho disse-me: « Commandante, vejo um vulto pela prôa » (na direcção da cidade, porque o navio estava filado a vasante) e eu respondi-lhe: « Deve ser o *Itapemirim*, que espero justamente ás 4 horas como tive aviso. Elle respondeu-me: « Não parece ser o *Itapemirim*. Então disse-lhe: « Faça fogo por elevação, que elle responderá immediatamente ao signal »; e rapido o mesmo bravo dirigiu-se a prôa e fez com a sua propria mão uma descarga de metralhadoras; ao som estridente dessa descarga os vigias assignalaram « torpedeiras ». Immediatamente ordenei: Fogo! Pontarias certeiras, e calma — machina adiante e largar amarração. »

Com a rapidez do pensamento as minhas vozes de mando foram executadas — e o *Aquidaban* despediu de suas entranhas uma salva geral, fazendo fugir como relampagos as torpedeiras que tinham ousado apparecer-nos pelos bordos e pela pôpa, approximando-se entretanto com rapidez, a que tinha sido vista pela prôa em direcção BB e que eu suppoz ser o *Itapemirim* esperado a essa hora.

Esta torpedeira cumpriu o seu dever, antes de fugir — lançando um torpedo na prôa do *Aquidaban*, enquanto as outras desapareciam no horizonte, deixando de secundar o seu bravo companheiro, que se fosse auxiliado, teria escripto uma pagina gloriosa para a marinha de guerra brasileira e que serviria de lição ás marinhas das outras nações.

Os outros companheiros procuraram a salvação na fuga... Tudo isso passou-se com rapidez quasi igual a dos relampagos das descargas de metralhadoras; porém o velho colosso, ficára ferido de morte. Pois bem, se o commandante da torpedeira fallar a verdade, como julgo, porque é um bravo, ha de dizer: « Quando lancei o torpedo tive em resposta um enorme grito retumbante: « Viva o *Aquidaban*! viva o nosso commandante! » e naturalmente por isso elle pensou que não nos tinha tocado. Digo-lhe eu agora, o abalo foi grande em virtude do choque: quasi todos cahiram, sobretudo os que estavam á prôa, porém o animo

da minha guarnição não se arrefeceu um segundo e a explosão do torpedo foi respondida com hurrahs e vivas. E foi essa a guarnição chamada de covardes pelo *grande chefe* que estava a dez milhas de distancia!

Apezar da grande vibração soffrida pelo navio que foi logo invadido pela agua, ninguem abandonou o seu posto de combate, nem houve um grito de alarma; serenos todos, calmos, esperavam os acontecimentos, promptos a morrer pela liberdade da Republica e não pela monarchia, porque no *Aquidaban* a imagem da Republica era mais venerada do que nos escriptorios dos calumniadores e no palacio do Governo.

Tendo recebido a parte do meu immediato, o calmo e bravo 1º tenente Pedro Velloso Rebello, de que o rombo tinha sido grande, visto que tódo o compartimento de vante já estava completamente cheio de agua, mandei chamar incontinentemente o valoroso, intelligente e incansavel 1º machinista Ernesto de Moura e por elle soube que a machina nada tinha soffrido. Comfiando no fechamento dos compartimentos estanques, ordenei toda força á machina e segui avante em direcção á barra perseguindo o inimigo que fugia a todo o vapor.

Apezar da lentidão da marcha do chamado *Leão de Aço*, elle avançava sempre, tendo sua grande garra toda mergulhada no oceano e a juba banhando-se tambem com o esforço supremo que fazia para seguir no rastro de seus adversarios. Mal e mal se movia elle sangrando sempre e andando com verdadeiros arrancos, já quasi sem alento; comtudo arrastava-se para vêr ao menos de longe á luz do dia—aquelles que o tinham ferido á sombra da noite e que agora, em corrida vertiginosa escapavam no horizonte.

A esquadra composta de 12 navios, com apparatus de tres divisões dava a pópa ao velho moribundo, que vinha procural-os, não para vencer, porém ao menos para morrer dignamente. Esta pagina da nossa historia, teve infelizmente como testemunha o estrangeiro: A corveta de guerra allemã *Ancona*.

Depois de esperar o inimigo fóra das fortalezas, por um grande espaço de tempo, vendo-os a todo vapor desaparecer

no horizonte e não tendo mais nada que fazer, primeiro porque não tinha a quem combater e segundo por não poder perseguil-os, pois o navio já não podia navegar, visto mergulhar de todo na prôa e levantar de um modo tal sua pôpa que as helices funcionavam fóra da agua, nessa emergencia difficil e dolorosa para mim, só me restava um alvitre: salvar a minha heroica guarnição e o *Aquidaban*, que ainda podia mais tarde dar á minha patria dias de gloria, defendendo-a. Com esse pensamento, regresssei ao porto já com muita difficuldade, procurando um fundeadouro mais abrigado e de pouco fundo, de modo que o *Aquidaban* encontrasse um leito onde mais tarde pudesse estancar a sua ferida, sem perigar a sua salvação.

Na convicção firme de que tinha sido atraído pelo fortaleza de Ponta Grossa e vigias dos morros, que não deram signal da passagem das torpedeiras, quando, no emtanto, todos deviam estar vigilantes, porque o inimigo evolucionava nas proximidades; com o meu navio completamente inutilizado, visto que além do grande rombo feito pelo torpedo, elle tinha quasi toda a sua artilheria imprestavel; sem esperança de concertal-o no Desterro, em virtude das difficuldades já conhecidas e que seriam ainda maiores logo que se soubesse em terra do resultado da luta, conferenciei com o governador, que veio a bordo no tal *Itapemirim*, esperando ás 4 horas da manhã, e que, entretanto, só chegou depois das 8 o que deu lugar á fatalidade do engano havido e permittio á torpedeira do 1º tenente Altino Corrêa, approximar-se mais do *Aquidaban*, sem soffrer um fogo vivo e cerrado que a impossibilitaria de lançar o torpedo. O resultado da conferencia com o governador vem confirmar que só o *Aquidaban* era a garantia do Governo, não só porque este dispunha de muito pouca força, como tambem porque propalada a noticia do desastre do Rio Grande, a *débâcle* seria completa.

Ora, o *Aquidaban* inutilizado, não podendo prestar mão forte ao Governo de Santa Catharina, estava previsto o que havia de acontecer, o abandono desse governo aos florianistas, que fallavam sem rebuço na cidade, que penetravam na officina e incitavam os engenheiros a abandonar o serviço, etc.

Não frequentando a terra, comtudo estas noticias chegavam-me a bordo por diversos canaes.

Vendo clara a situação, sentindo e palpando bem o terreno, só me restava um alvitre: Livrar a minha guarnição de cahir prisioneira de guerra.

A's 11 horas da manhã, depois do almoço, reuni todos os meus officiaes e expuz-lhes a situação, e elles foram unanimes em abandonar a molle de aço, em que tínhamos nos esforçado para conquistar a liberdade da Patria. Resolvido este ponto importante, reuni toda a minha guarnição e disse-lhes o meu modo de pensar, aconselhando-os a que fossem para terra e cada um procurasse meios e modos de se abrigar, até, que as cousas serenassem, para que elles então se pudessem apresentar; disse-lhes mais que a expedição ao Rio Grande tinha fracassado e que nossos companheiros necessariamente tinham ido para o estrangeiro; descrevi-lhes as difficuldades de uma expedição por terra, visto que nos faltavam recursos pecuniarios, armamentos de mão (a bordo só existiam 15 carabinas) meios de locomoção para tão grande pessoal, e que, para vivermos atravessando o sertão, era necessario fazermos guerra, não ao Governo, porém aos habitantes do interior, que não podiam comprehender a nossa missão.

Tendo esclarecido bem a situação, não quíz arrastar esses bravos a maiores trabalhos e soffrimentos. Via claro o futuro, diante da desorganisação das forças revolucionarias; assim em despedida dolorosa e triste, misturando as lagrimas destes heróes com as minhas, nos separamos — embarcando todos elles no vapor *Itapemirim* ás 2 horas da tarde, conjunctamente com o Governador tenente Machado, que me promettêra mandar distribuir a cada um delles, uma certa quantia, de modo que elles pudessem ter alguma cousa para as primeiras despezas.

Quanto aos meus bons camaradas officiaes, tomaram um pequeno rebocador ao serviço do *Aquidaban*, e seguiram todos com suas bagagens, em direcção á corveta de guerra allemã *Ancona*, afim de pedirem refugio e transporte para o primeiro porto estrangeiro, o que lhes foi negado peremptoriamente. Um incidente: Esta corveta allemã, que ora se approximava do porto, ora se afastava para junto da ponta

do Rapa, teve livre pratica no porto do Desterro, atravessava constantemente na sua lancha a vapor as linhas de defesã, de dia e de noite, foi a mesma que levou ao *heróico* chefe Gonçalves a communicação de que o *Aquidaban* e as fortalezas estavam abandonadas. Rigorosa neutralidade! A esquadra americana e a divisão allemã foram de uma neutralidade que mais tarde se apreciará convenientemente.

Emquanto toda a guarnição seguia no *Itapemirim* para a terra e todos os officiaes para bordo da corveta allemã, que estava muito distante, o commandante do *Aquidaban* ficou só a bordo, desolado, a ver que a fatalidade esmagava tanto patriotismo, tanto esforço, tanto soffrimento, tanta dedicação e tanta bravura.

A's 5 horas da tarde regressava o rebocador com toda a officialidade, communicando-me que nada tinham conseguido da corveta allemã. Diante da minha resolução de ficar só a bordo, todos os officiaes instaram, rogaram para que eu os fosse dirigir ainda em terra, para salvar-nos juntos; diante desta forte razão resolvi seguir com elles para terra, afim de tomarmos rapidas providencias e internarmo-nos, diligenciando ganhar as fronteiras estrangeiras.

Por volta das 8 horas da noite do mesmo dia 16 de abril, chegámos a terra — lado opposto á cidade, lugar denominado Estreito; ahi esperámos o Governador, que nos prometteu fornecer cavallos afim de emprehendermos a viagem para o interior; porém, como tardassem as providencias e chegasse-nos a noticia de que o Governador já tinha tomado outro rumo, tomámos a resolução de seguir a pé, até a cidade de S. José, onde poderíamos encontrar recursos. Ahi chegados, esperámos debalde o Governador, e os recursos prometidos; só viamos caravanas de partidarios seus, que procuravam internar-se. Desenganados, sem orientação precisa, avançavamos para o desconhecido, sempre a pé, até que chegámos, pela manhã, a uma cidadesinha do interior, chamada Santo Amaro.

O unico cavalheiro que nos tinha orientado em conversa quando estavámos no porto, foi o coronel da Guarda Nacional Costa, que já tinha passado em nossa frente, porque ia montado; assim, chegando na tal cidade, dirigimo-nos a

uma bodega allemã, onde tomámos café e, dizendo-nos membros de uma commissão de engenheiros, tratámos de comprar com os nossos recursos cavallos, burros, etc., etc., tudo quanto alliviasse nossos pés que já davam parte de fracos, pois tínhamos vencido, durante a noite, quatro leguas! Com effeito, entre nove e dez horas, eu já tinha conseguido um burro e todos os meus companheiros estavam mais ou menos montados, em cavalgaduras alugadas e compradas.

Só nos faltava um vaqueano e o coronel Costa já tinha tomado grande avanço. Felizmente para nós, a estrada era uma só no sertão, até a cidade de Lages.

Fazendo a vanguarda da caravana, com o meu immediato e o tenente Horacio, que tinham arranjado bons cavallos, avancei para o interior em perseguição do mesmo coronel, que cada vez se distanciava mais, até que, ao terceiro dia, á uma hora da madrugada, pude encontrar esse amigo, a quem nos juntámos. Já depois de quatro dias de viagem e em grande altitude, podemo-nos reunir, formando ao todo um grupo de 17 individuos. Em marcha, pois, já no sertão, abandono por momentos a caravana e volto a fazer algumas apreciações sobre o famoso combate, em que a sciencia unida á tactica, de harmonia com a bravura, deu retumbante victoria á esquadra legalista.

Sim, foram victoriosos os da esquadra *legalista*, porém, de que modo? Como classificar esta victoria? O facto presenciado pelo estrangeiro e pelos habitantes de terra, deve mais tarde ter uma explicação clara e precisa, se a minha simples e despretenciosa narração, não fôr confirmada pelos meus adversarios; sobretudo pelo commandante da *Gustavo Sampaio*, 1º tenente Altino Corrêa, unico que teve parte activa na surpresa do *Aquidaban*. Como explicar o heroico feito de uma grande esquadra, commandada por um Almirante, dividida em tres divisões, que, depois da victoria, abandona o adversario, deixa-o senhor do porto e (cousa estupenda!) foge diante deste adversario vencido, que a persegue para ainda combater? Teria tido realmente consciencia e certeza, o 1º tenente Altino Corrêa, de ter mettido um torpedo no *Aquidaban*? Se teve como explica elle o facto de ter o Almirante fugido com toda a sua esquadra diante da perseguição do *Aquidaban*.

que ferido de morte, veio, arrastando-se para fóra das fortalezas, offerecer combate áquelles que, á sombra da noite e confiados talvez na cegueira de um dos fortes, ousaram atacar o inimigo dentro do porto? Os homens de guerra naval como especialistas, os meus concidadãos, como interessados em um facto historico, julguem de que lado está a covardia, porque nós, do *Aquidaban*, fomos chamados de covardes em ordem do dia, depois que o commandante de um navio de guerra estrangeiro foi a bordo da capitanea legalista prevenir que tinhamos abandonado o navio.

No meu fraco entender, victoria teria havido, se após a surpresa, a esquadra ao mando do bravo chefe Gonçalves tivesse entrado no porto, atacasse o *Aquidaban*, «no seu esconderijo» tomasse-o á viva força, fazendo prisioneiros aos que encontrasse com vida, dando depois assalto ás fortalezas, como faziam os revolucionarios do porto do Rio de Janeiro, sempre em menor numero, atacaram ilhas montanhosas e fortificadas—e, victoriosos tratavam os prisioneiros com humanidade, propria d'aquelles que se batiam pela liberdade de sua Patria.

Teria havido realmente uma victoria, se a esquadra não estivesse a dez milhas de distancia; se não tivesse ao clarear do dia, fugido do vencido, que a procurava em pleno mar, já agonizante, em virtude do grande ferimento que recebera, com quasi toda a sua artilharia inutilizada, sem quasi poder manobrar, porém que no entretanto, queria dar ao Brazil a occasião de dizer: Os meus filhos tambem sabem morrer com honra, quando é preciso sacrificar a vida pela liberdade. Tambem fomos classificados de *covardes*, na famosa ordem do dia, porque guarnecendo um navio tão poderoso, não sahi-mos para o mar, afim de atacar a grande esquadra. Para os homens de guerra não precisamos explicação, porque elles sabem perfeitamente, que ninguem sahe do posto onde espera ser atacado, quando tem coragem para defender-se.

Em todo o caso eu vou dar aos meus concidadãos os motivos porque não sahi logo para o mar a offerecer combate á grande esquadra, do que hoje bem me arrependo.

Minhas instrucções mandavam-me seguir na retaguarda da esquadra inimiga, para dar protecção á esquadra

revolucionaria, no Rio Grande, caso esta fosse bloqueada, ou então esperar o desenlace da expedição de meus companheiros, ou o seu regresso, caso fossem infelizes. Prompto e alerta sobre os movimentos da esquadra inimiga, recebi no dia 11 de Abril comunicação do nosso desastre no Rio Grande e da sahida de nossos navios, que haviam deixado aquelle porto, e fiquei convicto de que os mesmos se dirigiam ao Desterro, conforme a promessa do almirante Mello. Ficámos promptos para dar protecção aos nossos companheiros e animados para entrarmos em combate.

Assim, não quiz comprometter só o meu navio em um lance ousado, sacrificando os interesses da revolução e os meus companheiros, que deviam contar com a minha dedicação. Além disto, o *Aquidaban* tinha esgotado todo o carvão existente no Desterro e não havia outro lugar onde abastecer-nos.

Com uma marcha insignificante, que, nas melhores condições, só poderia desenvolver de cinco a seis milhas, desde que encontrasse um pouco de mar ou vento, só poderíamos alcançar de duas a tres milhas, como já nos tinha acontecido muitas vezes. As caldeiras tinham ficado em tal estado, que de dia, com o calor do fogo, remendavam-se aquellas que tinham trabalhado durante a noite; da machina, faltavam peças importantes, que tinham sido levadas para o Itamaraty, sem que tivessemos conseguido outras iguaes do estrangeiro, apesar dos meus esforços. Só a pericia e a habilidade do 1º machinista Ernestino Moura, conseguio fazer mover o *Aquidaban*. Como, pois, nestas condições, poderia eu fazer escaramuças a uma esquadra, de que o navio que menos andava possuia a velocidade de quinze milhas ? !

Seria em pura perda, porque o inimigo tomaria o papel de cavallaria ligeira, enquanto nós representariamos infantaria pesada em plena planicie.

A tactica contrária seria então fazer-me gastar carvão, objecto esse, para mim, de primeira necessidade, porque não havia mais no Desterro, nem onde ir buscal-o. Ora o *heroico* chefe chama-nos de covardes, porque realmente elle é muito bravo, porém não quiz chamar de inepto o commandante do *Aquidaban*.

Creio que estes motivos, aliás de exposição desnecessaria, bastam para mostrar que não foi « covardia » que me deteve no porto, mas sim a previsão de homem do mar, que sentia a responsabilidade da sua missão e a confiança que devia inspirar aos seus companheiros. Se a esquadra legalista, em vez de abalar o oceano, com a sua velocidade e a sua bravura, houvesse secundado o arrojo do 1º tenente Altino Corrêa, teria praticado uma bella acção cumprindo o seu dever; a maneira porque se houve, porém, dá-me o direito de classificar o seu commandante e officiaes de um modo bem diverso.

Si a esquadra, pois, tivesse dado volta e investisse para o porto, encontraria o *Aquidaban* com tres canhões das torres completamente inutilizados, os apparatus hydraulicos das mesmas em máo estado, os dous canhões do reducto de vante fóra de combate pelo effeito do torpedo, o canhão de tiro rapido da tolda alta, montado dous dias antes com culatra differente e ageitada, não funcionando desde o segundo ou terceiro tiro.

Só restava ao velho *Aquidaban* para fazer frente á grande esquadra legalista, composta de tres divisões e commandada por um almirante valentissimo, que tinha dado, havia pouco tempo, provas exuberantes de seu heroísmo na fortaleza de Villegaignon, apenas, dous canhões no reducto de ré, um na torre, de difficil movimento rotativo, quatro canhões Krupps de sete e meio montados na tolda alta em carretas de campanha e nove metralhadoras de 25 ^m/_m. Nas fortalezas: em Santa Cruz, dous canhões raiados, de calibre 70; na dos Ratonés, um de 70 c. e outro Krupp de 8; e na Ponta Grossa, dous pequenos canhões em via de serem montados.

Quanto a torpedos na barra, ou, por outra, no canal entre Santa Cruz e Ponta Grossa, os commandantes das torpedeiras deviam ter communicado ao almirante que elles não passaram de uma ballela, pois que, por allí tinham passado e repassado sem incidente. E, além disto, o almirante devia ter recebido noticias de seus partidarios e dos pescadores da localidade que aprisionou e que o informaram da verdade.

Estando o *Aquidaban* nesse estado não seria facil a victoria? Deixo aos nossos concidadãos examinar e analysar bem os factos, de modo a poder classificar-los com inteira justiça e decidir onde houve covardia.

Volto á caravana em marcha em seu pouso, uma noite antes de passarmos pela cidade de Lages, reunidos todos em um rancho de palha, onde discutiamos o nosso destino. O coronel Costa, nosso vaqueano e guia, morador antigo em uma fazenda dos arredores de Lages, grande conhecedor da localidade e da fronteira de Santa Catharina e muito interessado na nossa salvação, aconselhava-nos e pedia-nos constantemente para nos dividirmos dizendo-nos que devíamos quanto antes separarmo-nos porque iam os entrar em uma zona povoada e logo despertariamos desconfiança num grupo tão numeroso.

Além disso, tinhamos sabido que o estafeta do Desterro, com ordem do nosso Governo, já tinha-nos passado e com rapidez se dirigia á cidade de Lages. Por informações de tropeiros que vinham do interior, soubemos que a Villa de Campos Novos estava em poder do Governo e que piquetes dessa mesma força devastavam o interior, degollando e roubando. Com este quadro sombrio em perspectiva, foi resolvida a dolorosa separação, para que ao menos mais tarde, aquelles que se pudessem salvar, contassem as peripécias da guarnição do *Aquidaban*. Subdividiu-se em tres pequenos grupos a grande caravana e o coronel Costa deu as providencias necessarias para obtermos tres vaqueanos, que nos guiassem através do sertão, ficando elle, seu filho e mais amigos, no local em que nos achavamos, não só porque conhecia bem a localidade, como tambem porque desejava ficar ahi. Tinhamos deixado tambem dous operarios do Arsenal de Marinha, que acompanhavam o 1.º machinista e aconselhados por este, ficaram tranquilos, por serem desconhecidos, e poderem melhor occultar-se sem arriscar-se a maiores trabalhos. Na discussão travada junto de uma fogueira, em um ranchinho de palha, o ardente e destimido 1.º tenente Arthur de Carvalho, declarou que se ligaria ao grupo que quizesse descer pelo caminho de Blumenau, em direcção a S. Francisco, onde encontraria

navios mercantes estrangeiros, e se contrataria como marinheiro, ganharia 'o mar. Continuando a discussão, tornaram-se adeptos do fogoso orador, o seu irmão, o heroico 2.º tenente Alvaro de Carvalho, o calmo e bravo 1.º tenente Camisão, o valente aspirante Motta e o commendador Lacerda, que tinha a bordo participado dos nossos trabalhos mostrando sempre boa vontade e ardor pela causa que defendiamos.

O segundo grupo, dirigido pelo Dr. Hungria Bicalho conhecedor da zona que tinha a percorrer por ter estado como medico na exploração feita pelo engenheiro Soares, e constituído pelo 1.º tenente Magalhães Castro, o incansavel salvador, nas occasiões difficeis, da machina do *Aquidaban*, machinista Ernestino de Moura, intrepido paisano auxiliar, o destemido Sr. Sartine, seguiu em direcção a Curytibanos com rumo para o Porto da União. O terceiro grupo, composto do commandante do *Aquidaban*, immediato 1.º tenente Pedro Velloso Rebello e o bravo 1.º tenente Horacio Coelho seguiu em direcção ao rio do Peixe, afim de ganhar o campo de Palmas e internar-se na fronteira Argentina.

Foi bem triste a despedida daquelles que estiveram unidos por sete mezes, em defesa da mesma causa, ligados pelo mesmo ardor e tisnados ainda pelo fumo dos mesmos combates. Entre lagrimas e abraços, nos separámos, entregando ao destino a nossa sorte. Eis-me hoje só, separado de meus amigos e de meus companheiros, em pleno sertão, escrevendo estas linhas em um ranchinho de taboas de pinho, todo aberto ás intemperies.

Sobre um cêpo de pinho, á semelhança dos tóros de madeira em que se corta carne nos açougues, escrevo eu estas linhas. Tiritando de frio, tendo como luz um candieiro de sebo, com pouca roupa e esta já bem usada, derramo olhos cubiçosos sobre uma carona fria, que constitue a minha cama, estendida no chão, tendo por coberta o meu ponche rasgado, e considero que estou em um paraizo, a lembrar-me dos dias que já passei.

Depois que deixei o *Aquidaban* e liguei-me ao exercito revolucionario, já estive em diversos tiroteios e uma batalha

campal (27 de Junho), em que tive o meu cavallo ferido por uma bala e o meu palla varado por outra ; mais tarde, si tiver vida, contarei detalhadamente estas peripecias e direi a razão porque estou só e separado do exercito revolucionario, que, em marchas forçadas se dirige á fronteira, abandonando tudo, tendo por unico desideratum a salvação.

Que destino o da Republica ! Enquanto nossos adversarios são classificados de heróes, banquetecendo-se entre festas, risos e flôres, nós, os *covardes*, ainda nos batemos em terra, arriscando nossas vidas, soffrendo frio, fome e miserias, tendo o coração dilacerado pelas saudades dos entes queridos que tambem soffrem. Muito exige a liberdade da Patria ! Oh ! imagem santa da Republica, quantos crimes, quanta profanação commettida á tua sombra ; nasceste entre flôres e estão te afogando em sangue. — *Alexandrino Faria de Alencar.*

Occupada a cidade do Desterro a 17 de abril por forças do governo legal com o assentimento e approvação do almirante Gonçalves assumiu o cargo de governador interino o alferes Aristides Villas-Boas, que fôra ajudante de ordens do marechal Floriano Peixoto e que capitulára na Lapa.

A 19 ahi chegou o coronel Moreira Cesar que tomou conta do governo em virtude do seguinte decreto :

« O vice-presidente da Republica dos Estados Unidos do Brazil :

Considerando que o territorio do Estado de Santa Catharina foi abandonado recentemente pelos representantes do Governo ali constituido que dest'arte tornou-se acephalo ;

Considerando que nem só o referido governo, em todos os grãos de sua organização hierarchica como o congresso legislativo estadual foram co-autores e tomaram parte activa no movimento de rebeldia que acaba de ser reprimido : e pois havendo um outro incorrido na sancção das leis penaes é

inadmissível que continuem a exercer autoridade que lhes era propria e da qual se prevaleceram para attentar contra a Republica ;

Considerando que o caso occorrente, anomalo e excepcional, não foi previsto pela Constituição federal e leis organicas subsequentes ; e nestas condições cabe ao governo da União prover em ordem a que a liberdade, a vida e a propriedade dos habitantes d'aquella parte do territorio nacional sejam garantidas em sua plenitude e não haja solução de continuidade na administração dos negocios locais, até que o poder competente providencie a esse respeito ;

Resolve nomear o coronel do exercito Antonio Moreira Cesar para exercer as funções de governador provisorio do Estado de Santa Catharina.

Capital Federal, 19 de abril de 1894, 6º da Republica.—
FLORIANO PEIXOTO.—*Cassiano do Nascimento.*

O recém-nomeado governador militar, já por um zelo excessivo consoante a attitude de subservientes instrumentos de potentados soberanos, já apaixonado pela causa a que cégamente se dedicára desvirtuou a sua nobre e elevada missão de character puramente conciliador para entregar-se aos seus instinctos inteiramente antagonicos ao milindroso encargo de que se achava revestido.

Começou então para os verdadeiros culpados no movimento, para os suspeitos de manter amistosas relações com os rebeldes, para os seus adeptos, amigos e affeioados e sem duvida para muitos innocentes, porquanto o systema de julgamento não foi presidido com a calma e o criterio exigidos, começou para esses infelizes a punição de seus verdadeiros ou pretensos delictos.

Sem exemplo nas paginas da nossa historia patria contam-se por dezenas as vidas de muitos desses

desgraçados, a quem foram desprezados os mais justos meios de defesa e que summariamente foram executados por aquelles que se cognominavam defensores da legalidade e mantenedores da Constituição.

A estes, além do remordimento de consciencia que os obrigará a arrastar uma existencia atribulada e a se curvar diante dos filhos de suas victimas, tambem a posteridade fulminará com estigmatizante anathema, demonstrando a saciedade a gravidade de seus crimes diante mesmo da Carta Constitucional e por cuja causa tão patrioticamente clamavam combater.

Pelo Acto de 24 de fevereiro foi em absoluto abolida a pena de morte; e, quando mesmo apresentem em sua defesa a lei marcial de 1851, restabelecida pelo marechal Floriano Peixoto e que apenas preestabelece a alludida sentença no caso de guerra estrangeira, esta evasiva não procede diante da lei fundamental e soberana da Republica.

O sangue dos nossos compatriotas, tão barateado durante essa funestissima época, talvez seja ainda pouco para manchar as paginas da nossa historia e dellas fazer desaparecer os nomes das victimas.

Desprezando os numerosissimos boatos, até mesmo consignados na imprensa diaria, relativos ao assassinato e fuzilamento de cidadãos praticados pelas facções belligerantes, e os quaes encontraram formal desmentido com o apparecimento dos proprios protogonistas, forçoso é admittirmos infelizmente a confirmação de muitos delles.

Os horrores do Paraná e Rio Grande do Sul e as scenas intermuraes das fortalezas, com o tempo, tornar-se-ão do dominio da historia que apontará os principaes autores, atirando-os á execração publica.

Em o numero das prisões mandadas effectuar pelo coronel Moreira Cesar contou-se do proprio governador provisorio, alferes Villas-Boas, que foi remettido preso para o Rio de Janeiro e onde foi absolvido em conselho de guerra a que respondeu.

Sob a administração daquelle legato procederam-se ás eleições naquelle Estado, surgindo das urnas como governador o dr. Hercilio Luz, que militára com insuccesso na politica de seu antecessor.

A esquadra ainda permaneceu em Santa Catharina até o dia 23, seguindo na madrugada deste dia para o Paraná. As peripecias das occurrencias passadas no mar são fieis e minuciosamente narradas no relatorio do commandante em chefe da esquadra legal, o qual vem annexo a este livro e com cuja leitura poderá o leitor certificar-se das principaes emergencias operadas pelas forças legaes até o termo da sua missão, com a entrada triumphal da esquadra na bahia do Rio de Janeiro a 23 de junho.

Nessa mesma data o almirante Gonçalves dava por finda a sua commissão, dirigindo aos seus commandados a seguinte ordem do dia :

Commando em chefe da esquadra brazileira em operações de guerra nas costas do Brazil até o Prata e seus

affluentes. Bordo do cruzador *Andrada*, Rio de Janeiro 23 de junho de 1894.

Camaradas!

Ao terminar a honrosa commissão que me foi confiada pelo governo e que tão feliz exito obteve pela dedicada cooperação de todos vós, cumpre-me dizer-vos algumas palavras.

A victoria da causa legal e o restabelecimento da paz e da tranquillidade em nossa cara Patria, são os fructos colhidos pelos varonis esforços que empregámos para debellar a revolta que, nascida sem causa legitima, apenas para satisfazer mesquinhas ambições, ameaçava tragar a Patria em sua voragem.

A luta que sustentamos e da qual victoriosos sahimos, veio robustecer o prestigio da autoridade que tentavam abalar; veio consolidar a Republica que mãos inimigas procuravam aniquillar, veio estreitar os laços de união entre duas classes irmãs que a baixa sizania, em campos oppostos, procurava lançar.

Este triplice effeito foi attingido, porque tinheis o espirito educado na disciplina e em vossos corações vibrava o sentimento do verdadeiro patriotismo a par da mais exacta noção do dever.

Sem duvida que doloroso foi para nós termos de obrigar pelas armas ao cumprimento dos seus deveres civis e militares aquelles que delles transviados, acarretaram por seus desvarios, miserias e calamidades sobre a Patria; tanto mais quanto na presente luta a voz do sangue e os laços da amizade imperiosos reclamavam os seus direitos.

Porém, delegados da Nação a quem ella propria confia a salvaguarda da honra patria, pergunto como poderiamos ser depositarios de tão alta confiança si não fossemos soldados da Republica, si não extremecessemos a Patria, acima de tudo.

Cumprimos o nosso dever e por mais ingrata e rude que nos parecesse a tarefa alentava-nos sempre a esperanza de que a victoria traria tão assignalados beneficios ao paiz, que os nossos sacrificios largamente seriam compensados.

Encerremos, porém, esta pagina luctuosa da nossa historia, empreguemos todos os esforços para acqvisição de novos elementos que venham compensar as perdas que soffremos.

Aos jovens camaradas de terra e mar que tão relevantes serviços acabam de prestar á Republica, compete agora dedicarem-se ao estudo e trabalho que, alliados á mais severa disciplina, constituirão o penhor mais seguro da reorganisação do exercito e da armada nacionaes e desta sorte a prosperidade da Nação, e aos cidadãos que com tanta espontaneidade valor e abnegação compartilharam das nossas arduas tarefas que, ao volverem ao lar, trilhem sempre na senda do dever e do trabalho e saibam transmittir a seus filhos as mesmas virtudes civicas, para que sejam os continuadores daquelles que tornaram-se credores da gratidão popular pelo civismo e patriotismo de que foram verdadeiros exemplos.

Assim, pois, ao despedir-me de meus camaradas d'armas da presente campanha felicito-me por haver encontrado uma pleiad e de jovens valentes e briosos, verdadeiras esperanças da Patria, alguns dentre elles feis depositarios dos louros de seus antepassados.

E' com entusiasmo que saúdo á Patria, que tão dignos filhos reúne sob um pavilhão, que hoje aureolado pela victoria que acaba de alcançar, garboso se desfralda em nossa esquadra e tambem pelo digno Governo que a dirige, pois em tão difficeis transes deu sempre provas da mais inquebrantavel energia alliada ao mais acrisolado patriotismo.

Desejando, pois, éras de felicidades e prosperidade á Patria e áquelles que tão brilhantemente cooperaram para a sua pacificação, levanto um

Viva a Republica.

Viva a Legalidade!

Viva o digno Presidente da Republica.

Jeronymo Francisco Gonçalves, Commandante em chefe.

Ainda sobre a pressão dos ultimos acontecimentos permaneceu o povo brasileiro até 15 de novembro de 1894.

E' esta a gloriosa data que iniciou uma nova éra para a nossa actividade politica com a systematisação do verdadeiro regimen democratico apenas esboçado em 89.

Durante tres dias esteve o territorio brasileiro agitado com delirantes saudações e phreneticos bravos de entusiasmo soltados unanimemente pelo povo.

As festas promovidas pelo governo e pela população fluminense foram contempladas, com admiração pela commissão militar uruguaya que veio ao Rio de Janciro, em signal de cortezia distribuir aos nossos officiaes medalhas commemorativas do grande feito de armas em que foram participantes as duas nações amigas.

O dia 13 foi consagrado á cerimonia da distribuição das medalhas e o seguinte á inauguração da collocação da estatua do invicto general Osorio.

Finalmente raiou o dia 15 da novembro cuja aurora foi saudada com o ribombo dos canhões das fortalezas e navios, realizando-se nesse mesmo dia a grande cerimonia da posse aos cargos supremos da Republica. Com esta data o novo presidente tornou publico o seguinte manifesto :

A' NAÇÃO BRAZILEIRA

Assumindo hoje a presidencia da Republica, obedeço á resolução da soberania nacional, solemnemente enunciada pelo escrutino de 1º de março.

Aceitando este elevado cargo, que não pretendi por julgal-o muito superior ás minhas forças, especialmente na actual situação, submetto-me a imperioso dever patriótico, e não pouparei esforços nem sacrificios para corresponder á extraordinaria prova de confiança de meus concidadãos, manifestada de modo inequivoco no pleito eleitoral mais notavel da vida nacional.

Cumpre-me, neste momento manifestar á Nação quaes os principios e normas que me guiaram no desempenho da honrosa, mas difficil missão que me foi imposta.

O lustro de existencia, que hoje completa a Republica Brasileira, tem sido de lutas quasi permanentes com adversarios de toda a especie, que têm tentado destruil-a, empregando para isso todos os meios.

Como expressão concreta desse periodo de funestas dissensões e lutas, rememoro com amargura a revolta de 6 de setembro do anno proximo passado.

Essa revolta, que foi o mais violento abalo de que se podia resentir o regimen proclamado a 15 de Novembro de 1889, iniciado sob o pretexto de defender a Constituição da Republica e de libertar a Patria do jugo de uma supposta dictadura militar, reuniu sob sua bandeira, todos os elementos adversos á ordem e á paz publica, concluindo por caracterizar-se em um movimento formidavel de ataques ás instituições nacionaes, arvorando o estandarte da restauração monarchica.

Mas, por isso mesmo que essa luta tremenda foi travada pela colligação de todos os inimigos, a victoria da Republica foi decisiva para provar a estabilidade das novas instituições, que tiveram para defendel-as a coragem, a pertinacia e a dedicação do benemerito chefe do Estado, auxiliado efficazmente pelas forças militares de terra e mar, — fieis á Constituição a 6 de Setembro de 1893 — como a 23 de Novembro de 1891, — pelo concurso entusiasta da mocidade das escolas, — da guarda nacional, dos batalhões patrioticos e da policia, e pela solidariedade unanime dos Estados da União, cujo apoio foi de extraordinario valor.

Essa revolta que durante tantos mezes, — substituindo a paz e o trabalho por lutas fratricidas, — perturbou a vida nacional e causou enormes males, damnificando a fortuna publica e particular, produziu entretanto o grande beneficio de convencer ainda aos mais incredulos de que a fórma republicana, tal como está consagrada na Constituição de 24 de Fevereiro, é indubitavelmente a que tem de reger para sempre os destinos do Brazil, porque é no seu admiravel mecanismo que está a mais segura garantia da harmonia permanente entre a unidade nacional e a vitalidade e expansão das forças locaes.

A Republica está, pois, firmada na consciencia nacional; — lançou raizes tão fundas que jámais será d'ahi arrancada.

Ao passo que a monarchia cahiu sem a menor resistencia não obstante haver dominado o paiz durante setenta annos com o seu regimen centralizador, — a Republica, apezar de sua curta e perturbada existencia, defendeu-se heroicamente e venceu a poderosa revolta restauradora, porque tinha a seu lado a opinião nacional, manifestada pelo consenso unanime dos Estados, que, havendo experimentado a influencia benefica da autonomia que lhes deu o novo regimen, não se sujeitarão jámais a retrogradar á condição de provincias sem recursos, manietados em seu desenvolvimento pelas peias atropiantes da centralisação.

Os adversarios das novas instituições devem estar desiludidos: segura pela poderosissima ancora da federação, a Republica resistirá a todas as tempestades que contra ella se desencadeiem, por mais forte e violentas que sejam.

As constantes agitações, que, no primeiro quinquenio, perturbaram a vida da Republica, não causaram surpresa, eram previstas como consequencias da revolução de 15 de Novembro.

Não se realizam revoluções radicaes, substituindo a fórma de governo de uma Nação, sem que nos primeiros tempos as novas instituições encontrem resistencia e os attritos, motivados pelos interesses feridos pela revolução, que embaçam o funcionamento regular do novo regimen.

Foi o que aconteceu ao Brazil.

Felizmente graças á attitude patriotica, pertinaz e energica do marechal Floriano Peixoto, secundado pela grande maioria da Nação, — parece estar escerrado em nossa Patria o perigo das agitações, dos pronunciamentos e das revoltas, que causaram-lhe damnos inestimaveis, sendo muitos delles irreparaveis.

Nesta situação, exige o patriotismo que todos os brazileiros, especialmente os depositarios do poder publico, contribuam com seus esforços dedicados e perseverantes, para conseguirem que a Republica seja o que deve ser—um regimen de paz e de ordem, de liberdade e de progresso, sob o imperio da justiça e da lei.

Essa é a ardente aspiração nacional, manifestada no escrutínio de 1º de Março, porque só assim será possível a reparação, ainda que lenta, dos danos soffridos pelo paiz.

Na esphera de minhas attribuições, esforçar-me-hei pela realisação desse *desideratum*, observando estas normas e principios:

— Execução fiel do regimen livre e democratico adoptado pela Constituição de 24 de Fevereiro, firmando e mantendo escrupulosamente a autonomia dos Estados harmonica com a soberania da União e a independencia e o mutuo respeito dos poderes instituidos como órgãos dessa soberania;

— Respeito ao exercicio de todas as liberdades e garantias constitucionaes, mantendo concurrentes e energicamente a obediencia á lei e o prestigio da autoridade, condições indispensaveis para assegurar a ordem e o progresso;

— Administração da fazenda publica com a maxima fiscalisação na arrecadação e no emprego da renda e com a mais severa e perseverante economia, reduzindo a despeza de modo a equilibrar-a com a receita, extinguindo assim o *deficit* do orçamento, convertido este em realidade;

— Pontualidade na satisfação dos compromissos successivos, que desde passado remoto têm-se accumulado em onus pesadissimos a transmittirem-se de geração a geração; e resgate gradual da moeda fiduciaria para elevar o seu valor depreciado;

— Animação á iniciativa particular para a exploração e desenvolvimento da agricultura e das industrias, e introdução de immigrants que, povoando o nosso vasto territorio, fecundam com o trabalho as suas riquezas inexgotaveis;

— Garantia efficaz á plena liberdade do suffragio, base fundamental da democracia representativa;

— Manutenção da ordem e tranquillidade no interior e da paz com as nações estrangeiras, sem sacrificio de nossa dignidade e de nossos direitos, cultivando e desenvolvendo as relações com as nações amigas,

Obedecendo a este programma, espero poder contribuir para o bem estar e para felicidade de nossa Patria.

Conheço e avalio bem os grandes embaraços e difficuldades de toda a ordem com que terei de lutar no desempenho de minha ardua missão; desanimaria, se não me sentisse apoiado pela nação e se não contasse com a cooperação patriótica de cidadãos dos mais illustrados e competentes.

Como era facil prever, os tristes acontecimentos a que alludi, tendo abalado e perturbado profundamente a vida nacional durante muitos mezes, — aggravaram bastante a nossa situação politica e financeira.

Os germens da insubordinação e da anarchia expandiram-se e os compromissos do Thesouro foram grandemente augmentados com as despezas extraordinarias que se tornaram indispensaveis.

Mas, restabelecida a paz em condições de estabilidade, mantida a ordem no paiz — pelo respeito á lei e pelo prestigio da autoridade, restaurada a confiança do capital e do trabalho para promoverem a expansão da agricultura, das industrias e do commercio, fiscalisado e severamente economisada a fazenda publica, — os inexhauriveis recursos do nosso riquissimo sólo alliviarão progressivamente o Thesouro da oppressão dos encargos actuaes, valorisando correspondentemente o nosso meio circulante e erguendo no interior e no exterior o nosso credito.

E' esse o caminho que nos levará com segurança á situação de prosperidade e grandeza a que está destinada a nossa Patria.

O governo, que ora inicia a penosa jornada por esse caminho, fortalecido pelo apoio nacional, não se desviará delle, tendo por seus unicos e seguros roteiros — a justiça e a lei — e por seu unico alvo — a felicidade da Patria.

Capital Federal, 15 de Novembro de 1894. — *Prudente José de Moraes Barros.*

—

Em summa, a nefasta revolta de 6 de setembro ou a desgraçada luta de ambições e despeitos movida por pretenciosos empolgadores do poder, longe de mover os

sentimentos affectivos da população em prol das aspirações a que tão ardentemente propugnavam, como geralmente acontece, veio, ao contrario, provocar a commiseração dos cidadãos sensatos e despertar os sentimentos patrioticos nos bravos e leaes servidores da Patria.

Porventura agiam os seus chefes movidos por verdadeiros impulsos patrioticos, visavam um objectivo de interesse geral que justificasse uma attitude tão pernicioso á prosperidade do paiz, mereciam alguma confiança pela sua conducta no passado e pretenções vindouras ?

Diante da evidencia dos factos não haverá verdadeiro amigo da ordem e progresso e mesmo fervoroso adepto á revolução que sinceramente se incline para a affirmativa.

Pois, si ás forças revoltosas, experimentando derrotas sobre derrotas nos Estados do sul e mesmo depois de desbaratadas completamente, as divergencias entre os seus chefes foram assumpto para manifestos e protestos, qual seria o destino do Brazil quando, senhores da preza, procurassem estabelecer as bases da partilha ?

As revoluções são uteis e necessarias ao engrandecimento de uma nação e o povo tem o direito e até o dever de levantar-se todos os dias, se fôr preciso, para reagir contra um governo que, conculcando os preceitos constitucionaes, tente subjugal-os com as suas caprichosas resoluções, quando são inspiradas nas mais desinteressadas, puras e sacrosantas aspirações.

Solon o grande legislador, condemnava a todos os seus concidadãos que se conservavam indifferentes á vida

politica de sua patria e concitava-os até a se pronunciassem de qualquer fôrma acerca dos destinos de Athenas.

Harmodius e Aristogiton tiveram estatuas.

E a historia nos aponta ainda um sem numero de patriotas que pelo seu desinteressado amor patrio conquistaram a veneração da posteridade.

E' fóra de duvida que a direcção dos negocios publicos, durante o governo do marechal Floriano Peixoto, não primou por um espirito estrictamente adstricto ás prescripções constitucionaes; mas tambem é forçoso confessar que esses desvios não apresentaram um caracter franco e fragrante de desrespeito ao Acto de 24 de fevereiro.

Sob o ponto de vista geral, e mais propriamente internacional, a sua politica é digna de ser continuada pelos seus successores.

No seu governo só transigio em artigos que admitiam uma dupla interpretação e por cuja essencia legitima talvez julgasse trilhar a norma da sua conducta.

Outro tanto não se poderá adiantar do seu antecessor, que apezar de todo o prestigio como fundador da Republica Brazileira, não pôde enfrentar com a soberania popular a 23 de novembro, após o golpe de Estado de 3 do mesmo mez.

As medidas de rigor a que, levado pela natureza das circumstancias, vio-se forçado a decretar, e o prestigio de que se vio cercado com o franco apoio dispensado pelos poderes constituídos, secundados pelos mais influentes patriotas, foram cavilosamente interpretados por seus desaffectedos, em geral, vis militantes nas legiões

do despeito, os quaes não cessavam de conspirar contra a sua administração e contra a prosperidade do paiz, servindo-se dos mais desprezíveis meios.

Uma das maiores accusações que se lhe tem sido feita, é, sem duvida, a sua interferencia directa no desenvolvimento do militarismo, aliás a mais nociva trave ao progresso de um paiz, attitude acremente censurada por um illustre membro da Camara dos Deputados em uma de suas ultimas sessões.

Em todo o caso, admittindo-se o meio em que sempre viveu e onde contrahio amizades e compromissos, é obvio que em emergencias tão extraordinarias da sua administração procurasse cercar-se de amigos e pessoas de sua confiança escolhidas entre antigos camaradas e companheiros de lutas.

Tem todo cabimento a inserção neste lugar do seguinte topico transcripto de um jornal estrangeiro e portanto insuspeito á nossa politica :

« Accusam Peixoto de supprimir a liberdade da palavra no Rio, de prender seus desaffectedos nacionaes, de ameaçar os estrangeiros com a expulsão, de gastar avultadas sommas em navios e munições de guerra — como se fosse possível haver perfeita liberdade numa cidade bombardeada, como se estrangeiros que intrigam contra o governo de um paiz, cuja hospitalidade disfructam, pudessem esperar misericordia, como se não fosse o rigorosissimo dever do presidenté gastar o ultimo nickel do thesouro para manter o Governo que lhe havia sido confiado, e que o Congresso lhe incumbira de defender. »

Sem a revolução de 6 de setembro o seu governo seria apenas consignado chronologicamente nas paginas da nossa historia patria; porém, com ella cabe-lhe

um lugar bem proeminente na galeria dos brasileiros illustres.

A' sua tenacidade, perseverança e força de vontade deveu unicamente o ganho de causa; porquanto, limitadissimo foi o numero de officiaes superiores que prestaram reaes serviços.

E, quanto ao concurso prestado pelos seus ministros secretarios para a causa da victoria é nullo. Durante a revolta jámais convocou-os em conselho, sendo o ultimo realizado em abril e tornado memoravel pela attitude dos seus secretarios Serzedello Corrêa e Custodio de Mello.

Em desmentido formal ás increpações deste, em seu manifesto, o marechal Floriano, durante a revolta na maior parte das vezes só e durante noites seguidas, visitava os pontos fortificados do littoral, inclusive fortalezas, e não poucas vezes dirigia a collocação de canhões e preparo das trincheiras debaixo de vivo tiroteio da esquadra e até mesmo assistia ao acondicionamento das armas e munições que deviam ser remettidas para differentes pontos.

Não foi só contra os revoltosos de 6 de setembro que elle teve de lutar, foi tambem contra a colligação de todos os rancores, preconceitos e interesses do regimen decahido, contra essa legião de despeitados que á sorrelfa preparavam o triumpho de suas antigas prerogativas e que julgando a occasião propicia, externavam-se abertamente pela cruzada levantada contra o código politico da Nação.

Como um dos mais vigorosos tentaculos desse miseravel polypo erguia-se sem duvida o *sebastianismo*.

Mas o partido republicano historico, arauto solícito da adolescente instituição, correu pressuroso em apoio do chefe da Nação e poudo em tempo suffocar as hosannas erguidas pelos apaniguados da revolta.

Avêssô a ruidosas manifestações pelo seu retrahimento natural e pouco expansivo em suas revelações, muitos dos actos do chefe da Nação jámais transpiraram no dominio publico, sobresahindo talvez dentre todos o indescrípivel sacrificio que lhe deveria ter custado em separar-se dos seus dous filhos menores, José e Floriano, para alistal-os, depois do rompimento da revolta, nas fileiras da legalidade, dando por esta fórma o maior exemplo de civismo aos seus compatriotas.

São por demais conhecidas as violencias e barbaridades que, á sombra do seu nome, commetteram os seus falsos amigos que encontraram, mesmo durante a revolta, insinuantes conselhos estampados em órgãos da publicidade que incondicionalmente se collocaram do lado do governo e que lhe preparavam o espirito com persuasivos artigos, de um dos quaes extractamos os seguintes topicos :

« A lei natural exige que todo o direito seja uma sanção da força e que todo o progresso social tenha a enseival-o uma estrumeira de cadaveres. »

« ... Se em face dos horrores da invasão do Paraná tivermos um momento impulso de piedade pelos assassinos... atraioariamos a nossa causa, profanariamos as sepulturas de nossos irmãos. E' mesmo necessario romper com esta força de sentimentalismo com que se embioca tartufamente a alma de certos homens... »

« O governo da Republica está prestes a infligir tremenda lição a esta quadrilha de reprobos com o nome de

exercito libertador... E' preciso, porém, que não se prepare a comedia do sentimento, que não se reedite a exploração da piedade...

«Pedir perdão para esses assassinos é ser cúmplice dos attentados com que enxovalham a tradição generosa e amantissima do povo brasileiro.

«A patria reclama um desaggravo tremendo e ella ha de tel-o por honra sua!»

E era desta forma que um órgão da opinião publica se pronunciava quando os animos partidarios se mostravam mais exaltados !!...

Imparcialmente julgando, ninguem ousará negar os actos de excesso e de inclemencia praticados em nome da legalidade; enumeral-os peccariam pela prolixidade e com certeza resentir-se-iam ainda da deficiencia de elementos e dados positivos. (*)

Muitos acontecimentos que correram por conta dos revoltosos foram adrede preparados pelos amigos do governo para produzir effeito sobre a população e conquistar-lhe sympathias.

Durante o periodo da revolta tudo em terra era louvores ao vice-presidente da Republica que dos actos de seus *prestimosos* amigos apenas tinha a responsabilidade moral; a liberdade de pensamento foi um mytho como provaram as innumeradas prisões de cidadãos, aos quaes apenas a denuncia dada ao governo por carta

(*) Por estes motivos omitimos as vergonhosas scenas que dizem occorridas em um celebre carro 136, serie V, da estrada de ferro Central; mesmo porque, custamos a acreditar que tivessem revivido os priscos tempos dos Malagrida e Remigius.

anonyma era motivo para serem privados em suas liberdades individuaes; e como podem dar testemunho a ameaça de suspensão feita a alguns jornaes que se inclinavam pelos revoltosos ou que censuravam actos do governo, alguns dos quaes (*Gazeta de Noticias, Gazeta da Tarde, Jornal do Brazil e Cidade do Rio*) chegaram a interromper suas publicações.

Todas as noticias favoraveis aos insurrectos, manifestos attribuidos a seus chefes, e artigos vehementes contra o governo, eram publicados nos periodicos dos Estados, não comprehendidos no decreto de *estado de sitio* e, si bem que, apprehendidos pela repartição dos Correios, eram alguns avidamente lidos na Capital Federal e vinham dar maior vulto aos boatos os mais grotescos.

A exiguidade dos compartimentos destinados aos presos politicos levou o governo a considerar a Casa de Correção como prisão de Estado, onde permaneceram centenaes de infelizes, alguns dos quaes haviam desempenhado posições salientes na gerencia dos destinos da Nação.

Com respeito a este assumpto o marechal Floriano manifestou-se em sua mensagem dirigida ao Congresso.

Depositario do cofre das graças, foi o chefe do Estado mais que prodigo e ultrapassou mesmo as raias da licenciosidade, distribuindo-as a seus apaniguados que gravitavam famintos em torno da sua numerosa camarilha e tumultuariamente disputavam empregos, promoções, officialatos e rendosas commissões, tudo a troco do sangue derramado pela... salvação da Patria.

Foi uma época de realização de aspirações de ha muito amortecidas, de satisfação de odios e do resurgimento de outras circumstancias inteiramente estranhas ao movimento revolucionario.

Para bem se avaliar do espirito de circumspecção que presidia as distribuições de patentes militares aos cidadãos que prestavam serviços a causa da legalidade, basta apenas recorrer-se aos jornaes daquella época; as honras militares concedidas pelos relevantes serviços prestados eram logo depois cassadas, ao mesmo individuo pelo facto de ser considerado trahidor a Republica.

E quantos receberam taes honrarias e que ainda hoje procuram em seu fôro intimo inquirir da causa que as originou?

A vaidade humana que na monarchia comprazia-se contemplando as fatuas lentejoulas, veneras e crachats pendentes ao peito daquelles que alcançavam-nas a preço do ouro, ou por obras humanitarias, passou na Republica, e durante a phase da revolta, a extasiar-se com a emmolduragem dos galões nos punhos, obtidos á custa do derramamento do sangue de irmãos!...

As repartições publicas tambem foram invadidas por essa onda de pretensos patriotas e especuladores de occasião que até se agazalharam sob reformas forjadas *ad-hoc* para satisfazel-os em suas impertinentes exigencias.

Quanto patriotismo, abnegação e desprendimento!...

Como testemunho eloquente ás injustas accusações com que os cabecilhas dos revoltosos mimosearam em seus manifestos ao chefe do governo, increpando-o

de se manter indefinidamente no poder, além do seu acto mandando proceder as eleições para seu successor foram bem significativas as seguintes palavras do seu manifesto :

« Antes de voltar a obscuridade donde me trouxe a benevolencia do Congresso Constituinte entendo do meu dever revelar-vos uma triste verdade. »

e não menos louvavel o seu procedimento entregando o poder a 15 de Novembro ao seu substituto legal e promovendo até as mais pomposas festas em homenagem a um acto tão solemne quão desejavel por todo o paiz.

Concluindo sempre nos recordaremos que esta insurreição veio demonstrar, de uma vez para sempre, que a caudilhagem jamais poderá medrar na grande Republica Brazileira, por achar-se em antagonismo com o espirito ordeiro e pacifico da sua laboriosa população.

Parabens á Republica triumphante !



ANNEXO



SUBSIDIOS

PARA

A HISTORIA DA REVOLTA

(Annexo n. 1 do relatório do Ministerio da Marinha de 1894)

DO RIO DE JANEIRO A MONTEVIDÉO

Setembro de 1893.



CHAVA-SE o paiz a braços com a revolta do Rio Grande do Sul, quando foi surprehendido por outra, que rebentou na Capital Federal, na manhã de 6 de Setembro de 1893, tendo como séde os navios de guerra surtos no porto do Rio de Janeiro.

Foi chefe deste movimento o ex-contralmirante Custodio José de Mello, que, acompanhado por alguns officiaes de terra e mar e por alguns civis, clandestinamente embarcou na noite de 5, no encouraçado *Aquidaban*, içando pela manhã uma bandeira branca como signal de revolta, e ao mesmo tempo o pavilhão de contra-almirante. Já na vespera tinham os officiaes de marinha filiados ao partido rebelde, combinado entregar á facção revoltosa os navios confiados á sua guarda, aproveitando-se da ausencia dos commandantes e immediatos que se achavam em terra.

E assim, na manhã de 6 de Setembro os commandantes e officiaes fieis ao Governo ficaram privados de ir para bordo, não só por falta de conducção, como tambem por temerem ser repellidos por aquelles que abertamente se manifestavam contra o Governo.

Occupava então o cargo de ministro da marinha o contra-almirante Felipe Firmino Rodrigues Chaves, sendo chefe do Estado-Maior-General da armada o vice-almirante Francisco José Coelho Netto.

A força rebelde, surta na bahia do Rio de Janeiro, compunha-se de vinte seis navios, a saber : encouraçados *Aquidaban*, *Javary* e *Sete de Setembro* ; cruzadores *Guanabara*, *Trajano*, *Republica* e *Almirante Tamandaré* ; canhoneira *Marajó* ; vapor de guerra *Amazonas* (Escola pratica de Artilharia e Torpedos) ; transporte de guerra *Madeira* ; hiate de guerra *Quinze de Novembro* ; torpedeiras de alto mar *Marcilio Dias*, *Iguatemy* e as de porto ns. 1, 2 e 3 e a do encouraçado *Riachuelo*, que havia ficado no Rio de Janeiro ; os vapores mercantes frigorificos *Jupiter*, *Uranus*, *Pallas* e *Venus* ; os do Lloyd Brasileiro *Meteóro*, *Alagôas* e *Parahyba* ; o da companhia Esperança Maritima, denominado *Esperança* e o vapor *Penedo* ; todas as lanchas a vapor, de guerra e mercantes, com excepção das que tinham pavilhão inglez.

Estava tambem na revolta o Batalhão Naval, então sob o commando do ex-capitão de mar e guerra Eliezer Coutinho Tavares, que, abandonando o quartel situado na ilha das Cobras, encravara a artilharia do forte da mesma ilha.

A ponta da Armação, onde se achava o deposito de munições e trem bellico da marinha, tambem estava em poder delles, e nessa attitude esperavam solução á intimação feita ao Governo para renuncia do Vice-Presidente da Republica do cargo que occupava.

A posição do Governo era de alguma sorte precaria ; apenas contava elle com os batalhões do exercito, que guarneciam a Capital Federal, com as fortalezas de Santa Cruz, S. João e Lage, tendo-se declarado neutra a fortaleza de Villegaignon, bem como a Escola Naval, então sob a direcção do ex-contra-almirante Luiz Felipe de Saldanha da Gama.

Assoberbado pela violencia da revolta, que surgia inopinadamente com tantos recursos, pediu o Governo ao Congresso meios para debellal-a, pois a propria existencia delle perigava.

Durante o tempo que decorreu para que taes meios fossem votados, aproveitaram-se habilmente os rebeldes da delonga apoderando-se de todas as embarcações miudas do porto, fazendo desta sorte paralyzar a vida commercial e as communicações dentro da bahia do Rio de Janeiro, e estabelecendo um rigoroso bloqueio. A população alarmou-se, o Governo mobilisou a Guarda Nacional e formaram-se batalhões patrioticos, que deram as maiores provas de civismo, disputando todos os logares de maior perigo.

O Governo conservou-se na defensiva, organisando resistencia no littoral, para impedir qualquer desembarque, e appellou para o concurso de todos os cidadãos que o quizessem coadjuvar nas difficeis circumstancias que atravessava.

Nessa occasião fui convidado pelo Sr. Vice-Presidente da Republica para assumir o commando das fortalezas de Villegaignon e da ilha das Cobras, encarregando-me tambem da defesa interna do porto do Rio de Janeiro (21 de Setembro de 1893). Ao iniciar os trabalhos de defesa, reconheci a necessidade de desalojar os rebeldes dos pontos estrategicos que occupavam; para isso solicitei do Sr. ministro da marinha officiaes que me auxiliassem, e se me apresentaram os seguintes: capitão de mar e guerra Pedro Benjamin de Cerqueira Lima, capitães-tenentes Luiz de Azevedo Cadaval, Manoel Jacintho Pinheiro e Francisco Fernandes Panema; 1º tenente Silvinato de Moura; 2º tenente Jorge Augusto Duque Estrada e o 1º tenente da reserva Sebastião Guillobel, que espontaneamente se offereceu para o serviço (23 de Setembro de 1893).

Antes de proseguir, convém dizer que, após a sahida do Batalhão Naval da ilha das Cobras, ficara esta abandonada por espaço de cinco dias, tendo os galés arrombado as prisões por se verem privados de alimento.

Por esse tempo, o ex-contra-almirante Saldanha da Gama, que se achava na Escola Naval e se tinha declarado

neutro, aproveitou a oportunidade para guarnecer a referida ilha com Marinheiros Nacionaes e contractados. Utilisou-se do Hospital de Marinha para tratamento dos feridos vindos da esquadra revoltosa, içando a bandeira da Cruz Vermelha da Convenção de Genebra, afim de gozar das respectivas imunidades.

Sem recursos navaes efficientes para agir contra a esquadra, tratei de ver se podia tentar um assalto á ilha das Cobras, que era ponto strategico, e obrigar a fortaleza de Villegaignon a manifestar-se pró ou contra o Governo e assim obter uma base de operações. O ataque devia ser simultaneo, devendo eu ir com os officiaes já referidos em uma lancha á fortaleza de Villegaignon, ao mesmo tempo que um batalhão de infantaria e um regimento de artilharia tentariam escalar e occupar a ilha das Cobras, passando o canal em saiveiros em embarcações da Alfandega. Nessa occasião nomeei o capitão de mar e guerra José Antonio de Alvarim Costa para commandar a fortaleza da ilha das Cobras, tendo como auxiliar o capitão-tenente Alfredo Luciano de Abreu, devendo o 1º tenente João Adolpho dos Santos e o commissario Fabiano Martins da Cruz, com 34 praças, auxiliarem a tomada da referida fortaleza.

Combinado esse plano, tentou-se no dia 25 de setembro do anno findo o ataque aos pontos acima referidos sendo o resultado infructifero, por diversas razões: 1º, por ter o assalto coincido com a vinda do encouraçado *Aquidaban* para a boia de espera do dique, afim de exigir a entrega do rebocador *Audax*, (que então se achava na doca da Alfandega), impossibilitando assim qualquer tentativa de desembarque; 2º, que depois de ter eu desembarcado com os officiaes acima referidos, excepção feita do capitão-tenente Panema, que dera parte de doente, na fortaleza de Villegaignon, e declarado ao 1º tenente Silvio Pellico Belchior, que se achava commandando-a interinamente, que ia occupal-a por ordem do Governo, afim de que a mesma hostilisasse a esquadra revoltosa, e para que mandei lavrar uma ordem do dia nesse sentido, obtive do commandante a seguinte resposta: « que eu nada obteria da guarnição da fortaleza, pois a mesma achava-se disposta a não hostilizar o Governo, por não pactuar com a

revolta, porém de modo algum atirariam sobre os companheiros de classe. »

Apezar dessa resposta, ordenei que mandasse formar a guarnição, e, enquanto percorria as fortificações externas, fui surpreendido pela attitude das praças, que com armas embaladas se haviam amotinado, atirando sobre os officiaes da minha comitiva.

Pedi explicação desse facto ao referido commandante Silvio Pellico Belchior, que me disse ter a guarnição declarado que nós a queriamos entregar ao exercito; accrescentando que com difficuldade poderiam contel-a, visto achar-se muito exaltada.

Reconteci então que nada podia fazer, pelo que mandei lavrar outra ordem do dia invalidando a primeira, que havia de ser lida em presença da guarnição, retirando-me em seguida com todos os officiaes, que me acompanharam, na mesma lancha que nos levára. Tendo assim abortado essa tentativa de occupação, aconselhei ao Governo que obrigasse a fortaleza de Villegaignon a manifestar-se, usando para isso dos meios necessarios, o que deu em resultado passar a referida fortaleza para a revolta.

Nessa situação, o unico alvitre a adoptar era appellar para a força naval, que se conservavà fiel ao Governo, e após rapida analyse da mesma força e do local onde se achava, resolvi de commum accôrdo com o então ministro da marinha adoptar Montevidéo para base de operações; apresentando tambem nessa occasião um plano de fortificações dos pontos internos e salientes da bahia do Rio de Janeiro, plano esse que foi assignado pelos Srs. ministro da marinha, chefe do Estado Maior General da Armada e por mim.

Antes de se adoptar Montevidéo para base de operações, já tinha o Governo tomado providencias em relação ao pessoal que lá se achava; assim é que mandou seguir do Rio para Montevidéo os capitães-tenentes João Baptista das Neves e Francisco Mariani Wanderley, sendo este ultimo acompanhado pelo 1º tenente Henrique Boiteux, 2º tenente Augusto Scheffer Thees e o machinista Cunha Menezes; devendo o primeiro assumir o commando do encouraçado *Bahia* e o segundo substituir o capitão-tenente Emilio Carvalhaes

Gomes, que não inspirava confiança; ao mesmo tempo fazia recolher o cruzador *Tiradentes* ao dique de Mauá, tendo sido retirada do referido cruzador uma peça da machina, que ficou depositada na casa do nosso ministro.

Em Montevidéo devia eu encontrar o cruzador *Tiradentes* e os vapores do Lloyd Brasileiro *Santos e Desterro*, e aguardar a chegada do encouraçado *Bahia*, que por essa época já havia partido para Assumpção.

Ao mesmo tempo o Governo resolveu comprar na Europa, na casa Armstrong, um caça-torpedeira, que se denominaria *Aurora*, e que devia chegar a Pernambuco em 24 de outubro do anno findo.

Requisitei tambem do Sr. ministro que mandasse regressar do ponto em que estivesse o encouraçado *Bahia* para Montevidéo, não permittindo mais que continuasse a viagem para Assumpção.

Fui depois ao palacio do Governo receber instrucções sobre a campanha naval que ia encetar, e nessa occasião o Sr. Vice-Presidente da Republica annunciou-me que ao chegar a Montevidéo encontraria eu todo o material bellico indispensavel ao armamento dos navios do Lloyd, que lá estavam, podendo assim augmentar o effectivo da força.

Emquanto o Governo tomava essas medidas para organizar a força naval, deram-se factos, que julgo conveniente relatar para justificar medidas que posteriormente foram tomadas.

Assim foi que o cruzador *Republica* aproveitando-se de uma madrugada de nevoeiro muito denso, forçou a barra do Rio juntamente com a torpedeira *Marcilio Dias*, seguindo ambas em direcção a Santos onde tentaram forçar a entrada: sendo, porém, repellidos pelo forte da barra, tomaram o rumo de Santa Catharina.

A' proporção que a revolta tomava incremento, forçando os rebeldes a barra afim de propagarem pelos Estados suas idéas e angariarem adeptos, envidava eu esforços para apressar a partida do Rio de Janeiro, que só devendo ter logar a 15 de outubro no vapor francez *Orénoque*, foi effectuada a 12 do mesmo mez no vapor inglez *Thames*, sendo acompanhado pelos seguintes officiaes: capitão de mar e

guerra José Antonio de Alvarim Costa, capitão de fragata José Pedro Alves de Barros, capitão-tenente Alfredo Luciano de Abreu, primeiros-tenentes Sebastião Guillobel e Rodolpho Lopes da Cruz, segundos-tenentes Jorge Augusto Duque Estrada, tenentes de cavallaria João Cordeiro de Farias e João Candido da Silva Muricy, 14 inferiores, 25 praças entre alumnos da Escola Militar e batalhões patrióticos e 28 marinheiros contractados.

As peripecias que se deram por occasião do embarque constam do officio n. 6 de 24 de outubro do anno findo.

Durante a viagem nada houve digno de nota.

A 15 de outubro chegámos ao Lazareto da Ilha das Flores onde encontrei o Dr. Ruy Barboza, que por essa época terminava a quarentena, retirando-se para Buenos-Ayres. Finda a quarentena, dirigi-me para Montevidéo, onde ao chegar no dia 20, apresentei-me com todos os officiaes ao nosso ministro Dr. Victorino Monteiro. Tomei immediatamente todas as providencias para organizar a força naval e sahir com a maxima brevidade, afim de prestar auxilio ao Estado de Santa Catharina e deste modo obstar que o referido Estado cahisse em poder dos rebeldes.

No dia seguinte (21) fui á bordo do cruzador *Tiradentes* que ainda se achava no dique Mauá, e tomei delle posse mandando lavar a primeira ordem do dia, que vai appensa a este relatorio, nesta occasião fiz as seguintes nomeações: chefe do estado-maior da esquadra, capitão de mar e guerra José Antonio de Alvarim Costa; secretario, primeiro tenente Sebastião Guillobel; commandante do couraçado *Bahia*, capitão de fragata José Pedro Alves de Barros; commandante do vapor de guerra *Santos*, capitão-tenente Alfredo Luciano de Abreu.

Passei revista ao cruzador *Tiradentes*, e encontrei-o em verdadeiro pé de guerra.

Aproveito a oportunidade para declarar que devido aos esforços dos primeiros-tenentes Carino da Gama de Souza Franco, então á disposição da Legação Brazileira, e João Augusto dos Santos Porto, secundado pelos demais officiaes e mestre de bordo Lucio Benevenuto, se deve a conservação deste vaso de guerra a causa do Governo. No dia seguinte

(22) fui surprehendido com a noticia de que o cruzador *Republica* achava-se no porto de Montevidéo e á pequena distancia do dique Mauá, onde ainda se conservava o *Tiradentes*.

O cruzador *Republica*, então fundeado, fez signaes que foram traduzidos do modo seguinte: *Santa Cruz, Ville-gaignon, chefe Saldanha comnosco, vos esperamos*; estes signaes não foram correspondidos.

Immediatamente tomei providencias, de accôrdo com o nosso ministro, para que as autoridades maritimas orientaes obrigassem a deixar o porto o cruzador *Republica*, o que teve logar na tarde do mesmo dia, depois de se lhe haver fornecido a agua necessaria, que pelo mesmo foi pedida, tendo sido preso o pratico que lhe déra entrada.

Mandei tambem que os vapores *Santos* e *Desterro* mudassem de ancoradouro, de modo a não poder ser attingidos pelo referido cruzador.

Aguardava a todo momento a chegada do encouraçado *Bahia*, conforme havia requisitado do Sr. ministro da marinha antes de sahir do Rio; e, como se demorasse a chegar quando era urgente partir, deliberei mandar ao seu encontro o rebocador *Solis* com o capitão de fragata Alves de Barros, levando um contingente de 34 praças de terra e mar, tendo como auxiliar o tenente de cavallaria Cordeiro de Farias.

A commissão estava prestes a partir, quando fui informado pelo nosso ministro, de que a flotilha do Alto-Uruguay achava-se em posição duvidosa.

Resolvi immediatamente sustar a nomeação do referido capitão de fragata e designei o capitão-tenente Alfredo Luciano de Abreu para desempenhar a commissão, devendo, ao encontrar o referido encouraçado assumir o commando e trazel-o a Montevidéo, e enviei por terra ao Alto-Uruguay o referido capitão de fragata Alves de Barros com plenos poderes para nomear e demittir commandante e officiaes, afim de que investido com essa autoridade pudesse debellar qualquer espirito de revolta que por ventura houvesse.

Tendo partido a 24, regressou a 28 do mesmo mez, e as razões allegadas pelo commandante da flotilha ao referido

capitão de fragata Alves de Barros e por elle aceitas, foram posteriormente sancionadas pelo Governo, sem para isso ter precedido combinação alguma.

Foi este um dos serviços importantes prestados por este official na presente commissão.

No dia 23 tomei posse do vapor *Santos*, mandando pagar as soldadas atrasadas da marinhagem por conta do fretamento do referido vapor, e, tendo-o assim desembaraçado, fil-o entrar no dique para limpar o fundo, e do qual sahiu a 28 do referido mez.

Depois, dediquei-me em preparal-o para receber a artilharia comprada pelo nosso ministro em Buenos-Ayres, e aguardava a todo momento a chegada do encouraçado *Bahia*, quando vieram ao meu conhecimento as tentativas feitas pelos rebeldes, que se achavam em Buenos Ayres, para se apoderar por súrpresa, do referido encouraçado, tendo mesmo fretado um trem expresso para o Rosario, onde o esperavam.

A' vista disso, deliberei ir ao encontro do *Bahia*, o que fiz sahindo de Montevidéo a 8 de novembro do anno findo e dirigindo-me á cidade do Rosario, onde cheguei a 10 do mesmo mez; nessa cidade, situada á margem do rio Paraná, demorei-me o tempo indispensavel para aguardar a chegada do encouraçado que já, tendo partido da Villa do Pilar, vinha aguas abaixo.

A 15 chegou o referido encouraçado ao Rosario armado de esparella, pois havia perdido o leme, e a reboque do vapor *Solis*. A 16 deixei a cidade do Rosario e navegando de conserva com o *Bahia*, demandei o porto de Montevidéo, onde dei fundo com o cruzador *Tiradentes* a 18 do mesmo mez.

Cumpre-me declarar que durante a permanencia do cruzador *Tiradentes* no porto da cidade do Rosario, deu sempre provas de zelo no cumprimento de seus deveres o Sr. Domingos de Sá Pereira, nosso vice-consul na referida cidade.

No mesmo dia á tarde entrou o encouraçado *Bahia* para o dique Mauá, afim de receber um leme e fazer os reparos indispensaveis para entrar em acção. Achavam-se porém,

em tão deploravel estado a torre, as carretas da artilharia e a propria machina, que só após 45 dias de concerto pôde o mesmo tomar parte no exercicio, que organizei para conhecer do valor deste vaso de guerra. No dia 20 de novembro do anno findo solicitou demissão do cargo de chefe do estado-maior o capitão de mar e guerra José Antonio de Alvarim Costa, por motivos que já vos são conhecidos em officios reservados sobre o assumpto; concedi-lh'a, seguindo o mesmo para o Rio de Janeiro á disposição do Quartel-General de Marinha, tendo nomeado para substituil-o o capitão de fragata José Pedro Alves de Barros; e continuando no commando do encouraçado *Bahia* o capitão-tenente Alfredo Luciano de Abreu, foi nomeado para commandar o vapor de guerra *Santos* o capitão-tenente Carlos A. de Faria Veiga.

No dia 28 de novembro, por propôsta telegraphica do então ministro da marinha, e de combinação com o nosso ministro Dr. Victorino Monteiro, deliberei mandar armar o vapor *Itaipú*, da Companhia Nacional de Navegação Costeira, que então se achava em Porto Alegre.

Para esse fim seguiu por terra, via Jaguarão, o seguinte pessoal:

1º tenente da armada, Rodolpho Lopes da Cruz; machinista de 4ª classe, Manoel Augusto da Cunha Menezes; o fiel do corpo de fazenda, commissionado em commissario Jeronymo Gonçalves de Senna, e o 1º tenente de artilharia Assis Brazil, que satisfactoriamente desempenharam a commissão, tomando posse do referido vapor no dia 9 de dezembro.

As noticias recebidas por telegramma mostravam que a revolta progredia diariamente; convinha, pois, sahir a todo custo de Montevidéo, afim de dar combate ao cruzador *Republica*, e restringir assim o campo de acção da revolta mudando ao mesmo tempo a base de operações para Santa Catharina.

Era esse plano de combate que tencionava executar ao chegar a Montevidéo, si tivesse obtido armamento desde logo horas, si o encouraçado *Bahia* estivesse em condições de navegabilidade e si a torpedeira *Aurora*, hoje *Gustavo*

Sampaio, chegasse em occasião opportuna conforme era esperada.

Tendo, porém, recebido telegramma em 1 de dezembro do anno findo, communicando que o encouraçado *Aquidaban* havia forçado a barra do Rio de Janeiro, seguindo em direcção do sul, tive de modificar o primitivo plano de ataque, pois a força que se achava sob meu commando não era sufficiente para fazer face a tão poderoso adversario; tanto mais quanto ainda aguardava a chegada da torpedeira *Aurora*.

Não tendo meios para entrar em acção com vantagem e sabendo que o Governo tratava de adquirir navios no estrangeiro, para então com valiosos recursos emprender uma campanha offensiva, tratei de ir preparando o que me era possível, pois em tempo opportuno e occasião asada teria a divisão de Montevideo que operar e com vantagem, devido ao pouco calado dos navios que a compunha.

E assim, após muitas contrariedades, consegui ter prompta a divisão no dia 7 de janeiro do corrente anno, e desejando conhecer o grão de valor da força que tinha sob o meu commando, deliberei fazer exercicio geral, que teve logar a 9 de janeiro do corrente e de que já deveis ter conhecimento pelo officio que nessa data vos remetti.

Nesse interim recebi noticias telegraphicas da nossa legação em Buenos-Ayres, dizendo achar-se a torpedeira *Marcilio Dias* naquelle porto, ancorada entre os navios de guerra argentinos e tambem de se estar promptificando em La Plata um navio para os rebeldes.

Sendo de character grave estas noticias, á vista da neutralidade expressa que deliberara tomar o Governo Argentino em relação ao Brazil na presente questão, resolvi ir pessoalmente com o meu secretario e o ajudante de ordens 2º tenente Duque Estrada, verificar o que de exacto havia em taes noticias.

Dirigi-me por isso a Buenos-Ayres e depois de minuciosa pesquisa por espaço de quatro dias no porto Madeira, Tigre, Canaes do Paraná, e porto de La Plata, reconheci não terem o menor fundamento taes noticias, pelo que regresssei a Montevideo. Durante a minha permanencia nesta cidade tive

muitas vezes que providenciar para que as flotilhas de Matto-Grosso e Alto-Uruguay fossem pagas de seus vencimentos atrazados.

A flotilha do Rio Grande do Sul me causou a principio muitas contrariedades, por haver sempre a seu respeito noticias alarmantes, sendo mesmo obrigado, por informações recebidas, a solicitar do Governo a demissão da totalidade de seus officiaes.

Felizmente a nomeação do capitão-tenente Miguel Antonio Fiuza Junior foi uma acertada escolha, pois se lhe deve a manutenção da flotilha em favor da causa do Governo.

No dia 4 de janeiro do corrente chegou a Montevidéo, procedente do Rio Grande do Sul o vapor de guerra *Itaipú* sob o commando do primeiro tenente Rodolpho Lopes da Cruz.

Teve de submitter-se a quarentena imposta ás procedencias do Brazil, o que muito prejudicou o seu preparo.

Aguardava occasião para entrar no dique, que então se achava occupado, quando delle necessitei para seguir, em commissão do Governo para a Bahia de S. Salvador (17 de janeiro de 1894).

DE MONTEVIDÉO A BAHIA E DA BAHIA AO RIO DE JANEIRO POR CABO FRIO

Janeiro de 1894.

Em virtude da ordem telegraphica do ministro da marinha, recebida a 17 de janeiro do corrente anno em Montevidéo, preparei-me para partir immediatamente no vapor de guerra *Itaipú* com destino a Bahia.

Fixei o dia 18 para isso ; tendo, porém, sobrevindo forte temporal adieci a partida para o dia seguinte (19) no qual teve logar.

Achava-se então muito atrasado em seu preparo o vapor de guerra *Itaipú*, não só devido a quarentena que lhe fôra imposta, como tambem por não ter podido entrar no dique

que estava occupado. Sendo, porém, de character urgente a commissão ordenada, deixei de concluir a pintura a que se estava procedendo no mesmo, bem como de fazel-o entrar no dique para limpar o fundo, o que muito retardou a commissão que nelle empreehendi.

Aproveito a opportunidade para indicar os graves inconvenientes que apresenta o porto de Montevidéo como base de operações, a saber: a quarentena a que estão sujeitos os navios procedentes do Brazil, em determinadas épocas do anno e a demora nos diques, devido ao regimen das aguas.

Tendo sahido a 19 de Montevidéo, passei por Cabo Frio a 23, e approximando-me do pharol o sufficiente para que assinalassem para o Rio de Janeiro a minha passagem, continuei a viagem, dando fundo na bahia de S. Salvador, com o vapor de guerra *Itaipú*, no dia 25, ás 5 horas da tarde.

No porto da Bahia encontrei os cruzadores *Nictheroy* sob o commando do capitão de fragata Alvaro Nunes Ribeiro Belfort; o *Parnahyba* sob o commando do capitão-tenente João Antonio Soares Dutra, e o caça-torpedeira *Gustavo Sampaio*, sob o commando do primeiro-tenente Altino Flavio de Miranda Corrêa; achando-se no ancoradouro de Itapagipe o cruzador *Primeiro de Março*, sob o commando do primeiro tenente Cunha Gomes; a canhoneira *Braconnot*, sob o commando do capitão-tenente Joaquim Pinheiro de Vasconcellos, e mais o brigue *Pirajá* e patacho *Caravellas* confiados a inferiores de marinha.

A remoção desses navios para o fundeadouro de Itapagipe foi uma medida acertada do Governo, pois assim os collocou ao abrigo de qualquer surpresa que pudesse haver por parte dos rebeldes.

No dia seguinte (26) pela manhã, entrou, procedente de Pernambuco, o cruzador *Andrada* vindo tambem da mesma procedencia e no mesmo dia, porém, a reboque, as torpedeiras de porto *Moxotó*, hoje *Sabino Vieira*, e o *Destroyer*, hoje *Piratinim*, ordenei em seguida que as torpedeiras tambem de porto, vindas de New York a bordo do cruzador *Nictheroy* fossem postas n'agua afim de promptas fazerem parte da esquadra. Ao executar-se, porém, a manobra de arrial-as ao mar e devido a impericia do pessoal americano, que se achava

no referido cruzador, soffreram algumas avarias, o que deu causa a maior demora na Bahia, devido aos reparos porque tiveram de passar e que, não tendo sido convenientemente executados contribuíram para a arribada de uma dellas, quando em viagem.

Denominei-as *Tamborim* e *Greenhalg*.

Dias depois entraram tambem procedentes de Pernambuco mas com escala por Maceió e comboiadas pelo vapor *Brazil* as torpedeiras de alto mar *Pedro Ivo* e *Pedro Affonso* do commando dos primeiros tenentes Julio Alves de Brito e Joaquim Carlos de Paiva.

Estranhando a demora das outras torpedeiras de alto mar, que haviam ficado em Pernambuco, ordenei ao vapor de guerra *Itaipú* que se preparasse para ir ao referido porto, transferindo por essa occasião o pavilhão para o cruzador *Parnahyba* (8 de fevereiro). No dia seguinte partiu o vapor de guerra *Itaipú* ás ordens do Sr. general Leite de Castro, afim de activar e apressar a vinda das torpedeiras *Silvado* e *Silva Jardim* para a Bahia, devendo ao regressar passar por Maceió, afim de trazer a reboque a torpedeira *Bento Gonçalves*, que segundo telegrammas, estava neste ultimo porto com grandes avarias. Tendo o vapor *Itaipú* partido a 9 da Bahia, chegou a 11 a Pernambuco, e depois de indispensavel demora, para activar a partida das torpedeiras, deixou o referido porto a 13, trazendo a reboque a *Silvado* e a *Silva Jardim*.

A primeira vinha sob o commando do 1º tenente Americo Brazilio Silvado e a segunda sob o commando do official chileno Amengál, que a recebeu do 1º tenente Silvinato de Moura.

Na travessia do Recife a Maceió vieram a reboque do vapor de guerra *Itaipú* e de tal modo se comportou o official chileno, que commandava a *Silva Jardim*, como podeis avaliar pela cópia junta da parte dada pelo commandante do referido vapor, que ao chegar a Maceió, abandonou-a sendo acompanhado por todo pessoal chileno que a tripolava; tendo então assumido o commando o 1º tenente Silvinato Moura.

Achando-se ainda no porto de Maceió a torpedeira *Bento Gonçalves*, e em virtude das ordens recebidas pelo

commandante do vapor *Itaipú*, veio essa torpedeira a reboque até a Bahia conjunctamente com as outras.

Sobre a torpedeira *Bento Gonçalves*, que se achava sob o commando do 1.^o tenente Tancredo de Castro Jauffret e que por ordem do Governo foi entregue ao official chileno Maraga, cumpre-me dizer-vos que, por impericia deste ultimo official, que a commandava, foi a referida torpedeira lançada sobre os recifes que bordam a costa na entrada de Maceió, e tão sérias avarias soffreu, que apesar de serem em parte reparadas na referida cidade, teve que aguardar o vapor *Itaipú* para vir á Bahia.

Ao chegar, mandei proceder a uma vistoria pelo Arsenal de Marinha, e sendo os profissionaes de opinião que seriam necessarios pelo menos 30 dias para reparal-a, mandei que a encostassem, afim de attender ao que de mais urgente precisava a esquadra.

A este prejuizo accresce o comportamento do referido official, que abandonou a torpedeira em circumstancias criticas, seguido pelo pessoal chileno que a tripolava.

Sobre o comportamento irregular destes officiaes, relevai-me dizer-vos que, si fossem officiaes brasileiros, os teria mandado submitter a conselho de guerra, por terem abandonado os navios de seus commandos; sendo, porém, estrangeiros, e aceitos pelo nosso governo, limitei-me a despedil-os do serviço, quando se me apresentaram na Bahia, vindos de Maceió em vapores do commercio.

As difficuldades para o preparo da esquadra recrudesciam diariamente, pois á medida que os navios e torpedeiras chegavam de Pernambuco, tinham logo que soffrer concertos, e tendo todos convergido para a Bahia, não podia o Arsenal de Marinha attender a todas as necessidades.

Foi, pois, com satisfação que vi chegar em 10 de fevereiro, procedente do Rio de Janeiro, no vapor inglez *Thames*, o Sr. ministro da marinha vice-almirante Francisco José Coelho Netto, que desta sorte pôde bem avaliar das difficuldades com que lutava para preparar a esquadra, que devia sahir no menor prazo possível.

E, me é agradável declarar que foram importantissimos os serviços prestados por S. Ex., muito tendo contribuido

para o rapido preparo dos navios, pelas acertadas providencias que tomou em relação á administração, dispensando assim frequentes consultas ao Governo no Rio de Janeiro.

No mesmo vapor chegaram tambem, procedentes de Montevidéo, os 1^{os} tenentes João Augusto dos Santos Porto, Amynthas José Jorge e Jorge Americano Freire e 28 foguistas.

Nomeei o primeiro para commandar a torpedeira *Tamborim*, o segundo a *Greenhalg* e o terceiro o vapor *S. Salvador*, vapor este pertencente ao Lloyd Brasileiro e que foi incorporado á esquadra para servir de transporte de força e trem bellico. Dos navios que se achavam na Bahia, pertencentes á nossa marinha de guerra, só pude me utilizar do cruzador *Parnahyba*, visto achar-se o cruzador *Primeiro de Março* com a machina em pessimo estado e não ter a canhoneira *Bracomot*, bem como os demais navios, nenhum valor para a campanha que ia encetar; assim, pois, mandei retirar desta todo o armamento aproveitavel para os navios que então armava e com esse recurso consegui augmentar o armamento do vapor de guerra *Itaipú* e armar o vapor de guerra *S. Salvador*.

No dia 17 de fevereiro apresentaram-se na Bahia, vindos do Rio para o serviço da esquadra, o capitão de mar e guerra Gaspar da Silva Rodrigues e o capitão-tenente Alexandre Baptista Franco. Nomeei o primeiro para commandar a divisão de torpedeiras e o segunda para commandar a *Piratinim*, todavia não logrou leval-a a combate, devido não só á *velustez do casco e má estado da machina*, como tambem á má vontade do pessoal estrangeiro que a tripolava.

A opinião que faço dessa torpedeira, que ainda se acha na Bahia soffrendo concerto, é que o plano póde sér aproveitado e, possuindo uma machina que lhe imprima a velocidade de 12 a 14 knots por hora, constituirá um bom typo de torpedeira de porto, tanto mais quanto o tubo submarino de expellir torpedo é de construcção solida e simples, lançando um torpedo, cuja carga é de 200 libras de algodão polvora. Todavia, o Governo, depois de ouvir os profissionaes, melhor resolverá a respeito.

As torpedeiras *Tamborim*, *Greenhalg*, apesar de terem desenvolvido uma marcha entre 18 e 20 milhas, no porto da Bahia, resentem-se de diversos defeitos, taes como : de fragilidade do casco, que é de madeira (cedro); não possuem appparelhos proprios para torpedeiras, achando-se o unico tubo de lançamento muito exposto, e não podendo receber mais que um torpedo; o que prova que estas embarcações foram aproveitadas para uma occasião urgente, não tendo os requisitos de uma boa torpedeira.

Quanto á torpedeira *Sabino Vieira*, construida na Allemanha e preparada na America do Norte para lançar torpedo Howell, representa um bom typo de torpedeira de porto, não só pela exiguidade de dimensões, como tambem pela sua marcha e robustez de construcção. Quanto ás torpedeiras de alto mar vindas da Allemanha, só com muito trabalho consegui fazel-as funcionar regularmente. Attribuo a diversas causas, sendo a principal o terem sido confiadas a um pessoal sobremodo incompetente, que não conhecendo o valor destas machinas, nem tendo a responsabilidade necessaria, não trepidaram em alimentar a caldeira com agua salgada durante a travessia que emprehenderam, resultando dahí encrustações que muito difficultavam a vaporisação e por conseguinte pouca marcha. As machinas accessorias, principalmente as electricas, resentiam-se da má construcção e da impericia do pessoal que a dirigia.

No dia 19, achando-se presente o ministro da marinha, procedeu-se á experiencia do torpedo dirigivel Edison-Lins, que estava montado no cruzador *Andrada*. O referido torpedo que nessa experiencia deu resultado satisfactorio, não só em relação á velocidade, mas tambem com relação á direcção, não pôde mais funcionar, devido a ter-se queimado na experiencia uma das bobinas internas do torpedo. A avaria, que não pôde ser remediada, tornou inutil a arma, em que tinha fundadas esperanças de bom exito. Todavia, peço a attenção do Governo, para essa arma, que empregada na defesa de uma passagem como é a entrada do Rio de Janeiro, será de grande effeito. Quanto ao torpedo dirigivel, que veio a bordo do cruzador *Nictheroy*, do autor Howard, não posso emittir opinião, visto nunca ter conseguido fazel-o

funcionar, não sabendo se attribuir á impericia do encarregado ou a defeito de construcção.

Lutava, com todas essas difficuldades, proprias á formação de uma esquadra, quando, para maior embarço da situação, recebo do Rio um telegramma do Governo communicando que o encouraçado *Aquidaban* havia forçado a barra (fevereiro do corrente) sahindo, e que em companhia do cruzador *Republica*, que de fóra o aguardava, dirigira-se para o norte.

Ao receber esta noticia, dei immediatamente ordem para que todas as noites fosse uma torpedeira rondar a barra, devendo assignalar a presença de qualquer navio suspeito. Receiando, porém, fatigar as machinas nesse serviço de ronda, quando devia tel-as promptas o entrar em acção a qualquer momento, ordenei que nesse serviço fossem empregados os cruzadores, serviço esse que continuou até a sahida da esquadra da Bahia. Posteriormente soube que na verdade os dous navios rebeldes, *Aquidaban* e *Republica*, tinham se dirigido para o norte, porém que na altura dos Abrolhos; depois de terem trocado signaes entre si, mudaram de rumo navegando em direcção para o sul.

Durante o periodo de organisação da esquadra na Bahia foi quando bem pude apreciar as difficuldades e trabalhos com que lutou o Governo para preparar os navios, cuja chegada por tanto tempo aguardara em Montevidéo, não só por falta de pessoal idoneo, como tambem por escassez, si não falta absoluta, de material apropriado. Assim, pois, mui opportuna foi a occasião escolhida pelo Governo para mudar-se a base de operações, tanto mais quanto a divisão que estava em Montevidéo podia se considerar prompta, devendo apenas o encouraçado *Bahia* receber o ariete, o qual podia ser dispensado, caso fosse de grande necessidade a sahida da divisão.

Durante essa rude tarefa, em que se achava empenhada uma parte da marinha para debellar uma revolta nascida no seio da classe e que tão grandes males acarretou para o paiz me foi doloroso ter que mandar submitter á inspecção de saude alguns officiaes que, nomeados para servir na esquadra, se esquivavam do serviço, pretextando molestia.

No dia 28 embarcou a bordo do *S. Salvador* o 9.º batalhão de infantaria e numeroso trem bellico, que se destinava ao Rio de Janeiro.

Apezar dos contratemplos e difficuldades, consegui preparar a esquadra e zarpei da Bahia, no dia 1 de março do corrente, em direcção a Cabo Frio e antes de sahir passei o meu pavilhão do cruzador *Parnahyba* para o cruzador *Nictheroy*, por conveniencia do serviço.

VIAGEM DA BAHIA A CABO FRIO

Março de 1894.

No dia 1 de março do corrente, estando prompta a esquadra, deixei o porto da Bahia, tendo o pavilhão no cruzador *Nictheroy* e achando-se a bordo o Sr. vice-almirante Francisco José Coelho Netto, ministro da marinha.

Determinei que a esquadra navegasse em linha de escarpa, por ser a formatura mais propria para aceitar combate, protegendo assim as torpedeiras e ordenei a estas ultimas seguissem a reboque, afim de não fatigarem as machinas. Dividi a força em 3 divisões, sendo a primeira composta dos cruzadores *Nictheroy* tendo a bordo a torpedeira *Sabino Vieira*, *Andrada*, *Parnahyba* e o vapor de guerra *Itaipú*, sob o mando interino do capitão de fragata Alvaro Nunes Ribeiro Belfort; a segunda divisão compunha-se do vapor de guerra *S. Salvador*, que levava o 9.º batalhão de infantaria da Bahia, caça-torpedeira *Gustavo Sampaio*, torpedeiras de alto mar *Pedro Ivo*, *Pedro Affonso*, *Silvado* e *Silva Jardim*; as de porto *Piratinim*, *Tamborim* e *Greenhalg*, sob o commando do capitão de mar e guerra Gaspar da Silveira Rodrigues; a terceira divisão, que estava em Montevidéo, compunha-se do cruzador *Tiradentes*, encouraçado *Bahia* e o vapor de guerra *Santos*, sob o commando do capitão de fragata José Pedro Alves de Barros, chefe do estado-maior da esquadra.

No dia seguinte (2) o vapor de guerra *Itaipú*, que levava a reboque a torpedeira *Piratinim*, fez signal, que esta

ultima tinha avaria na machina e fazia muita agua. Orde-nei que arribasse á Bahia, levando a torpedeira, vindo o referido vapor reunir-se novamente á esquadra.

Tendo ao sahir da Bahia chegado telegramma do Governo para mandar eu um navio ao porto da Victoria, afim de receber torpedos para os navios da esquadra e que se achavam no referido porto, por haver naufragado na barra o vapor italiano *Napoli*, que da Europa se encarregara de trazer-os, nesse sentido dei instrucções ao commandante do vapor de guerra *Itaipú* para ao signal convencionado deixar a esquadra e dirigir-se ao porto da Victoria, afim de des-empenhar a commissão ordenada, devendo depois reunir-se á esquadra em Cabo Frio—ponto de reunião determinado.

Na noite de 3 partiu-se o cabo de reboque da torpedeira *Tamborim*, que seguia a reboque da torpedeira *Silvado* e que por sua vez era rebocada pelo cruzador *Nitheyroy*. Devido ao vagalhão, e achando-se a machina em máo estado de funcionamento, foi esta torpedeira levada pelo mar, sendo em tempo soccorrida pelo cruzador *Parnahyba* que, pela pouca marcha que tem, achava-se nessa occasião na retaguarda da esquadra. No dia 4 o cruzador *Andrada*, que levava a reboque duas torpedeiras, a *Pedro Ivo* e a *Greenhalg*, fez signal que esta ultima fazia muita agua. Ordenci immediatamente que arribasse ao porto da Victoria, que era o mais proximo, afim de salvar a torpedeira e que fosse depois reunir-se a esquadra em Cabo Frio.

No dia 5 fiz signal ao vapor de guerra *Itaipú* para deixar a esquadra e seguir a commissão ordenada, signal este que foi reconhecido e executado.

Finalmente, no dia 7, cheguei a Cabo Frio, onde encontrei o cruzador *Parnahyba* e a torpedeira *Tamborim*, que tinha vindo pela costa, tendo sido a marcha da esquadra morosa, em virtude dos accidentes de reboque das torpedeiras.

No dia 8 á noite, entrou o vapor de guerra *Itaipú*, cujo commandante declarou que recebera os torpedos deixados pelo vapor italiano *Napoli*, porém que eram inserviveis, pois quasi todos estavam incompletos; declarou mais, que,

tendo encontrado a torpedeira *Greenhalg*, quasi prompta esperara mais algum tempo para trazel-a a reboque, porém, quando já ia a caminho, succedeu partir-se o cabo devido ao vagalhão que havia, e tendo-se repetido essa operação por mais de uma vez, aconteceu que n'uma dellas foi a torpedeira levada de encontro ao costado do navio, produzindo-se taes avarias que o forçaram de novo a voltar á *Victoria*, afim de deixar a torpedeira, que ainda lá se acha. O 1º tenente Amynthas José Jorge, que commandava a referida torpedeira, apresentou-se a bordo, tendo vindo no vapor de guerra *Itaipú*.

Na madrugada seguinte chegou o cruzador *Andrada*, que durante a noite pairara na entrada, declarando o commandante que desempenhara a commissão ordenada.

No dia 8 á tarde, entrou o rebocador *Audaz*, do commando do capitão-tenente honorario Antonio A. de Abreu, que declarou ser portador de ordens do Sr. marechal vicepresidente da Republica.

Inteirado das ordens, mandei que o vapor de guerra *S. Salvador*, que trouxera o 9.º batalhão de infantaria da Bahia e munições bellicas fosse a Imbetiba desembarcar o batalhão e o trem bellico, devendo depois vir reunir-se á esquadra.

Tendo sahido o referido vapor na madrugada de 9, foi acompanhado pelo rebocador *Audaz*, no qual retirou-se o Sr. ministro da marinha.

Achando-se reparada a avaria da torpedeira *Sabino Vieira*, que viera a bordo do cruzador *Nictheroy*, avaria produzida pelo choque que soffrera na manobra de ser posta no convez deste cruzador, devido a impericia do pessoal quanto ás fainas de bordo, determinei que a mesma fosse arriada n'agua, afim de proceder-se a experiencias. Tendo verificado achar-se ella em bom estado, deliberei que ficasse encorporada á esquadra, devendo acompanhal-a em suas evoluções.

Apezar de ameaçar tempo e haver muita cerração na costa, fiz signal a esquadra para suspender, e tendo ordenado ás torpedeiras que sahissem pela barreta do sul, afim de poupar-lhes caminho, parti ás 4 horas da tarde com a esquadra em direcção a barra do Rio de Janeiro.

Durante a noite mandei reconhecer diversos vapores que passaram á vista, e navegando a esquadra com poucas luzes para não denunciar-se, continuando a cerração e havendo muito mar, deu-se o choque entre as torpedeiras *Gustavo Sampaio* e *Silva Jardim*, quando a primeira procurava o seu logar na linha de formatura, de onde se havia afastado para fazer um reconhecimento, do que resultou ir a pique a segunda, por ter soffrido grande avaria no costado abaixo da linha d'agua, produzida pelo ariete da *Gustavo Sampaio*. Felizmente não houve perdas de vidas a lamentar.

No dia 10 de madrugada dei fundo no ancoradouro da Praia Vermelha e passei o dia aguardando ordens. Por essa occasião enfermou gravemente o 2º tenente Jorge Augusto Duque Estrada, meu ajudante de ordens; ordenei que baixasse ao hospital; e tendo-se apresentado nessa occasião o 1º tenente Silvinato de Moura, ex-commandante da torpedeira *Silva Jardim*, nomeei-o para substituil-o interinamente.

Ao anoitecer, receiando ser surpreendido com a esquadra fundeada, o que em tactica naval importa dizer *meia derrota*, suspendi e fui cruzar até amanhecer, regressando depois ao referido fundeadouro.

Por occasião de suspender, ficou o cruzador *Parnahyba* reparando a avaria que soffrera em uma das valvulas do costado, avaria essa que deu logar ao alagamento dos porões e a impossibilidade de accender fogos e por conseguinte de mover-se.

No dia 11 recebi instrucções do Sr. marechal vice-presidente da Republica para sahir para o norte, devendo fazer falsa derrota para o sul e, depois de perder de vista a barra do Rio, virar de bordo e, fazendo prôa ao norte, ir buscar o fundeadouro das ilhas de Maricá, devendo ahi demorar-me o tempo necessario que pelo mesmo Sr. vice-presidente havia sido concedido as embarcações e navios estrangeiros para se retirarem do porto e aos habitantes da cidade para se afastarem do littoral.

A commissão foi executada no mesmo dia, dando fundo com a esquadra ás 4 horas da tarde. Antes de deixar o

ancoradouro da Praia Vermelha, em execução ás ordens recebidas, determinei que as torpedeiras de alto mar e as de porto ficassem reparando as pequenas avarias que haviam soffrido durante a travessia, e no que foram attendidas por uma officina expressamente montada para esse fim na Escola Militar da Praia Vermelha; medida essa mui acertada da parte do Governo, visto achar-se bloqueado o porto do Rio de Janeiro.

Ao mesmo tempo recommendei que as torpedeiras promptas exercessem severa vigilancia na barra, devendo hostilizar todo e qualquer navio rebelde que tentasse entrar ou sahir.

Achando-me no fundeadouro das ilhas Maricás e conhecendo, por informações, a posição dos rebeldes e a força de que dispunham, e sabendo qual o effectivo da tropa do Governo e do valor das fortificações do littoral e interior da bahia, tracei o plano de combate que devia seguir, fazendo agir as forças de terra e mar simultaneamente, e mandei o meu secretario, 1.^o tenente Sebastião Guillobel, no vapor de guerra *Itaipú* ao ancoradouro da Praia Vermelha, afim de ahi desembarcar e levar o referido plano ao Sr. marechal vice-presidente da Republica, que, o tendo approvedo, o reenviou pelo mesmo portador.

O plano era o seguinte: ás 3 horas da tarde do dia 13, hora em que expirava o prazo concedido ás embarcações e navios de guerra estrangeiros para se retirarem do porto, e a população da cidade para se afastar do littoral, deviam todas as fortificações internas abrir fogo cerrado e continuo sobre as fortalezas da ilha das Cobras e Villegaignon, e tambem sobre os navios rebeldes *Tamandaré*, *Trajano*, *Liberdade*, *Jupiter*, etc., de modo a produzir-lhes o maior damno e fadiga possiveis.

A esquadra approximar-se-hia da barra, e, ao pôr da lua, que devia ser ás 11 horas, mais ou menos, o cruzador *Nictheroy* transporia a barra, içando nessa occasião duas lanternas encarnadas, uma por baixo da outra, no mastro de vante, e arriando-as em seguida, apenas para ser reconhecido pela fortaleza de Santa Cruz.

Ao entrar no canal, lançaria um foguete encarnado e a esse signal os holophotes de S. João e Gloria convergiam

os seus fôcos sobre as baterias de Villegaignon, tendo por fim dificultar-lhes a pontaria dos canhões e facilitar a visada ao cruzador *Nichteroy*, que, ao chegar á posição *a priori* calculada e determinada no mappa da bahia do Rio, devia lançar sobre a referida fortaleza tres projectis de dynamite, representando um total de mil e duzentos kilos de materia explosiva.

Terminada esta manobra, lançaria outro foguete encarnado; os holophotes já citados deixariam de illuminar Villegaignon e passariam para a Ilha das Cobras, sobre a qual o referido cruzador procederia de modo identico, avançando até se collocar em distancia efficaç.

Finda esta segunda parte e conforme a maré seria secundado pelo vapor de guerra *Itaipú*, que tinha de com elle entrar afim de o auxiliar na evolução de virar de bordo; pois devido ao seu grande comprimento e á morosidade da evolução teria que permanecer por algum tempo com o costado exposto ás balas inimigas, o que lhe poderia ser fatal; devendo depois vir reunir-se a esquadra fóra da barra, lançando nessa occasião um foguete verde para que os holophotes deixassem de funcionar, pois deviam entrar em acção as torpedeiras com toda a escuridão possivel.

Ao entrar seriam ellas protegidas pelos rebocadores *Audaz*, *Alamiro*, etc., que perfeitamente guarnecidos de pessoal, artilhados e municiaços, accitariam combate com as embarcações similares do inimigo, permittindo assim que as torpedeiras fossem directamente hostilizar os navios rebeldes, cujas posições eram conhecidas por plano préviamente levantado na vespera por pessoa de confiança, facilitando assim a tarefa das torpedeiras.

Deviam ao demandar o fundeadouro encostar-se o mais possivel á Boa-Viagem e Gragoatá, afim de evitarem a linha de torpedos que corria na direcção de Villegaignon á Boa-Viagem, conforme informações recebidas.

Uma vez no local dos navios rebeldes, visariam principalmente o *Tamandaré* e sem aguardar o resultado deviam retirar-se procurando reunir-se a esquadra.

Na retirada tambem seriam protegidas pelas lanchas e rebocadores.

Na manhã do dia 13, antes de entrar em acção, desejando fazer uma idéa exacta do valor do canhão pneumático, ordenei que se procedesse a uma experiencia usando, porém, de projectil de prova.

A experiencia realizou-se, tendo sido boa quanto á direcção porém, pouco satisfactoria quanto a distancia.

A's 2 horas da tarde desse mesmo dia suspendi com a esquadra do ancoradouro das ilhas Maricás e ao enfrentar com a barra, por volta das 3 1/2 horas já avistava o fogo aberto pelas baterias do Governo sobre os revoltosos; continuei a navegar, dando fundo ás 4 horas da tarde no ancoradouro da Praia Vermelha.

Achava-se a esquadra prompta á entrar em acção, aguardando apenas o momento opportuno e de accôrdo com o plano já mencionado, quando, por noticias vindas de terra e sem character official, annunciava-se que os rebeldes haviam abandonado as fortalezas, entregando os navios.

Desejando obter informações exactas, mandei meu secretario ao Sr. marechal Vice-Presidente da Republica.

Antes de regressar o secretario, veio a bordo o capitão tenente honorario José Carlos de Carvalho, que declarou ser veridica a noticia; acrescentando que o ex-contralmirante Saldanha da Gama, acompanhado dos officiaes de terra e mar, algumas praças e paizanos formando um total de 450 homens se havia refugiado a bordo dos navios de guerra portuguezes *Mindello* e *Affonso de Albuquerque*, tendo abandonado os marinheiros, soldados e civis na Ilha das Enxadas em numero superior a dois mil.

Em seguida demandei a barra, dando fundo com a esquadra ás 6 horas da tarde entre Villegaignon e a ilha Fiscal.

Ao regressar o secretario, fui informado da veracidade das noticias, tendo tambem trazido ordem do Sr. marechal para mandar rondar a ilha das Enxadas com rebocadores commandados por officiaes e tripolados por praças, afim de obstar que se evadissem os prisioneiros que lá se achavam.

Mandei tambem aprisionar todas as embarcações miudas e lanchas a vapor que fossem encontradas, afim de evitar qualquer aggressão ou surpresa que em acto de desespero pudesse ser feito pelos rebeldes.

DO RIO DE JANEIRO A SANTA CATHARINA

Abril de 1894.

Tendo chegado ao Rio de Janeiro no dia 13 em março do corrente, dei immediatamente todas as providencias para que os navios que necessitassem de reparos urgentes e indispensaveis o fizessem, podendo mesmo recorrer ás officinas particulares, visto ter encontrado muita difficuldade no Arsenal em attender aos serviços, devido em grande parte e desorganisação de seu pessoal por occasião da revolta.

Mereceram-me particular cuidado as torpedeiras, pois, descejando fazel-as navegar livremente tive que attender ás multiplas necessidades que requeriam as suas delicadas machinas. Fiz entrar no dique o vapor de guerra *Itaipú* e o cruzador *Andrada*, obtendo para ambos augmento de velocidade.

Durante a permanencia da esquadra no porto ordenei que todas as noites fosse cruzar na entrada da barra um dos navios da esquadra, ficando de promptidão duas torpedeiras para attender efficazmente a qualquer ataque que porventura pudesse de surpresa tentar o *Aquidaban* ou o *Republica*.

Achava-me ainda no Rio de Janeiro, quando fui surpreendido pela chegada do cruzador *Tiradentes* e vapor de guerra *Santos*, pertencentes a divisão de Montevidéo, pois ignorava que para esse facto houvesse concorrido alguma ordem do Governo.

Tendo despedido do cruzador *Nichteroy* todos os empregados americanos, por terem concluido o contracto e não serem necessarios, apenas conservei o official encarregado do

canhão pneumático, e desejando fazer uma justa idéa de suas habilitações, sahi barra fóra para proceder a uma experiencia com projectil de prova, de cujo resultado conclui que apresenta vantagens quanto á direcção, sendo pouco satisfactorio quanto ao alcance. Tambem conservei o medico americano para auxiliar o de bordo.

Achando-se preparada a esquadra e tendo de deixar o porto do Rio de Janeiro, não podia ficar este abandonado, tanto mais quanto era para temer qualquer tentativa de assalto por parte dos navios rebeldes após a sahida da mesma.

Assim, pois, deixei duas torpedeiras de porto, a *Tamborim* e a *Sabino Vieira*, competentemente armadas e promptas a agir ao primeiro momento.

Podia augmentar-se o reforço da bahia fazendo-se vir a torpedeira *Greenhalg*, que devia achar-se prompta na Victoria, e mandando apressar os trabalhos da *Bento Gonçalves*.

Na occasião da partida apresentaram-se a bordo o tenente coronel da Guarda Nacional Leon Sonis e os telegraphistas que foram requisitados para auxiliar qualquer trabalho que nesse genero tivesse de ser executado, tendo na verdade prestado relevantes serviços.

A's 5 horas da madrugada de 8 de abril deixei o porto do Rio de Janeiro em direcção ao sul, compondo-se a esquadra dos seguintes navios: cruzadores *Nichteroy*, *Andrada* (com o meu pavilhão), *Parnahyba*, *Tiradentes*, caçatorpedeira *Gustavo Sampaio*, torpedeiras de alto mar *Pedro Ivo*, *Pedro Affonso* e *Silvado*, e mais os vapores de guerra *S. Salvador*, *Santos*, tendo ficado o *Itaipú*, que só podia partir no dia seguinte, visto ter que reparar a machina electrica.

Durante a noite reuniu-se á esquadra o vapor de guerra *Itaipú*.

No dia 9 fiz signaes para que o referido vapor e o cruzador *Parnahyba* deixassem a esquadra e seguissem ás commissões ordenadas, tendo préviamente dado instrucções aos commandantes.

Ambos dirigiram-se a Santos, onde o primeiro devia receber dois praticos da barra de Paranaguá, que se achavam

depositados no brigue nacional *Olga*, aguardando condução para a esquadra em virtude de ordem transmittida pelo ministerio da guerra devendo depois reunir-se á esquadra em Porto Bello, ponto de reunião, e o segundo para fazer parte da defesa do porto de Santos, auxiliando as forças de terra.

No dia 10 approximei-me da barra de Paranaguá, e tendo ahí encontrado algumas embarcações, mandei-as reconhecer, tendo dellas obtido informações de pouca importancia.

No dia 11, ás 2 horas da tarde, dei fundo na enseada do Porto Bello (Santa Catharina), afim de descaçar o pessoal das torpedeiras, fornecer-lhes carvão e remediar, caso fosse necessario, alguma avaria.

Ao demandar a entrada, avistei fundeado o vapor de guerra *Itaipú* que, já tendo desempenhado a commissão, aguardava a esquadra no ponto de reunião, e pelo commandante do referido vapor soube que os praticos de Paranaguá, que deviam achar-se no brigue nacional *Olga*, se haviam evadido á chegada do *Itaipú*.

Depois de achar-se a esquadra fundeada, ordenei que o cruzador *Nichteroy* e o vapor de guerra *Itaipú* fossem cruzar na barra, afim de não ser a mesma surpreendida.

Ao anoitecer regressou este ultimo vapor declarando o commandante ter avistado na entrada do porto do Desterro, proximo á fortaleza de Santa Cruz, na ilha Anhatomirim, o encouraçado *Aquidaban* e mais dois vapores, que presumia serem frigorificos.

Sem perda de tempo, dei immediatamente ordem para que a divisão de torpedeiras se preparasse para combate, devendo ser auxiliada pela de cruzadores.

O ataque devia principiar ao pôr da lua, visto como tinha de ser por surpresa.

Infelizmente não teve lugar, por haver cahido vento tão duro do norte, acompanhado de vagalhão, que impossibilitou-o.

Durante o dia procediamos a pesquisas no littoral, tratando de colher a maior somma de informações que nos pudessem orientar sobre os recursos que possuiam os rebeldes no Desterro.

No dia 13 o vapor de guerra *S. Salvador*, estando de ronda, aprisionou duas embarcações, os hiates *Esperança* e *Vinte de Janeiro*, que do Desterro iam para Joinville.

Mandei apprehender a correspondencia que levava, apenas me utilisei dos jornaes do Estado para colher informações, que até certo ponto me foram uteis.

Assim foi que no artigo intitulado *Trafego do Porto* e assignado pelo ex-primeiro tenente Souza e Mello, que então se achava como capitão do porto do Desterro, obtive certeza de que havia uma linha de torpedos entre a fortaleza de Santa Cruz e a de Ponta Grossa e que a posição devia ser conhecida pelos tripolantes das embarcações apprehendidas, visto o capitão do porto declarar que os patrões das embarcações que tivessem de sahir deviam ir receber instrucções na capitania, sob penas severas aos infractores, donde deduzi que os tripolantes conheciam a referida linha torpedica.

E assim, mandei distribuir pelas torpedeiras os tripolantes das referidas embarcações apprehendidas, o que deu excellentes resultados.

Nesse mesmo dia tive informações de que as avançadas da força de Gumerindo tinham recebido ordem para arrebanhar todo o gado cavallar e vaccum, pois devia ella em breve chegar a Tijucas.

Não tendo tropa de desembarque para operar em terra apesar de havel-a solicitado ao Governo, lembrei-me de um stratagemma, que produziu resultado:

Mandei uma expedição de 16 alumnos da Escola Militar commandada por dois officiaes commissionados, de nomes Tertuliano de Albuquerque Potyguara e Horacio Bittencourt Cotrim, para se apoderar da estação telegraphica das Tijucas e passar ao mesmo tempo um telegramma a Gumerindo findo o qual devia destruir a linha e trazer os apparatus telegraphicos para bordo. O telegramma era assim concebido:— «General Gumerindo. Esquadra Floriano acaba tomar porto Desterro, tendo desembarcado dois mil homens para occupar a cidade. Estação vai breve ser tomada.» — (Assignado *Delegado de Policia*).

O resultado foi a força de Gumercindo retroceder para o Paraná, ao mesmo tempo que a retirada dosapparelhos telegraphicos privou o Governo rebelde de obter informações sobre o movimento da esquadra.

Essa expedição que foi satisfactoriamente desempenhada partiu na tarde de 13 e ao regressar trouxe o telegraphista, que muito coadjuvou os trabalhos de interrupção da linha assim como o juiz de direito Dr. Antonio Lopes que declarou pertencer ao partido federalista, sem, todavia, ser rebelde.

Attendendo ao tempo que reinava e desejando cada vez mais estreitar o circulo em que procurava estreitar o inimigo suspendi na noite de 13 da enseada de Porto Bello e dirigi-me com a esquadra para o fundeadouro das Tijucas (enseada dos Ganchos). Estudando attentamente a posição do inimigo, reconheci que as extremidades da linha torpedica eram apoiadas por dois fortes e sabendo que em qualquer delles havia artilheria de calibre e em numero sufficiente para inutilisar as torpedeiras, deliberei destruir um delles, afim de abrir caminho ás torpedeiras, que deste modo melhor poderiam atacar o encouraçado *Aquidaban*.

De accôrdo com esse plano determinei que o cruzador *Nittheroy* preparasse o canhão de dynamite, afim de hostilisar o forte Santa Cruz, devendo o cruzador *Andrada* ir em protecção delle. A execução desse plano não teve lugar por não ter podido funcionar o canhão pneumatico, tendo o encarregado do referido canhão, o cidadão norte-americano Mr. Brindley, dado parte de doente.

No dia 14 de manhã passou á vista da esquadra em direcção ao porto do Desterro uma corveta de guerra, que reconheceu-se ser allemã.

Durante o dia apresentou-se a bordo da capitanea o primeiro-tenente Joaquim Carlos de Paiva, commandante da torpedeira *Pedro Affonso* declarando achar-se doente, e á vista do incommodo que o affectava, mandei-o recolher ao vapor de guerra *S. Salvador*, sendo substituido pelo primeiro tenente Amynthas José Jorge.

A' noite mandei preparar a divisão de torpedeiras para operar de surpresa contra o encouraçado *Aquidaban*, tentativa essa que ficou mallograda por terem sido descobertas

antes de chegarem à linha de torpedos. Por este facto não passou a expedição de um simples reconhecimento.

No dia 15 reuni a bordo da capitanea os commandantes de todos os navios da esquadra e combinei o seguinte plano de ataque : Attendendo as condições do tempo, devia a esquadra achar-se prompta ás 10 horas da noite, devendo suspender ás 11 horas da enseada dos Ganchos em direcção ao Desterro, observando os navios as seguintes disposições: os vapores de guerra *Itaipú* e *Santos*, que tinham menor calado deveriam tomar posição o mais proximo possível da fortaleza de Santa Cruz e, protegidos pela ponta de terra, bombardeariam a referida fortaleza; o cruzador *Nietheroy*, pelo muito calado que tem, deveria em distancia conveniente bombardear a fortaleza da Ponta Grossa no que seria auxiliado pelo cruzador *Tiradentes*; o vapor de guerra *S. Salvador*, que dispunha de artilharia de pouco alcance, teria de hostilizar a Ponta do Rapa, de modo a não permittir que se fizesse signaes, pois servia de atalaia aos rebeldes; as torpedeiras, tendo como chefe a *Gustavo Sampaio*, deveriam após o bombardeio que coincidia com o pôr da lua, forçar a linha de torpedos e atacar a todo o risco o encouraçado *Aquidaban*; o cruzador *Andrada* (navio-almirante) dirigiria o ataque geral devendo prestar auxilio a todo aquelle que corresse risco imminente.

Ficou tambem combinado que o vapor de guerra *Itaipú*, attento ao seu pouco calado soccorreria as torpedeiras em caso de naufragio.

O bombardeio seria iniciado pelo navio-almirante, duraria duas horas, terminando com signal feito pelo mesmo navio-almirante, e que consistia em foguete de côr encarnada.

Assim combinado o plano, aguardei a noite.

A's 10 horas estando o tempo em boas condições, fiz signal para a esquadra suspender, o que foi immediatamente reconhecido; logo depois seguiu o *S. Salvador* para o ponto designado, afim de hostilizar a atalaia, não permittindo que fizesse signaes para orientar o inimigo.

Os navios já estavam em movimento quando o cruzador *Tiradentes* fez signal de ter avaria em uma das machinas motoras, podendo, todavia, navegar com velocidade reduzida.

Fiz signal para que reparasse a avaria, seguindo quanto antes para a acção o que foi executado.

Em seguida dirigi-me para a entrada da barra do Deserto e, tendo os navios tomado as posições préviamente determinadas, iniciei o bombardeio, sendo immediatamente seguido por todos os navios da esquadra, não tendo recebido resposta alguma por parte dos fortes, attribuindo esse silencio a que não se pudesse rectificar as pontarias.

Depois de um bombardeio de mais de duas horas, ordenei que se lançasse um foguete de côr encarnada, que servindo de signal para cessar o fogo, assignalaria tambem a occasião de avançar a divisão de torpedeiras.

Com effeito, a referida divisão avançou e tempo depois ouvia-se para os lados da enseada de S. Miguel, onde então se achava o encouraçado *Aquidaban*, um vivo tiroteio, que durou, mais ou menos uma hora, seguindo-se com algum intervallo o apparecimento de tigelinhas verdes, que significavam, de accôrdo com o que se havia combinado, bom exito da expedição.

Do caça-torpedeira *Gustavo Sampaio* erguiam vivas ao regressar do combate, o que era distinctamente ouvido a bordo da capitanea.

Dirigi-me immediatamente ao encontro das torpedeiras, tanto quanto permittia o calado do navio.

A primeira que veiu á falla foi a *Pedro Affonso*, commandada pelo 1º tenente Amyntas José Jorge, que declarou ter lançado dois torpedos, não tendo, porém, certeza, de haver attingido o encouraçado *Aquidaban*; e, pedindo eu noticias da torpedeira *Silvado*, disse, que depois de ter avisado ao commandante da referida torpedeira durante a acção que sobre ella dirigia-se uma embarcação que, pelo rumo que trazia e pela velocidade da marcha, era inevitavel o abalroamento, nenhuma noticia mais tivera.

Chamei depois á falla a torpedeira *Pedro Ivo*, e interpelei o commandante sobre a razão de não ter entrado em combate, recebendo em resposta que não pudera seguir, por falta de pressão sùfficiente para acompanhar as outras, quando em caminho para acção.

Appensa encontrareis a cópia que mandei extrahir do livro de quartos, tanto dos officiaes como da machina, por occasião de seguirem para o combate.

A's 5 horas da manhã appareceu a torpedeira *Silvado*, que navegava livremente; fiquei com o espirito mais tranquillo e fiz signal a esquadra para recolher-se ao ancoradouro das Tijucas.

Ao retirar-me, porém, avistei uma das torpedeiras, não sabendo qual dellas, visto ter ordenado que todas se recolhessem ao referido fundeadouro, mui proximo a fortaleza de Santa Cruz, e julgando que tivesse soffrido avaria e que por insufficiencia da machina estivesse sendo levado pela maré, deliberei ir a todo risco prestar-lhe auxilio, e então reconheci ser a torpedeira *Pedro Ivo*; fiz signal para que se reunisse á esquadra, e demos fundo na enseada dos Ganchos.

Esse dia (16) reservei para repouso da guarnição. Não tendo muita confiança no exito da expedição da vespera, reservava-me para outro accommettimento, e, como meu fim era cada vez mais approximar-me do inimigo, resolvi mudar o fundeadouro da esquadra para Cannaveiras, o que teve lugar em 17 de abril do corrente.

Pouco depois de fundear a esquadra, veio a bordo da capitanea um official da corveta allemã, que communicou achar-se o encouraçado *Aquidaban* abandonado e garrando. Em seguida retirou-se elle para bordo do seu respectivo navio, cujo nome era *Ancona*, e, tendo salvado com treze tiros, foi correspondido com igual numero, pelo cruzador *Tiradentes*. Em vista da informação recebida, suspendi da enseada de Cannaveiras e fui fundear proximo á fortaleza de Santa Cruz.

Em seguida fiz signal, para que o cruzador *Tiradentes* sob o commando do capitão-tenente Francisco Mariani Wanderley e o vapor de guerra *Santos*, sob o commando do 1.º tenente Carino da Gama de Souza Franco, abordsassem o encouraçado *Aquidaban*, tendo elles encontrado o referido navio em abandono.

Mandei uma commissão a bordo do encouraçado para vistorial-o, a qual ao regressar communicou que o navio achava-se de facto abandonado e tendo muita agua nos

compartimentos de vante, devido sem duvida á explosão do torpedo que o chocara na altura dos referidos compartimentos.

Ordenei em seguida que fossem as fortalezas occupadas por destacamentos. Por vistoria, a que mandei proceder, encontrou-se nellas grande cópia de armamento de mão e numeroso trem bellico, além da artilharia de grosso calibre.

A's duas horas da tarde desse mesmo dia veio a bordo o rebocador *Fortuna*, de propriedade particular, conduzindo alguns officiaes do 25º regimento de infantaria, funcionarios publicos e diversas pessoas, que depois de saudações á esquadra, communicaram que a cidade estava abandonada.

Fiz desembarcar immediatamente um contingente de cem alumnos armados e bem municados para protegê-la, e enviei para a defesa do porto o cruzador *Tiradentes* e a torpedeira *Gustavo Sampaio*.

Não tendo força de desembarque e necessitando garantir perfeitamente a cidade e arredores de qualquer ataque, ordenei que o *Itaipú* seguisse sem demora para Santos, afim de trazer um contingente de mil homens e uma bateria de artilharia.

Mandei proceder a nova vistoria no encouraçado *Aquidaban* afim de ver se era possivel fazê-lo fluctuar, e, tendo sido favoravel o inquerito da commissão, resolvi pedir ao Governo pessoal e meios para levar a cabo essa tarefa.

O referido couraçado achava-se artilhado com quatro canhões de 0,25, sendo dois em cada torre; quatro canhões Armstrong calibre 32, sendo dois nos reductos de ré e dois nos de vante; um canhão de tiro rapido Armstrong, que pertencera ao cruzador *Almirante Tamandaré* e que se achava no castello; um canhão Hotchkiss de tiro rapido á meia não; quatro canhões Krupp de 7 1/2 montados em carretas de campanha, e nove metralhadoras Nordenfelt de 25 millimetros; tinha mais cinco tubos para lançamento de torpedos e seis torpedos Whitehead.

A guarnição era antes composta de 275 homens, a saber: 106 marinheiros nacionaes; 116 fogueistas; 17 officiaes

inferiores, 20 machinistas e 18 officiaes, sendo-me apenas possivel obter os seguintes nomes:

Commandante, capitão de fragata Alexandrino Faria de Alencar; immediato, 1.º tenente Pedro Velloso Rebello Junior; officiaes, 1.ºs tenentes Alvaro Augusto de Carvalho, Antonio Accioli de Magalhães Castro, Horacio Coelho Lopes, Arthur Augusto de Carvalho e Carlos Camisão de Mello; 2.ºs tenentes commissionados, Carlos de Lacerda e Henrique Sarty; aspirante a guarda marinha Alvaro Monteiro da Motta; medico, Dr. Lucas Bicalho Hungria; commissario, Francisco Alves de Paula; chefe das machinas, machinista de 4ª classe, 2.º tenente Manoel Ernestino da Costa Moura; ajudantes machinistas, Bernardo Joaquim de Mattos e Alberto Moreira Junior; sub-ajudantes extranumerarios, Alfonso Alberto Côrte Real e João Lopes Guerra; mestre José Antonio Bispo; guardiães José Alves de Souza, Pedro Cordeiro, José Teixeira, José Gomes da Silva, e mais os extranumerarios Laurindo Fagundes dos Santos e Miguel Ventura Petisco.

Na manhã do dia 19 fui á cidade do Desterro na torpedeira *Silvado*, e, ao chegar á ponte de desembarque, recebeu-me o tenente de cavallaria Aristides Villas Boas, um dos que capitularam na Lapa e fôra em tempo ajudante de ordens do Sr. marechal Floriano Peixoto, Vice-Presidente da Republica.

Visitei a cidade, e depois dirigi-me a palacio onde declarei ao Sr. Governador interino que mandasse reintegrar os funcionarios que tinham se conservado fieis ao Governo. A' tarde regressei para bordo da capitanea, na torpedeira *Silvado*.

Não podendo dispôr de officiaes da activa para preencher os lugares vagos em Santa Catharina, nomeei para capitão do porto interino o contra-almirante reformado Felipe Orlando Short e para commandante interino da Escola de Aprendizes Marinheiros o 1.º tenente reformado Antonio Francisco da Silva.

Tendo chegado ao meu conhecimento que a guarnição militar, que provisoriamente guarnecia a cidade, não queria subordinar-se ao governador interino Villas Boas, por

achar-se este qualificado como desertor em ordem do dia do Quartel-General do Exercito, de 3 do corrente, determinei que fosse o mesmo substituido pelo Sr. capitão de fragata José Pedro Alves de Barros, que não chegou a tomar posse por ter havido conciliação entre a guarnição e aquelle governador.

A 19 chegou o vapor de guerra *Itaipú*, trazendo um contingente de 500 homens e 6 bocas de fogo, ao mando do coronel Moreira Cesar, que vinha tambem com poderes para governar o Estado. Tambem veio no referido vapor o Sr. capitão de mar e guerra Miguel Antonio Pestana, que mandei embarcar no cruzador *Nictheroy*, afim de seguir na primeira oportunidade para a Capital Federal, á disposição do Quartel-General da Marinha, visto não haver lugar para elle na esquadra, seguindo immediatamente o vapor *Itaipú*, apezar de ser noite, para a cidade.

Encontrei no ancoradouro da capital as seguintes embarcações: rebocador *Paula Candido*, de propriedade do Governo e que me affirmaram ser da Saude dos Portos. Vapores mercantes nacionaes *Itapemirim*, do Lloyd Brasileiro, e *Angra dos Reis*, da Companhia Costeira, achando-se este ultimo em concerto em estaleiro particular; duas lanchas pequenas de ferro e um hiate de nome *Passos*, adquirido pelos rebeldes.

Para commemorar o ataque de 16 de Abril, mandei que em ordem do dia fosse o encouaçado *Aquidaban* denominado *16 de Abril*, e nomeei para commandal-o o 1º tenente Jorge Americano Freire, tendo por auxiliares tres guardas-marinha em commissão.

No dia 22 fui á cidade comprimentar o governador, coronel Moreira Cesar, tendo encontrado tudo em ordem, e depois regressei para a capitanea, no intuito de preparar-me para seguir para Paranaguá.

A' noite entrou o cruzador *Parnahyba*, vindo de Santos, trazendo os officiaes e praças que ficaram no Rio de Janeiro.

Na madrugada de 21 suspendi do porto do Desterro com a esquadra, composta dos seguintes navios: cruzador *Andrada* (capitanea), *Tiradentes*; caça-torpedeira *Gustavo*

Sampaio; vapores de guerra *Itaipú* e *S. Salvador*; rebocador *Paula Candido* e o cruzador *Parnahyba*, que havia chegado na vespera á noite; e deixei o cruzador *Nictheroy* para auxiliar os reparos de que carecia o encouraçado *16 de Abril*, afim de seguir para o Rio de Janeiro; o vapor de guerra *Santos*, que ficou ás ordens do governador e bem assim as torpedeiras de alto mar, por não me serem precisas.

Naveguei durante todo o dia 23 proximo á costa, afim de ver se capturava alguma embarcação que me pudesse dar informações sobre o estado de Paranaguá e a posição dos rebeldes.

Ao anoitecer estavamos com o pharol á vista, e á meia-noite fundeei com a esquadra em frente á barra do sul, mandando nessa occasião o rebocador *Paula Candido* tripulado por 24 alumnos da Escola Militar armados e bem municidados, sob o commando do tenente-coronel da Guarda Nacional Leon Sonis, conhecedor da localidade, para proceder á um reconhecimento em terra e trazer praticos para a entrada da barra.

A's 5 horas da madrugada regressou a expedição trazendo dois officiaes da Guarda Nacional, que conheciam a entrada e bem assim a noticia de que o forte da barra achava-se abandonado.

Mandei substituir o pharoleiro, que servira aos rebeldes pelo antigo pharoleiro Antonio Pereira, que havia sido destituido do lugar.

Ao amanhecer do dia 24 demandei com a esquadra ao porto, e á medida que avançava ia dando tiros sobre os lugares em que presumia estarem as fortificações dos rebeldes, tiros esses que ficaram sem respostas; continuando a navegar, dei fundo ás 10 horas da manhã no Porto d'Agua, ancoradouro que fica a pequena distancia da cidade de Paranaguá.

Encontrei no referido porto tres carretas de Krupp, calibre 7 1/2, e duas de La Hitte, trincheiras de areia em grande extensão.

Sabendo os rebeldes da presença da esquadra no porto, fugiram para o interior, utilizando-se para isso das machinas e wagons da estrada de ferro, ao mesmo tempo destruiam os apparelhos telegraphicos no percurso da linha. Emquanto

elles abandonavam a cidade, vinham do interior onde se achavam foragidas, havia mais tres mezes, as autoridades violentamente depostas e os cidadãos que não quizeram adherir á revolta.

Reinteguei as que eram fieis ao Governo e regressei para bordo, tendo deixado a cidade em paz.

Apresentaram-se a este commando em chefe o coronel da Guarda Nacional Arthur de Abreu, que muitas informações uteis me deu e bem assim o major de engenheiros Felippe Schimidt, e 2º tenente de artilharia Clemente Augusto de Argollo Mendes, ambos capitulados da Lapa.

Tendo conhecimento de que a cidade de Antonina se achava ainda em poder dos rebeldes, mandei seguir no mesmo dia para a referida cidade o cruzador *Tiradentes* e o caça-torpedeira *Gustavo Sampaio*, sob o commando do chefe do estado-maior capitão de fragata José Pedro Alves de Barros. Mandei tambem um destacamento de 32 alumnos da Escola Militar para policiar a cidade e preserv-a de qualquer surpresa por parte dos rebeldes.

Não tendo forças disponiveis para occupar militarmente Antonina, fiz partir no mesmo dia, ás 4 horas da tarde, para Santos, o vapor de guerra *S. Salvador*, afim de trazer um contingente e assim tornar effectiva a occupação.

No dia 25 fui novamente á Paranaguá no bond a vapor, que liga o Porto d'Agua á referida cidade, sendo acompanhado por diversas pessoas de consideração, entre ellas os coroneis Arthur de Abreu, João Guilherme Guimarães e o Sr. João Eugenio Gonçalves Marques, director da linha ferrea, que pôz á disposição da esquadra a referida linha.

Percorri os edificios da cidade; e encontrando na sala das sessões da Camara Municipal o retrato do Sr. D. Pedro II, ordenei que fosse dali retirado, e bem assim mudado o nome da estação terminal da Estrada de ferro de Paranaguá de *Pedro II* para o antigo, de *Porto d'Agua*.

Na tarde desse mesmo dia mandei o rebocador *Paula Candido* á Antonina chamar os navios que lá se achavam protegendo a cidade, regressando apenas o caça-torpedeira *Gustavo Sampaio* com o chefe do estado-maior capitão de fragata Barros, que declarou-me haver necessidade de

permanencia dos navios n'aquella cidade, não só para garantir as autoridades locais que por elle haviam sido reintegradas, como tambem para evitar que os rebeldes descessem pelos trens da estrada de ferro e viessem praticar depredações como já haviam feito. A' vista do exposto, ordenei que o caçatorpedeira *Gustavo Sampaio* regressasse immediatamente com o chefe do estado-maior, afim de providenciar como julgasse conveniente, de modo a restabelecer a ordem e manter o principio da autoridade.

No dia 16 occupei-me em dar providencias para que fosse restabelecido o telegrapho, o que com difficuldade consegui, funcionando a rêde telegraphica de Paranaguá, Morretes e Curytiba, graças aos appparelhos e telegraphistas que foram do Rio de Janeiro na esquadra.

No dia 27 voltei á cidade para informar-me da posição dos rebeldes e colher noticias do que pretendiam fazer, e depois regresssei para bordo, deixando tudo em paz.

A's 10 horas e 30 minutos da noite apresentou-se a bordo um proprio, vindo de Curytiba, agrimensor Pio Pedro, que declarou ter noticias exactas dos rebeldes e do plano que pretendiam executar; que Gumerindo achava-se com 3.500 homens das tres armas na Restinga Secca, tendo boa cavallhada e alguma artilharia, e que preparava-se para fugir pelo Porto União, seguindo depois para Palmas e que tomára essa resolução depois que soube da presença da esquadra do Governo legal no porto de Paranaguá.

A força dos rebeldes compunha-se de tres divisões, sendo uma de quatrocentos e tantos cavallerianos, ao mando de Aparicio Saraiva, outra de oitocentos homens, ao mando de Juca Tigre, na Lurinha, tendo por fim apresentar combate ás nossas forças e deste modo proteger a retirada de Gumerindo, que se dirigia com o resto da força para o Porto União, onde já se achava de posse dos vapores que navegavam no Rio Negro e Iguassú, tendo préviamente inutilisado as machinas da estrada de ferro, afim de evitar qualquer surpresa.

Julgando importantes essas informações, fiz nesse sentido um telegramma ao Sr. marechal Floriano Peixoto, Vice-Presidente da Republica, e sendo impossivel passar o referido telegramma em Paranaguá, por não estar funcionando a

linha regularmente, ordenei que o vapor de guerra *Itaipú* fosse á Cananéa desempenhar essa commissão, levando a seu bordo o mencionado agrimensor, afim de poder entender-se directamente com o Sr. marechal caso fosse necessario.

O vapor de guerra *Itaipú*, que sahiu a 28 para Cananéa, só regressou na manhã de 29, tendo o commandante declarado que passára o telegramma não tendo, porém podido fallar directamente com o Sr. marechal, devido á má vontade do telegraphista da cidade de Santos, que negou-se a dar comunicação directa para o palacio de Itamaraty.

No dia 28 recebi aviso de que já estava funcionando a linha telegraphica do Desterro para Paranaguá; aproveitei o ensejo para passar novo telegramma ao Sr. Vice-Presidente da Republica, communicando a posição dos rebeldes.

No dia 29, ás 10 horas da manhã, chegou o vapor de guerra *S. Salvador*, vindo de Santos, e que trouxe um batalhão de infantaria de policia da capital de S. Paulo. Ordenei que desembarcasse immediatamente para occupar a cidade de Paranaguá, dando tambem instrucções para que a mesma força enviasse destacamentos para as cidades de Antonina, Morretes e Curytiba.

Em seguida fiz recolherem-se a bordo os destacamentos que tinha mandado desembarcar para garantir as cidades de Paranaguá, Morretes e Antonina, visto ter chegado a força que ahí devia permanecer.

Deixei o cruzador *Parnahyba* naquelle porto para garantir-o.

Regressaram de Antonina o cruzador *Tiradentes* e caçatopedeira *Gustavo Sampaio*.

Achando-se os rebeldes em fuga e as nossas forças já em Ponta Grossa, o littoral em paz e a rede telegraphica funcionando, deliberei deixar Paranaguá, o que fiz suspendendo com a esquadra no dia 30, ás 9 horas da manhã, e seguindo para S. Francisco, por constar-me que pequenos destacamentos rebeldes ahí estavam praticando depredações e bem assim em Itajahy. Ao anoitecer fundeei na barra e no dia 1 de maio pela manhã, tendo suspendido demandei o porto, fundeando com a esquadra em frente a cidade. Mande

imediatamente á terra saber noticias dos rebeldes e tive conhecimento de que já ahi não se achavam.

Aproveitei a opportunidade para attestar a aguada nos navios e fornecer carvão, que veio no *S. Salvador*, ao cruzador *Tiradentes* e caça-torpedeira *Gustavo Sampaio*, de que já se achavam bastante necessitados.

Apresentaram-se a bordo com destino a Santa Catharina o 2º tenente de artilharia em commissão, ferido no sitio da Lapa e já restabelecido, Gustavo Lebon Regis, e bem assim o ajudante de telegraphista Antonio Henrique Mascarenhas que seguia á disposição do Governador do referido Estado.

No dia 2 suspendi do porto de S. Francisco, ás 11 horas da manhã, e cheguei a Santa Catharina no mesmo dia, ás 10 horas e 45 minutos da noite.

DE SANTA CATHARINA A MONTEVIDÉO

Maio de 1894.

Achava-me no Desterro quando recebi do Governo telegramma de que os navios rebeldes, cruzador *Republica*, vapores *Iris*, *Meteoro*, *Uranus* e *Esperança*, ao mando do ex-contralmirante Custodio José de Mello, haviam sido batidos e repellidos no Rio Grande do Sul, e que após a derrota tinham ido refugiar-se em Buenos-Ayres, implorando a protecção da Republica Argentina, e que o Governo Argentino ao receber communicára que estava prompto a entregar os referidos navios.

De posse desse telegramma tencionei ir no cruzador *Nitheroy* á cidade de Montevidéo; attendendo, porém, a que este cruzador não tinha pessoal sufficiente para guarnecer os demais navios que lá se achavam, e que talvez encontrasse difficuldade em engajar o pessoal necessario; e a que os navios da esquadra necessitavam carvão e que em Montevidéo o combustível, devido ao contracto com o Governo, é de preço vantajoso, deliberei ir com alguns navios da esquadra, tendo deixado o vapor de guerra *Santos* e as torpedeiras ás ordens

do governador de Santa Catharina, e bem assim o rebocador *Audaz*, que devia auxiliar os trabalhos do encouraçado *24 de Maio, ex-Aquidaban*.

E assim, sahi do porto de Santa Catharina no dia 4 de maio e navegando com a esquadra dei ordem de fila, linha natural, e demandei o porto de Montevidéo, onde dei fundo a 7 do mesmo mez.

Ao fundear, apresentou-se a bordo a autoridade sanitaria do porto e declarou que os navios da esquadra tinham que soffrer quarentena por terem vindo de portos do Brazil ainda considerados suspeitos.

Apezar de ser satisfactorio o estado de saude das guarnições dos navios tivemos que permanecer dez dias em quarentena, findos os quaes ainda fomos á ilha das Flores fumigar e desinfectar.

Ainda em quarentena e para aproveitar o tempo, sabendo que os navios abandonados achavam-se em Martin Garcia, mandei que o chefe do estado-maior, capitão de fragata Alves de Barros, fosse com o cruzador *Tiradentes* e o vapor de guerra *Itaipú* ao referido lugar recebê-los.

Ao chegar o chefe Barros a Martin Garcia encontrou os referidos vasos com officiaes e guarnição enviados pelo couraçado *Bahia*.

Era lastimavel o estado dos navios abandonados e, á excepção do cruzador *Republica*, os demais não podiam navegar, pelo que o chefe Barros telegraphou de Martin Garcia ao nosso ministro em Buenos-Ayres, pedindo rebocadores para conduzir os navios a Montevidéo, e tendo o referido ministro, por sua vez telegraphado consultando-me sobre as providencias a dar, e indicando no telegramma o preço que pediam em Buenos-Ayres pelo trabalho de reboque, deliberei, á vista do preço exagerado de Buenos-Ayres, tratar com a casa Lussich, que fez seguir em condições vantajosas dois rebocadores, que trouxeram os navios até Montevidéo, onde chegaram a 16 de maio.

Mandei proceder a uma vistoria para saber a que quantia montavam as despezas a fazer com os referidos navios e, tendo recebido um parecer em que era grande a somma a dispendar, julguei conveniente consultar o Governo: se

entregar os navios ás companhias a que pertenciam, correndo os gastos por conta das mesmas para transportal-os ao Rio de Janeiro, ou mandar proceder aos concertos indispensaveis para leval-os ao referido porto e ao chegar cobrar das respectivas companhias os gastos feitos.

Não tendo recebido resposta alguma sobre o assumpto e não devendo demorar-me por mais tempo em Montevidéo, attento aos gastos que fazia a esquadra, resolvi encetar os trabalhos indispensaveis nos referidos navios para leval-os ao Rio de Janeiro.

Fiz entrar no dique o cruzador *Republica* para limpar e pintar o fundo e o caça-torpedeira *Gustavo Sampaio* para reparar uma valvula do costado, aproveitando tambem para limpar e pintar o fundo.

Depois de alguns trabalhos e difficuldades para preparar a esquadra, consegui promptifical-a no dia 5 de junho do corrente anno.

Achando-me ainda em Montevidéo, recebi um telegramma do Governo para mandar o vapor *Itaipú* levar armamento ao Rio Grande do Sul e a Santos; tendo, porém, o referido vapor que soffrer concertos na machina do leme e mais alguns reparos, só pôde sahir a 5 do mesmo mez para desempenhar a commissão ordenada e que foi satisfactoriamente cumprida, indo aguardar a esquadra na Ilha Grande.

Antes de partir deixei instrucções ao commandante do encouraçado *Bahia* para seguir para Assumpção, e tendo nessa occasião vindo do Rio de Janeiro alguns officiaes de marinha para servir na esquadra, ordenci que os mesmos embarcassem no referido encouraçado, á excepção do 1º tenente Pedro Paulo de Oliveira Santos, que designei para commandar o vapor de guerra *Iris*.

Achando-se, pois, tudo determinado, suspendi com a esquadra no dia 6 de junho para Santa Catharina, onde cheguei a 10 do mesmo mez.

Ao encerrar este capitulo não posso deixar de mencionar o nome do Sr. Domingos de Azevedo, nosso digno consul em Montevidéo, como um dos funcionarios mais zelosos e que no cumprimento de seus deveres prestou relevantissimos

serviços, tendo mesmo, pelo seu espirito altamente conciliador, evitado questões internacionaes, o que revela no mesmo funcionario certo tino diplomatico; é, pois, merecedor de uma recompensa.

DE SANTA CATHARINA A ILHA GRANDE

Junho de 1894.

No dia 10 de junho cheguei com a esquadra a Santa Catharina, vindo de Montevidéo, tendo recebido os navios: cruzador *15 de Novembro ex-Republica*. e vapores *Iris*, *Meteóro*, e *Esperança*, ficando embargado em Buenos-Ayres o vapor *Uranos*, da Companhia Frigorifica.

Ao chegar á Santa Catharina julgava encontrar o encouraçado *24 de Maio ex-Aquidaban*, prompto a navegar, porém tive ainda que esperar tres dias para attender aos últimos preparativos.

Considerando a marcha vagarosa do referido encouraçado, que em experiencia prévia mostrou não poder desenvolver mais de quatro milhas, deliberei dividir a força em tres divisões, de harmonia com a velocidade dos navios que a compunham.

A primeira divisão ficou formada com as torpedeiras, tendo como navio-chefe o vapor de guerra *Santos*, sob o commando do capitão de mar e guerra Gaspar da Silva Rodrigues; a segunda divisão ficou composta dos navios *Iris*, *Meteóro* e *Esperança*, tendo como navio-chefe o cruzador *Tiradentes*, sob o commando do chefe do estado-maior, capitão de fragata José Pedro Alves de Barros, e a terceira pelos seguintes navios: cruzadores *Nitheroy*, *15 de Novembro*, *Andrada* e encouraçado *24 de Maio*, sob minha direcção.

A primeira divisão devia deixar o porto pela madrugada, a segunda quatro horas depois e a terceira quatro horas depois da segunda, tendo sido esses intervallos calculados para evitar as collisões, attendendo ao tempo e á qualidade dos navios e ás suas respectivas marchas.

Antes de partir enviei telegramma ao commandante do cruzador *Parnahyba*, então em Paranaguá, para seguir para a Ilha Grande levando o rebocador *Paula Candido*.

Achando-se prompta a esquadra, fiz signal para suspender, seguindo a mesma em 13 do referido mez para a Ilha Grande, onde deu fundo a 17. Durante a permanencia nessa Ilha pude concluir a pintura dos navios, já iniciada, e, de accôrdo com as ordens recebidas, ficaram pintados de branco com as chaminés amarella e letras douradas.

No dia 22, achando-se prompta a esquadra, fiz signal para suspender, e attendendo as mesmas razões acima enunciadas, deixaram os navios o ancoradouro da Ilha Grande em direcção ao fundeadouro da Praia Vermelha, onde chegaram no dia 23, ás 7 horas da manhã, excepção feita do cruzador *Nictheroy* e do couraçado 24 de Maio.

Às 11 horas do mesmo dia recebi ordens do Governo para demandar á barra, dando fundo no porto do Rio de Janeiro á 1 hora da tarde.

O encouraçado 24 de Maio e o cruzador *Nictheroy*, que o vinha comboiando, só chegaram ás 7 horas e 30 minutos da noite do mesmo dia, devido ao accidente occorrido na machina do referido couraçado.

As despezas feitas pela esquadra só mais tarde vos poderão ser apresentadas, caso seja permittido ao chefe de fazenda da mesma esquadra ir compulsar na Contadoria de Marinha as notas relativas ás referidas despezas.

Por essa occasião vos enviarei tambem a opinião que faço sobre o valor de cada um dos navios.

CONSIDERAÇÕES

Durante a presente commissão que tantos sacrificios custou ao Paiz e que a falta de recursos em occasião opportuna ainda mais aggravou a situação, tive occasião de fazer algumas apreciações, que submetto á vossa consideração:

1.º Que o Arsenal da Bahia não corresponde aos fins para que foi creado, devendo-se removel-o do actual lugar para

local mais adequado, utilizando-se do terreno do actual para as obras supplementares da Alfandega.

2.º Que devemos organizar quanto antes uma defesa torpedica efficiente em nossos portos, emquanto não se dispõe de meios para dotal-os com fortificações capazes de impedir a entrada de qualquer esquadra.

3.º Que devemos ter alguns navios á vela para preparar marinheiros e bem assim crear escolas praticas de artilharia e torpedos, pois a marinha moderna necessita de pessoal adextrado para o complicado material hoje adoptado nos navios de guerra; e que a sorte das nações depende hoje do pessoal que melhor uso fizer das armas aperfeiçoadas, pois a aquisição destas não é privilegio de nenhuma dellas.

4.º Que devemos ter no littoral, em pontos préviamente escolhidos e abrigados de qualquer surpresa, depositos de carvão de pedra e outros sobresalentes, indispensaveis a uma esquadra, afim de que não tenha de vir do Rio de Janeiro supprir-se, principalmente no caso de bloqueio do referido porto.

5.º Que a educação e preparo do pessoal de torpedeiras devem merecer por parte do Governo o maior desvello, pois foram innumeradas as difficuldades com que lutei para organisal-os, principalmente em referencia ao pessoal das machinas.

6.º Que as evoluções de esquadra são necessarias e indispensaveis para o preparo dos officiaes, commandantes e chefes. As continuas manobras a que dão lugar as evoluções habituum os officiaes a passar á falla em seus navios sem risco de abalroamento. Praticam nos signaes tanto de dia como de noite, aprendem a regular a marcha e preparam o espirito para resolver promptamente os problemas que se suscitam durante as evoluções de tactica naval, contribuindo assim para formação dos futuros almirantes.

7.º Que devemos melhor illuminar a nossa costa, principalmente no sul. — *Jeronymo Francisco Gonçalves*, Chefe de esquadra reformado, commandante em chefe.

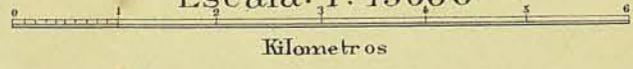




Legenda: Bateria
 Holophote

PORTO
 DO
RIO DE JANEIRO

Escala. 1: 75000



Meridiano do OPão d'Assucar